

UFMG

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa

Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Documento aprovado pela Câmara de
Graduação em reunião extraordinária
de 13/06/2023.

Pró-Reitor de Graduação

Belo Horizonte, 29 de maio de 2023.

UFMG

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa

Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Comissão Responsável

Profª Drª Mariana Petry Cabral

Prof Dr Andrei Isnardis Horta

Prof Dr Rogério Duarte do Pateo

Prof Dr Leandro de Oliveira

Prof Dr Aderval Costa Filho

Belo Horizonte, 29 de maio de 2023.

Sumário

1. Introdução	4
1.1. Dados de Identificação e de Contextualização da UFMG	6
1.2. Perfil Institucional, Missão e Breve Histórico	7
1.2.1 Missão	7
1.2.2 Breve Histórico Institucional	7
1.3. Contextualização do Curso	11
1.3.1 Dados de Identificação da Unidade e do Curso	11
1.4. Apresentação e Breve Histórico da Unidade Acadêmica e do Curso	11
1.4.1. Análise comparativa com cursos congêneres ou afins de instituições de referência do país e do exterior	13
1.5. Formas de Ingresso em Vagas Iniciais	20
1.6 Bases Normativas e Legais	20
1.7. Acessibilidade	22
1.8. Objetivos	24
1.8.1 Objetivos Gerais	24
1.8.2 Objetivos Específicos	24
1.9 Identificação das demandas profissionais e sociais e Perfil do Egresso	24
2. Da Estrutura Curricular	25
2.1 Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia	25
2.2 Princípios Teóricos e Metodológicos	26
2.3 Configuração Curricular	29
2.4 Percursos Curriculares	33
2.5 Representações do Currículo	36
2.6 Disciplinas que atendem às exigências legais: educação para as relações étnico-raciais, educação ambiental, libras e direitos humanos	42
2.7 Organização e metodologias adotadas para carga horária à distância	44

2.8 Organização da carga horária de extensão.....	44
2.9 Avaliação da Aprendizagem.....	45
2.10 Avaliação do Curso.....	47
2.11 Políticas e Programas de Pesquisa e Extensão	49
3. Da Infraestrutura.....	50
3.1. Instalações, Laboratórios e Equipamentos	50
3.1.1 Ambientes Administrativos e de Apoio docente	51
3.1.2 Laboratórios	53
3.1.3 Biblioteca.....	54
3.2 Gestão do Curso, Corpo Docente e Corpo Técnico-Administrativo	54
4. Referencial Utilizado	61
5. Anexos.....	64
Anexo 01 – Transição curricular	65

1. Introdução

A presente proposta de curso é resultante de um processo que envolve avaliações do atual *Curso de Graduação em Antropologia* da UFMG, que oferece habilitações em Arqueologia e em Antropologia Social, mas também de um contexto mais amplo que se constituiu nos últimos anos. Em 2020, o *Curso de Bacharelado em Antropologia* da UFMG completou 10 anos de funcionamento, o que gerou um acúmulo importante de experiências e de reflexões sobre adequações e alterações de funcionamento, além de uma compreensão de que o modelo de formação conjunta entre as áreas de Antropologia e Arqueologia é muito positivo para o contexto brasileiro. Estas reflexões já vinham movimentando, há alguns anos, tanto o corpo docente quanto o corpo discente rumo a um processo de reestruturação.

Em 2018, com a publicação da Lei Federal 13.653/2018, que dispõe sobre a regulamentação da profissão de arqueólogo, surgiu uma demanda externa por esta reestruturação, uma vez que esta legislação determina, em seu artigo 2º, que o exercício da profissão de arqueólogo(a) é privativo, no nível de graduação, aos “diplomados em bacharelado em Arqueologia”. Como o curso da UFMG oferece grau em Antropologia, o modelo com habilitação em Arqueologia tornou-se obsoleto.

Também em 2018, no âmbito do Ministério da Educação, a Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, por meio da Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, determinou que 10% da carga horária de todos os cursos de bacharelado deveria ser cumprida com atividades acadêmicas curriculares de extensão. Essa resolução levou todos os bacharelados do país a ajustarem seus Projetos Pedagógicos, e o *Curso de Graduação em Antropologia* da UFMG também deve se adequar.

Assim, a presente proposta visa responder a questões internas ao curso, resultantes de auto avaliações docentes e discentes, mas também a questões externas, especificamente no que concerne à regulamentação da profissão de Arqueólogo no Brasil e à adequação na carga de extensão.

A proposta que aqui se apresenta, portanto, articula a criação do **Curso de Arqueologia** com a re-estruturação do **Curso de Antropologia**, ambos profundamente relacionados através de uma formação inicial conjunta, fazendo uso da estrutura formativa Tronco Comum. Este tipo de estrutura foi formalmente reconhecido pela

UFMG através da Resolução Complementar CEPE nº 01/2018, também conhecida como Novas Normas de Graduação da UFMG e teve suas diretrizes estabelecidas pela Resolução CEPE 06/2022. Neste sentido, o projeto que aqui se apresenta, de **Bacharelado em Arqueologia**, inclui a estrutura formativa **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia**. O Bacharelado em Arqueologia contempla também uma interação direta com o Curso de Bacharelado em Antropologia, pelo compartilhamento de atividades acadêmicas curriculares, mesmo após a(o) discente completar o Tronco Comum.

Para elaboração desta proposta conjunta e articulada, estiveram envolvidos diretamente docentes que compõem o Núcleo Docente Estruturante do Colegiado de Graduação em Antropologia, iniciando as discussões efetivamente no segundo semestre de 2018. Ao longo deste período, este grupo também realizou reuniões coletivas com o corpo docente do Departamento de Antropologia e Arqueologia e uma reunião coletiva com docentes e discentes para apresentação final da proposta.

As diretrizes que guiaram a elaboração da proposta partiram tanto de reflexões internas dos corpos docente e discente, registradas ao longo dos anos de funcionamento do *Curso de Antropologia* (primeira turma teve ingresso em 2010), quanto de situações externas, como as alterações normativas já mencionadas. Estas diretrizes podem ser sumarizadas da seguinte forma: 1) Garantir a manutenção da formação específica nas áreas de Antropologia e de Arqueologia no nível de graduação na UFMG, oferecendo o grau de Bacharel em cada área; 2) Manter a formação conjunta entre as áreas de Antropologia e Arqueologia, reforçando a importância dos conhecimentos de cada uma na atuação profissional da outra área; 3) Manter o ingresso de estudantes para as duas áreas de modo conjunto, a fim de que a escolha por cada área ocorra após um conhecimento mais denso sobre cada uma (por isso a escolha pela estrutura formativa de Tronco Comum); 4) Ampliar o período de formação conjunta das duas áreas em relação ao que é oferecido hoje na *Graduação em Antropologia*, equilibrando quantitativa e qualitativamente as atividades acadêmicas curriculares de cada área; 5) Diminuir a quantidade de atividades acadêmicas curriculares de orientação para elaboração de Monografia de Conclusão (nomeadas de Laboratórios de Pesquisa), que atualmente perfazem uma carga horária relativa a 10% do curso; 6) Adiar a oferta da disciplina de Elaboração de Projeto de Pesquisa, permitindo ao corpo discente uma formação mais sólida antes da escolha por seus temas de pesquisa monográfica; 7) Reformular as

atividades acadêmicas curriculares, especialmente para diminuir sobreposições temáticas e de bibliografias a serem utilizadas que ocorrem no curso atual; 8) Rever a organização geral das atividades acadêmicas curriculares, propondo alternativas que ofereçam uma formação mais densa sobre o percurso de cada área e suas principais temáticas; 9) Oferecer atividades acadêmicas curriculares práticas de Arqueologia na grade obrigatória do curso; 10) Realizar a adequação à Resolução do Conselho Nacional de Educação nº07/2018 que Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, com carga horária mínima de 10% do total do curso de graduação.

O novo formato prevê, portanto, o ingresso através da estrutura formativa **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia**, na qual as(os) estudantes cursam, durante dois anos, atividades acadêmicas curriculares das duas áreas e concluem esse período de formação básica sem receber uma titulação. Após a conclusão do Tronco Comum, optam então seguir em suas áreas de interesse para a formação especializada, concluindo assim essa segunda etapa com diplomas de **Bacharelado em Arqueologia** ou **Bacharelado em Antropologia**. Os detalhes do novo formato serão descritos abaixo, mas é importante notar ainda que mesmo durante os cursos específicos, será possível às(aos) estudantes cursar atividades acadêmicas curriculares optativas do outro curso.

1.1. Dados de Identificação e de Contextualização da UFMG

Mantenedora: Ministério da Educação		
IES: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)		
Natureza Jurídica: Pessoa Jurídica de Direito Público - Federal	CNPJ: 17.217.985/001-04	
Endereço: Av: Antônio Carlos, 6627 Pampulha – Belo Horizonte – MG CEP: 31270 – 901	Fone: +55 (31) 34095000	
	Sitio: http://www.ufmg.br e-mail: reitor@ufmg.br ou reitora@ufmg.br	
Ato Regulatório: Credenciamento Lei Estadual Nº documento: 956 Data de Publicação: 07/09/1927	Prazo de Validade: Vinculado ao Ciclo Avaliativo	
Ato Regulatório: Recredenciamento Lei Federal Nº documento: 971 Data de Publicação: 19/12/1949	Prazo de Validade: Vinculado ao Ciclo Avaliativo	
CI - Conceito Institucional	5	2017
IGC – Índice Geral de Cursos	5	2019
IGC Contínuo	4.3025	2019
Reitor(a): Sandra Regina Goulart Almeida	Gestão: 2022 - 2026	

1.2. Perfil Institucional, Missão e Breve Histórico¹

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), nos termos do seu Estatuto, tem por finalidades precípuas a geração, o desenvolvimento, a transmissão e a aplicação de conhecimentos por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, compreendidos de forma indissociada e integrados na educação e na formação científica e técnico-profissional de cidadãos imbuídos de responsabilidades sociais, bem como na difusão da cultura e na criação filosófica, artística e tecnológica. No cumprimento dos seus objetivos, a UFMG mantém cooperação acadêmica, científica, tecnológica e cultural com instituições nacionais, estrangeiras e internacionais e constitui-se em veículo de desenvolvimento regional, nacional e mundial, almejando consolidar-se como universidade de excelência e relevância, mundialmente reconhecida.

1.2.1 Missão

Visando ao cumprimento integral das suas finalidades e de seu compromisso com os interesses sociais, a UFMG assume como missão gerar e difundir conhecimentos científicos, tecnológicos culturais, destacando-se como Instituição de referência na formação de indivíduos críticos e éticos, dotados de sólida base científica e humanística e comprometidos com intervenções transformadoras na sociedade, com vistas à promoção do desenvolvimento econômico, da diminuição de desigualdades sociais, da redução das assimetrias regionais, bem como do desenvolvimento sustentável.

1.2.2 Breve Histórico Institucional

No século XVIII, a criação de uma Universidade em Minas Gerais já fazia parte do projeto político dos Inconfidentes. A proposta, entretanto, só veio a se concretizar na terceira década do século XX, no bojo de intensa mobilização intelectual e política que teve no então Presidente do Estado, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, sua principal expressão. Nesse contexto, pela Lei Estadual nº 956, de 7 de setembro de 1927, foi fundada a Universidade de Minas Gerais (UMG), pela reunião das quatro instituições de ensino superior existentes, à época, em Belo Horizonte: a Faculdade de Direito, criada em 1892; a Faculdade de Medicina, criada em 1911; a Escola de Engenharia, criada em 1911; e a Escola de Odontologia e Farmácia, cujos cursos foram criados em, respectivamente, 1907 e 1911. O primeiro Reitor da UMG, nomeado em 10 de novembro

¹ De acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional UFMG – PDI -2018-2023.

do mesmo ano, foi Francisco Mendes Pimentel, Diretor da Faculdade de Direito, que foi sede da primeira Reitoria.

Em 1942, a Fazenda Dalva, situada na zona suburbana de Belo Horizonte, na região da Pampulha, foi desapropriada e destinada à sede da Cidade Universitária. Tal decisão foi aprovada pela comunidade universitária, por intermédio de Comissão criada para interlocução com o Governo, findo o período do Estado Novo, considerando-se a amplitude, tranqüilidade e topografia da área, sua relativa proximidade ao centro urbano e a facilidade de transportes.

A partir da década de 1960, iniciou-se a real implantação do Campus Pampulha. O Plano Diretor para a Cidade Universitária, que definia o sistema viário e o zoneamento das atividades por áreas de conhecimento e serviços, foi concluído em 1957, quando foram iniciadas as respectivas obras de infra-estrutura e de apoio.

Com a aprovação de seu plano de reestruturação, em 1967, e o advento da Reforma Universitária, em 1968, a UFMG sofreu profunda alteração orgânica, principalmente no que se refere à estrutura do seu sistema de ensino. O desmembramento da antiga Faculdade de Filosofia deu origem à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, ao Instituto de Ciências Biológicas e ao Instituto de Ciências Exatas – esses últimos responsáveis pela implementação dos ciclos básicos, respectivamente, de ciências biológicas e de ciências Exatas. O ciclo básico de Ciências Humanas, ministrado pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, foi instituído apenas em 1973.

Em 1998, foi instituído um projeto concernente à transferência, para o Campus Pampulha, das unidades acadêmicas localizadas na região central de Belo Horizonte, que visava à integração das diversas áreas do conhecimento, à ampliação do número de vagas e à promoção do desenvolvimento acadêmico dessa Universidade, denominado Campus 2000. Assim, com a efetiva implantação desse Campus, nele se encontram, hoje, 15 Unidades Acadêmicas, uma Unidade Especial – a Escola de Educação Básica e Profissional, que abrange o Centro Pedagógico, o Colégio Técnico e o Teatro Universitário –, os prédios da Administração Central da UFMG, a Praça de Serviços, a Biblioteca Universitária, a Imprensa Universitária, o Centro de Microscopia Eletrônica, os Restaurantes Universitários Setorial I e II, a Estação Ecológica e o Centro de Desenvolvimento da Criança – a “creche da UFMG” –, escola de Educação Infantil, que, a partir de 2007, passou a ser administrada pela Prefeitura de Belo Horizonte.

Além do Campus Pampulha, em sua estrutura física atual a UFMG conta com o Campus Saúde, localizado na região central de Belo Horizonte, onde funcionam a Faculdade de Medicina, a Escola de Enfermagem e nove unidades prediais que compõem o Hospital das Clínicas, considerado centro de referência e excelência regional e nacional em medicina de alta complexidade. Em diferentes bairros de Belo Horizonte, localizam-se a Faculdade de Direito, a Escola de Arquitetura, além do Centro Cultural e do Museu de História Natural e Jardim Botânico. Fora da capital, funcionam o Núcleo de Ciências Agrárias, situado no Campus Regional de Montes Claros, e duas fazendas – uma experimental, em Igarapé, e outra modelo, em Pedro Leopoldo, ambas vinculadas à Escola de Veterinária. Em Diamantina, estão instalados o Instituto Casa da Glória (antigo Centro de Geologia Eschwege), órgão complementar e a Casa Silvério Lessa do Instituto de Geociências; em Tiradentes, situa-se o complexo histórico-cultural dirigido pela Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, que compreende o Museu Casa Padre Toledo e os prédios do Fórum, da Cadeia e do Centro de Estudos.

A Universidade Federal de Minas Gerais, cujo nome foi adotado em 1965, por determinação do Governo Federal, é pessoa jurídica de direito público, mantida pela União, dotada de autonomia didático-científica, administrativa, disciplinar e de gestão financeira e patrimonial. As 20 Unidades Acadêmicas de Ensino Superior da UFMG são responsáveis pelos cursos de Graduação presenciais e na modalidade a distância, além dos cursos de Especialização, Programas de Residência Médica e demais Programas de Ensino, e dos Programa de Pós-Graduação com Mestrado e Doutorado. No campo da pesquisa, atuam nessa Universidade diferentes grupos, formalmente cadastrados no Diretório Nacional de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Dando cumprimento a essas atividades, atuam mais de 3.600 pesquisadores, entre Doutores ou Livre-Docentes. No tocante à extensão, a Universidade oferta Cursos de extensão, Programas e Projetos não-vinculados a Programas, além de inúmeros eventos e prestações de serviços, beneficiando, anualmente, um público que atinge 1.4 bilhão de pessoas (dados de 2021).

A principal forma de ingresso aos cursos de graduação da UFMG é atualmente o SISU, Sistema de Seleção Unificada (Sisu), que é aberto a candidatos que tenham concluído o ensino médio ou estudos equivalentes e prestado o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Para a maioria dos processos, a Instituição atende a Lei 12.711/2012, que estabelece as regras sobre a reserva de vagas em instituições federais

de ensino público. Já a Pós-Graduação oferta vagas para os cursos de especialização, mestrado e doutorado, com processos seletivos específicos em cada Programa de Pós-Graduação, que também têm regras de reserva de vagas definidas pela Resolução CEPE Nº 02/2017.

Ao lado de uma política de expansão que perpassa sua trajetória desde a fundação, a UFMG tem-se pautado por parâmetros de mérito e qualidade acadêmicos e de relevância social em todas as suas áreas de atuação. Seu corpo docente tem participação expressiva em comitês de assessoramento de órgãos de fomento à pesquisa, em comitês editoriais de revistas científicas e em diversas comissões de normas técnicas. Nos últimos anos, ganhou força o debate sobre políticas de inclusão e democratização do acesso e da permanência no sistema de ensino superior, começando pela ampliação das vagas e criação de novos cursos no período noturno, passando pela experiência da política de bônus, seguidas pela política de cotas para candidatos egressos de escolas públicas (complementadas por critérios relativos à renda familiar, critérios étnico-raciais e a reserva de vagas para pessoas com deficiência), a ampliação dos gastos com a assistência estudantil e a promoção de políticas voltadas para a afirmação da cidadania, da diversidade, da igualdade e da inclusão e o combate às diferentes formas de intolerância, discriminação e violação de direitos humanos.

No período entre 2013 e 2017, segundo dados informados com metodologia padronizada pelo Censo da Educação Superior, o corpo docente cresceu 7,7%, sendo que 88% dos docentes trabalham em regime de tempo integral e 89% são doutores. O corpo Técnico-Administrativo em Educação (TAE) cresceu 1,8% e aprimorou sua qualificação, sendo que mais da metade dispõe de formação em nível de Pós-Graduação.

Quanto ao corpo discente, o total de estudantes matriculados em cursos de Graduação ao longo do período de 2013 a 2017 situou-se entre 31 e 33 mil, com média anual de aproximadamente 7.500 ingressantes e 4.600 concluintes, para um total de 6.740 vagas novas ofertadas anualmente nos cursos com oferta regular. Atualmente a UFMG oferta 90 cursos de Graduação presenciais e 5 cursos a distância.

Como Instituição de Ensino Superior integrante do Sistema Federal de Ensino Superior Brasileiro, a UFMG é a maior Universidade Pública do Estado de Minas Gerais e destaca-se não apenas pela abrangência de sua atuação, mas também pelos mais elevados índices de produção intelectual, características que justificam sua posição de

referência e de liderança, tanto regional quanto nacional. Estatísticas recentes atestam a importância da produção científica dessa Universidade. Levantamento internacional recente, que avaliou o número de artigos publicados e indexados e a performance acadêmica per capita de todas as Universidades atualmente existentes, situa a UFMG entre as 500 maiores do mundo.

A UFMG desenvolve projetos e programas de ensino, nos níveis de Graduação e de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, sob a forma de atividades presenciais e a distância, em todas as áreas do conhecimento. Ocupa-se, também, da oferta de cursos de Educação Básica e Profissional – na Escola de Educação Básica e Profissional, no Campus Pampulha. Além de se constituírem um campo de experimentação para a formação no ensino superior, esses sistemas de Educação Básica e Profissional da UFMG compõem um locus de produção teórica e metodológica sobre questões referentes a esses níveis de ensino, inclusive de propostas de integração entre eles.

1.3. Contextualização do Curso

1.3.1 Dados de Identificação da Unidade e do Curso

Curso: Bacharelado em Arqueologia (com Estrutura Formativa Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia)	
Unidade: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH	
Endereço: Av: Antônio Carlos, 6627 Pampulha – Belo Horizonte – MG CEP: 31270 – 901	Fone: +55 (31) 3409.3789
	Sítio: http://www.fafich.ufmg.br/ e-mail: dir@fafich.ufmg.br
Diretor(a) da Unidade: Bruno Pinheiro Wanderley Reis	Gestão: 2020-2024
Coordenador(a) do Colegiado: Novo Curso	Gestão: Novo Curso
Número de vagas iniciais ofertadas por ano: 40 – acesso ao Tronco Comum de Antropologia e Arqueologia	CPC:
Turno(s) de Funcionamento: Noturno OBS: o Bacharelado em Arqueologia exige o cumprimento de carga horária de disciplina obrigatória prática diurna.	Carga Horária Total: 2400h
Área de conhecimento: Antropologia/Arqueologia	Ato de reconhecimento: Curso Novo
Tempo padrão de integralização: 08 semestres Tempo máximo: 14 semestres	Modalidade: Bacharelado

1.4. Apresentação e Breve Histórico da Unidade Acadêmica e do Curso

A Antropologia e a Arqueologia são disciplinas que se constituíram cientificamente na virada do século XIX para o XX e que, ao longo do último século, se

desenvolveram nos principais centros de excelência acadêmica mundiais, sendo oferecidas formações graduadas e pós-graduadas nestas áreas em boa parte dos países do mundo.

No momento da proposição inicial da *Graduação em Antropologia* na UFMG, há mais de 10 anos, já eram muitos os sinais que atestavam que a Antropologia e Arqueologia estavam crescendo no país (e no mundo). Entre eles contavam-se a multiplicação de cursos de pós-graduação, a crescente presença destas áreas em cursos de graduação de Ciências Sociais e História, notadamente, bem como a existência de outros projetos recentes de criação no país de cursos de graduação próprios de Antropologia ou, sobretudo, de Arqueologia. Mas a ideia de um curso que habilitasse em Antropologia Social e em Arqueologia e que deliberadamente apostasse nesta interface, no Brasil, era original, tendo sido implementada, na graduação, apenas pela UFMG e pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Um aspecto de fundamental relevância concerne o fato de que o Brasil, pelas suas características históricas e culturais, possui um considerável potencial para o desenvolvimento de estudos arqueológicos e antropológicos. Essa riqueza, reconhecida há longa data, vem sendo explorada com sucesso pela Antropologia e pela Arqueologia que têm sido feitas no país, apesar das dificuldades de financiamento e de suporte institucional, gerando uma arqueologia e uma antropologia originais no cenário global e criativas.

Via-se com nitidez, no momento de proposição inicial do curso, como se vê ainda no presente, o crescimento de postos de trabalho (e da demanda por profissionais qualificados) nestas áreas, sejam os acadêmicos propriamente ditos, sejam os extra-acadêmicos, como os provenientes das instituições e agências governamentais, das organizações não governamentais e da iniciativa privada.

Nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI, o aumento da preocupação com a preservação do ambiente (e de uma consequente legislação de proteção) e do patrimônio cultural, material ou imaterial (com sua consequente legislação de apoio), a crescente relevância dos movimentos étnicos e culturais mais diversos (como os que reivindicam territórios indígenas, quilombolas e de outras comunidades tradicionais; os atingidos por barragens, sem-terra e sem-teto; os que reivindicam políticas afirmativas para pessoas negras, indígenas e de condição econômica

desprivilegiada; a reivindicação de políticas de combate à homofobia aliada à sua criminalização, assim como do racismo, da violência sexual e da violência doméstica; e a descriminalização do aborto e do uso de drogas) e o debate público em torno de controversos e efervescentes temas culturais (como os que envolvem garantia de desenvolvimento econômico, político e social e preservação dos patrimônios culturais e ambientais; controvérsias sobre a assim chamada “ideologia de gênero”; liberdade de crença religiosa e livre exercício da ciência; oportunidades iguais para todos e respeito às diferenças) têm feito crescer consideravelmente a demanda e a relevância social e política da formação profissional nestas áreas.

1.4.1. Análise comparativa com cursos congêneres ou afins de instituições de referência do país e do exterior

No Brasil, a Antropologia é uma área que se encontra consolidada em termos de formação pós-graduada, e em processo de consolidação na formação graduada, além de se encontrar presente em muitos cursos de graduação do país, notadamente nos de Ciências Sociais. Existem dois modelos básicos de institucionalização da área – o americano, que privilegia as interfaces da Antropologia com a Arqueologia, a Lingüística e a Antropologia Física/Biológica (e nomeia o conjunto simplesmente de “Antropologia”, ou então de os “quatro campos” – *four fields*), e o francês, que privilegia as interfaces da antropologia com a sociologia e a ciência política (e nomeia o conjunto de “Ciências Sociais”). A implantação da área no país se manteve, de modo geral, mais próxima do segundo modelo do que do primeiro, com a formação básica em Antropologia integrando os cursos de graduação em Ciências Sociais.

Nesse quadro, a Arqueologia no Brasil experimentou uma inserção diversa. As(os) pesquisadoras(es) e professoras(es) da área, em alguns casos tiveram inserção institucional junto à História, como na UFRGS, na PUCRS, na UFPE, na UERJ, por exemplo. Outras(os) profissionais se inseriram na Antropologia (em departamentos assim nomeados ou que congregavam sociólogos(os) e antropólogos(os)), atuando nos cursos de Ciências Sociais, como no caso da UFMG e da UFPA. Seu teor fortemente interdisciplinar, contudo, sempre fez com que pesquisadoras(es) e professoras(es) de Arqueologia no Brasil proviessem também de áreas distintas, além das fronteiras das Ciências Humanas, notadamente da Geografia, das Ciências Biológicas e da Geologia.

Assim, antes do advento dos cursos de graduação em Arqueologia, era possível para as(os) estudantes, em diferentes instituições, se aproximarem do campo por meio de grupos de pesquisa vinculados ao ensino de graduação e pós-graduação em Antropologia (como na UFMG), à História (como na UFRGS e na PUCRS), à Biologia (como na USP) e às Geociências (como na PUCGO). Algumas instituições de pesquisa e ensino, contudo, desde os anos 1990, já delimitaram campos específicos de formação para a Arqueologia, ao menos no nível de pós-graduação (como a USP e a PUCGO), mas eram fortemente minoritárias. Até os anos 1990 apenas um curso de bacharelado em Arqueologia esteve ativo no Brasil, nas Faculdades Estácio de Sá (Rio de Janeiro), já descontinuado.

A precária formação graduada em Arqueologia que era oferecida no país até a primeira década do século XXI contrastava com um significativo crescimento do campo de trabalho que, de início puramente acadêmico, passou a ser ocupado majoritariamente pela iniciativa privada, por meio da assim chamada “arqueologia de contrato” (arqueologia vinculada a processos de licenciamento ambiental), cujo objetivo muitas vezes se reduzia a avaliar os impactos ambientais dos grandes projetos (represas, estradas, linhas de energia, gasodutos) sobre determinados sítios arqueológicos para, em seguida, liberar o terreno para as obras. Se a arqueologia de contrato se impunha como um meio de se evitar a perda definitiva de parte significativa de nosso patrimônio cultural e arqueológico, era entretanto extremamente preocupante que tais atividades viessem sendo desenvolvidas por um número crescente de profissionais sem a devida e necessária qualificação científica, técnica e ética. Ou, mais ainda, que fosse na prática empiricista e imediatista, que caracterizava boa parte dos projetos de “arqueologia de contrato”, que uma parcela significativa de estudantes de graduação ou de recém graduados de áreas afins estivesse se profissionalizando como “arqueólogos”.

Seguindo essa forte expansão do campo da Arqueologia na virada do século XX ao XXI, especialmente a forte demanda de profissionais para atuação em projetos de licenciamento ambiental, começaram a surgir e a se multiplicar os cursos de graduação voltados para a formação específica em Arqueologia. Em resposta à demanda de profissionais e, em alguns casos, seriamente preocupadas com a qualidade de sua formação, diversas instituições tomaram iniciativas de constituir cursos de graduação. O cenário do programa de expansão das universidades federais, o REUNI, estimulou fortemente as propostas de novos cursos e viabilizou a vinculação de muitas(os) novas(os) docentes pesquisadoras(es) às instituições federais de ensino. Nesse movimento, foram

criados cursos de bacharelado com formação em Arqueologia nas universidades federais do Vale do São Francisco (UNIVASF), do Piauí (UFPI), de Sergipe (UFS), de Pernambuco (UFPE), de Rondônia (UNIR), de Rio Grande (FURG), de Pelotas (UFPEL), do Oeste do Pará (UFOPA) e da UFMG, além de alguns cursos em instituições privadas, como o da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Os novos cursos dividiam-se, basicamente, em dois modelos: o primeiro sendo de bacharelados exclusivos de Arqueologia e o segundo, de bacharelados de Antropologia com percurso formativo em Arqueologia. A UFMG optou pelo segundo modelo, oferecendo um bacharelado em Antropologia, com duas habilitações: Arqueologia e Antropologia Social.

Hoje, no Brasil, existem 12 cursos de graduação em Arqueologia em universidades públicas, sendo o mais antigo aquele ofertado pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), na região Nordeste, iniciado em 2004. Os cursos estão distribuídos em diferentes regiões do país, sendo três na região norte (UNIR, UEA e UFOPA), cinco na região Nordeste (UFS, UFPI, UFPE, UNEB e UNIVASF), dois na região Sul (UFPEL e FURG) e dois na Sudeste (UFMG e UERJ). Um curso importante na formação de arqueologia em nível de graduação é ofertado pela PUC de Goiás, estando ativo desde 2006, sendo o único na Região Centro-Oeste.

O curso da UFMG, neste cenário, se destaca ao considerarmos a relação proposta de formação conjunta entre as áreas de Arqueologia e de Antropologia. Em um quadro comparativo entre cursos de graduação nas duas áreas, observa-se que apenas em três universidades há essa proximidade entre os cursos: na UFMG, na UFPEL (Universidade Federal de Pelotas) e na UFOPA (Universidade do Oeste do Pará). De fato, as três universidades (UFPEL, UFOPA e UFMG) são as únicas que ofertam os dois cursos de graduação: Antropologia e Arqueologia.

Neste sentido, fica evidente na comparação que o ensino graduado de Arqueologia no Brasil segue sendo ofertado com pouco diálogo com a Antropologia, um diferencial que a UFMG propõe ser crucial na formação nas duas áreas.

O ensino graduado em Arqueologia no país, em geral, segue mais o modelo francês do que o americano, com a Arqueologia estando mais próxima da história do que das disciplinas das ciências sociais². Entretanto, em vários outros países das Américas

² O caso da arqueologia na UFMG é peculiar, já que aqui ela está mais próxima da antropologia do que da história.

(por exemplo, na Argentina, no México, nos Estados Unidos ou no Canadá) ou mesmo em um ou outro país europeu (como a Inglaterra), a Antropologia e a Arqueologia são tratadas numa perspectiva conjunta, sendo ofertadas articuladamente em cursos de graduação, o que ampara a proposta de criação deste **Bacharelado em Arqueologia** com o **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** (etapa formativa inicial), e compartilhando atividades acadêmicas curriculares com o **Bacharelado em Antropologia**. A UFMG, através da experiência com o *Curso de Antropologia*, com habilitações em Antropologia Social e em Arqueologia, tem condições muito favoráveis para contribuir de modo significativo na oferta de percursos formativos sólidos nos campos da Arqueologia e da Antropologia no nível de graduação. Isto porque o ensino e a pesquisa em Antropologia e em Arqueologia, que se fazem há muito tempo na UFMG, já firmaram tradição em ambas as áreas, atuando há décadas no âmbito da graduação e, de maneira mais firme e articulada nos últimos anos, especialmente a partir da primeira década do século XXI, na pós-graduação.

1.4.2 Histórico da Antropologia e da Arqueologia na UFMG

Em 1966, às vésperas da Reforma Universitária, eram lecionadas doze disciplinas de Antropologia em vários cursos de nível superior da UFMG, notadamente no de Ciências Sociais. Essas disciplinas envolviam, então, mais de 500 discentes da casa, sendo quase 800 o total de estudantes matriculadas(os). Com a Reforma Universitária deu-se a fusão dos cursos de graduação em Ciências Sociais e em Sociologia e Política então existentes, que resultou num único curso de Ciências Sociais que abrigava, com participação nitidamente diferenciada, as especialidades da Antropologia, da Sociologia e da Ciência Política. Esta situação só viria a mudar na década de 1990, quando a reforma curricular do curso de Ciências Sociais, então promovida, equilibrou a presença das áreas de Antropologia com as de Ciência Política e de Sociologia no curso de graduação, aumentou a flexibilidade do curso e contribuiu para que ele viesse a ser um dos mais conceituados cursos de graduação em Ciências Sociais do país. Além disso, desde o início da década de 1980 a Antropologia atua em cursos de pós-graduação, inicialmente na pós-graduação em Sociologia (notadamente na área da “Sociologia da Cultura”) e, a partir do primeiro decênio deste século, na própria pós-graduação em Antropologia, que tem por marca distintiva oferecer duas áreas de concentração, uma em Antropologia Social, outra em Arqueologia, tal como, guardadas as devidas diferenças de nível, se implantou no *Curso de Graduação em Antropologia*, proposto em 2009.

Quanto à Arqueologia, ela está presente na UFMG ao menos desde 1975, quando o arqueólogo André Prous entrou para os quadros da universidade para montar um centro de pesquisas arqueológicas. Após o curso de extensão em Arqueologia, então promovido, e com a contratação de mais três pesquisadores nele formados, foi constituído o Setor de Arqueologia da UFMG, instalado no Museu de História Natural com os professores/pesquisadores dessa área de conhecimento lotados no Departamento de Sociologia e Antropologia. Este Setor, então concebido como núcleo inicial de um futuro Museu do Homem de Minas Gerais (projeto em cuja elaboração participou Darcy Ribeiro, mas que não foi adiante), consolidou sua atuação nos campos do ensino, da pesquisa e da divulgação, tendo se tornado rapidamente um dos centros de treinamento e pesquisas em Arqueologia mais ativos do país. No momento da proposição da graduação em Antropologia na UFMG, além do ensino e da pesquisa na área de arqueologia das sociedades indígenas (tradicionalmente designado como “pré-histórica”), a Arqueologia da casa contava com uma importante produção na área da chamada “arqueologia histórica” (sobre as sociedades escravagistas e coloniais, assim como da sociedade industrial de escala global emergente no século XIX e do mundo contemporâneo). No entanto, o ensino de Arqueologia, na graduação, limitava-se, até a criação do *Curso de Graduação em Antropologia* (via Reuni), a uma oferta de um leque de disciplinas optativas no curso de Ciências Sociais; e só na segunda metade da primeira década do século XXI, a área de Arqueologia começou a atuar em cursos de pós-graduação *stritu sensu*, ao se tornar co-responsável pela pós-graduação em Antropologia da UFMG, onde, ainda hoje, é responsável por uma das áreas de concentração.

Nesse contexto, foi ofertado o *Curso de Graduação em Antropologia* na modalidade de Bacharelado, com duas habilitações: Antropologia Social e Arqueologia. O formato proposto pela UFMG era inovador naquele momento, na medida em que propunha uma formação em Antropologia em sentido amplo, com a possibilidade de aprofundamento em dois de seus campos: a Arqueologia e a Antropologia Social. A formação comum e o trânsito entre os dois campos se estabelecia por meio de um conjunto de disciplinas obrigatórias comuns a ambas as habilitações e também na medida em que as(os) discentes deveriam dedicar parte de sua carga horária a atividades acadêmicas curriculares do campo de habilitação oposto ao escolhido.

Criado no âmbito do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), o curso resultou de uma proposta elaborada pela área

de Antropologia, dentro do então Departamento de Sociologia e Antropologia, que era composta por antropólogos e arqueólogos com reputação consolidada no Brasil e no exterior. A criação de um curso de dupla habilitação na Graduação tinha relação direta com o projeto da pós-graduação. As(os) discentes em formação teriam a oferta de uma pós-graduação plena nas duas áreas. No momento da proposição da graduação, o programa de pós-graduação limitava-se ao curso de mestrado, passando a oferecer também o doutorado, no mesmo modelo de integração dos dois campos a partir de 2014.

O curso de graduação contemplava um anseio da área de Antropologia, que desde o início de sua presença no curso de Ciências Sociais envolvia as duas disciplinas, Antropologia e Arqueologia. Nesse sentido, o conceito ampliado de “Antropologia” na UFMG (agregando a arqueologia e a antropologia) não é novo, mas tem uma história de interação e convivência produtiva entre as disciplinas de Antropologia e de Arqueologia há muitos anos.

Criado em 2009, o curso atual de *Bacharelado em Antropologia* (com duas habilitações) teve sua primeira turma ingressando em 2010. Exitoso em termos acadêmicos, o modelo que combinava Antropologia e Arqueologia na formação das(os) discentes possibilitou, em que pesem as dificuldades que serão expostas a seguir, uma formação de arqueólogas(os) e de antropólogas(os) com uma qualificação não apenas na sua área, mas também na área vizinha, o que lhes deu mais consistência teórica e um melhor entendimento de seu papel social, bem como lhes permitiu uma percepção mais ampla do campo das Humanidades.

O curso deparou-se, no decorrer de sua vivência por docentes e discentes, com certas dificuldades e, mais tarde, com uma barreira de natureza jurídica que, amplamente discutidas dentro da comunidade de discentes, docentes e egressas(os), nos conduziram à proposta de reformulação, que gerou a presente proposta de criação de dois Bacharelados integrados por um Tronco Comum.

Embora a qualidade da formação da UFMG possa ser atestada pelo desempenho de suas(seus) egressas(os) em diversos programas de pós-graduação do país, pela intensidade de sua inserção profissional e pela produção científica que vêm gerando, tal formação se depara, no presente cenário, com uma limitação muito concreta. A Lei Federal nº 13.653, de 18 de abril de 2018, que “regulamenta o exercício da profissão de arqueólogo”, estabelece que, no nível da graduação, a formação para reconhecimento

profissional como arqueóloga(o) é, conforme seu Artigo 2º, inciso I, o bacharelado em Arqueologia. Portanto, o formato da graduação da UFMG, estando a Arqueologia na condição de habilitação, dentro do bacharelado em Antropologia, não é reconhecido pela lei como percurso suficiente para o exercício da profissão de arqueóloga(o). A reformulação que hoje se propõe, com a criação deste **Bacharelado em Arqueologia**, a partir do ingresso no **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia**, e em diálogo com o **Bacharelado em Antropologia**, supera essa barreira legal e assegura às(os) discentes egressas(os) da UFMG o direito ao pleno exercício profissional, fortalecendo a formação específica nas duas áreas.

Além da dificuldade legal, a experiência dos anos de curso e nosso esforço para construir sua continuada avaliação nos levaram a consolidar a percepção de certas limitações no caminho formativo anterior. O curso não previa inclusão explícita de atividades práticas de campo e de laboratório em Arqueologia, práticas que se faziam de forma tímida apenas em uma disciplina obrigatória do percurso formativo da habilitação em Arqueologia (sem que fosse viável, em termos logísticos e de calendário, a condução de discentes a campo) ou em atividades acadêmicas curriculares optativas. As possibilidades efetivas de adquirir experiência em métodos de campo ficavam restritas ao engajamento das(os) discentes em projetos de pesquisa das(os) docentes, que, contudo, não tem sido suficientes para absorver toda a demanda.

Outra questão que logo se tornou evidente foi a precocidade da opção entre as duas habilitações, que se fazia durante a conclusão do segundo semestre do curso, quando o contato das(os) alunas(os) com ambos os campos era ainda muito inicial. No modelo implementado em 2010, ficavam de fora da formação comum prévia à escolha da habilitação elementos muito relevantes para a consolidação de uma base de referência comum às duas áreas, como as disciplinas de método e parte significativa dos referenciais teóricos.

A constituição da estrutura formativa **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia**, de quatro semestres, como fase inicial dos cursos de **Bacharelado em Arqueologia** e de **Bacharelado em Antropologia**, visa aumentar o percurso de formação comum, dando-lhe mais amplitude e solidez. Para ingressar no caminho formativo específico dos bacharelados, a(o) discente terá cursado um caminho de base antropológica sólida, que incrementará suas possibilidades teóricas e lhe manterá aberta(o) a interlocução com a outra área. Neste sentido, esta proposta de criação de curso fortalece

a aposta na formação conjunta de profissionais em Antropologia e em Arqueologia que tem marcado a UFMG na última década.

1.5. Formas de Ingresso em Vagas Iniciais

O ingresso no **Bacharelado em Arqueologia** se faz através da estrutura formativa **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia**, o qual ofertará 40 vagas regulares anuais. Este ingresso em vagas iniciais, através do Tronco Comum, ocorre através do SISU, Sistema de Seleção Unificada, que é aberto a candidatas(os) que tenham concluído o ensino médio ou estudos equivalentes e prestado o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Após a integralização do Tronco Comum, estudantes farão a escolha pelo **Bacharelado em Arqueologia** ou **Bacharelado em Antropologia**. Considerando que a estrutura formativa de Tronco Comum ainda não foi efetivamente implantada em qualquer curso da UFMG, o próprio mecanismo de passagem do Tronco Comum para um dos Bacharelados ainda não foi de fato avaliado. A experiência acumulada no *Curso de Graduação em Antropologia* tem mostrado que há uma variação significativa nas escolhas das Habilitações ano a ano. Neste sentido, o presente projeto prevê avaliação de acompanhamento anual da demanda efetiva de vagas.

1.6 Bases Normativas e Legais

O **Bacharelado em Arqueologia**, que inclui o **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** e se articula com o **Bacharelado em Antropologia**, institui-se em consonância com o Parecer CNE/CES 08/2007 e a Resolução CNE/CES 02/2007, que estabelecem os parâmetros para os cursos de bacharelado. Sua estrutura curricular inovadora se constitui, por sua vez, em conformidade com as políticas de flexibilização curricular da UFMG, estabelecidas pelas Normas Gerais da Graduação, de 2018 e regulamentadas pela Resolução CEPE 06/2022, de 23/11/2022, que estabelece as diretrizes para a organização curricular e a gestão da estrutura formativa de tronco comum

O curso também está adequado à Resolução n. 7, de 18 de dezembro de 2018, da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (MEC), que estabelece carga horária mínima de 10% da carga total do curso ligada à Formação em Extensão Universitária. Neste sentido, também se alinham com Resolução CEPE nº 10/2019, interna à UFMG. . Também foram atendidas orientações internas à UFMG presentes na

Resolução CG Nº 2, de 03/12/2019 (Diretrizes para elaboração de currículos de graduação), Resolução CEPE Nº 18, de 07/10/2014 (Formação Avançada), Resolução CEPE Nº 13, de 11/09/2018 (Carga horária à distância em cursos de graduação presenciais), e Resolução CEPE Nº 1, de 09/04/2019 (Registro de atividades acadêmicas curriculares).

É importante destacar ainda a atenção dada aos conteúdos programáticos das ementas das atividades acadêmicas curriculares propostas em relação aos temas das Relações Étnico-Raciais (Resolução CNE/CP Nº 1, de 17/06/2004), dos Direitos Humanos (Resolução CNE/CP Nº 1, de 30/05/2012) e da Educação Ambiental (Resolução CNE/CP Nº 2, de 15/06/2012).

O curso também se pauta pelas políticas institucionais de inclusão, que, entre outras medidas, preveem a realização de disciplina de Libras, em concordância com o Decreto no 5.626/2005.

Em acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional da UFMG, o **Bacharelado em Arqueologia** se estabelece de modo a garantir às(aos) estudantes formação humanista sólida, flexível em seu percurso, de modo a estimular a(o) discente no desenvolvimento de suas aptidões e habilidades específicas. Quanto a esse aspecto, o curso, além de adotar as políticas da UFMG de flexibilização, vai mais adiante, na medida em que apresenta uma estrutura curricular na qual atividades acadêmicas curriculares não obrigatórias ocupam espaço significativo, permitindo a busca pelos campos mais atuais e de maior interesse e, conseqüentemente, possibilidades de percurso acadêmico que garantem à(ao) discente a possibilidade de ser protagonista de seu processo de formação. O trânsito entre campos que os cursos estabelecem contribui para uma formação dialogada entre as áreas de Antropologia e Arqueologia.

A pesquisa apresenta-se integrada ao processo de formação de estudantes, pois figura entre o leque de atividades acadêmicas curriculares obrigatórias uma sequência de duas atividades acadêmicas curriculares, que antecedem a construção do trabalho de conclusão de curso, destinadas ao desenvolvimento de projetos de pesquisas individuais das(os) discentes, através de orientação pelos membros do corpo docente. Além disso, os numerosos núcleos e iniciativas de pesquisa coordenados por docentes do Departamento de Antropologia e Arqueologia oferecem formação complementar e qualificação teórica,

metodológica e técnica, por meio da incorporação de discentes, como bolsistas e/ou voluntários, em seus projetos de pesquisa.

O estágio curricular se estabelece dentro dos parâmetros da Lei Federal 11.788/2008 e na Resolução no 02/2009 do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão da UFMG. Observa-se que o estágio curricular não é obrigatório ao **Bacharelado em Arqueologia**, porém poderá ser realizado e ter créditos integralizados através de validação como atividade acadêmica complementar.

Este curso não dispõe de Diretrizes Nacionais Curriculares, tendo sido utilizadas como apoio na construção do curso as Diretrizes Nacionais Curriculares do Curso de Ciências Sociais – Antropologia, Ciência Política e Sociologia³, definidas na Resolução CNE/CES 17, de 13 de Março de 2002. Isto se deu considerando a afinidade dos cursos e a bem-sucedida experiência do curso de Ciências Sociais da UFMG, no qual os docentes do Departamento de Antropologia e Arqueologia atuaram e atuam. Contudo, a presente proposta guarda sensível grau de originalidade em relação ao formato de graduação em Ciências Sociais hoje dominante no país, o que limita o uso das diretrizes nacionais desse campo.

O Bacharelado em Arqueologia atende igualmente à Lei Federal 13.653, de 18 de abril de 2018, que regulamenta a profissão de arqueólogo no Brasil.

1.7. Acessibilidade

As ações pedagógicas desenvolvidas no **Bacharelado em Arqueologia**, destinadas ao público com deficiência, orientam-se pelo disposto na Lei nº 13.146/2015 e legislações correlatas. Para tanto, conta com o apoio do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da UFMG que tem como responsabilidade a proposição, organização e coordenação de ações para assegurar e garantir as condições de acessibilidade necessárias ao ingresso, à permanência, à plena participação e à autonomia das pessoas com deficiência no âmbito da UFMG. Busca-se assim, eliminar ou reduzir as barreiras pedagógicas, arquitetônicas, barreiras à comunicação e ao acesso à informação, maximizando o desenvolvimento acadêmico e social do estudante com deficiência durante sua trajetória acadêmica.

³ É importante ressaltar que a Resolução CNE/CES 17, de 13/03/2002, trata especificamente do curso de Ciências Sociais, em que as disciplinas de Antropologia, Ciência Política e Sociologia são estruturantes, e por isso listadas no nome do curso (Ciências Sociais – Antropologia, Ciência Política e Sociologia), mas que tais DCNs não se aplicam ao curso específico de Graduação em Antropologia.

É parte integrante do NAI, o Centro de Apoio ao Deficiente Visual (CADV), que oferece suporte acadêmico aos estudantes com deficiência visual, incluindo assessoria de natureza didático-pedagógica e de recursos tecnológicos. O Centro funciona na Biblioteca Professor Luiz Antônio Paixão, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, oferecendo serviço de confecção de material didático em diferentes formatos (textos gravados, digitalizados, em braille e ampliados) proporcionando acesso à literatura básica das atividades acadêmicas curriculares, quanto apoio para docentes na condução dos trabalhos com esses estudantes. Para tanto, o CADV dispõe de infraestrutura de equipamentos específicos, tais como, microcomputadores com acesso à Internet, impressora Braille, lupa eletrônica, além dos softwares JAWS, DOSVOX, AUDACITY, Braille Fácil e ABBYY FINEREADER, scanner.

O NAI conta ainda com a participação de Intérpretes de Libras na sua equipe que são responsáveis pelo desenvolvimento de ações voltadas para o público surdo ou com deficiência auditiva, tais como, interpretação em sala de aula, tradução de material didático, tradução de provas, tradução de produtos midiáticos, produção de áudio visual acessível em desenho universal com acessibilidade comunicacional para surdos e cegos, produção de legendas para deficientes auditivos não usuários de Libras, áudios para cegos e comunidade em geral, áudio descrição para cegos e pessoas com baixa visão.

Estudantes de graduação que apresentem condições de saúde que interfiram no processo de aprendizagem e socialização são avaliados e acompanhados, em sua particularidade, pelo Núcleo de Inclusão e Acessibilidade da UFMG, sendo as orientações específicas repassadas ao Colegiado de curso.

Por fim, destaca-se, na estrutura curricular do **Bacharelado em Arqueologia** (em atenção ao disposto no Decreto nº 5626/2005) a oferta regular da atividade acadêmica curricular intitulada Fundamentos de Libras que pode ser integralizada como carga horária optativa.

As instalações físicas disponibilizadas ao **Bacharelado em Arqueologia**, na FAFICH e no CAD 2 (Centro de Atividades Didáticas 2) garantem condições de acessibilidade – estrutura essa que se encontra em contínua avaliação e aperfeiçoamento.

1.8. Objetivos

1.8.1 Objetivos Gerais

O objetivo do **Bacharelado em Arqueologia** é oferecer a discentes uma formação com base teórica e metodológica sólida, que habilite uma atuação profissional de forma socialmente comprometida e tecnicamente qualificada, bem como sua ação como multiplicadoras(es) na sociedade brasileira dos conhecimentos científicos construídos no campo da Arqueologia e da Antropologia, com destaque para aqueles com capacidade de transformar a sociedade, no sentido de desenvolver o respeito e valorização de sua riqueza e diversidade cultural.

1.8.2 Objetivos Específicos

O **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia**, que corresponde à etapa inicial da trajetória das(os) discentes, tem como objetivo oferecer uma base inicial consistente, teórica e metodologicamente, nas duas áreas a fim de permitir a consolidação de suas formações posteriores através das escolhas de bacharelados específicos.

O **Bacharelado em Arqueologia** propõe-se, ainda, a contribuir para a formação de profissionais qualificadas(os) para dar seguimento à carreira acadêmica na área da Arqueologia, e, também, contribuir na formação para sua atuação no mercado de trabalho como consultoras(es) ou técnicas(os) de nível superior de agências governamentais, não governamentais, e multilaterais na atuação profissional, na produção de pesquisas, perícias e laudos técnicos e na conservação, guarda e divulgação de bens culturais.

1.9 Identificação das demandas profissionais e sociais e Perfil do Egresso

A(o) egressa(o) do curso **Bacharelado em Arqueologia** deve se constituir como um(a) profissional consciente de seu papel nas dinâmicas de manutenção e transformação da sociedade brasileira, comprometida(o) com o respeito aos modos de vida tradicionais e com o desenvolvimento da pessoa humana nas multifacetadas formas em que ela se efetiva no Brasil contemporâneo. A(o) egressa(o) deve igualmente estar comprometida(o) com a valorização, defesa e difusão do patrimônio cultural. Cidadã(o) consciente, a(o) egressa(o) do **Bacharelado em Arqueologia** deve estar apta(o) a identificar e compreender os diferentes agentes sociais e culturais envolvidos nos contextos que venham a ser objeto de sua atuação acadêmica ou profissional, atuando no sentido de apoiar o desenvolvimento da autonomia desses sujeitos e das formas de interação entre eles, pautadas pelo reconhecimento respeitoso da alteridade.

A(o) egressa(o) deve estar apta(o) a atuar junto ao Estado, a instituições públicas e privadas, junto ao terceiro setor, assim como no campo da produção científica, de modo a valorizar a diversidade cultural, com especial atenção à cultura material. Tendo a seu dispor todo um repertório teórico e metodológico, bem como técnicas e procedimentos a ele relacionadas, a(o) egresso do **Bacharelado em Arqueologia** será capaz de atuar nestes setores, pautando sempre seu exercício profissional pelos princípios éticos acima explicitados.

A(o) Bacharel em Arqueologia deve ter desenvolvida sua habilidade de compreensão de contextos arqueológicos, bem como de seus fatores geradores e condicionantes, de modo que possa atuar, seja como técnica(o) de nível superior, seja como pesquisador(a), no sentido de construir análises e explicações desses contextos, contribuindo de modo efetivo para seu conhecimento e preservação. A(o) egressa do Bacharelado em Arqueologia deve estar habilitada a planejar, coordenar, administrar e supervisionar atividades de pesquisa em Arqueologia, bem como identificar, registrar e delimitar sítios arqueológicos. Suas capacidades devem incluir a análise, a descrição e a classificação, quando pertinente, de elementos e contextos arqueológicos. A(o) egressa(o) deve estar também apta(o) a atuar no compartilhamento e divulgação de conhecimentos arqueológicos, por meio de atividades formativas e de extroversão de conhecimento. A(o) Bacharel em Arqueologia deve igualmente ter desenvolvida sua capacidade para atuar na gestão do patrimônio, em colaboração com outros atores sociais, estando habilitada(o) a reconhecer e tratar como interlocutores legítimos e agentes efetivos na gestão, conservação e valorização do patrimônio arqueológico, de modo específico, e do patrimônio cultural, de modo amplo.

2. Da Estrutura Curricular

2.1 Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

O **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** é uma estrutura formativa que se integra ao **Bacharelado em Arqueologia**, assim como ao **Bacharelado em Antropologia**. Tal estrutura formativa corresponde aos quatro períodos iniciais do percurso do Bacharelado em Arqueologia .

O Tronco Comum tem carga horária total de 1200 horas, integradas ao Bacharelado em Arqueologia. Os princípios teóricos e metodológicos que o definem são aqueles do Bacharelado em Arqueologia, que se apresentam a seguir. A carga horária

distribui-se em conformidade com tais princípios, compondo-se de atividades acadêmicas curriculares obrigatórias e optativas, conforme se apresenta adiante, na seção ‘Configuração Curricular’ deste projeto.

2.2 Princípios Teóricos e Metodológicos

O **Bacharelado em Arqueologia** é um curso de graduação que tem em si integrado a estrutura formativa **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** e que também está conectada ao **Bacharelado em Antropologia**. Todas as estruturas têm formato pedagógico presencial.

O **Bacharelado em Arqueologia** se fundamenta no princípio de que o protagonista no processo educacional universitário é a(o) discente. Partindo dessa ideia, o curso se organiza de modo a permitir à(ao) estudante traçar o percurso que lhe pareça o melhor para o desenvolvimento de seus interesses e habilidades, cabendo à coordenação do curso e às(os) professoras(es) orientadoras(es) a apresentação das possibilidades e a orientação e avaliação das escolhas, de forma contributiva à boa formação da(o) discente.

O ingresso no **Bacharelado em Arqueologia** se faz através do **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia**, que tem duração estimada em quatro semestres. Em acordo com a Resolução Complementar CEPE N° 01/2018, Artigo 5º, quando uma estrutura formativa de tronco comum é a opção de ingresso de estudantes na Universidade, como proposto aqui, a escolha pelo curso no qual irão obter grau é realizada após cursarem o tronco comum. Deste modo, a escolha pelo **Bacharelado em Arqueologia** é prevista para o final do quarto semestre letivo.

O **Bacharelado em Arqueologia** tem carga horária total de 2400h, sendo 1200h integralizadas no **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** e as demais 1200h em um caminho direcionado no fortalecimento da formação específica em Arqueologia. Nesta etapa de formação específica em Arqueologia, há nove atividades acadêmicas curriculares de natureza obrigatória, totalizando 480h, sendo o restante da carga horária voltado a atividades acadêmicas curriculares optativas de diferentes tipos.

Entre a carga optativa, além das atividades acadêmicas curriculares do Núcleo Específico, é possível a cada discente organizar diferentes percursos curriculares articulados com o Núcleo Complementar e o Núcleo Avançado. A composição do Núcleo Geral se dá por atividades acadêmicas curriculares que abordem temas de amplo interesse e que ofertem vagas a estudantes de todos os cursos da UFMG.

O leque de atividades acadêmicas curriculares optativas que o Departamento de Antropologia e Arqueologia ofertará, à semelhança daquele que tem sido ofertado, do ano de 2010 ao ano de 2022, no *Curso de Graduação em Antropologia*, se fundamenta numa convergência entre a intenção de se oferecer uma oferta farta e diversa de temas e abordagens e um dos compromissos básicos da atuação do corpo docente, qual seja, construir uma interação com as(os) discentes que conduza à sala de aula, em equilibrada medida, os conhecimentos clássicos e consolidados e aqueles de produção contemporânea e de vanguarda dos nossos campos acadêmicos. As optativas, com sua amplitude temática, permitirão que as ênfases na formação, a curiosidade científica e os pontos de interesses de docentes convertam-se em estudos e atuação compartilhados com as(os) discentes.

Cursos no âmbito da Antropologia e da Arqueologia têm em seu próprio cerne a diversidade cultural humana como objeto de entendimento. Os cursos creem, em consonância com a formação científica das(os) docentes que neles atuam, que não há uma noção de educação a se praticar, nem tampouco uma noção de pessoa a defender, menos ainda uma única forma de atuar na sociedade como cientista ou técnica(o). Os cursos põem no centro da experiência de formação das(os) alunas(os), como algumas de suas temáticas principais, as diferentes formas de constituição da pessoa humana e os diferentes sistemas de dar significado a ela dentro da trama das relações sociais e na interação com o extra-social (que, conforme a cultura, é tratado como “natural”, “sobrenatural”, “divino”).

As diferentes formas de se construir e se transmitir valores e conhecimentos são objeto de análise e reflexão na tradição científica antropológica e arqueológica. Os cursos, ao oferecerem à(ao) discente o trato com a produção científica sobre temas antropológicos e arqueológicos, como as formas de parentesco, os pensamentos religiosos, a etnologia indígena, estudos de gênero, estudos sobre desenvolvimento, Estado e poder, estudos sobre campesinato, povos tradicionais e territórios, sobre as ciências e as técnicas, sobre as regras de relações sociais, as estruturas de significação do mundo e dos seres, as relações com a cultura material, os modos de desenvolvimento humano e sua diversidade temporal, promove, inevitável e propositadamente, a reflexão sobre essas dimensões na vida de quem está experimentando um processo de formação acadêmica.

Ao tematizar com centralidade o patrimônio cultural, a diversidade dos modos de vida e culturas no profundo tempo de ocupação humana no território brasileiro e na

América, assim como o próprio processo de emergência do humano, os dois bacharelados (em Antropologia e em Arqueologia) têm indissociados de si o compromisso com esse patrimônio, essa diversidade e a defesa da multiplicidade das formas do humano. É nesse estímulo à reflexão que o curso investe como agente transformador das pessoas que nele ingressam, intentando oferecer-lhes um caminho que, além do enriquecimento de seu conhecimento sobre a diversidade cultural humana, gere e/ou cultive o respeito pelas outras pessoas e o compromisso com a construção de uma sociedade fundada no respeito e na multiplicidade (de pensamento, de práticas, de conhecimentos, de interesses, de povos).

Princípio fundamental dos cursos é estimular a aquisição e a construção conscientes de conhecimentos nos campos da Antropologia e da Arqueologia. Isso se dá por meio de diferentes recursos, entre eles destacando-se a prática da leitura crítica e da discussão substanciada de teses e conhecimentos. As práticas de sala de aula são fortemente marcadas pela leitura e discussão de textos científicos, que devem ser tomados não somente como portadores de conteúdos a se apreender, mas, sobretudo, como construções intelectuais, de base empírica e/ou teórica, que devem ser compreendidas e questionadas em seus fundamentos, resultados e possibilidades de se converterem em métodos de construção de novos conhecimentos ou de atuação mais qualificada nas realidades. É nessa medida e com esse objetivo que os cursos demandam de estudantes uma expressiva carga de leitura e têm no formato de discussão e análise crítica desses objetos de leitura sua prática mais distintiva.

Outra dimensão central, que parte do princípio acima apresentado, é o desenvolvimento no curso de espaço substantivo para a prática de pesquisa, que envolve todo um leque específico de atividades acadêmicas curriculares, conforme se desenvolve mais abaixo. Nosso projeto de curso crê que a(o) profissional a ser formada(o) deve dispor de uma avaliação crítica de como se dá a construção de conhecimento em nosso campo, quer ela(ele) vá atuar profissionalmente como acadêmica(o), quer como técnica(o) de nível superior. Para tanto, o curso organiza práticas individuais de pesquisa a partir do sexto período, com acompanhamento individualizado de docente orientador(a). Este ponto articula-se com uma das marcas distintivas das duas áreas, que são atividades acadêmicas curriculares nas quais os trabalhos de campo, as pesquisas empíricas, com todos os seus revezes, imprevisibilidades e oportunidades surpreendentes constituem dimensão central nas diferentes perspectivas teóricas e epistemológicas que as marcam.

As pesquisas individuais são, assim, experiência indispensável para a formação das(os) novas(os) profissionais e os dois bacharelados, integrados pelo Tronco Comum, as colocam no centro de suas preocupações.

E, por fim, mas não menos importante, integra-se à formação de profissionais em Antropologia e em Arqueologia a dimensão extensionista, com oportunidades de atuação em diversos campos, onde possam colocar o conhecimento teórico-conceitual à prova, face às situações e contextos de atuação, seja no âmbito local, regional, estadual, nacional e internacional, seja no âmbito institucional, governamental ou não-governamental, seja no âmbito da cooperação internacional, das relações internacionais e transnacionais, das relações no ciberespaço. Em quaisquer dos contextos, situam-se os sujeitos de direitos e o plano dos direitos consubstanciados no respeito às diferenças (culturais, étnicas, raciais, de classe, de gênero, geracionais, de religião, de modos de vida e produção, etc.) e sua manutenção.

2.3 Configuração Curricular

A organização curricular que foi escolhida para estruturar o **Bacharelado em Arqueologia** se configura através da integração entre as áreas da Arqueologia e da Antropologia. A partir desta escolha, optou-se pelo ingresso em uma estrutura formativa de **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia**, que então direciona a dois caminhos específicos correspondentes a cada um desses campos, constituindo assim dois Bacharelados (em Arqueologia e em Antropologia). Os caminhos específicos, em cada Bacharelado, mantêm o trânsito entre os campos através de atividades acadêmicas curriculares de natureza optativa (mais abaixo são apresentados os diferentes grupos de atividades acadêmicas curriculares, com o detalhamento sobre as variedades de optativas), que são ofertadas aos dois Bacharelados. Há ainda a possibilidade de cursar atividades acadêmicas curriculares do outro Bacharelado como parte da carga optativa, o que amplia o trânsito entre as áreas. O currículo, desse modo, se organiza de modo original, se comparado tanto aos cursos de Ciências Sociais (que historicamente formaram antropólogas[os] no Brasil), quanto aos cursos de graduação em Arqueologia do Brasil, uma vez que o curso oferece uma formação que implementa efetivamente o diálogo entre Antropologia e Arqueologia, em lugar de abrigar em seu interior duas formações divergentes.

Como já salientado, o **Bacharelado em Arqueologia** tem como estrutura formativa o **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia**. A opção pelo **Bacharelado em Arqueologia** é feita quando da integralização da carga horária definida para o Tronco Comum. A escolha pelo **Bacharelado em Arqueologia** não implica no afastamento total do outro campo, especialmente porque a carga optativa abrange as duas áreas de formação.

O currículo do **Bacharelado em Arqueologia** foi elaborado de modo a permitir flexibilidade de escolhas a discentes, através da existência das atividades acadêmicas curriculares optativas, que contabilizam uma carga horária expressiva. O **Bacharelado em Arqueologia** também preza, na sua estrutura curricular, por oferecer uma formação que valoriza as diversidades internas do campo, o dinamismo dos conhecimentos disponíveis hoje e a própria diversidade envolvida com a prática profissional das respectivas carreiras.

A propósito das atividades acadêmicas curriculares optativas, deve-se destacar que essas correspondem a um leque de possibilidades pré-estabelecidas, que pode, no entanto, ser ampliado por iniciativas originais de ofertas de atividades acadêmicas curriculares pelo corpo docente, em articulação com os interesses e demandas do corpo discente, através de atividades acadêmicas curriculares optativas de conteúdo variável. Destaca-se que as atividades acadêmicas curriculares optativas correspondem a recortes temáticos ou teórico-metodológicos dos dois campos de conhecimento do curso e tendem a se articular, de modo dinâmico e flexível, aos interesses de pesquisa de docentes, aos interesses de discentes do curso e às temáticas e desafios contemporâneos nas duas áreas.

Essa dinâmica se implementa também pela combinação, no trajeto discente, de um corpo de diferentes tipos de atividades acadêmicas curriculares, incluindo atividades obrigatórias e optativas. O curso prevê também, em consonância com as diretrizes pedagógicas da UFMG, as possibilidades de formação complementar aberta (a ser detalhada no item Percursos Curriculares), possibilitando a interlocução com outras áreas do conhecimento, bem como ensejando a interdisciplinaridade.

O **Bacharelado em Arqueologia**, em seu percurso padrão, Percurso 1, é formado por atividades acadêmicas curriculares do Núcleo Específico (2340h) e do Núcleo Geral (60h), descritas abaixo:

I) Núcleo Específico (Artigo 42 da Resolução Complementar CEPE 01/2018):

o núcleo específico é composto por atividades acadêmicas obrigatórias e optativas, divididas nas seguintes categorias:

A) Atividades acadêmicas curriculares obrigatórias. As atividades acadêmicas curriculares de natureza obrigatória para o Bacharelado em Arqueologia abarcam primeiramente o conjunto de 17 (dezesete) disciplinas do Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia, todas com carga horária de 60h: Fundamentos de Análise Sociológica, Introdução à Filosofia: Filosofia das Ciências Sociais, Linguística Antropológica, Antropologia I, e Fundamentos de Arqueologia (estas no primeiro período); Antropologia Brasileira, Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano, Antropologia II, Estudos de Cultura Material, e Antropologia Biológica (estas no segundo período); Patrimônio Cultural, Antropologia III, Métodos e Técnicas de Pesquisa Arqueológica, Arqueologia Brasileira, e Fundamentos de Pesquisa Etnográfica (no terceiro período); Antropologia IV, e Arqueologia e Coletivos Contemporâneos (no quarto período). Somadas a estas, há outras 09 (nove) disciplinas a serem integralizadas após o Tronco Comum. São elas: Elaboração de Projeto de Pesquisa (60 horas-aula); Arqueologia do Mundo Moderno e Capitalismo (60 horas-aula); Legislação em Arqueologia (30 horas-aulas); Oficina de Escrita em Arqueologia (30 horas-aula); Laboratório de Pesquisa em Arqueologia I (60 horas-aula); Teoria e Prática de Campo em Arqueologia (60 horas-aula); Arqueologia Americana (60 horas-aula); Laboratório de Pesquisa em Arqueologia II (60 horas-aula); e Monografia em Arqueologia (60 horas-aula). No total, o Bacharelado em Arqueologia integraliza 1500 horas-aula em atividades do tipo disciplinas obrigatórias.

B) Atividades Acadêmicas Curriculares do Subgrupo de Optativas G1 (Optativas Gerais): Disciplinas optativas com ementas pré-estabelecidas ofertadas periodicamente pelo corpo docente. São elas:

Leituras Estruturalistas; Arqueologia Urbana; Grupos Humanos através de seus Objetos; Arqueologia, Sentidos e Afetos; Arqueologia, Ontologia e Relacionalidade; Antropologia, História e Arqueologia: relações, diálogos, interseções; Estudos Afro-Americanos; Antropologia Econômica; Geoarqueologia; Arqueologia e Gênero; Arqueologias Indígenas e Colaborativas; Oficina de Comunicação em Arqueologia e Antropologia; Marxismo: Antropologia e Arqueologia; Mineração: Patrimônio, Ambiente e Arqueologia; Arqueologia da Paisagem; Arqueologia Egípcia; Grafismos

Rupestres; Leituras Arqueológicas de Etnologia; Antropologia do Cristianismo; Religiões de Matriz Africana; Gênero, Ciência e Saúde; Antropologia em contextos de crise; Antropologia do Estado; Antropologia dos Conflitos; Pensamento Decolonial; Estudos Pós-Coloniais; Antropologia das Elites; Ecologia Política da Mineração; Antropologia do Licenciamento Ambiental; Leituras de Tim Ingold, Pierre Bourdieu e Merleau-Ponty; Memória e Oralidade; Laudos Antropológicos; Antropologia do Gênero; Antropologia das Emoções; Estudos de Parentesco; Estudos de Campesinato, Etnicidade e Território; Etnologia Indígena; Estudos de Gênero; Estudos sobre Desenvolvimento, Estado e Poder; Estudos da Ciência e da Técnica; Antropologia das Artes e das Visualidades; Antropologia da Religião e da Magia; e Raça e Etnicidade. A disciplina Fundamentos de Libras também é integralizada neste grupo.

Além destas, também serão oferecidas atividades acadêmicas curriculares optativas de conteúdo variável (Tópicos em Arqueologia; Tópicos em Antropologia; Tópicos em Extensão; e Laboratório em Extensão), elaboradas pelo corpo docente, visando a atualização de conhecimentos teóricos e/ou teóricos/práticos da antropologia e da arqueologia.

A(o) discente, para integralização do curso de **Bacharelado em Arqueologia** (no percurso padrão), deve cursar um mínimo de 540 horas-aula em atividades acadêmicas curriculares deste Subgrupo de Optativas (G1), e um máximo de 720 horas aula, sendo que 180 horas-aula devem ser cursadas para integralização do Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia.

C) Atividades Acadêmicas Curriculares do Subgrupo de Optativas G2 (Optativas Práticas). Atividades acadêmicas curriculares optativas de 60 horas-aula, de caráter prático, voltadas para a formação discente na análise de materiais arqueológicos. Designadas pelo nome de Oficina de Análise de Material Arqueológico, adotarão o modelo de disciplina prática de conteúdo variável. Em cada momento de oferta, um recorte de materiais arqueológicos e/ou contextos será definido como tema. Desse modo, com a regularidade de oferta, a(o) discente poderá ter acesso à formação técnica de análise de materiais arqueológicos de naturezas diversas (cerâmicos, líticos, faunísticos, osteológicos, florísticos, vítreos, metálicos ou outros), conforme seus interesses prioritários. A(o) discente, para integralização do curso de **Bacharelado em Arqueologia** (no percurso padrão), deve cursar um mínimo de 120 horas-aula em atividades acadêmicas curriculares deste grupo e um máximo de 300 horas-aula.

D) Atividades Acadêmicas Curriculares do Subgrupo de Optativas G3 (Subgrupo de G1): Este grupo de atividades visa a integralização de atividades complementares, de caráter optativo, sendo formado pelo seguinte conjunto: Atividade Acadêmica à Distância; Corpo Editorial; Estudo dirigido; Participação em eventos locais ou regionais; Participação em eventos nacionais ou internacionais; Iniciação à Docência; Iniciação à Pesquisa; Órgão Colegiado; Publicação de artigo; Publicação de resenha; Publicação em anais; Seminário em Antropologia e/ou Arqueologia; e Estágio. Não há carga horária mínima para integralização, mas a máxima é de 240h. Estas atividades são integralizadas como um subgrupo de G1.

E) Atividades Acadêmicas Curriculares do Subgrupo de Optativas de Extensão G5 (Subgrupo de G1). Disciplinas optativas com conteúdo extensionista, são elas: Tópicos em Extensão; Laboratório de Extensão; Grupos Humanos através de seus Objetos; Oficina de Comunicação em Arqueologia e Antropologia. Há também a possibilidade de integralização em extensão através da creditação das seguintes atividades: Organização de eventos locais ou regionais; Organização de eventos nacionais ou internacionais; Iniciação à Extensão e Protagonismo Social. A carga horária mínima para integralização neste grupo é 120h e a máxima 240h.

II) Núcleo Geral (Artigo 46 da Resolução Complementar CEPE 01/2018): composto por atividades acadêmicas curriculares que abordem temas de amplo interesse, orientadas para a formação intelectual, crítica e cidadã, em um sentido amplo, que não façam parte da grade curricular da(o) discente (obrigatória e optativa), e que ofereçam vagas a estudantes de todos os cursos. O mínimo e o máximo de integralização deste grupo é 60 horas-aula.

Além do percurso padrão (Percurso 1), o curso oferece outros percursos formativos, descritos na próxima seção, que podem contemplar além do Núcleo Específico e do Núcleo Geral, também o Núcleo Avançado e o Núcleo Complementar.

2.4 Percursos Curriculares

O **Bacharelado em Arqueologia** configura-se através de um currículo que visa oferecer uma formação básica, diversificada e sólida em Arqueologia, porém com forte diálogo com a Antropologia, incluindo a formação básica no **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia**, que abarca ainda atividades acadêmicas curriculares introdutórias a campos correlatos, como Sociologia, Filosofia e Linguística.

O currículo do **Bacharelado em Arqueologia**, em seu percurso padrão, é formado por atividades acadêmicas curriculares obrigatórias (1500h), atividades acadêmicas curriculares optativas (840h) e atividade(s) acadêmica(s) curricular(es) do Núcleo Geral (60h), a serem cursadas idealmente ao longo de oito semestres, perfazendo um total de 2400 horas-aula. As atividades optativas do percurso padrão estão distribuídas do seguinte modo: optativas gerais (G1): carga horária mínima 540h e máxima 720h; optativas específicas (G2): carga horária mínima 120h e máxima 300h; atividades complementares (G3, subgrupo de G1): carga máxima de 240h, sem carga horária mínima; formação em extensão universitária (G5, subgrupo de G1): carga horária mínima 120h e máxima 240h.

O curso apresenta a possibilidade de ser integralizado a partir de quatro diferentes percursos, sendo eles:

- Percurso 1: Núcleo Específico (2340h) + Núcleo Geral (60h);
- Percurso 2: Núcleo Específico (2280h) + Núcleo Geral (60h) + Núcleo Avançado (60h);
- Percurso 3: Núcleo Específico (1980h) + Núcleo Geral (60h) + Núcleo Complementar (360h);
- Percurso 4: Núcleo Específico (1920h) + Núcleo Geral (60h) + Núcleo Complementar (360h) + Núcleo Avançado (60h).

O Percurso 2, é formado por Núcleo Específico (2280h) + Núcleo Geral (60h) + Núcleo Avançado (60h). O Núcleo Específico é composto por 1500h de atividades obrigatórias e 780h de atividades optativas, estas últimas distribuídas do seguinte modo: optativas gerais (G1): carga horária mínima 480h e máxima 660h; optativas específicas (G2): carga horária mínima 120h e máxima 300h; atividades complementares (G3, subgrupo de G1): carga máxima 240h sem carga horária mínima; formação em extensão universitária (G5, subgrupo de G1): carga horária mínima 120h e máxima 240h. Além disso, este percurso contempla também 60h no Núcleo Avançado, descrito ao final deste tópico.

Já o Percurso 3 é formado por Núcleo Específico (1980h), Núcleo Geral (60h) e Núcleo Complementar (360h). O Núcleo Específico do Percurso 3 é composto por 1500h de atividades obrigatórias + 480h de atividades optativas, estas últimas distribuídas do seguinte modo: optativas gerais (G1): carga horária mínima 300h e máxima 360h;

optativas específicas (G2): carga horária mínima 120h e máxima 180h; atividades complementares (G3, subgrupo de G1): carga máxima 60h sem carga horária mínima; formação em extensão universitária (G5, subgrupo de G1): carga horária mínima 120h e máxima 240h. Além disso, esse percurso contempla também o Núcleo Complementar, descrito ao final deste tópico.

O Percurso 4, por sua vez, é composto por Núcleo Específico (1920h), Núcleo Geral (60h), Núcleo Complementar (360h) e Núcleo Avançado (60h). O Núcleo Específico do Percurso 4 é composto por 1500h de atividades obrigatórias + 420h de atividades optativas, estas últimas distribuídas do seguinte modo: optativas gerais (G1): carga horária mínima e máxima 300h; optativas específicas (G2): carga horária mínima e máxima 120h; formação em extensão universitária (G5, subgrupo de G1): carga horária mínima 120h e máxima 240h.

O **Bacharelado em Arqueologia** oferece, portanto, quatro opções de percursos formativos, relacionando o Núcleo Específico com os outros três grupos: Núcleo Geral, Núcleo Complementar e Núcleo Avançado⁴.

O **Núcleo Avançado** (Artigo 47 da Resolução Complementar CEPE 01/2018), previsto para os Percursos 2 e 4, é composto por Atividades Acadêmicas Curriculares do Subgrupo de Optativas G4: Este grupo visa a integralização de atividades do Núcleo Avançado, constituindo-se como “Grupo de Disciplinas de Formação Avançada”, como expresso na Resolução CEPE Nº 18/2014, em especial através do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAN) da UFMG, podendo ser, a critério do Colegiado, acolhidas opções por outros programas. As disciplinas serão registradas como “Tópicos Avançados”. Apenas no caso dos Percursos Curriculares 2 e 4, que preveem Núcleo Avançado, há carga horária mínima e máxima de 60h. Nos demais percursos, a carga horária mínima e a máxima é igual a zero.

O **Núcleo Complementar** (Artigo 44 da Resolução Complementar CEPE 01/2018) é composto por atividades acadêmicas curriculares de outros cursos, que propiciem a aquisição de habilidades em outras áreas do conhecimento. Este núcleo pode ser integralizado por meio de uma estrutura formativa de formação complementar (como as Formações Transversais) ou por formação complementar aberta (integralizando

⁴ Esta estrutura de Núcleos segue as Novas Normas da Graduação da UFMG. Núcleo Específico = o que é próprio de cada curso; Núcleo Geral = Formação Livre; Núcleo Avançado = Disciplinas da Pós-Graduação; Núcleo Complementar = disciplinas de outros cursos integralizadas como “formação complementar”.

atividades curriculares, escolhidas pela(o) estudantes e aprovadas pelo Colegiado, em um campo de conhecimento complementar). Previsto para os Percursos 3 e 4, este núcleo tem como carga horária mínima e máxima 360h para estes percursos.

2.5 Representações do Currículo

O currículo do **Bacharelado em Arqueologia** prevê uma organização que inclui o **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia**. Deste modo, ele está organizado em oito semestres letivos, com carga horária de 300 horas-aula por semestre, totalizando 2400h. Seguem, na sequência, os diagramas relativos a cada percurso:

PERÍODO	PERCURSO 1 (percurso padrão): NÚCLEO ESPECÍFICO (2340h) + NÚCLEO GERAL (60h)				
1º	Antropologia I (60h)	Fundamentos de Arqueologia (60h)	Fundamentos de Análise Sociológica (60h)	Introdução à Filosofia: Filosofia das Ciências Sociais (60h)	Linguística Antropológica (60h)
2º	Antropologia II (60h)	Antropologia Brasileira (60h)	Estudos de Cultura Material (60h)	Antropologia Biológica (60h)	Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano (60h)
3º	Antropologia III (60h)	Arqueologia Brasileira (60h)	Fundamentos de Pesquisa Etnográfica (60h)	Métodos e Técnicas de Pesquisa Arqueológica (60h)	Patrimônio Cultural (60h)
4º	Antropologia IV (60h)	Arqueologia e Coletivos Contemporâneos (60h)	Optativas (180h)		
5º	Elaboração de Projeto de Pesquisa (60h)	Arqueologia do Mundo Moderno e Capitalismo (60h)	Legislação em Arqueologia (30h) Oficina de Escrita em Arqueologia (30h)	Optativas (120h)	
6º	Laboratório de Pesquisa em Arqueologia I (60h)	Teoria e Prática de Campo em Arqueologia (60h)	Arqueologia Americana (60h)	Optativas (120h)	
7º	Laboratório de Pesquisa em Arqueologia II (60h)	Optativas (180h)			Núcleo Geral (60h)
8º	Monografia em Arqueologia (60h)	Optativas (240h)			

Células em azul: Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

CARGA HORÁRIA TOTAL: 2400H

O Núcleo Específico do Percurso 1 (percurso padrão) é composto por 1500h de atividades obrigatórias + 840h de atividades optativas, estas últimas distribuídas do seguinte modo:

- Optativas Gerais (G1): carga horária mínima 540h e máxima 720h;
- Optativas específicas (G2): carga horária mínima 120h e máxima 300h;
- Atividades complementares (G3, subgrupo de G1): carga máxima de 240h, sem carga horária mínima;
- Formação em extensão universitária (G5, subgrupo de G1): carga horária mínima 120h e máxima 240h.

PERÍODO	PERCURSO 2: NÚCLEO ESPECÍFICO (2280h) + NÚCLEO GERAL (60h) + NÚCLEO AVANÇADO (60h)				
1º	Antropologia I (60h)	Fundamentos de Arqueologia (60h)	Fundamentos de Análise Sociológica (60h)	Introdução à Filosofia: Filosofia das Ciências Sociais (60h)	Linguística Antropológica (60h)
2º	Antropologia II (60h)	Antropologia Brasileira (60h)	Estudos de Cultura Material (60h)	Antropologia Biológica (60h)	Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano (60h)
3º	Antropologia III (60h)	Arqueologia Brasileira (60h)	Fundamentos de Pesquisa Etnográfica (60h)	Métodos e Técnicas de Pesquisa Arqueológica (60h)	Patrimônio Cultural (60h)
4º	Antropologia IV (60h)	Arqueologia e Coletivos Contemporâneos (60h)	Optativas (180h)		
5º	Elaboração de Projeto de Pesquisa (60h)	Arqueologia do Mundo Moderno e Capitalismo (60h)	Legislação em Arqueologia (30h) Oficina de Escrita em Arqueologia (30h)	Optativas (120h)	
6º	Laboratório de Pesquisa em Arqueologia I (60h)	Teoria e Prática de Campo em Arqueologia (60h)	Arqueologia Americana (60h)	Optativas (120h)	
7º	Laboratório de Pesquisa em Arqueologia II (60h)	Optativas (240h)			
8º	Monografia em Arqueologia (60h)	Optativas (120h)		Núcleo Geral (60h)	Núcleo Avançado (60h)

Células em azul: Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

CARGA HORÁRIA TOTAL: 2400H

O Núcleo Específico do Percurso 2 é composto por 1500h de atividades obrigatórias + 780h de atividades optativas, estas últimas distribuídas do seguinte modo:

- Optativas Gerais (G1): carga horária mínima 480h e máxima 660h;
- Optativas específicas (G2): carga horária mínima 120h e máxima 300h;
- Atividades complementares (G3, subgrupo de G1): carga máxima 240h sem carga horária mínima;
- Formação em extensão universitária (G5, subgrupo de G1): carga horária mínima 120h e máxima 240h.

PERÍODO	PERCURSO 3: NÚCLEO ESPECÍFICO (1980h) + NÚCLEO GERAL (60h) + NÚCLEO COMPLEMENTAR (360h)				
1º	Antropologia I (60h)	Fundamentos de Arqueologia (60h)	Fundamentos de Análise Sociológica (60h)	Introdução à Filosofia: Filosofia das Ciências Sociais (60h)	Linguística Antropológica (60h)
2º	Antropologia II (60h)	Antropologia Brasileira (60h)	Estudos de Cultura Material (60h)	Antropologia Biológica (60h)	Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano (60h)
3º	Antropologia III (60h)	Arqueologia Brasileira (60h)	Fundamentos de Pesquisa Etnográfica (60h)	Métodos e Técnicas de Pesquisa Arqueológica (60h)	Patrimônio Cultural (60h)
4º	Antropologia IV (60h)	Arqueologia e Coletivos Contemporâneos (60h)	Optativas (180h)		
5º	Elaboração de Projeto de Pesquisa (60h)	Arqueologia do Mundo Moderno e Capitalismo (60h)	Legislação em Arqueologia (30h) Oficina de Escrita em Arqueologia (30h)	Optativa (60h)	Núcleo Complementar (60h)
6º	Laboratório de Pesquisa em Arqueologia I (60h)	Teoria e Prática de Campo em Arqueologia (60h)	Arqueologia Americana (60h)	Núcleo Complementar (120h)	
7º	Laboratório de Pesquisa em Arqueologia II (60h)	Optativa (60h)	Núcleo Geral (60h)	Núcleo Complementar (120h)	
8º	Monografia em Arqueologia (60h)	Optativas (180h)			Núcleo Complementar (60h)

Células em azul: Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

CARGA HORÁRIA TOTAL: 2400H

O Núcleo Específico do Percurso 3 é composto por 1500h de atividades obrigatórias + 480h de atividades optativas, estas últimas distribuídas do seguinte modo:

- Optativas Gerais (G1): carga horária mínima 300h e máxima 360h;
- Optativas específicas (G2): carga horária mínima 120h e máxima 180h;
- Atividades complementares (G3, subgrupo de G1): carga máxima 60h sem carga horária mínima;
- Formação em extensão universitária (G5, subgrupo de G1): carga horária mínima 120h e máxima 240h.

PERÍODO	PERCURSO 4: NÚCLEO ESPECÍFICO (1920h) + NÚCLEO GERAL (60h) + NÚCLEO COMPLEMENTAR (360h) + NÚCLEO AVANÇADO (60h)				
1º	Antropologia I (60h)	Fundamentos de Arqueologia (60h)	Fundamentos de Análise Sociológica (60h)	Introdução à Filosofia: Filosofia das Ciências Sociais (60h)	Linguística Antropológica (60h)
2º	Antropologia II (60h)	Antropologia Brasileira (60h)	Estudos de Cultura Material (60h)	Antropologia Biológica (60h)	Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano (60h)
3º	Antropologia III (60h)	Arqueologia Brasileira (60h)	Fundamentos de Pesquisa Etnográfica (60h)	Métodos e Técnicas de Pesquisa Arqueológica (60h)	Patrimônio Cultural (60h)
4º	Antropologia IV (60h)	Arqueologia e Coletivos Contemporâneos (60h)	Optativas (180h)		
5º	Elaboração de Projeto de Pesquisa (60h)	Arqueologia do Mundo Moderno e Capitalismo (60h)	Legislação em Arqueologia (30h) Oficina de Escrita em Arqueologia (30h)	Optativa (60h)	Núcleo Complementar (60h)
6º	Laboratório de Pesquisa em Arqueologia I (60h)	Teoria e Prática de Campo em Arqueologia (60h)	Arqueologia Americana (60h)	Núcleo Complementar (120h)	
7º	Laboratório de Pesquisa em Arqueologia II (60h)	Optativa (60h)	Núcleo Geral (60h)	Núcleo Complementar (120h)	
8º	Monografia em Arqueologia (60h)	Optativas (120h)		Núcleo Complementar (60h)	Núcleo Avançado (60h)

Células em azul: Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

CARGA HORÁRIA TOTAL: 2400H

O Núcleo Específico do Percurso 4 é composto por 1500h de atividades obrigatórias + 420h de atividades optativas, estas últimas distribuídas do seguinte modo:

- Optativas Gerais (G1): carga horária mínima e máxima 300h;
- Optativas específicas (G2): carga horária mínima e máxima 120h;
- Formação em extensão universitária (G5, subgrupo de G1): carga horária mínima 120h e máxima 240h.

Quadro específico das Atividades Acadêmicas Curriculares Optativas

<u>Atividades acadêmicas</u>	<u>Carga horária total</u>
<u>Antropologia das Elites</u>	<u>60</u>
<u>Antropologia das Emoções</u>	<u>60</u>
<u>Antropologia do Cristianismo</u>	<u>60</u>
<u>Antropologia do Estado</u>	<u>60</u>
<u>Antropologia do Gênero</u>	<u>60</u>
<u>Antropologia do Licenciamento Ambiental</u>	<u>60</u>
<u>Antropologia dos Conflitos</u>	<u>60</u>
<u>Antropologia Econômica</u>	<u>60</u>
<u>Antropologia em contextos de crise</u>	<u>60</u>
<u>Antropologia, História e Arqueologia: relações, diálogos, intersecções</u>	<u>60</u>
<u>Arqueologia da Paisagem</u>	<u>60</u>
<u>Arqueologia e Gênero</u>	<u>60</u>
<u>Arqueologia Egípcia</u>	<u>60</u>
<u>Arqueologia Urbana</u>	<u>60</u>
<u>Arqueologia, Ontologia e Relacionalidade</u>	<u>60</u>
<u>Arqueologia, Sentidos e Afetos</u>	<u>60</u>
<u>Arqueologias Indígenas e Colaborativas</u>	<u>60</u>
<u>Ecologia Política da Mineração</u>	<u>60</u>
<u>Estudos Afro-Americanos</u>	<u>60</u>
<u>Estudos Pós-Coloniais</u>	<u>60</u>
<u>Gênero, Ciência e Saúde</u>	<u>60</u>
<u>Geoarqueologia</u>	<u>60</u>
<u>Grafismos Rupestres</u>	<u>60</u>
<u>Grupos Humanos através de seus Objetos</u>	<u>60</u>
<u>Laboratório de Extensão</u>	<u>60</u>
<u>Laudos Antropológicos</u>	<u>60</u>
<u>Leituras Arqueológicas de Etnologia</u>	<u>60</u>
<u>Leituras de Tim Ingold, Pierre Bourdieu e Merleau-Ponty</u>	<u>60</u>
<u>Leituras Estruturalistas</u>	<u>60</u>
<u>Marxismo: Antropologia e Arqueologia</u>	<u>60</u>
<u>Memória e Oralidade</u>	<u>60</u>
<u>Mineração: Patrimônio, Ambiente e Arqueologia</u>	<u>60</u>
<u>Oficina de Comunicação em Arqueologia e Antropologia</u>	<u>60</u>
<u>Pensamento Decolonial</u>	<u>60</u>
<u>Religiões de Matriz Africana</u>	<u>60</u>
<u>Tópicos em Antropologia</u>	<u>60</u>
<u>Tópicos em Arqueologia</u>	<u>60</u>
<u>Tópicos em Extensão</u>	<u>60</u>
<u>Fundamentos de Libras</u>	<u>60</u>
<u>Antropologia da Religião e da Magia</u>	<u>60</u>
<u>Antropologia das Artes e das Visualidades</u>	<u>60</u>
<u>Estudos da Ciência e da Técnica</u>	<u>60</u>
<u>Estudos de Campesinato, Etnicidade e Território</u>	<u>60</u>
<u>Estudos de Gênero</u>	<u>60</u>
<u>Estudos de Parentesco</u>	<u>60</u>
<u>Estudos sobre Desenvolvimento, Estado e Poder</u>	<u>60</u>
<u>Etnologia Indígena</u>	<u>60</u>
<u>Raça e Etnicidade</u>	<u>60</u>
<u>Oficina de Análise de Material Arqueológico</u>	<u>60</u>
<u>Atividade Acadêmica à Distância</u>	<u>60</u>
<u>Corpo Editorial</u>	<u>30</u>
<u>Estudo dirigido</u>	<u>15</u>
<u>Participação em eventos locais ou regionais</u>	<u>15</u>
<u>Participação em eventos nacionais ou internacionais</u>	<u>30</u>
<u>Organização de eventos locais ou regionais</u>	<u>15</u>

Organização de eventos nacionais ou internacionais	30
Iniciação à Docência	60
Iniciação à Extensão	60
Iniciação à Pesquisa	60
Órgão Colegiado	30
Protagonismo Social	30
Publicação de artigo	60
Publicação de resenha	30
Publicação em anais	45
Seminário em Antropologia e/ou Arqueologia	60
Estágio	60
Tópicos Avançados A	15
Tópicos Avançados B	30
Tópicos Avançados C	45
Tópicos Avançados D	60

2.6 Disciplinas que atendem às exigências legais: educação para as relações étnico-raciais, educação ambiental, libras e direitos humanos

EXIGÊNCIAS LEGAIS COMUNS AOS CURSOS DE GRADUAÇÃO - Arqueologia

Parâmetro Legal	Conteúdo	Atividade Acadêmica Curricular	Carga Horária	Modalidade de Oferta	Natureza
Decreto Nº 5626/2005	Libras	LET223 - Fundamentos de Libras	60	D	OP
Resolução CNE/CP Nº 01/2012	Direitos Humanos	DAAXXX - Antropologia I	60	P	OB
		DAAXXX - Fundamentos de Arqueologia	60	P	OB
		DAAXXX - Fundamentos de Pesquisa Etnográfica	60	P	OB
		DAAXXX - Arqueologia e Coletivos Contemporâneos	60	P	OB
		DAAXXX - Estudos de campesinato, etnicidade e território	60	P	OP
		DAAXXX - Etnologia Indígena	60	P	OP
		DAAXXX - Arqueologia e Gênero	60	P	OP
		DAAXXX - Arqueologias Indígenas e Colaborativas	60	P	OP
		DAAXXX - Mineração: Patrimônio, Ambiente e Arqueologia	60	P	OP
		DAAXXX - Leituras Arqueológicas de Etnologia	60	P	OP
		DAAXXX - Ecologia Política da Mineração	60	P	OP
		DAAXXX - Laudos Antropológicos	60	P	OP
		DAAXXX - Raça e Etnicidade	60	P	OP
		DAAXXX - Laboratório de Extensão	60	P	OP

Parâmetro Legal	Conteúdo	Atividade Acadêmica Curricular	Carga Horária	Modalidade de Oferta	Natureza
Resolução CNE/CP Nº 02/2012	Educação Ambiental	DAAXXX - Patrimônio Cultural	60	P	OB
		DAAXXX - Legislação em Arqueologia	30	P	OB
		DAAXXX - Métodos e Técnicas de Pesquisa Arqueológica	60	P	OB
		DAAXXX - Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano	60	P	OB
		DAAXXX - Mineração: Patrimônio, Ambiente e Arqueologia	60	P	OP
		DAAXXX - Ecologia Política da Mineração	60	P	OP
		DAAXXX - Antropologia do Licenciamento Ambiental	60	P	OP
		DAAXXX - Laudos Antropológicos	60	P	OP
Resolução CNE/CP Nº 01/2004	Educação para as Relações Étnico-raciais	DAAXXX - Antropologia I	60	P	OB
		DAAXXX - Antropologia Brasileira	60	P	OB
		DAAXXX - Patrimônio Cultural	60	P	OB
		DAAXXX - Arqueologia e Coletivos Contemporâneos	60	P	OB
		DAAXXX - Estudos de campesinato, etnicidade e território	60	P	OP
		DAAXXX - Etnologia Indígena	60	P	OP
		DAAXXX - Raça e Etnicidade	60	P	OP
		DAAXXX - Leituras Estruturalistas	60	P	OP
		DAAXXX - Estudos Afro-Americanos	60	P	OP
		DAAXXX - Arqueologia e Gênero	60	P	OP
		DAAXXX - Arqueologias Indígenas e Colaborativas	60	P	OP
		DAAXXX - Mineração: Patrimônio, Ambiente e Arqueologia	60	P	OP
		DAAXXX - Leituras Arqueológicas de Etnologia	60	P	OP
		DAAXXX - Religiões de Matriz Africana	60	P	OP
		DAAXXX - Pensamento Decolonial	60	P	OP
DAAXXX - Laudos Antropológicos	60	P	OP		
Legenda:					
OB Obrigatória		P Presencial			
OP Optativa		D A Distância			
		P/D Presencial/A Distância			
		P e D Presencial e A Distância			

2.7 Organização e metodologias adotadas para carga horária à distância

A carga horária à distância inclui a atividade acadêmica curricular Fundamentos de Libras, que é uma disciplina optativa para todos os percursos e a atividade acadêmica, na modalidade evento, Atividade Acadêmica à Distância. Cada uma delas integraliza 60h. O somatório da carga horária destas atividades representa 5% da carga horária total do curso, estando de acordo com o parâmetro estabelecido pela Resolução CEPE 13/2018.

2.8 Organização da carga horária de extensão

Em acordo com a Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018, do MEC, e da Resolução CEPE nº 10/2019, da UFMG, o currículo do **Bacharelado em Arqueologia** prevê a creditação da Formação em Extensão Universitária (FEU) através de atividades acadêmicas curriculares obrigatórias e optativas.

As atividades acadêmicas curriculares de natureza obrigatória que integralizam para Formação em Extensão Universitária fazem parte do Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia, e são elas: Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano, e Patrimônio Cultural. Sua integralização totaliza 120h. Para compor o mínimo de 240h integralizadas em FEU, relativo a 10% da carga horária total do curso, cada estudante deve compor sua grade com outras atividades acadêmicas que integralizam extensão: Tópicos em Extensão (com conteúdo variável, voltada à discussão e desenvolvimento de práticas de caráter extensionista); Laboratório de Extensão (disciplina voltada para o desenvolvimento de projetos extensionistas individuais e/ou coletivos, sob orientação de docente responsável); Grupos Humanos através de seus Objetos; Oficina de Comunicação em Arqueologia e Antropologia; Organização de Eventos locais ou regionais; Organização de Eventos nacionais ou internacionais; Iniciação à Extensão e Protagonismo Social.

Estas atividades acadêmicas curriculares tratam de temas variados de pesquisa e atuação profissional, que visam refletir sobre as relações entre a universidade e a sociedade conjuntamente com a realização de ações de extensão. Tais atividades buscam compreender os conteúdos teóricos e metodológicos da antropologia e da arqueologia a partir do seu caráter aplicável a grupos sociais, situações e contextos, normalmente associados ao fazer antropológico e arqueológico no campo do respeito às diferenças e da garantia de direitos. Nesse sentido, busca-se associar a formação teórica com a formação

sobre as implicações científicas, éticas, políticas, jurídicas e profissionais desse exercício do saber profissional.

Com isso, ao integralizar o **Bacharelado em Arqueologia**, a(o) discente terá cumprido uma carga horária mínima de 240 horas-aula de Formação em Extensão Universitária. Cumpre-se assim a carga horária mínima estabelecida de 10% da carga horária total da sua formação, integralizando ao final do Bacharelado 240 horas-aula de Formação em Extensão Universitária.

Quadro de Atividades Acadêmicas Curriculares que Integralizam a Extensão

Atividade Acadêmica Curricular	Carga Horária	Natureza
Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano	60	OB
Patrimônio Cultural	60	OB
Tópicos em Extensão	60	OP
Laboratório de Extensão	60	OP
Grupos Humanos Através de seus Objetos	60	OP
Oficina de Comunicação em Arqueologia e Antropologia	60	OP
Organização de eventos locais ou regionais	15	OP
Organização de eventos nacionais ou internacionais	30	OP
Iniciação à Extensão	60	OP
Protagonismo Social	30	OP

2.9 Avaliação da Aprendizagem

O **Bacharelado em Arqueologia** vale-se de uma gama de instrumentos avaliativos já consolidada nas formações acadêmicas de ciências humanas, quais sejam: seminários em sala, trabalhos escritos de análise e interpretação bibliográfica, exercícios de análise de situações hipotéticas, trabalhos em grupo com apresentação oral em sala, provas escritas em sala, questionários analíticos. Além desses recursos, esta estrutura formativa também promove o desenvolvimento de atividades de pesquisa empírica, em diferentes escalas e graus de exigência. Diversas são as atividades acadêmicas curriculares nas quais a principal atividade avaliativa é o desenvolvimento de uma pequena pesquisa de campo ou o desenvolvimento de pesquisa empírica, individual ou em pequenos grupos, relacionada ao tema ou campo teórico em foco no programa. Em determinadas atividades acadêmicas curriculares, a pesquisa empírica envolve todo a turma de alunos, que participa, parcial ou integralmente, de uma pesquisa de campo conduzida pelo professor. Outras modalidades de atividade avaliativa implementadas no

curso são a realização de visitas técnicas orientadas, com as devidas discussões preparatórias, e de atividades de cunho experimental (especialmente aquelas voltadas para a formação técnica na interpretação de tecnologias tradicionais).

As atividades acadêmicas curriculares, em geral, baseiam sua avaliação quantitativa na atribuição de até 100 pontos a atividades performadas pelas(os) discentes, porém outras atividades acadêmicas curriculares, que não exijam matrícula prévia, como as Atividades Complementares, têm apenas indicação de aprovação. Para as atividades acadêmicas curriculares do tipo disciplina, deve haver um mínimo de 3 atividades avaliativas no decorrer do semestre, sendo que cada uma delas pode corresponder a um máximo de 40 dos 100 pontos totais da atividade acadêmica curricular. A definição da natureza dessas atividades está a cargo da(o) docente responsável, em concordância com a coordenação do Colegiado do curso, que opta, entre as modalidades acima relacionadas, por aquela(s) mais adequada(s) aos objetivos e natureza da atividade acadêmica curricular. Assim, o sistema é marcado pela flexibilidade, dentro dos parâmetros normativos estabelecidos pela UFMG, de modo a permitir um mais profundo exercício das competências, habilidades e conteúdos de cada atividade acadêmica curricular. Por fim, em consonância com a Resolução CEPE nº04/2019, que trata do exame de comprovação de conhecimentos, é importante destacar que o curso de **Bacharelado em Arqueologia** prevê a possibilidade de estudantes solicitarem a integralização de créditos através de Exame de Comprovação de Conhecimento, excluindo-se – no entanto – a disciplina Monografia em Arqueologia. O ementário registra um dos fundamentos definidores das disciplinas de *Monografia*, qual seja, a elaboração e desenvolvimento, no âmbito do curso e com orientação específica de um docente, de um projeto de pesquisa. O cumprimento da disciplina Monografia, com a adequada orientação de um docente do curso, constitui parte crucial do aprendizado da prática de pesquisa, aprendizado que envolve o processo de desenvolvimento do projeto e a experiência empírica de implementá-lo, lidando com os desafios de métodos, a articulação da perspectiva teórica, a construção dos resultados. Nessa medida, não se considera adequada a substituição atividade acadêmica Monografia em Arqueologia por um exame de avaliação de conhecimento, conforme estabelece o regulamento de curso.

O **Bacharelado em Arqueologia** considera que a autonomia e a criatividade das(os) docentes responsáveis é elemento valioso na formação discente e no desenvolvimento da proposta do curso, na medida em que permite a expressão da

diversidade de perspectivas teóricas e metodológicas das(os) professoras(es)/pesquisadoras(es), considerando que tal diversidade é constituinte fundamental de uma formação plural, crítica e consciente nos campos da Antropologia e da Arqueologia, em particular, e das Ciências Humanas, em geral.

2.10 Avaliação do Curso

A experiência no desenvolvimento do *Curso de Graduação em Antropologia* com habilitações em Antropologia Social e Arqueologia, que ora se extinguirá, nos mostrou que a discussão continuada, envolvendo os diferentes atores integrantes do curso - discentes, docentes, técnica administrativa, colaboradoras(es) - é a mais poderosa ferramenta avaliativa. Esse aprendizado e esse processo avaliativo são os motores da reestruturação que ora se opera e a determinação é de se manter essa postura de avaliação continuada no curso que aqui se apresenta. Promoveremos, como promovemos no decorrer da última década, espaços múltiplos de encontro e diálogo entre discentes e docentes, de modo a discutir as dificuldades do curso, as relações entre os corpos discente e docente, as práticas pedagógicas, os métodos de avaliação. Tudo isso posto em pauta de forma comprometida com as questões sociais que perpassam o curso e que ele tematiza (relações de gênero, diversidade cultural, igualdade de condições, inclusão de minorias, relações étnico-raciais, entre outras).

Vale destacar que a criação de espaços horizontalizados de discussão marcou a atuação dos colegiados de graduação e de pós-graduação em Antropologia da UFMG, no decorrer dos últimos anos. Tais espaços, articulados a comissões paritárias entre docentes e discentes, contribuíram ativamente para que nosso programa de pós-graduação fosse o primeiro a implementar política de ações afirmativas para pessoas indígenas, pessoas negras e pessoas com deficiência, e para que, em nossa graduação, os processos avaliativos do desenvolvimento do curso contassem com a presença ativa das(os) discentes. Esses espaços de discussão horizontal não integram as instâncias de decisão e representação formais da UFMG, mas proveram conteúdos fundamentais para informar decisões e conduzir discussões nas instâncias formais.

Um espaço dessa natureza, de atividade continuada desde o ano de 2016, é o *Fórum de Diálogos da Antropologia*, criado por comum iniciativa de discentes e docentes. As atividades do Fórum, que consistiram principalmente em momentos de discussão temática, se realizaram sempre por livre adesão das(os) interessadas(os).

Inspirada por iniciativas dessa natureza e, sobretudo, estimulada por seus resultados concretos, a gestão do curso que aqui é proposto seguirá promovendo, apoiando ou engajando-se nos espaços com tal formatação, consolidando a prática dialógica ampliada.

Uma dimensão ativa em nossa percepção sobre o funcionamento da graduação é a interlocução entre a gestão do curso e as instâncias representativas estudantis. O Colegiado Integrado dos **Bacharelados em Arqueologia e em Antropologia** manterá continuado diálogo com as instâncias associativas (o Centro Acadêmico de Antropologia e Arqueologia) e representativas das(os) estudantes (representantes no Colegiado e na Câmara Departamental), para as questões de gerenciamento acadêmico do curso, implementação de atividades complementares (seminários, palestras, debates) e criação de momentos de discussão coletiva, assim como para a integração entre discentes em diferentes momentos do percurso acadêmico.

Dentro das instâncias institucionais formais de discussão e avaliação, o curso de **Bacharelado em Arqueologia** contará, nos termos da regulamentação vigente, com um *Núcleo Docente Estruturante* constituído de cinco representantes eleitas(os) entre as(os) professoras(es) do Departamento de Antropologia e Arqueologia e a(o) coordenador(a) do Colegiado. Ao Núcleo Docente Estruturante caberá, nos termos das regulamentações do Ministério da Educação e da UFMG, a avaliação continuada do curso, através de mecanismos de coleta de opinião e da promoção de espaços de discussão com discentes e docentes. Cabe igualmente ao Núcleo o acompanhamento permanente da efetiva implementação e observância deste Projeto Político Pedagógico, para o qual serão realizadas reuniões periódicas, com a frequência mínima de uma vez a cada semestre letivo.

Espaço de primeira relevância na avaliação do curso é seu Colegiado. Pela sua própria natureza e função, como instância de gestão acadêmico-administrativa e constituído por sua(eu) coordenadora(r) e sub-coordenadora(r), por representantes discente e docentes e pela(o) sua(eu) secretária(o), o Colegiado é o fórum adequado para a percepção e discussão dos problemas cotidianos do curso e, portanto, para mapeamento e discussão inicial das dificuldades do percurso acadêmico ou do campo de relações entre discentes, docentes e estrutura administrativa. Portanto, é também espaço primeiro para a busca de procedimentos que ampliem as discussões de tais questões ou encaminhem soluções em primeira instância para essas dificuldades.

Por fim, é importante ressaltar que sendo uma estrutura pedagógica que se relaciona de modo muito intenso com o Curso de **Bacharelado em Antropologia**, os dois cursos devem realizar avaliações conjuntas, fortalecendo sempre a complementariedade entre as áreas e entre as trajetórias de formação por elas oferecidos.

2.11 Políticas e Programas de Pesquisa e Extensão

A pesquisa acadêmica tem papel central na constituição do **Bacharelado em Arqueologia**. As(os) docentes do curso são responsáveis por diversos laboratórios e núcleos de pesquisa, que têm como sede a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, assim como o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. A FAFICH sedia o Laboratório de Antropologia das Controvérsias Sociotécnicas (LACS), o Laboratório de Arqueologia da FAFICH, o Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas (LEACH), o Núcleo de Estudos Sobre Populações Quilombolas e Tradicionais (NuQ), o Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais (GESTA), o Fotoclube Etnográfico Medusa, o Laboratório de Etnografia e Filme Etnográfico – LEFE, o Núcleo de Antropologia Visual – NAV, o Grupo de Pesquisa em Gênero e Sexualidades (GESEX) Grupo de Pesquisa sobre Afetos, Ontologias e Relacionalidades, e o Grupo de Estudos do Simbólico e Técnico da Olaria (G.E.S.T.O.).

Um espaço complementar de pesquisa, especialmente na área de Arqueologia, é o Museu de História Natural e Jardim Botânico, que sedia os Centros Especializados em Arqueologia Pré-Histórica e em Arqueologia Histórica, sendo uma instituição reconhecida nacionalmente como um dos polos de excelência em pesquisa arqueológica no Brasil. Lá estão sediados o Laboratório de Tecnologia Lítica e outros laboratórios para análise de material arqueológico. Além disso, o Museu tem a guarda de importantes coleções arqueológicas e etnográficas.

Ainda no que tange a pesquisa, vale ressaltar que, no presente momento, diversos projetos de Antropologia e de Arqueologia, fomentados por agências nacionais e internacionais, são desenvolvidos na UFMG, o que possibilita a estudantes o envolvimento direto com projetos de pesquisa científica e de extensão.

O grupo discente dispõe, na forma de estágio voluntário e de bolsas de iniciação científica ou bolsas de extensão, da possibilidade de iniciarem-se em projetos de pesquisa e projetos de extensão junto às(aos) docentes, o que de fato já se realiza de modo efetivo. A obtenção de bolsas se dá por meio de projetos de docentes junto aos órgãos de fomento

à pesquisa, com destaque para o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento) e a FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais). A UFMG, por meio da Pró-Reitoria de Pesquisa e da Pró-Reitoria de Extensão, oferece anualmente, por meio de editais, bolsas de iniciação científica e de iniciação à extensão, que podem ser objeto de demanda por parte das(os) docentes, estimulando assim a inserção de discentes de graduação em seus projetos.

A FAFICH, por meio do Departamento de Antropologia e Arqueologia, mantém o Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAN), conceito CAPES 4, que guarda estreita e direta relação com a graduação. O PPGAN, à semelhança da graduação, combina os dois campos, Antropologia e Arqueologia, numa acepção ampla de Antropologia, pouco usual nos meios acadêmicos brasileiros. Com um corpo docente em grande medida correspondente ao corpo docente da graduação, o PPGAN é perspectiva concreta e direta de desenvolvimento da vida acadêmica de graduadas(os) em Antropologia e Arqueologia, na medida em que apresenta linhas de pesquisa e orientadoras(es) com grande afinidade com as temáticas desenvolvidas na graduação.

O plano de monitorias de curso se estabelece a partir de programas da Pró-Reitoria de Graduação. A definição do número de bolsas e das disciplinas contempladas se dá por meio de projeto encaminhado anualmente à Pró-Reitoria de Graduação. Priorizam-se para destinação das(os) bolsistas, que são selecionadas(os) por meio de edital específico e banca de seleção, disciplinas obrigatórias que demandam maior carga de atividades e envolvem mais amplo esforço de discentes no trato com a bibliografia e as atividades avaliativas. Quando as cotas estão vinculadas ao Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA), elas podem ser direcionadas para os cursos de **Bacharelados em Antropologia** e **em Arqueologia**, e também para os cursos de Ciências Sociais e de Ciências Socioambientais, com os quais o corpo docente do DAA interage de modo expressivo.

3. Da Infraestrutura

3.1. Instalações, Laboratórios e Equipamentos

Em coerência com o Decreto 5.296/2004, a FAFICH dispõe, desde seu projeto original do final da década de 1980, de acesso por meio de elevador a todos os andares da unidade, cada qual plano, sem obstáculos ao deslocamento de pessoas de mobilidade restrita ou cadeirantes. O acesso a ambas as portarias se dá por meio de rampas.

3.1.1 Ambientes Administrativos e de Apoio docente

A infraestrutura administrativa do **Bacharelado em Arqueologia** será compartilhada com o **Bacharelado em Antropologia**, mantendo uma estrutura similar à que está em operação no *Curso de Graduação em Antropologia*.

Os ambientes administrativos e de apoio docente incluem a sala da Secretaria do Colegiado, compartilhada com sua Coordenação, assim como uma sala de reuniões, compartilhada com o Departamento de Antropologia e Arqueologia. Na secretaria, as condições de trabalho são adequadas, com mobiliário compatível, condições térmicas e de iluminação favoráveis. O acesso à internet é permanente na Secretaria e nas salas de reunião. Os gabinetes de professores são compartilhados por em média duas (dois) docentes, que dispõem de equipamentos de informática e mobiliária adequados, com acesso permanente à internet. Os acessos à rede são disponibilizados por meio de cabeamento nos gabinetes, secretaria e salas de reunião, havendo em toda a FAFICH acesso livre para docentes, funcionários e discentes por meio de internet sem fio.

Quantidade	Descrição
01	Secretaria acadêmica
01	Sala para Coordenação (compartilhada com a Secretaria acadêmica)
01	Sala de reunião (compartilhada com o Departamento de Antropologia e Arqueologia)
11	Gabinete de trabalho para docentes
Dezenas. Número variável, conforme a demanda das atividades acadêmicas curriculares a cada semestre.	Salas de aula: as salas de aula são gerenciadas pelo setor de Logística da FAFICH (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas). Distribuem-se por duas unidades vizinhas no campus da UFMG. A maioria se localiza no prédio da FAFICH e algumas atividades acadêmicas curriculares, em especial aquelas do período inicial, podem ser alocadas no Centro de Atividades Didáticas 2 (CAD 2). Todas as salas de aula no CAD2 dispõem de recursos multi-mídia permanentes e as demais de equipamento multi-mídia portátil. O Departamento de Antropologia e Arqueologia é responsável por duas salas de aula na FAFICH com recursos multimídia permanentes.

O edifício da FAFICH dispõe de um conjunto de quatro auditórios, disponíveis para palestras, atividades complementares e reuniões coletivas entre discentes e coordenação, e também salas para videoconferência. Esses equipamentos são compartilhados pelos cursos e departamentos da unidade, sendo seu uso previamente agendado por sistema on-line. Em atividade desde 1990, o edifício tem sua capacidade plenamente empregada pelos cursos hoje ali instalados e está em processo de reforma para atender às demandas de aumento no número de discentes e de laboratórios e núcleos de pesquisa.

As salas de aula são compartilhadas por todos os cursos de graduação da FAFICH, havendo duas salas de aula de uso exclusivo dos cursos vinculados ao Departamento de Antropologia e Arqueologia (graduações e pós-graduação). Nestas duas salas, os equipamentos multimídia são permanentes. Nas demais salas, usa-se equipamento multimídia portátil. As salas são amplas em relação ao número de discentes do curso, o que permite uma dissolução do padrão formalizado típico dos ensinos médio e fundamental de carteiras alinhadas, diluindo os limites entre o espaço do docente e dos discentes. As condições térmicas são favoráveis, por adequação do projeto arquitetônico. Parte do mobiliário é ainda antiquado, oferecendo pouco conforto ergonômico e está em processo de renovação. A distribuição das salas é gerida pelo Setor de Logística da unidade acadêmica, havendo espaços plenamente suficientes para as atividades do **Bacharelado em Arqueologia**. Um segundo edifício, vizinho ao da FAFICH, que fornece espaços para atividades didáticas é o Centro de Atividades Didáticas 2 (CAD2).

O CAD2 oferece infraestrutura adequada, com mobiliário moderno e satisfatório, condições térmicas favoráveis e oferece a mesma flexibilidade, em razão das dimensões da sala, para sua ocupação interna. Equipamentos multimídia são permanentes e integrados em todas as salas. Também dispendo de auditórios, o CAD2 foi integrado às atividades das graduações em Ciências Humanas em 2012.

Ambos os edifícios são compartilhados pelos cursos de graduação e pós-graduação da FAFICH, não havendo uma definição permanente da distribuição das turmas nas salas dos prédios, o que colabora para a dinâmica de interação entre alunas(os) e também entre docentes dos diferentes cursos e departamentos ali operantes.

Ainda no que tange o apoio docente, é importante destacar que apesar do curso ser integralmente presencial, ele conta com uma plataforma digital, o Moodle, para interação entre docentes e discentes e compartilhamento de materiais digitais. Estruturado e mantido pelo Centro de Computação da UFMG (CECOM), que lhe dá suporte permanente, o Moodle é acessível a todas as pessoas regularmente matriculadas e seu acesso é organizado por disciplinas e turma, estando a gestão do espaço virtual de cada disciplina a cargo da(o) docente responsável pela disciplina e turma (extensível a monitoras[es]). A plataforma permite mútua comunicação (com fóruns de discussão e mensagens), permitindo download irrestrito e upload por parte da(o) gestor do espaço.

Já a política estabelecida para aquisição de outros softwares (pacote office, softwares para tratamento de imagens, análises estatísticas, etc.) tem por princípio uma avaliação da demanda das disciplinas e discentes e posterior discussão e aprovação na Congregação, com recursos da FAFICH.

3.1.2 Laboratórios

O **Bacharelado em Arqueologia** tem à sua disposição um Laboratório de Informática, de uso compartilhado entre discentes da FAFICH, que dispõe de um número total de 20 desktops. Todos os equipamentos têm conexão permanente com internet cabeada e livre navegação. A gestão desse laboratório compete à Diretoria da FAFICH, por meio de seu Setor de Informática, e conta com uma monitoria permanente.

Quantidade	Descrição
01	Laboratório de Arqueologia da Graduação
01	Núcleo de Antropologia Visual – NAV
01	Laboratório de informática de uso compartilhado entre discentes da FAFICH

O **Bacharelado em Arqueologia** dispõe ainda do Laboratório de Arqueologia da Graduação, que também é utilizado pelo **Bacharelado em Antropologia**. O Laboratório está disponível para as atividades acadêmicas curriculares que demandam atividades práticas do trato com materiais arqueológicos e para o desenvolvimento de atividades das pesquisas de graduação de discentes. A gestão do espaço se faz de forma coordenada entre docentes e colegiado do curso, sob responsabilidade geral de docentes da área de Arqueologia, através de rodízio.

O Laboratório conta com cinco desktops e é dotado de equipamentos óticos (lupas de mesa e lupas binoculares) e de medida (balanças, réguas, paquímetros e trenas) para observação, descrição e análise de materiais arqueológicos. Tem instalações elétricas e hidráulicas compatíveis com as atividades de análise de materiais. Suas condições térmicas e de iluminação são funcionais e atendem os requisitos técnicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), conforme estabelecido por recente vistoria do órgão. Alguns dos materiais arqueológicos ficam armazenados no laboratório temporariamente, enquanto utilizados nas atividades acadêmicas curriculares e pesquisas, podendo ter sua guarda permanente vinculada às instâncias da UFMG depositárias desses materiais (o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG; o Laboratório de Arqueologia da FAFICH; o Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas).

Há, no entanto, acervos restritos que estão sob guarda permanente neste Laboratório. O Laboratório conta ainda com equipamentos para atividades de campo, como receptores GPS e bússolas.

Outro laboratório de uso da graduação é o Núcleo de Antropologia Visual (NAV), um espaço transdisciplinar compartilhado, dedicado ao ensino e à pesquisa com e sobre o uso de imagens e áudios nas ciências sociais. Sua missão é fomentar produções fotográficas e fílmicas em interface com as narrativas textuais e as construções teóricas nas humanidades. O NAV é gerido de forma compartilhada pelos integrantes de quatro grupos de pesquisa da FAFICH, a saber, o Fotoclube Etnográfico Medusa, o Laboratório de Controvérsias Sociotécnicas (LACS) e o Laboratório de Etnografia e do Filme Etnográfico (LEFE), vinculados ao Departamento de Antropologia e Arqueologia, e o Grupo de Pesquisa Poéticas da Experiência, vinculado ao Departamento de Comunicação.

3.1.3 Biblioteca

O **Bacharelado em Arqueologia** conta com a Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Biblioteca Professor Antônio Luiz Paixão), que foi criada em 1939, que possui a estrutura localizada no prédio da FAFICH, com um acervo total de 146.000 exemplares, de aproximadamente 97.900 títulos, cujo acesso se dá pelo Sistema de Bibliotecas da UFMG, com atendimento nos turnos manhã, tarde e noite. A referida biblioteca está integrada à Biblioteca Universitária, composta por 25 bibliotecas que compõem um acervo de aproximadamente 1 milhão de exemplares. O acervo conta com coleções especiais, tais como a Coleção de Escritores Mineiros e a Coleção de Obras Raras.

3.2 Gestão do Curso, Corpo Docente e Corpo Técnico-Administrativo

Considerando a forte ligação entre os **Bacharelados em Arqueologia** e **em Antropologia**, ambos compartilhando a estrutura formativa Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia, foi realizada uma consulta à PROGRAD sobre sua gestão. Através do Parecer da Câmara de Graduação 158/2020, aprovado em sessão ordinária no dia 17/09/2020, foi autorizada a gestão integrada dos cursos e da estrutura formativa através de um **Colegiado Integrado** dos dois Bacharelados⁵.

⁵ De acordo com as Normas Gerais da Graduação da UFMG, especificamente no seu Artigo 30, Parágrafo 2º, a gestão do Tronco Comum é assim colocada: “Uma estrutura formativa de tronco comum pela qual

O **Bacharelado em Arqueologia** seguirá as normativas e orientações estabelecidas em seu Regulamento e no regulamento do **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia**, observando sempre a forte interação com o **Bacharelado em Antropologia**.

Desde modo, a gestão do **Bacharelado em Arqueologia** será feita por meio do **Colegiado Integrado**, responsável pela gestão do **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia**, **Bacharelado em Antropologia** e do **Bacharelado em Arqueologia**. Tal modelo contribuirá para o constante diálogo entre as estruturas, de modo a melhorar sua gestão conjunta.

Respeitando os princípios de gestão democrática assinalados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/Lei 9394/96), o Colegiado Integrado de Antropologia e Arqueologia é estruturado de forma a refletir as especificidades dos cursos de Bacharelado em Antropologia e Bacharelado em Arqueologia, sendo assim composto:

- I. Coordenadora(o);
- II. Subcoordenadora(r);
- III. 02 (duas/dois) docentes do Departamento de Antropologia e Arqueologia;
- IV. 01 (uma/um) docente do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, do Departamento de Filosofia ou do Departamento de Sociologia, em regime de alternância;
- V. Representação discente, na forma prevista no Estatuto (Art. 78) e no Regimento Geral da UFMG (Art.101, §§1º ao 5º).

É importante destacar que a participação de outros departamentos no Bacharelado em Antropologia e no Bacharelado em Arqueologia se dá pela oferta de apenas três disciplinas obrigatórias, cada uma ofertada por um departamento (Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino -FAE, Departamento de Filosofia - FAFICH e Departamento de Sociologia-FAFICH), pertencentes a duas Faculdades (FAFICH e Faculdade de Educação – FAE). Com isso, não se torna interessante inflar o Colegiado com três vagas docentes que têm uma atuação pontual no curso, mas entende-se crucial que os três departamentos, em diferentes gestões, tenham representatividade no Colegiado. Deste modo, entende-se que os três departamentos deverão compor a

ocorra o ingresso de estudantes deverá ser gerida academicamente por um Colegiado de Curso ou Colegiado Especial”. Neste sentido, o Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia será gerido pelo Colegiado Integrado de Antropologia e Arqueologia.

participação no Colegiado de modo alternado, não se justificando a escolha exclusiva de um departamento em detrimento de outros.

A tomada de decisões no Colegiado se dá por meio de votação paritária entre seus membros.

Integra ainda o Colegiado uma Secretaria administrativa e acadêmica, conformada aos regulamentos administrativos da FAFICH e submetida às designações de sua Diretoria, nos termos regimentais.

O Colegiado é instância acadêmica e administrativa deliberativa e normativa do curso, cabendo a ele estabelecer parâmetros específicos para seu funcionamento, pautado pelas normas gerais da UFMG e da FAFICH. As deliberações do Colegiado são discutidas e decididas em reunião de seus membros, e implementadas pela sua coordenação e secretaria.

São atribuições do Colegiado, nos termos dos estatutos da UFMG, por meio de sua secretaria e coordenação, a gestão acadêmica de discentes, a demanda de oferta de disciplinas, o acompanhamento de matrículas e dos vínculos acadêmicos de discentes, assim como a orientação de discentes nas definições de suas alternativas de percurso acadêmico. No curso de **Bacharelado em Arqueologia**, cabe ainda ao Colegiado a condução dos processos avaliativos do curso; o acompanhamento da definição das(os) orientadoras(es) das pesquisas e elaboração de monografia de conclusão de curso das(os) estudantes; a gestão das bolsas de monitoria, em cooperação com o Departamento de Antropologia e Arqueologia; a gestão, em cooperação com o PPGAN, e tutoria das atividades dos estágios docentes das(os) alunas(os) do PPGAN. O Colegiado opera ainda como instância ouvidora e deliberativa de recursos impetrados por estudantes concernentes a seu vínculo acadêmico e avaliações, na condição de primeira instância de processos de recurso nessas questões.

O corpo docente do curso de **Bacharelado em Arqueologia** está constituído majoritariamente por docentes do Departamento de Antropologia e Arqueologia, contando ainda com a participação de docentes de outros três departamentos: Departamento de Filosofia; Departamento de Sociologia; e Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (da Faculdade de Educação). O corpo docente do curso está assim constituído:

1. Aderval Costa Filho

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação: Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

2. Alice Mara Serra

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação: Doutorado; Departamento de Filosofia, FAFICH

3. Ana Beatriz Vianna Mendes

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação: Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

4. Ana Flavia Moreira Santos

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação: Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

5. Andrea Luisa Zhouri Laschefski

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação: Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

6. Andrei Isnardis Horta

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação: Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

7. Andres Zarankin

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação: Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

8. Carlos Augusto Novais

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação: Doutorado; Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, FAE

9. Carlos Magno Guimarães

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação: Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

10. Daniela Magalhaes Klökler

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação:
Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

11. Eduardo Soares Neves Silva

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação:
Doutorado; Departamento de Filosofia, FAFICH

12. Eduardo Viana Vargas

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação:
Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

13. Érica Renata de Souza

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação:
Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

14. Gilcinei Teodoro Carvalho

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação:
Doutorado; Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, FAE

15. José Roberto Pellini

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação:
Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

16. Juri Castelfranchi

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação:
Doutorado; Departamento de Sociologia, FAFICH

17. Karenina Vieira Andrade

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação:
Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

18. Leandro de Oliveira

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação:
Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

19. Lílian Panachuk de Sá

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação:
Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

20. Ludmila Mendonca Lopes Ribeiro

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação:
Doutorado; Departamento de Sociologia, FAFICH

21. Luis Cláudio Pereira Symanski

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação:
Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

22. Magda dos Santos Ribeiro

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação:
Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

23. Marden Barbosa de Campos

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação:
Doutorado; Departamento de Sociologia, FAFICH

24. Maria Jacqueline Rodet

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação:
Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

25. Mariana Petry Cabral

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação:
Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

26. Rogério Brittes Wanderley Pires

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação:
Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

27. Rogério Duarte do Pateo

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação:
Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

28. Ruben Caixeta Queiroz

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação: Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

29. Rubens Silva

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação: Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

30. Sabrina Deise Finamori

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação: Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

31. Tiago Pedro Ferreira Tomé

Regime de Trabalho: Integral; Vínculo empregatício: Estatutário; Titulação: Doutorado; Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH

O corpo administrativo conta com uma vaga de servidor Técnico Administrativo em Educação (TAE), que exerce suas funções na secretaria do Colegiado. Atualmente, no Curso de Antropologia, esta vaga é ocupada pelo servidor Paulo Oliveira. O funcionário cumpre jornada diária de 8 horas, em regime de estatutário, estando presente na unidade nos períodos da tarde e da noite, para atender às demandas do curso.

4. Referencial Utilizado

BRASIL. Lei Federal nº 971, de 16 de dezembro de 1949. Federaliza a Universidade de Minas Gerais. Diário Oficial da União - Seção 1 - 19/12/1949, Página 17513 (Publicação Original). Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1940-1949/lei-971-16-dezembro-1949-363551-publicacaooriginal-1-pl.html>

Acesso em 01/04/2023.

BRASIL. Lei Federal nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União - Seção 1 - 23/12/1996, Página 27833 (Publicação Original). Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>

Acesso em 01/04/2023.

BRASIL. Presidência da República. Decreto no. 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial da União - Seção 1 - 3/12/2004, Página 5 (Publicação Original). Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2004/decreto-5296-2-dezembro-2004-534980-norma-pe.html>

Acesso em 01/04/2023.

BRASIL. Presidência da República. Decreto no. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União de 23/12/2005, página 28. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm

Acesso em 01/04/2023.

BRASIL. Lei Federal 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto- Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Diário Oficial da União - Seção 1 - 26/9/2008, Página 3 (Publicação Original). Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11788-25-setembro-2008-581200-publicacaooriginal-104017-pl.html>

Acesso em 01/04/2023.

BRASIL. Lei Federal nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União - Seção 1 - 30/8/2012, Página 1 (Publicação Original). Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12711-29-agosto-2012-774113-normaatuizada-pl.html>

Acesso em 01/04/2023.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União - Seção 1 - 7/7/2015, Página 2 (Publicação Original). Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2015/lei-13146-6-julho-2015-781174-publicacaooriginal-147468-pl.html>

Acesso em 01/04/2023.

BRASIL. Lei Federal nº 13.653, de 18 de abril de 2018. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de arqueólogo e dá outras providências. Diário Oficial da União - Seção 1 - 19/4/2018, Página 2 (Publicação Original). Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2018/lei-13653-18-abril-2018-786578-publicacaooriginal-155382-pl.html>

Acesso em 01/04/2023.

MINAS GERAIS. Lei Estadual nº 956, de 7 de setembro de 1927. Cria a Universidade de Minas Gerais. Publicada em 07/09/1927. Disponível em:

<https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/LEI/956/1927/>

Acesso em 01/04/2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Parecer CNE/CES no. 8/2007, aprovado em 31 de janeiro de 2007. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial. Distrito Federal: Ministério da Educação, 31 jan 2007. Disponível em:

<https://www.semesp.org.br/legislacao/migrado2671/>

Acesso em 01/04/2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 02/2007, de 18 de junho de 2007. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial. Distrito Federal: Ministério da Educação, 18 jun 2007. Disponível em:

https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN22007.pdf?query=covid%2019

Acesso em 01/04/2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 7/2018, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Distrito Federal: Ministério da Educação, 18 dez 2018. Disponível em:

https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN72018.pdf?query=7/2018

Acesso em 01/04/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Câmara de Graduação. Resolução nº 02/2019, de 03 de dezembro de 2019. Estabelece diretrizes para elaboração da estrutura curricular dos cursos de graduação da UFMG. Disponível em: <https://www.ufmg.br/prograd/arquivos/docs/ResCGn022019.pdf>
Acesso em 15/04/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Resolução nº 02/2009, de 10 de março de 2009. Regulamenta o Estágio em cursos de Graduação da UFMG e revoga a Resolução nº 03/2006 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Disponível em:
<https://www.ufmg.br/prograd/estagio-2/>
Acesso em 01/04/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Resolução 18/2014, de 07 de outubro de 2014. Regulamenta os Grupos de Disciplinas de Formação Avançada. Disponível em:
<https://www2.ufmg.br/sods/Sods/CEPE/Documentos/Resolucoes-Comuns>
Acesso em 01/04/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Normas Gerais da Graduação (NGG). Anexo à Resolução Complementar no. 01/2018, de 20/02/2018. Disponível em:
<https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/educacao/novos-horizontes-para-a-graduacao/cepe-aprova-normas-gerais-da-graduacao-e-resolucoes-correlatas>
Acesso em 01/04/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Resolução Complementar no. 01/2018, de 20/02/2018. Aprova as Normas Gerais de Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível em:
<https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/educacao/novos-horizontes-para-a-graduacao/cepe-aprova-normas-gerais-da-graduacao-e-resolucoes-correlatas>
Acesso em 01/04/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Resolução nº 13/2018, de 11 de setembro de 2018. Regulamenta a oferta de atividades acadêmicas curriculares com carga horária a distância nos cursos de graduação presenciais e a distância e revoga a Resolução do CEPE 06/2016, de 10 de maio de 2016. Disponível em:
<https://www2.ufmg.br/sods/Sods/CEPE/Documentos/Resolucoes-Comuns>
Acesso em 01/04/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Resolução nº 1/2019, de 09 de abril de 2019. Regulamenta a criação e o registro de atividades acadêmicas curriculares, conforme previsto no art. 8º das Normas Gerais de Graduação da UFMG. Disponível em:
<https://www2.ufmg.br/sods/Sods/CEPE/Documentos/Resolucoes-Comuns>
Acesso em 01/04/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Resolução 10/2019, de 10 de outubro de 2019. Estabelece diretrizes

curriculares para a integralização de atividades acadêmicas curriculares de Formação em Extensão Universitária nos cursos de graduação da UFMG e revoga a Resolução CEPE 12/2015, de 22 de setembro de 2015. Disponível em:

<https://www2.ufmg.br/sods/Sods/CEPE/Documentos/Resolucoes-Comuns>
Acesso em 01/04/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Resolução 06/2022, de 23 de novembro de 2022. Estabelece diretrizes para a organização curricular e gestão da estrutura formativa de tronco comum. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/sods/Sods/CEPE/Documentos/Resolucoes-Comuns>
Acesso em 01/04/2023.

5. Anexos

Anexo 01 – Transição curricular

Anexo 02 – Ementário do Curso de Arqueologia

Anexo 03 – Regulamento do Curso de Arqueologia

Anexo 04 – Regulamento do Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Anexo 05 – Formulários Curriculares PROGRAD

- Tabela Anexo 1 - Organização Das Atividades Acadêmicas Curriculares Por Campo De Conhecimento – Arqueologia
- Tabela Anexo 2 - Estrutura Curricular – Arqueologia
- Tabela Anexo 3 - Detalhamento Da Oferta De Atividades Acadêmicas Curriculares Com Carga Horária à Distância – Arqueologia
- Tabela Anexo 4 - Detalhamento Da Carga Horária De Extensão – Arqueologia
- Tabela Anexo 5 - Exigências Legais Comuns Aos Cursos De Graduação – Arqueologia
- Tabela Anexo 7 - Integralização Curricular – Arqueologia
- Tabela Anexo 8 - Exigência De Carga Horária Nos Subgrupos De Optativas (Quando Aplicável) – Arqueologia
- Tabela Anexo 12 – Anuência Departamental - Departamento de Antropologia e Arqueologia
- Tabela Anexo 12 - Anuência Departamental – Departamento de Sociologia
- Tabela Anexo 12 - Anuência Departamental – Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino
- Tabela Anexo 12 - Anuência Departamental – Departamento de Filosofia
- Tabela Anexo 14 - Previsão De Contratação Docente (Quando Aplicável)

Anexo 01 – Transição curricular

Com a implantação do Bacharelado em Arqueologia e a mudança no Bacharelado em Antropologia, que compartilham a Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia, toda(os) (as)os estudantes atualmente matriculadas(os) migrarão para os cursos correspondentes às habilitações previamente escolhidas, de modo que estudantes da habilitação em Antropologia Social irão para o curso de Antropologia e estudantes da habilitação em Arqueologia irão para o curso de Arqueologia. Estudantes que não tenham escolhido habilitação migrarão para o bacharelado em Antropologia. Desse modo, todas(os) (as)os estudantes migrarão para os novos currículos e as atividades curriculares já cursadas no currículo anterior serão integralizadas em atividades equivalentes nas novas estruturas curriculares. Ressalta-se que apenas estudantes que estejam nesta regra de transição poderão cursar o bacharelado em Antropologia ou Arqueologia sem ter integralizado o tronco comum.

Casos omissos, ou situações excepcionais, poderão ser avaliados pelo colegiado.

REGULAMENTO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

TÍTULO I – DO TURNO E GRAU ACADÊMICO

Art. 1º O curso de graduação em Arqueologia da UFMG funcionará no turno noturno.

§ 1º. As atividades acadêmicas curriculares optativas podem ser ofertadas no turno diurno, sem prejuízo à oferta de atividades acadêmicas curriculares optativas no turno noturno.

§ 2º. A atividade acadêmica curricular Teoria e Prática de Campo em Arqueologia (atividade acadêmica obrigatória do sexto período) será ofertada no modelo de módulo em turno integral.

Art. 2º O curso de graduação em Arqueologia da UFMG confere o grau acadêmico de Bacharelado em Arqueologia, de acordo com o art.6º das Normas Gerais de Graduação.

Parágrafo único. O grau indicado no caput do artigo, confere o título de Bacharel em Arqueologia.

TÍTULO II - DA ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO

CAPÍTULO I – DO TRONCO COMUM EM ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA

Art. 3º O percurso curricular do curso de graduação em Arqueologia é iniciado através da estrutura formativa Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia, como estabelecido na Resolução Complementar CEPE Nº 01/2018, de 20 de Fevereiro de 2018.

§ 1º O Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia é uma estrutura formativa articulada em torno de um eixo temático comum aos cursos de graduação em Arqueologia e em Antropologia, e tem como foco propiciar ambientes compartilhados de formação de estudantes, provendo atividades acadêmicas curriculares que são comuns à formação acadêmica em Arqueologia e em Antropologia.

§ 2º. O Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia tem uma carga horária total de 1200h (mil e duzentas horas).

§3º. A conclusão do Tronco Comum não gera obtenção de qualquer título, grau ou diploma, sendo apenas parte constitutiva inicial e básica dos cursos de graduação em Arqueologia e em Antropologia.

Art. 4º O ingresso no curso de graduação em Arqueologia, seguindo o Art. 69 da Resolução Complementar CEPE Nº 01/2018, será regido por mecanismo de opção de curso no último semestre de integralização da estrutura formativa Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia.

Regulamento do Curso de Graduação em Arqueologia

§1º. O ingresso no curso de graduação em Arqueologia só poderá ocorrer após a integralização de todos os créditos do Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia.

Art. 5º Outras matérias sobre os parâmetros de funcionamento da estrutura formativa Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia devem ser consultadas em seu Regulamento.

CAPÍTULO II – DOS PERCURSOS CURRICULARES

Art. 6º. A estrutura curricular do curso de graduação em Arqueologia é constituída pelos seguintes percursos curriculares:

I – Percurso 1: Núcleo Específico e Núcleo Geral (percurso padrão)

II - Percurso 2: Núcleo Específico, Núcleo Geral e Núcleo Avançado.

III – Percurso 3: Núcleo Específico, Núcleo Geral e Núcleo Complementar

IV – Percurso 4: Núcleo Específico, Núcleo Geral, Núcleo Complementar e Núcleo Avançado

Parágrafo único. O percurso curricular padrão é dado pelo inciso I do presente artigo.

Art. 7º. De acordo com o número de vagas estabelecido pelo Colegiado, é permitida ao(à) estudante a escolha de seu percurso curricular, até o final do sexto período letivo, considerando os seguintes critérios:

I – Aprovação na atividade acadêmica curricular Antropologia IV

II – Aprovação na atividade acadêmica curricular Arqueologia e Coletivos Contemporâneos

§ 1º No caso de o percurso escolhido prever um núcleo complementar, a(o) estudante deverá: a) apresentar, anexo ao pedido, as informações sobre a estrutura formativa de formação complementar que será realizada, quando a decisão for por cursar uma das formações complementares ofertadas pela Instituição; ou b) apresentar, anexo ao pedido, um plano de estudos com a proposição de uma formação complementar, quando a decisão for por realizar uma formação do tipo aberta.

Art. 8º. Para a escolha de um percurso que preveja um núcleo avançado, deve ser observado o seguinte critério, além daqueles listados do caput do Artigo 7º:

I - Apresentar, anexo ao pedido, um plano de estudos com a proposição de uma formação que contemple o núcleo avançado para a realização de atividades acadêmicas curriculares.

Parágrafo único. A integralização de atividades do Núcleo Avançado se dará, preferencialmente, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAN) da UFMG, podendo, a critério do Colegiado, ser acolhidas opções por outros programas.

Art. 9º A mudança de percurso curricular poderá ser realizada, no máximo, duas vezes até o final do oitavo período letivo desde que observado o seguinte critério, além daqueles listados no caput do Artigo 7º:

Regulamento do Curso de Graduação em Arqueologia

I – Ter disponibilidade de tempo para a integralização curricular no novo percurso.

Parágrafo único. No caso de percurso que preveja núcleo complementar, a mudança de estrutura formativa de formação complementar ou de formação complementar do tipo aberta poderá ser feita até final do sétimo período letivo.

CAPÍTULO III – DA FORMAÇÃO EM EXTENSÃO

Art. 10 Nos termos estabelecidos pela Resolução CEPE 10/2019, que estabelece as diretrizes curriculares para a integralização de atividades acadêmicas curriculares de Formação em Extensão Universitária (FEU), a estrutura curricular do curso de graduação em Arqueologia prevê a integralização do percentual mínimo de 10% (dez por cento) da sua carga horária total por meio da Formação em Extensão Universitária.

Parágrafo único. Sendo a carga horária total do curso de graduação em Arqueologia de 2400h (duas mil e quatrocentas horas), o percentual mínimo de 10% (dez por cento) a ser integralizado como FEU é de 240h (duzentos e quarenta horas).

Art. 11 A Formação em Extensão Universitária no curso de graduação em Arqueologia será integralizada a partir das seguintes atividades acadêmicas curriculares (AAC):

I – Atividades acadêmicas curriculares obrigatórias:

- a) Patrimônio Cultural (60h);
- b) Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano (60h)

II – Atividades acadêmicas curriculares optativas:

- a) Grupos Humanos Através de seus Objetos (60h)
- b) Oficina de Comunicação em Arqueologia e Antropologia (60h)
- c) Tópicos em Extensão (60h)
- d) Laboratório de Extensão (60h)
- e) Organização de eventos locais ou regionais (15h)
- f) Organização de eventos nacionais ou internacionais (30h)
- g) Iniciação à Extensão (60h)
- h) Protagonismo Social (30h)

CAPÍTULO IV – DO ESTÁGIO CURRICULAR, TRABALHO FINAL DE CURSO E INTEGRALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Art. 12 Observadas as determinações da Lei Nº 11.788, de 25/09/2008, que regulamenta o estágio de estudante, e a Resolução CEPE Nº 02/2009 da UFMG, que trata a matéria, o estágio curricular do curso de graduação em Arqueologia, deve considerar as seguintes regras adicionais para a sua realização:

I- pertinência das atividades do Estágio Curricular aos campos de atuação da Arqueologia ou da Antropologia;

Regulamento do Curso de Graduação em Arqueologia

II - cumprimento pelo(a) discente das disciplinas obrigatórias do primeiro período da estrutura formativa Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia;

II- apresentação ao Colegiado de plano de trabalho, com a indicação das atividades a serem realizadas, acompanhadas de termo de compromisso de supervisor(a) no Campo de Estágio e de declaração formal de docente atuante no curso de graduação em Arqueologia, assumindo o compromisso como orientador(a) acadêmico(a) do estágio.

Parágrafo único: o estágio curricular do curso de graduação em Arqueologia é de caráter optativo.

Art. 13 O Estágio Curricular do curso de graduação em Arqueologia é de caráter optativo e poderá ter carga horária integralizada como atividade acadêmica curricular de Estágio.

Parágrafo único: A integralização de créditos por meio da atividade acadêmica Estágio poderá ser realizada uma única vez, contabilizando 04 (quatro) créditos/60h (sessenta horas), desde que a carga horária do estágio tenha alcançado um mínimo de 240h (duzentas e quarenta horas).

Art. 14 O Trabalho de Conclusão de Curso, conforme registra o Projeto Pedagógico do Curso, constitui atividade acadêmica curricular obrigatória para a(o) estudante do curso de graduação em Arqueologia. A sua realização deve observar as seguintes regras:

I- A realização do Trabalho de Conclusão de Curso está condicionada à matrícula na atividade acadêmica Monografia em Arqueologia.

II - O Trabalho de Conclusão de Curso deve apresentar um texto dissertativo, designado Monografia, versando sobre um tema do campo científico da Arqueologia, definido em comum acordo com docente-orientador(a), que será avaliado como requisito final de conclusão da referida atividades acadêmica curriculares.

III – A orientação de Monografia só poderá ser realizada por docente atuante no Curso, que receberá o encargo didático da atividade acadêmica curricular Monografia em Arqueologia, a ser ofertada pelo Departamento de Antropologia e Arqueologia, e será registrada através de formulário de Aceite de Orientação enviado pela(o) estudante ao Colegiado com assinatura de docente-orientador(a).

IV – A co-orientação de Monografia poderá ser realizada por profissional com título de Mestre ou Doutor(a) ou perfil equivalente (como mestres de conhecimentos tradicionais), e será registrada através de formulário enviado ao Colegiado pela(o) estudante com as assinaturas de docente-orientador(a), profissional co-orientador(a) e estudante.

V – A avaliação da Monografia se fará por meio de uma banca constituída por docente-orientador(a) e co-orientador(a), caso houver; e um(a) segundo(a) docente avaliador(a), do corpo docente da UFMG, ou de outra Instituição de Ensino Superior (IES), com titulação mínima de Mestre(a). É permitida a participação de um terceiro membro na banca de avaliação, com titulação mínima de Mestre ou reconhecimento público como mestre(a) de conhecimentos tradicionais, sem necessidade de vínculo com instituição de ensino superior.

Regulamento do Curso de Graduação em Arqueologia

VI – A avaliação da banca se realizará em sessão pública previamente agendada e se constituirá dos seguintes elementos: A - apresentação oral do trabalho pela(o) estudante, em tempo máximo de 30 minutos; B - arguição por membros da banca; C - discussão da avaliação por membros da banca, sem a presença da(o) estudante ou da assistência; D - leitura pública da ata da banca de defesa e do resultado, por docente-orientador(a); E - encaminhamento da ata da banca de avaliação ao Colegiado do curso; F – lançamento da nota final da banca no Sistema Acadêmico da Graduação da UFMG, por docente-orientador(a).

VII – A monografia deve ser apresentada em concordância com os seguintes parâmetros formais: A – formato em concordância com as normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e as diretrizes para normalização de trabalhos acadêmicos da UFMG; B - a íntegra da monografia deve ser constituída, incluindo anexos e bibliografia (e figuras), de um mínimo de 50 (cinquenta) e um máximo de 120 (cento e vinte) páginas; C - recursos audiovisuais serão admitidos como elementos complementares, devendo ser anexados em formato digital de fácil acesso, em meio eletrônico, anexo ao corpo do texto.

VIII - A(o) estudante deverá encaminhar ao Colegiado do curso a definição da data de constituição da banca de avaliação, bem como os nomes de seus integrantes, por meio de formulário próprio, com anuência da(o) docente-orientador(a), acompanhado da versão final da Monografia, em arquivo digital. É de responsabilidade de estudante e docente-orientador(a) fazer o contato com membros da banca.

IX- Em caso de reprovação, prevalecem as normas regulares vigentes na UFMG, ou seja, a(o) estudante deverá matricular-se em semestre posterior na atividade acadêmica curricular, para submeter-se a nova avaliação, nos termos aqui estabelecidos, ressalvadas as restrições regimentais aplicáveis.

Art. 15 A integralização de atividades complementares previstas no Projeto Pedagógico do Curso deve observar os seguintes critérios:

- I. Atividade Acadêmica à Distância. Curso ou evento realizado à distância, com tema relacionado à formação em Arqueologia e/ou Antropologia, ofertada por Instituição de Ensino Superior (IES) reconhecida (carga horária mínima 60h) – 04 créditos
- II. Iniciação à Extensão. Participação em Projetos de Iniciação à Extensão (mínimo 6 meses) – 04 créditos
- III. Iniciação à Docência. Participação em Programas de Iniciação à Docência. (mínimo 6 meses) – 04 créditos
- IV. Iniciação à Pesquisa. Participação em Projetos de Iniciação à Pesquisa (mínimo 6 meses) – 04 créditos
- V. Participação em eventos locais ou regionais. Participação em eventos locais ou regionais, com apresentação de comunicação oral ou pôster– 01 crédito
- VI. Participação em eventos nacionais ou internacionais. Participação em eventos nacionais ou internacionais, com apresentação de comunicação oral ou pôster– 02 créditos
- VII. Organização de eventos locais ou regionais. Participação na organização de eventos locais ou regionais voltados à comunidade externa – 01 crédito

Regulamento do Curso de Graduação em Arqueologia

- VIII. Organização de eventos nacionais ou internacionais. Participação na organização de eventos nacionais ou internacionais voltados à comunidade externa – 02 créditos
- IX. Publicação de resenha. Publicação de resenha em periódico científico, com tema relacionado à formação em Antropologia e/ou Arqueologia – 02 créditos
- X. Publicação em anais. Publicação de texto completo em anais de eventos científicos, com tema relacionado à formação em Arqueologia e/ou Antropologia – 03 créditos
- XI. Publicação de artigo. Publicação de artigo em periódico ou livro científico, com tema relacionado à formação em Arqueologia e/ou Antropologia – 04 créditos
- XII. Seminário em Antropologia e/ou Arqueologia. Realização de seminário sobre temas clássicos ou contemporâneos da Arqueologia ou da Antropologia, sob supervisão de docente do Curso, com apresentação prévia ao Colegiado de Programa de Atividades, contendo justificativa, temática, bibliografia, cronograma, carga horária, critério de avaliação, plano de apresentação pública de resultados, com anuência de docente supervisor(a) (mínimo 60 horas)– 04 créditos
- XIII. Estudo dirigido. Estudo dirigido ou grupo de estudo, com apresentação prévia ao Colegiado de um Programa de Atividades, contendo justificativa, temática, bibliografia, cronograma, carga horária, critério de avaliação, e anuência de docente do curso (mínimo 60 horas) – 01 crédito
- XIV. Corpo Editorial. Organização/participação em corpo editorial de periódico científico (mínimo 12 meses) – 02 créditos
- XV. Órgão colegiado. Participação em órgãos colegiados da universidade. (mínimo 02 semestres) – 02 créditos
- XVI. Protagonismo Social. Atividades de extensão em organizações da sociedade civil, juridicamente constituída e voltada para a atuação em áreas afins à Arqueologia e/ou Antropologia (direitos coletivos e difusos, patrimônio histórico e cultural, justiça ambiental, e outras). (mínimo 12 meses) – 02 créditos

§1º. A integralização de atividades complementares será permitida até um máximo de 16 créditos (240h).

§2º. Cada atividade complementar pode ser integralizada uma única vez.

§3º. O pedido de integralização das atividades complementares deverá ser feito até quatro semestres após o semestre letivo em que a atividade for finalizada.

Art. 16 Para integralização das atividades complementares listadas no Artigo 15º, devem ser apresentados os seguintes documentos e informações:

I – Atividade acadêmica à distância. Ser atividade com tema relacionado à formação em Arqueologia e/ou Antropologia. Certificado de conclusão, emitido por IES reconhecida, com indicação de carga horária.

II - Iniciação à Extensão: Relatório final de atividades com anuência de docente-orientador(a);

Regulamento do Curso de Graduação em Arqueologia

III - Iniciação à Docência. Comprovante de participação em programa de iniciação à docência ou relatório final de atividades com anuência de docente-orientador(a);

IV - Iniciação à Pesquisa. Relatório final de atividades com anuência de docente-orientador(a);

V - Participação em eventos locais ou regionais. Ser atividade com tema relacionado à formação em Arqueologia e/ou Antropologia. Certificado da apresentação oral ou pôster, ou de organização, emitido e assinado pela instituição promotora, constando título do trabalho, nome dos(as) autores(as), local e data do evento;

VI - Participação em eventos nacionais ou internacionais. Ser atividade com tema relacionado à formação em Arqueologia e/ou Antropologia. Certificado da apresentação oral ou pôster, ou de organização, emitido e assinado pela instituição promotora, constando título do trabalho, nome dos(as) autores(as), local e data do evento;

VII - Organização de eventos locais ou regionais. Ser atividade com tema relacionado à formação em Arqueologia e/ou Antropologia. Certificado de participação na comissão organizadora do evento, emitido e assinado pela instituição promotora, constando nome do evento, local e data de realização;

VIII - Organização de eventos nacionais ou internacionais. Ser atividade com tema relacionado à formação em Arqueologia e/ou Antropologia. Certificado de participação na comissão organizadora do evento, emitido e assinado pela instituição promotora, constando nome do evento, local e data de realização;

IX - Publicação de resenha. Ser atividade com tema relacionado à formação em Arqueologia e/ou Antropologia. Cópia integral do índice e do texto publicado, constando informações de título, volume e ano da publicação, além de ISSN do periódico ou ISBN do livro;

X - Publicação em anais. Ser atividade com tema relacionado à formação em Arqueologia e/ou Antropologia. Cópia integral do índice e do texto publicado, constando informações de título, volume e ano da publicação, além de ISSN do periódico ou ISBN do livro;

XI - Publicação de artigo. Ser atividade com tema relacionado à formação em Arqueologia e/ou Antropologia. Cópia integral do índice e do texto publicado, constando informações de título, volume e ano da publicação, além de ISSN do periódico ou ISBN do livro;

XII - Seminário em Antropologia e/ou Arqueologia. Relatório final da atividade, com anuência e nota final de docente responsável;

XIII - Estudo dirigido. Relatório final da atividade, com anuência e nota final de docente responsável;

XIV - Corpo Editorial. Declaração do órgão ou instituição atestando período de participação;

XV - Órgão colegiado. Declaração do órgão ou instituição atestando período de participação;

Regulamento do Curso de Graduação em Arqueologia

XVI - Protagonismo Social. Declaração do órgão ou instituição atestando período de participação.

TÍTULO III – DA GESTÃO DO CURSO

Art. 17 A gestão do curso de graduação em Arqueologia será realizada de forma integrada com o curso de graduação em Antropologia, através do Colegiado Integrado de Antropologia e Arqueologia.

Parágrafo único: O Colegiado Integrado de Antropologia e Arqueologia será responsável pela gestão do Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia, nos termos estabelecidos pelas Normas Gerais de Graduação da UFMG, especificamente no Artigo 30, Parágrafo 2º.

Art. 18 O Colegiado Integrado de Antropologia e Arqueologia terá a seguinte composição:

- I. Coordenadora(o);
- II. Subcoordenadora(r);
- III. 02 (duas/dois) docentes do Departamento de Antropologia e Arqueologia;
- IV. 01 (uma/um) docente do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, do Departamento de Filosofia ou do Departamento de Sociologia, em regime de alternância;
- V. Representação discente, na forma prevista no Estatuto (Art. 78) e no Regimento Geral da UFMG (Art.101, §§1º ao 5º).

§ 1º As(os) docentes previstos nos incisos III e IV deste artigo serão indicadas(os), juntamente com as(os) respectivas(os) suplentes, pelas Câmaras Departamentais pertinentes, para cumprimento de mandato vinculado de 02 (dois) anos, permitida a recondução.

§ 2º Quando o cálculo da representação discente resultar em fração, o número de representantes será o inteiro imediatamente superior, desde que esse número não ultrapasse 1/5 (um quinto) do total dos membros do órgão, já acrescido da representação.

§ 3º A escolha da(o) Coordenadora(r) ou da(o) Subcoordenadora(r), quando recair sobre os membros do Colegiado, implicará na indicação de nova representação para recompô-lo.

Art. 19 Até a eleição da(o) primeira(o) Coordenadora(r) e da(o) primeira(o) Subcoordenadora(r) do Colegiado, essas funções serão desempenhadas por Coordenadora(r) e Subcoordenadora(r) *pro tempore*, indicadas pela Diretoria da FAFICH.

Art. 20 Observadas as disposições da Resolução CEPE nº 10/2018, que trata da composição e das atribuições do Núcleo Docente Estruturante (NDE), o NDE do curso de graduação em Arqueologia será a instância de caráter consultivo do Curso que terá a seguinte composição:

- I- Presidente;
- II – Coordenadora(r) do Colegiado (membro nato);
- III – 04 (quatro) docentes do Departamento de Antropologia e Arqueologia.

Regulamento do Curso de Graduação em Arqueologia

§ 1º A(o) docente prevista(o) no inciso I deste artigo será eleita(o) pelo plenário do NDE, entre os seus membros, e terá mandato de 02 (dois anos).

§ 2º É permitida a recondução da Presidência.

§ 3º O mandato da(o) presidente será inferior a 02 (dois) anos quando o mandato desse membro, no órgão colegiado, vier a encerrar-se antes desse prazo.

§ 4º As(os) docentes previstos no inciso III serão eleitas(os) pelo plenário do Colegiado do curso para cumprimento de mandato de 04 (quatro) anos, permitida a recondução, de acordo com edital emitido pelo(a) Diretor(a) da Unidade.

TÍTULO IV – DO REGIME ACADÊMICO

CAPÍTULO I – DO REQUERIMENTO DE MATRÍCULA

Art. 21 A matrícula do(a) estudante deverá observar o número máximo de 28 créditos (420h) por período letivo, independente de seu percurso curricular.

Art. 22 Observadas as disposições da Resolução CEPE nº 01/2018, que trata da matrícula em atividades acadêmicas curriculares, deverão ser considerados os seguintes critérios adicionais para os(as) estudantes do curso de graduação em Arqueologia:

- I – Curso;
- II - Previsão em plano de estudos;
- III - Média de NSG;
- IV - Último NSG;
- V - Maior CH integralizada;
- VI - Menor CH integralizada;
- VII - Menor número de reprovações;
- VIII - Maior número de reprovações;
- IX - Obrigatoriedade no percurso.

Art. 23 A matrícula em atividade acadêmica, com quebra de pré-requisito, poderá ser autorizada pelo Colegiado observados os seguintes critérios:

- I – Necessidade de dar sequência ao Curso, no caso de estudante cujo ingresso tenha se dado por meio das modalidades de transferência, obtenção de novo título, reopção e continuidade de estudos;
- II – Sob justificativa acadêmica, com parecer docente elaborado a pedido do Colegiado.

CAPÍTULO II - DO TRANCAMENTO DE MATRÍCULA

Art. 24 Os requerimentos de trancamento parcial de matrícula com justificativa deverão ser apreciados pelo Colegiado do curso com base nos seguintes parâmetros:

Regulamento do Curso de Graduação em Arqueologia

I – Após deferimento dos requerimentos de trancamento parcial, o(a) estudante deverá permanecer matriculado(a) em número igual ou maior de créditos ao valor mínimo previsto para o percurso curricular ao qual ele(a) estiver vinculado(a), ressalvando-se os casos de regimes acadêmicos especiais previstos no Art. 102 das Normas Gerais de Graduação;

II - Poderão ser consideradas pelo Colegiado as seguintes justificativas para trancamento parcial de matrícula:

- a) problemas de saúde física e mental, seja de saúde pessoal ou saúde de familiar direto (pais, filhos ou cônjuges), com atestados de saúde e/ou demais comprovações pertinentes;
- b) circunstâncias profissionais temporárias, acompanhada de carta do empregador informando a situação e/ou demais comprovações pertinentes;
- c) vulnerabilidades socioeconômicas, com comprovações pertinentes;
- d) maternidade e adoção, com atestados de médico e/ou demais comprovações pertinentes.

Art. 25 Os requerimentos de trancamento total de matrícula com justificativa deverão ser apreciados pelo Colegiado do curso, com base nos seguintes parâmetros:

I – Problemas de saúde física e mental, seja de saúde pessoal ou saúde de familiar direto (pais, filhas(os) ou cônjuges), com atestado de saúde e/ou demais comprovações pertinentes;

II – Circunstâncias profissionais temporárias, acompanhada de carta do empregador informando a situação e/ou demais comprovações pertinentes;

III – Vulnerabilidades socioeconômicas, com comprovações pertinentes;

IV – Maternidade e adoção, com atestado médico e/ou demais comprovações pertinentes.

CAPÍTULO III – DO APROVEITAMENTO DE ESTUDOS E DA COMPROVAÇÃO DE CONHECIMENTOS

Art. 26 Para o(a) estudante que tiver deferida a solicitação de aproveitamento de atividades acadêmicas curriculares que tenham sido realizadas antes do seu ingresso no curso, devem ser considerados os seguintes parâmetros para formulação de seu plano de adaptação curricular:

I – Priorizar a matrícula nas atividades dos períodos inferiores;

II – Flexibilizar a matrícula nos primeiros semestres do(a) estudante na universidade a fim de atender matrícula em número mínimo de créditos.

Art. 27 Observadas as disposições da Resolução CEPE nº04/2019, que trata do exame de comprovação de conhecimentos, e do Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Arqueologia, não será aplicado tal exame para a seguinte atividade acadêmica curricular:

I. Monografia em Arqueologia.

Regulamento do Curso de Graduação em Arqueologia

Parágrafo único. O cumprimento da disciplina Monografia em Arqueologia, com a adequada orientação docente, constitui parte crucial do aprendizado da prática de pesquisa, não podendo, desse modo, ser substituído por exame de comprovação de conhecimento.

CAPÍTULO IV – DAS VAGAS REMANESCENTES

Art. 28 Observadas as disposições da Resolução CEPE Nº 14/2018, que trata do provimento de vagas remanescentes, deverão ser considerados os seguintes critérios adicionais para classificação dos requerimentos de reopção para o curso de graduação em Arqueologia:

I – menor quantidade de carga horária faltante para a integralização curricular no curso de graduação em Arqueologia;

II – melhor classificação quando do ingresso na UFMG;

Parágrafo único. O critério de afinidade de áreas, previsto no art. 11 da Resolução CEPE 14/2018, será baseado no cômputo do total de créditos de atividades acadêmicas curriculares de natureza obrigatória no curso de origem do requerente que são comuns ao curso de Arqueologia, sendo neste último integralizadas como optativas ou obrigatórias.

Art. 29 Observadas as disposições da Resolução CEPE nº 14/2018, que trata do provimento de vagas remanescentes, deverão ser considerados os seguintes critérios adicionais para classificação dos requerimentos de continuidade de estudos visando à obtenção de novo diploma em Bacharelado em Arqueologia.

I - melhor classificação quando do ingresso na UFMG;

II - afinidade de área entre curso concluído e curso de graduação em Arqueologia.

Parágrafo único. O critério de afinidade de áreas, previsto no inciso II do *caput* deste artigo será baseado no cômputo do total de créditos de atividades acadêmicas curriculares de natureza obrigatória no curso concluído pelo requerente que são comuns ao curso de Arqueologia, sendo neste último integralizadas como optativas ou obrigatórias.

CAPÍTULO V – DAS VAGAS ADICIONAIS

Art. 30 Observadas as disposições da Resolução CEPE nº 7/2019, que regulamenta o ingresso, como estudantes nos Cursos de Graduação da UFMG, de refugiados, asilados políticos, apátridas, portadores de visto temporário de acolhida humanitária, portadores de autorização de residência para fins de acolhida humanitária e outros imigrantes beneficiários de políticas humanitárias, será disponibilizada 01 (uma) vaga adicional por ano no curso de graduação em Arqueologia para essa modalidade de ingresso.

Art. 31 Serão disponibilizadas 01 vaga adicional por ano para matrícula de estudante convênio PEC-G e 02 vagas adicionais por ano para matrícula de indígenas, exceto em casos excepcionais aprovados pelas instâncias cabíveis.

Regulamento do Curso de Graduação em Arqueologia

TÍTULO V – DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 32 Este Regulamento entra em vigor nesta data.

Documento aprovado pela Câmara de Graduação em reunião extraordinária de 13/06/2023.

Pró-Reitor de Graduação

ANEXO 1 - ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES ACADÊMICAS CURRICULARES POR CAMPO DE CONHECIMENTO - Arqueologia

Campo do Conhecimento	Atividade Acadêmica Curricular	Natureza	Carga Horária	Créditos
Antropologia	Antropologia I	OB	60	4
Antropologia	Antropologia Brasileira	OB	60	4
Antropologia	Antropologia II	OB	60	4
Antropologia	Antropologia Biológica	OB	60	4
Antropologia	Antropologia III	OB	60	4
Antropologia	Fundamentos de Pesquisa Etnográfica	OB	60	4
Antropologia	Antropologia IV	OB	60	4
Antropologia	Antropologia das Elites	OP	60	4
Antropologia	Antropologia das Emoções	OP	60	4
Antropologia	Antropologia do Cristianismo	OP	60	4
Antropologia	Antropologia do Estado	OP	60	4
Antropologia	Antropologia do Gênero	OP	60	4
Antropologia	Antropologia do Licenciamento Ambiental	OP	60	4
Antropologia	Antropologia dos Conflitos	OP	60	4
Antropologia	Antropologia Econômica	OP	60	4
Antropologia	Antropologia em contextos de crise	OP	60	4
Antropologia	Antropologia, História e Arqueologia: relações, diálogos, intersecções	OP	60	4
Antropologia	Ecologia Política da Mineração	OP	60	4
Antropologia	Estudos Afro-Americanos	OP	60	4
Antropologia	Estudos Pós-Coloniais	OP	60	4
Antropologia	Gênero, Ciência e Saúde	OP	60	4
Antropologia	Laudos Antropológicos	OP	60	4
Antropologia	Leituras de Tim Ingold, Pierre Bourdieu e Merleau-Ponty	OP	60	4
Antropologia	Leituras Estruturalistas	OP	60	4
Antropologia	Memória e Oralidade	OP	60	4
Antropologia	Pensamento Decolonial	OP	60	4
Antropologia	Religiões de Matriz Africana	OP	60	4
Antropologia	Tópicos em Antropologia	OP	60	4
Antropologia	Antropologia da Religião e da Magia	OP	60	4
Antropologia	Antropologia das Artes e das Visualidades	OP	60	4
Antropologia	Estudos da Ciência e da Técnica	OP	60	4
Antropologia	Estudos de Campesinato, Etnicidade e Território	OP	60	4
Antropologia	Estudos de Gênero	OP	60	4
Antropologia	Estudos de Parentesco	OP	60	4
Antropologia	Estudos sobre Desenvolvimento, Estado e Poder	OP	60	4
Antropologia	Etnologia Indígena	OP	60	4
Antropologia	Raça e Etnicidade	OP	60	4
Antropologia/Arqueologia	Tópicos em Extensão	OP	60	4
Antropologia/Arqueologia	Patrimônio Cultural	OB	60	4
Antropologia/Arqueologia	Elaboração de Projeto de Pesquisa	OB	60	4
Antropologia/Arqueologia	Laboratório de Extensão	OP	60	4
Antropologia/Arqueologia	Marxismo: Antropologia e Arqueologia	OP	60	4
Antropologia/Arqueologia	Oficina de Comunicação em Arqueologia e Antropologia	OP	60	4
Arqueologia	Fundamentos de Arqueologia	OB	60	4
Arqueologia	Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano	OB	60	4
Arqueologia	Estudos de Cultura Material	OB	60	4
Arqueologia	Arqueologia Brasileira	OB	60	4
Arqueologia	Métodos e Técnicas de Pesquisa Arqueológica	OB	60	4
Arqueologia	Arqueologia e Coletivos Contemporâneos	OB	60	4
Arqueologia	Arqueologia do Mundo Moderno e Capitalismo	OB	60	4
Arqueologia	Legislação em Arqueologia	OB	30	2
Arqueologia	Oficina de Escrita em Arqueologia	OB	30	2
Arqueologia	Laboratório de Pesquisa em Arqueologia I	OB	60	4
Arqueologia	Teoria e Prática de Campo em Arqueologia	OB	60	4
Arqueologia	Arqueologia Americana	OB	60	4
Arqueologia	Laboratório de Pesquisa em Arqueologia II	OB	60	4
Arqueologia	Monografia em Arqueologia	OB	60	4
Arqueologia	Arqueologia da Paisagem	OP	60	4
Arqueologia	Arqueologia e Gênero	OP	60	4
Arqueologia	Arqueologia Egípcia	OP	60	4
Arqueologia	Arqueologia Urbana	OP	60	4

Arqueologia	Arqueologia, Ontologia e Relacionalidade	OP	60	4
Arqueologia	Arqueologia, Sentidos e Afetos	OP	60	4
Arqueologia	Arqueologias Indígenas e Colaborativas	OP	60	4
Arqueologia	Geoarqueologia	OP	60	4
Arqueologia	Grafismos Rupestres	OP	60	4
Arqueologia	Grupos Humanos através de seus Objetos	OP	60	4
Arqueologia	Leituras Arqueológicas de Etnologia	OP	60	4
Arqueologia	Mineração: Patrimônio, Ambiente e Arqueologia	OP	60	4
Arqueologia	Tópicos em Arqueologia	OP	60	4
Arqueologia	Oficina de Análise de Materiais Arqueológicos	OP	60	4
Filosofia	Introdução à Filosofia: Filosofia das Ciências Sociais	OB	60	4
Letras	Fundamentos de Libras	OP	60	4
Linguística	Linguística Antropológica	OB	60	4
Sociologia	Fundamentos de Análise Sociológica	OB	60	4
	Atividade Acadêmica à Distância	OP	60	4
	Corpo Editorial	OP	30	2
	Estudo dirigido	OP	15	1
	Participação em Eventos locais ou regionais	OP	15	1
	Organização de Eventos locais ou regionais	OP	15	1
	Participação em Eventos nacionais ou internacionais	OP	30	2
	Organização de Eventos nacionais ou internacionais	OP	30	2
	Iniciação à Docência	OP	60	4
	Iniciação à Extensão	OP	60	4
	Iniciação à Pesquisa	OP	60	4
	Órgão Colegiado	OP	30	2
	Protagonismo Social	OP	30	2
	Publicação de artigo	OP	60	4
	Publicação de resenha	OP	30	2
	Publicação em anais	OP	45	3
	Seminário em Antropologia e/ou Arqueologia	OP	60	4
	Estágio	OP	60	4
	Tópicos Avançados A	OP	15	1
	Tópicos Avançados B	OP	30	2
	Tópicos Avançados C	OP	45	3
	Tópicos Avançados D	OP	60	4

Legenda:

OB : Obrigatória

OP : Optativa

Coordenação não há - curso novo

Belo Horizonte, 15/05/2023

ANEXO 2 - ESTRUTURA CURRICULAR - Arqueologia

Período	Nº de ordem	Código	Atividade Acadêmica Curricular	Situação	Tipo	Modalidade de Oferta	Carga Horária					Total	Créditos	Percurso				Pré-requisitos	
							Teórica	Prática						Total	P1: NE + NG	P2: NE+NG+NA	P3: NE+NG+NC		P4: NE+NG+NC+NA
								LABORATÓRIO	CLÍNICA	CAMPO	TCC								
1	1	SOA048	Fundamentos de Análise Sociológica	I	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB		
	2	FIL035	Introdução à Filosofia: Filosofia das Ciências Sociais	I	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB		
	3	MTEXXX	Linguística Antropológica	C	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB		
	4	DAAXXX	Antropologia I	C	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB		
	5	DAAXXX	Fundamentos de Arqueologia	C	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB		
			Carga Horária Total/Créditos do Período								300	20							
2	6	DAAXXX	Antropologia Brasileira	C	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB		
	7	DAAXXX	Antropologia II	C	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB	4. Antropologia I	
	8	DAAXXX	Antropologia Biológica	C	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB		
	9	DAAXXX	Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano	C	DIG	P	45				15	60	4	OB	OB	OB	OB	5.Fundamentos de Arqueologia	
	10	DAAXXX	Estudos de Cultura Material	C	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB	5.Fundamentos de Arqueologia	
			Carga Horária Total/Créditos do Período								300	20							
3	11	DAAXXX	Antropologia III	C	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB	7.Antropologia II	
	12	DAAXXX	Fundamentos de Pesquisa Etnográfica	C	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB		
	13	DAAXXX	Patrimônio Cultural	C	DIG	P	45				15	60	4	OB	OB	OB	OB		
	14	DAAXXX	Arqueologia Brasileira	C	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB	9.Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano	
	15	DAAXXX	Métodos e Técnicas de Pesquisa Arqueológica	C	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB	5.Fundamentos de Arqueologia	
			Carga Horária Total/Créditos do Período								300	20							
4	16	DAAXXX	Antropologia IV	C	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB	11.Antropologia III	
	17	DAAXXX	Arqueologia e Coletivos Contemporâneos	C	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB	10.Estudos de Cultura Material	
			Carga de Optativas								180	12	OP	OP	OP	OP			
			Carga Horária Total/Créditos do Período								300	20							
5	18	DAAXXX	Elaboração de Projeto de Pesquisa	C	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB	17. Arqueologia e Coletivos Contemporâneos	
	19	DAAXXX	Arqueologia do Mundo Moderno e Capitalismo	C	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB	17. Arqueologia e Coletivos Contemporâneos	
	20	DAAXXX	Legislação em Arqueologia	C	DIG	P	30					30	2	OB	OB	OB	OB	17. Arqueologia e Coletivos Contemporâneos	
	21	DAAXXX	Oficina de Escrita em Arqueologia	C	DIG	P					30	30	2	OB	OB	OB	OB	17. Arqueologia e Coletivos Contemporâneos	
			Carga do Núcleo Complementar									60	4			NC	NC		
			Carga de Optativas									60	4			OP	OP		
			Carga Horária Total/Créditos do Período								120	8	OP	OP					
			Carga Horária Total/Créditos do Período								300	20							
6	22	DAAXXX	Laboratório de Pesquisa em Arqueologia I	C	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB	18. Elaboração de Projeto de Pesquisa	
	23	DAAXXX	Teoria e Prática de Campo em Arqueologia	C	DIG	P				60		60	4	OB	OB	OB	OB	18. Elaboração de Projeto de Pesquisa	
	24	DAAXXX	Arqueologia Americana	C	DIG	P	60					60	4	OB	OB	OB	OB	18. Elaboração de Projeto de Pesquisa	
			Carga do Núcleo Complementar									120	8			NC	NC		
			Carga de Optativas								120	8	OP	OP					

		Carga Horária Total/Créditos do Período										300	20						
7	25	DAAXX	Laboratório de Pesquisa em Arqueologia II	C	DIG	P	60						60	4	OB	OB	OB	OB	22. Laboratório de Pesquisa em Arqueologia I
			Carga do Núcleo Complementar										120	8			NC	NC	
			Carga do Núcleo Geral										60	4	NG		NG	NG	
			Carga de Optativas										60				OP	OP	
			Carga de Optativas										180	12	OP				
			Carga de Optativas										240	16		OP			
		Carga Horária Total/Créditos do Período										300	20						
8	26	DAAXX	Monografia em Arqueologia	C	DIG	P	60						60	4	OB	OB	OB	OB	25. Laboratório de Pesquisa em Arqueologia II
			Carga do Núcleo Complementar										60	4			NC	NC	
			Carga do Núcleo Avançado										60	4		NA		NA	
			Carga do Núcleo Geral										60	4		NG			
			Carga de Optativas										120	8		OP		OP	
			Carga de Optativas										180	12			OP		
			Carga de Optativas										240	16		OP			
		Carga Horária Total/Créditos do Período										300	20						

Relação de Atividades Optativas																		
Nº de ordem	Código	Atividade Acadêmica	Situação	Tipo	Modalidade de Oferta	Carga Horária					Total	Créditos	Percursos				Pré-requisitos	
						Prática							P1: NE + NG	P2: NE+NG+NA	P3: NE+NG+NC	P4: NE+NG+NC+NA		
						Teórica	LABORATORIO	CLÍNICA	CAMPO	TCC								OUTROS
27	DAAXX	Antropologia das Elites	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
28	DAAXX	Antropologia das Emoções	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
29	DAAXX	Antropologia do Cristianismo	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
30	DAAXX	Antropologia do Estado	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
31	DAAXX	Antropologia do Gênero	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
32	DAAXX	Antropologia do Licenciamento Ambiental	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
33	DAAXX	Antropologia dos Conflitos	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
34	DAAXX	Antropologia Econômica	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
35	DAAXX	Antropologia em contextos de crise	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
36	DAAXX	Antropologia, História e Arqueologia: relações, diálogos, intersecções	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
37	DAAXX	Arqueologia da Paisagem	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
38	DAAXX	Arqueologia e Gênero	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
39	DAAXX	Arqueologia Egípcia	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
40	DAAXX	Arqueologia Urbana	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
41	DAAXX	Arqueologia, Ontologia e Relacionalidade	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
42	DAAXX	Arqueologia, Sentidos e Afetos	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
43	DAAXX	Arqueologias Indígenas e Colaborativas	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
44	DAAXX	Ecologia Política da Mineração	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
45	DAAXX	Estudos Afro-Americanos	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	
46	DAAXX	Estudos Pós-Coloniais	C	DIG	P	60						60	4	G1	G1	G1	G1	

Legenda:

A : Atividade Alterada
C : Atividade Criada
I : Atividade Incluída
M : Atividade Mantida

P1 Percurso 1
P2 Percurso 2
P3 Percurso 3
P4 Percurso 4

DIG : Disciplina
ETG : Estágio
EVG : Evento
PGG : Programa

PJG : Projeto
NE: Núcleo Específico
NG: Núcleo Geral
NA: Núcleo Avançado
NC: Núcleo Complementar

OB : Obrigatória
OP : Optativa

P : Presencial
D : A Distância
P/D : Presencial/A Distância
P e D : Presencial e A Distância

Belo Horizonte, 14/04/2023

Coordenação: não há - curso novo

**ANEXO 3 - DETALHAMENTO DA OFERTA DE ATIVIDADES ACADÊMICAS
CURRICULARES COM CARGA HORÁRIA A DISTÂNCIA - Arqueologia**

Relação de Atividades com Carga Horária a Distância				
Código	Atividade Acadêmica Curricular	Carga Horária		
		Não Presencial	Presencial	Total
LET223	Fundamentos de Libras	60		60
DAAXXX	Atividade Acadêmica à Distância*	60		60
Percentual de carga horária não presencial em relação à carga horária total do curso: 5%				

Belo Horizonte, 11/04/2023

Coordenação: não há - curso novo

ANEXO 4 - DETALHAMENTO DA CARGA HORÁRIA DE EXTENSÃO - Arqueologia

Relação de Atividades Acadêmicas Curriculares que Integralizam a Extensão					
Código	Atividade Acadêmica Curricular	Carga Horária	Natureza	Vinculação da Atividade Acadêmica Curricular ao SIEX	
				Título do(a) Projeto / Programa / Prestação de Serviço / Curso / Evento	Número do Registro no SIEX
DAAXXX	Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano	60	OB	Programa de Educação Ambiental e Patrimonial - MHNJB/UFMG	500082
DAAXXX	Patrimônio Cultural	60	OB	Construindo histórias locais, pensando questões globais: as comunidades tradicionais atingidas pelo Parque Nacional da Serra do Cipó (MG)	402167
DAAXXX	Tópicos em Extensão	60	OP	Educação sem Homofobia: Capacitação de Educadores da Rede Pública	400232
DAAXXX	Laboratório de Extensão	60	OP	Projeto - MAPEAMENTO DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS EM MINAS GERAIS: VISIBILIZAÇÃO E INCLUSÃO SOCIOPOLÍTICA	401659
DAAXXX	Grupos Humanos Através de seus Objetos	60	OP	Formação Patrimonial e Geoarqueológica para os condutores do Parque Cavernas do Peruaçu - Januária e Itacarambi, Minas Gerais	404606
DAAXXX	Oficina de Comunicação em Arqueologia e Antropologia	60	OP	Processo de queima cerâmica: Arqueologia e Educação	402970
DAAXXX	Iniciação à Extensão	60	OP		
DAAXXX	Protagonismo Social	30	OP		
DAAXXX	Organização de eventos locais ou regionais	15	OP		
DAAXXX	Organização de eventos nacionais ou internacionais	30	OP		
Percentual de carga horária de extensão em relação à carga horária total do curso:			mínimo 10% (240h, sendo 120h em OB e 120 em OP)		

Legenda:

OB : Obrigatória
OP : Optativa

Belo Horizonte, 15/04/2023

Coordenação: não há - curso novo

ANEXO 5 - EXIGÊNCIAS LEGAIS COMUNS AOS CURSOS DE GRADUAÇÃO - Arqueologia

Parâmetro Legal	Conteúdo	Atividade Acadêmica Curricular	Carga Horária	Modalidade de Oferta	Natureza
Decreto Nº 5626/2005	Libras	LET223 - Fundamentos de Libras	60	D	OP
Resolução CNE/CP Nº 01/2012	Direitos Humanos	DAAXXX - Antropologia I	60	P	OB
		DAAXXX - Fundamentos de Arqueologia	60	P	OB
		DAAXXX - Fundamentos de Pesquisa Etnográfica	60	P	OB
		DAAXXX - Arqueologia e Coletivos Contemporâneos	60	P	OB
		DAAXXX - Estudos de campesinato, etnicidade e território	60	P	OP
		DAAXXX - Etnologia Indígena	60	P	OP
		DAAXXX - Arqueologia e Gênero	60	P	OP
		DAAXXX - Arqueologias Indígenas e Colaborativas	60	P	OP
		DAAXXX - Mineração: Patrimônio, Ambiente e Arqueologia	60	P	OP
		DAAXXX - Leituras Arqueológicas de Etnologia	60	P	OP
		DAAXXX - Ecologia Política da Mineração	60	P	OP
		DAAXXX - Laudos Antropológicos	60	P	OP
		DAAXXX - Raça e Etnicidade	60	P	OP
		DAAXXX - Laboratório de Extensão	60	P	OP
Resolução CNE/CP Nº 02/2012	Educação Ambiental	DAAXXX - Patrimônio Cultural	60	P	OB
		DAAXXX - Legislação em Arqueologia	30	P	OB
		DAAXXX - Métodos e Técnicas de Pesquisa Arqueológica	60	P	OB
		DAAXXX - Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano	60	P	OB
		DAAXXX - Mineração: Patrimônio, Ambiente e Arqueologia	60	P	OP
		DAAXXX - Ecologia Política da Mineração	60	P	OP
		DAAXXX - Antropologia do Licenciamento Ambiental	60	P	OP
DAAXXX - Laudos Antropológicos	60	P	OP		
Resolução CNE/CP Nº 01/2004	Educação para as Relações Étnico-raciais	DAAXXX - Antropologia I	60	P	OB
		DAAXXX - Antropologia Brasileira	60	P	OB
		DAAXXX - Patrimônio Cultural	60	P	OB
		DAAXXX - Arqueologia e Coletivos Contemporâneos	60	P	OB
		DAAXXX - Estudos de campesinato, etnicidade e território	60	P	OP
		DAAXXX - Etnologia Indígena	60	P	OP
		DAAXXX - Raça e Etnicidade	60	P	OP
		DAAXXX - Leituras Estruturalistas	60	P	OP
		DAAXXX - Estudos Afro-Americanos	60	P	OP
		DAAXXX - Arqueologia e Gênero	60	P	OP
		DAAXXX - Arqueologias Indígenas e Colaborativas	60	P	OP
		DAAXXX - Mineração: Patrimônio, Ambiente e Arqueologia	60	P	OP
		DAAXXX - Leituras Arqueológicas de Etnologia	60	P	OP
		DAAXXX - Religiões de Matriz Africana	60	P	OP
		DAAXXX - Pensamento Decolonial	60	P	OP
DAAXXX - Laudos Antropológicos	60	P	OP		

Legenda:

OB : Obrigatória
OP : Optativa

P : Presencial
D : A Distância
P/D : Presencial/A Distância
P e D : Presencial e A Distância

ANEXO 7 - INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR - - Arqueologia

Percurso Curricular	Tempo Padrão em Semestres	Carga Horária p/ Matrícula por Semestre		Núcleos Curriculares												Total
				Núcleo Específico						Núcleo Complementar	Núcleo Avançado	Núcleo Geral				
				Obrigatório	Optativo		Estágio									
				C. Horária	C. Horária		C. Horária		C. Horária		C. Horária		C. Horária			
					Mín.	Máx.	Mín.	Máx.	Mín.	Máx.	Mín.	Máx.	Mín.	Máx.		
Percurso 1: Núcleo Específico e Núcleo Geral	8	180	420	1500	840	840	0	0	0	0	0	0	60	60	2400	
Percurso 2: Núcleo Específico, Núcleo Geral e Núcleo Avançado	8	180	420	1500	780	780	0	0	0	0	60	60	60	60	2400	
Percurso 3: Núcleo Específico, Núcleo Geral e Núcleo Complementar	8	180	420	1500	480	480	0	0	360	360	0	0	60	60	2400	
Percurso 4: Núcleo Específico, Núcleo Geral, Núcleo Complementar e Núcleo Avançado	8	180	420	1500	420	420	0	0	360	360	60	60	60	60	2400	

Belo Horizonte, 15/04/2023

Coordenação: não há -curso novo

ANEXO 8 - EXIGÊNCIA DE CARGA HORÁRIA NOS SUBGRUPOS DE OPTATIVAS (Quando aplicável) - - Arqueologia

Percurso Curricular	Subgrupos de Optativas									
	G1		G2		G3		G4		G5	
	Mín.	Máx.	Mín.	Máx.	Mín.	Máx.	Mín.	Máx.	Mín.	Máx.
Percurso 1: Núcleo Específico e Núcleo Geral	540	720	120	300	0	240	0	0	120	240
Percurso 2: Núcleo Específico, Núcleo Geral e Núcleo Avançado	480	660	120	300	0	240	60	60	120	240
Percurso 3: Núcleo Específico, Núcleo Geral e Núcleo Complementar	300	360	120	180	0	60	0	0	120	240
Percurso 4: Núcleo Específico, Núcleo Geral, Núcleo Complementar e Núcleo Avançado	300	300	120	120	0	0	60	60	120	240

Código / Nome do Subgrupo de Optativas
G1 - Optativas Gerais
G2 - Optativas Práticas
G3 - Atividades complementares (subgrupo de G1)
G4 - Núcleo Avançado
G5 - Formação em extensão universitária (Subgr. de G1)

Belo Horizonte, 14/04/2023

Coordenação: não há - curso novo

ANEXO 12 - ANUÊNCIA DEPARTAMENTAL

Do Departamento de: Antropologia e Arqueologia
 Para o Curso de: Arqueologia
 Turno de Oferta¹: Noturno

Sr(a). Coordenador(a):

Informamos que a Câmara Departamental analisou em sua reunião de 22/03/2023 a solicitação desse Colegiado, quanto às atividades abaixo relacionadas, com as seguintes características:

Atividade Acadêmica Curricular	Natureza	Período	Carga Horária						Total	Créditos	Pré-requisitos	Modalidade de Oferta	Conhecimentos Prévios (indicar quando houver)	Nº Máximo de Alunos por Turma	Necessidade de Matrícula Prévia	Regime Especial ³	Exame Especial ⁴
			Teórica	Prática													
				LABORATÓRIO	CLÍNICA	CAMPO ²	TOC	OUTROS									
Antropologia I Anthropology I	OB	1	60						60	4				SIM	SIM	SIM	
Fundamentos de Arqueologia Fundamentals of Archaeology	OB	1	60						60	4				SIM	SIM	SIM	
Antropologia Brasileira Brazilian Anthropology	OB	2	60						60	4				SIM	SIM	SIM	
Antropologia II Anthropology II	OB	2	60						60	4	Antropologia I			SIM	SIM	SIM	
Antropologia Biológica Biological Anthropology	OB	2	60						60	4				SIM	SIM	SIM	
Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano Archaeology of human development processes	OB	2	45					15	60	4	Fundamentos de Arqueologia			SIM	SIM	SIM	
Estudos de Cultura Material Studies of Material Culture	OB	2	60						60	4	Fundamentos de Arqueologia			SIM	SIM	SIM	
Antropologia III Anthropology III	OB	3	60						60	4	Antropologia II			SIM	SIM	SIM	
Fundamentos de Pesquisa Etnográfica Fundamentals of Ethnographic Research	OB	3	60						60	4				SIM	SIM	SIM	
Patrimônio Cultural Cultural Heritage	OB	3	45					15	60	4				SIM	SIM	SIM	
Arqueologia Brasileira Brazilian Archaeology	OB	3	60						60	4	Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano			SIM	SIM	SIM	
Métodos e Técnicas de Pesquisa Arqueológica Archaeological Research Methods and Techniques	OB	3	60						60	4	Fundamentos de Arqueologia			SIM	SIM	SIM	
Antropologia IV Anthropology IV	OB	4	60						60	4	Antropologia III			SIM	SIM	SIM	
Arqueologia e Coletivos Contemporâneos Archaeology and Contemporary Collectives	OB	4	60						60	4	Estudos de Cultura Material			SIM	SIM	SIM	
Elaboração de Projeto de Pesquisa Construction of Research Project	OB	5	60						60	4	Arqueologia e Coletivos Contemporâneos			SIM	SIM	SIM	
Arqueologia do Mundo Moderno e Capitalismo Archaeology of the Modern World and Capitalism	OB	5	60						60	4	Arqueologia e Coletivos Contemporâneos			SIM	SIM	SIM	
Legislação em Arqueologia Laws in Archaeology	OB	5	30					30	30	2	Arqueologia e Coletivos Contemporâneos			SIM	SIM	SIM	
Oficina de Escrita em Arqueologia Workshop of Writing in Archaeology	OB	5						30	30	2	Arqueologia e Coletivos Contemporâneos			SIM	SIM	SIM	
Laboratório de Pesquisa em Arqueologia I Research in Archaeology I	OB	6	60						60	4	Elaboração de Projeto de Pesquisa			SIM	SIM	SIM	
Teoria e Prática de Campo em Arqueologia Theory and Practice in Field Archaeology	OB	6	0			60			60	4	Elaboração de Projeto de Pesquisa			SIM	SIM	SIM	
Arqueologia Americana Archaeology of the Americas	OB	6	60						60	4	Elaboração de Projeto de Pesquisa			SIM	SIM	SIM	
Laboratório de Pesquisa em Arqueologia II Research in Archaeology II	OB	7	60						60	4	Laboratório de Pesquisa em Arqueologia I			SIM	SIM	SIM	
Monografia em Arqueologia Dissertation in Archaeology	OB	8	60						60	4	Laboratório de Pesquisa em Arqueologia II			SIM	SIM	SIM	
Antropologia das Elites Anthropology of Elites	OP		60						60	4				SIM	SIM	SIM	
Antropologia das Emoções Anthropology of Emotions	OP		60						60	4				SIM	SIM	SIM	
Antropologia do Cristianismo Anthropology of Christianity	OP		60						60	4				SIM	SIM	SIM	
Antropologia do Estado Anthropology of the State	OP		60						60	4				SIM	SIM	SIM	
Antropologia do Gênero Anthropology of Gender	OP		60						60	4				SIM	SIM	SIM	
Antropologia do Licenciamento Ambiental Anthropology of Environmental Impact Assessment	OP		60						60	4				SIM	SIM	SIM	
Antropologia dos Conflitos Anthropology of Conflicts	OP		60						60	4				SIM	SIM	SIM	
Antropologia Econômica Economic Anthropology	OP		60						60	4				SIM	SIM	SIM	
Antropologia em contextos de crise Anthropology in Contexts of Crisis	OP		60						60	4				SIM	SIM	SIM	
Antropologia, História e Arqueologia: relações, diálogos, interseções Anthropology, History and Archaeology: relationships, dialogues, intersections	OP		60						60	4				SIM	SIM	SIM	
Arqueologia da Paisagem	OP		60						60	4				SIM	SIM	SIM	

Participação em Eventos nacionais ou internacionais Participation in International or National Event	OP							30	30	2					P				NÃO	NÃO	NÃO
Organização de Eventos locais ou regionais Organization of Local or Regional Event	OP							15	15	1					P				NÃO	NÃO	NÃO
Organização de Eventos nacionais ou internacionais Organization of International or National Event	OP							30	30	2					P				NÃO	NÃO	NÃO
Iniciação à Docência Initiation to Teaching	OP	30						30	60	4					P				NÃO	NÃO	NÃO
Iniciação à Extensão Initiation to Extensionism	OP	30						30	60	4					P				NÃO	NÃO	NÃO
Iniciação à Pesquisa Initiation to Research	OP	30						30	60	4					P				NÃO	NÃO	NÃO
Órgão Colegiado Collegiate Board	OP							30	30	2					P				NÃO	NÃO	NÃO
Protagonismo Social Social Protagonism	OP							30	30	2					P				NÃO	NÃO	NÃO
Publicação de artigo Paper publication	OP	60							60	4					P				NÃO	NÃO	NÃO
Publicação de resenha Review publication	OP	30							30	2					P				NÃO	NÃO	NÃO
Publicação em anais Congress Proceedings	OP	45							45	3					P				NÃO	NÃO	NÃO
Seminário em Antropologia e/ou Arqueologia Seminar in Anthropology and/or Archaeology	OP	60							60	4					P				NÃO	NÃO	NÃO
Estágio Internship	OP							60	60	4					P				NÃO	NÃO	NÃO
Tópicos Avançados A Advanced Topics A	OP	15							15	1					P				SIM	SIM	SIM
Tópicos Avançados B Advanced Topics B	OP	30							30	2					P				SIM	SIM	SIM
Tópicos Avançados C Advanced Topics C	OP	45							45	3					P				SIM	SIM	SIM
Tópicos Avançados D Advanced Topics D	OP	60							60	4					P				SIM	SIM	SIM

Sendo o pedido:

Deferido

Indeferido

Observações:

A(s) ementa(s) da(s) atividade(s) listada(s) consta(m) no projeto pedagógico do curso.

Comentários:

¹As anuências deverão ser solicitadas para os turnos Diurno e Noturno, quando for o caso.

²A carga horária de Campo deverá ser registrada, quando aplicável, nos termos das Diretrizes Curriculares Nacionais do curso.

³Quando a indicação for "Não", deverá ser apresentada justificativa.

⁴Quando a indicação for "Não", deverá ser apresentada justificativa, bem como estratégias alternativas que serão utilizadas para recuperação.

Legenda:

OB : Obrigatória

OP : Optativa

P : Presencial

D : A Distância

P/D : Presencial/A Distância

P e D : Presencial e A Distância

Belo Horizonte, 11/04/2023

Chefe do Departamento: Rogerio Duarte do Pateo



ANEXO 12 - ANUÊNCIA DEPARTAMENTAL

Do Departamento de: Métodos e Técnicas de Ensino / FAE

Para o Curso de: Antropologia / Arqueologia / Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Turno de Oferta¹: Noturno

Sr(a). Coordenador(a):

Informamos que a Câmara Departamental **analisou** em sua reunião de 04 / 04 / 2023 a solicitação desse Colegiado, quanto às atividades abaixo relacionadas, com as seguintes características:

Atividade Acadêmica Curricular	Natureza	Período	Carga Horária							Total	Créditos	Pré-requisitos	Modalidade de Oferta	Conhecimentos Prévios (indicar quando houver)	Nº Máximo de Alunos por Turma Prática	Necessidade de Matrícula Prévia	Regime Especial ³	Exame Especial ⁴
			Teórica	Prática														
				LABORATÓRIO	CLÍNICA	CAMPO ²	TCC	OUTROS										
Linguística Antropológica Anthropological Linguistics	OB	1	60	0	0	0	0	0	60	4	não há	P	não há	não se aplica	SIM	SIM	SIM	

Sendo o pedido:

Deferido

Indeferido

Observações:

Esclarecemos que a disciplina deve possuir código MTE

Comentários:

¹As anuências deverão ser solicitadas para os turnos Diurno e Noturno, quando for o caso.

²A carga horária de Campo deverá ser registrada, quando aplicável, nos termos das Diretrizes Curriculares Nacionais do curso.

³Quando a indicação for "Não", deverá ser apresentada justificativa.

⁴Quando a indicação for "Não", deverá ser apresentada justificativa, bem como estratégias alternativas que serão utilizadas para recuperação.

Legenda:

OB : Obrigatória

OP : Optativa

P : Presencial

D : A Distância

P/D : Presencial/A Distância

P e D : Presencial e A Distância

Belo Horizonte, 04 / 04 / 2023

Chefe do Departamento:

**Maria de Fatima Almeida
Martins:18752675300**

Assinado de forma digital por

Maria de Fatima Almeida

Martins:18752675300

Dados: 2023.04.10 16:44:35 -03'00'

ANEXO 12 - ANUÊNCIA DEPARTAMENTAL

Do Departamento de Filosofia
 Para o Curso de: Arqueologia / Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia
 Turno de Oferta¹: Noturno

Sr(a). Coordenador(a):

Informamos que a Câmara Departamental analisou em sua reunião de 27.03.23 a solicitação desse Colegiado, quanto às atividades abaixo relacionadas, com as seguintes características:

Atividade Acadêmica Curricular	Natureza	Período	Carga Horária						Total	Créditos	Pré-requisitos	Modalidade de Oferta	Conhecimentos Prévios (indicar quando houver)	Nº Máximo de Alunos por Turma Prática	Necessidade de Matrícula Prévia	Regime Especial ²	Exame Especial ⁴
			Teórica		Prática												
			laboratório	clínica	campo	trç	turnos										
Introdução à Filosofia: Filosofia das Ciências Introduction to Philosophy: Philosophy of Science	OB	1	60	0	0	0	0	0	60	4	não há	P	não há	não se aplica	SIM	SIM	SIM

Sendo o pedido:

Deferido Indeferido

Observações:

Comentários:

- ¹As anuências deverão ser solicitadas para os turnos Diurno e Noturno, quando for o caso.
- ²A carga horária de Campo deverá ser registrada, quando aplicável, nos termos das Diretrizes Curriculares Nacionais do curso.
- ³Quando a indicação for "Não", deverá ser apresentada justificativa.
- ⁴Quando a indicação for "Não", deverá ser apresentada justificativa, bem como estratégias alternativas que serão utilizadas para recuperação.

Legenda:	
OB : Obrigatória	P : Presencial
OP : Opativa	D : A Distância
	P/D : Presencial/A Distância
	P e D : Presencial e A Distância

Belo Horizonte, _____ Chefe do Departamento: *[Assinatura]*



ANEXO 12 - ANUÊNCIA DEPARTAMENTAL

Do Departamento de: Sociologia
 Para o Curso de: Arqueologia / Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia
 Turno de Oferta¹: Noturno

Sr(a). Coordenador(a):

Informamos que a Câmara Departamental **analisou** em sua reunião de 15/09/22 a solicitação desse Colegiado, quanto às atividades abaixo relacionadas, com as seguintes características:

Atividade Acadêmica Curricular	Natureza	Período	Carga Horária						Total	Créditos	Pré-requisitos	Modalidade de Oferta	Conhecimentos Prévios (indicar quando houver)	Nº Máximo de Alunos por Turma Prática	Necessidade de Matrícula Prévia	Regime Especial ³	Exame Especial ⁴
			Teórica	Prática													
				LABORATÓRIO	CLÍNICA	CAMPO ²	TCC	OUTROS									
Fundamentos de Análise Sociológica Foundations of Sociological Analysis	OB	1	60	0	0	0	0	0	60	4	não há	P	não há	não se aplica	SIM	SIM	SIM

Sendo o pedido:

Deferido Indeferido

Observações:

Comentários:

- ¹As anuências deverão ser solicitadas para os turnos Diurno e Noturno, quando for o caso.
²A carga horária de Campo deverá ser registrada, quando aplicável, nos termos das Diretrizes Curriculares Nacionais do curso.
³Quando a indicação for "Não", deverá ser apresentada justificativa.
⁴Quando a indicação for "Não", deverá ser apresentada justificativa, bem como estratégias alternativas que serão utilizadas para recuperação.

Legenda:	
OB : Obrigatória	P : Presencial
OP : Optativa	D : A Distância
	P/D : Presencial/A Distância
	P e D : Presencial e A Distância

Belo Horizonte, 27/03/23

Chefe do Departamento:


 Prof. Dimitri Fazito de Almeida Rezende

ANEXO 14 - PREVISÃO DE CONTRATAÇÃO DOCENTE (Quando aplicável) - - Arqueologia

Departamento	Número de Docentes por Ano/Semestre																			
	2020		2021		2022		2023		2024		2025		2026		2027		2028		2029	
	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º
Antropologia e Arqueologia (concurso a ser realizado)							1													

Belo Horizonte, 15/04/2023

Coordenação: não há, curso novo

Ementário¹

FIL 035 – Introdução à Filosofia: Filosofia das Ciências Sociais

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Filosofia

Ementa:

Positivismo funcionalista; hermenêutica de Dilthey; Sociologia compreensiva de Weber; Sociologia dialético-materialista de Marx; o esgotamento dos paradigmas clássicos e os novos paradigmas.

Syllabus (Introduction to Philosophy: Philosophy of Social Sciences):

Functionalist positivism; Dilthey's hermeneutics; Weber's Comprehensive Sociology; Marx's dialectical-materialist sociology; the exhaustion of the classic paradigms and the new paradigms.

Bibliografia básica:

COMTE, August. 1988. Curso de filosofia positiva. Trad.: José A. Giannotti. São Paulo: Nova Cultural.

DILTHEY, Wilhelm. 2010. Introdução às ciências humanas. Vol. 1. Trad.: Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

DURKHEIM, Émile. 2010. As regras do método sociológico. Trad.: Eduardo L. Nogueira. Lisboa: Presença.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2012. Antropologia Estrutural. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify.

WEBER, Max. 1991. A 'Objetividade' do Conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política. In: Max Weber: Sociologia. Trad.: Gabriel Cohn. São Paulo: Ática. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

WEBER, Max. 2002. Conceitos básicos de Sociologia. Trad.: Rubens E. F. Frias e Gerard G. Delaunay. São Paulo: Centauro.

Bibliografia complementar:

ARON, Raymond. 2003. As etapas do pensamento sociológico. Trad.: Sérgio Bath. São Paulo: Martins Fontes.

LÉVY-BRUHL, Lucien. 2008. A mentalidade primitiva. Trad. J. Swmjolo. São Paulo: Paulus.

CASSIRER, Ernst. 1994. Ensaio sobre o Homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana. Trad.: T. R. Bueno. São Paulo: Martins Fontes, p. 9-43.

CHALMERS, Alan F. 1993. O que é ciência, afinal? Trad.: R. Fiker. São Paulo: Brasiliense, p. 23-45.

¹ Uma vez que as Atividades Acadêmicas Curriculares ofertadas pelo Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA) terão toda numeração nova (pois é um código novo que visa integrar todas ofertas de AACs do Departamento), optamos aqui em organizar o ementário de modo que a nova numeração tenha consistência lógica com a natureza das AAC (Obrigatórias e diferentes subgrupos de optativas). As disciplinas obrigatórias seguem a ordem de oferta por período acadêmico, o que contribui para a organização dos planos de estudo de estudantes e da gestão do curso. As AACs de natureza optativa estão em ordem alfabética dentro de cada subgrupo de optativas, também no intuito de contribuir para a melhor organização e gestão estudantil e do Colegiado.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

MTE XXX – Linguística Antropológica

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Subsetor de Ensino de Língua Portuguesa/ Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino/ FAE

Ementa:

Linguística Antropológica e seus temas de investigação multidisciplinares. Introdução ao estudo dos fenômenos da linguagem. Relações entre língua/linguagem e mente. Relações entre língua/linguagem e cultura. Universais linguísticos e relativismo linguístico. Multilinguismo, variação e diversidade linguística: aspectos sociais e políticos. Discurso, identidades e representações. Língua/linguagem, tradição e memória. Noção de contexto e sua repercussão conceitual e metodológica. A produção de sentidos: dimensões semânticas e pragmáticas. Oralidade e escrita. Descrição de sistemas linguísticos.

Syllabus (Anthropological Linguistics)

Anthropological Linguistics and its multidisciplinary research themes. Introduction to the study of language phenomena. Relations between language/languages and mind. Relations between language/languages and culture. Linguistic universals and linguistic relativism. Multilingualism, linguistic variation and diversity: social and political aspects. Discourse, identities and representations. Language/languages, tradition and memory. Notion of context and its conceptual and methodological repercussions. The production of meanings: semantic and pragmatic dimensions. Orality and writing. Description of linguistic systems.

Bibliografia básica:

ALÉONG, Stanley. 2001. Normas linguísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: BAGNO, Marcos (org.) Norma linguística. São Paulo: Loyola, p. 145-74.

BRAGGIO, Sílvia L. B. 2018. Estudos de Línguas e Educação Indígena. Campinas, SP: Pontes.

D'ANGELIS, Wilmar R.; NOBRE, Domingos. 2020. Experiências brasileiras em revitalização das línguas indígenas. Campinas: Curt Nimuendaju.

DURANTI, Alessandro Antropologia linguística. 2000. Madrid: Cambridge University Press.

GENERRE, Maurizio. 1985. Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. 2003. Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola.

ROCKWELL, Elsie. 2010. Culturas orais ou múltiplos letramentos? A escrita em contextos de bilinguismo. In: MARINHO, Marildes; Carvalho, Gilcinei. Cultura escrita e letramento. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 101-124.

STORTO, Luciana. 2019. Línguas indígenas: tradição, universais e diversidade. Campinas: Mercado das Letras.

STREET, Brian. 2014. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação, São Paulo: Parábola Editorial.

Bibliografia complementar:

BAGNO, Marcos. 2009. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola.

BIGONJAL-BRAGGIO, Sílvia Lúcia. 1999. Contribuições da Linguística para o ensino de línguas. Goiânia: Editora UFG.

CALVET, Louis J. 2007. As políticas linguísticas. São Paulo: Parábola Editorial, IPOL.

CANCLINI, Nestor. 2011. Culturas híbridas. São Paulo: Edusp.

CESAIRE, A. 2020. Discurso sobre o colonialismo. São Paulo: Veneta.

FRANCHETTO, Bruna; BALYKOVA, K. 2020. Índio não fala só tupi: uma viagem pelas línguas dos povos originários no Brasil. Rio de Janeiro: 7 letras.

FERREIRA, Marília. 2013. Tradições Oraís de Línguas Indígenas. Campinas, SP: Pontes.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

LODI, Ana Cláudia B. et al.. 2002. Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação.

LUCCHESI, Dante. 2004. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (org.) Linguística da norma. São Paulo: Loyola, p. 63-92

MIRANDA, Shirley; GOMES, Nilma. 2018. Diálogos entre sujeitos, práticas e conhecimentos. Belo Horizonte: Mazza Edições.

PEREIRA, Vera Lúcia F. 1996. O artesão da memória no Vale do Jequitinhonha, UFMG/PUC-Minas.

RIBEIRO, Djamilia. 2019. Lugar de Fala. São Paulo: Pólen.

SILVA, Sidney S. 2011. Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil. Campinas, São Paulo: Pontes.

SOA048 – Fundamentos de Análise Sociológica

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Sociologia

Ementa:

Sociedade e Indivíduo; Socialização e Interação; Papéis, Status e Classes Sociais.

Syllabus (Foundations of Sociological Analysis)

Society and Individual; Socialization and Interaction; Roles, Status and Social Classes.

Bibliografia básica:

BERGER, Peter. 1976. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, cap. 4 e cap. 5.

BERGER, Peter. 2002. A sociologia como passatempo individual. In: Perspectivas Sociológicas: Uma visão humanística. Petrópolis: Vozes.

BERMAN, Marshall. 1992. Tudo que é sólido desmancha no ar: Marx, Modernismo e Modernização. In: Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras.

BOUDON, R. et Al.. 2001. Dicionário de sociologia. São Paulo: Ática.

DURKHEIM, Émile. 1978. As formas elementares da vida religiosa. In: Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural.

DURKHEIM, Emile. 1978. As regras do método sociológico. In: Durkheim. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural.

DURKHEIM, Emile. 2004. Da divisão do trabalho social. São Paulo: Martins Fontes.

FERNANDES, Florestan. 1974. O que é Sociologia? Elementos de sociologia teórica. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

GIDDENS, Anthony. 1978. Método sociológico: sua aplicação em suicídio. In: As idéias de Durkheim. São Paulo: Editora Cultrix.

GIDDENS, Anthony. 2005. A diferenciação social e a divisão do trabalho. In: Capitalismo e moderna teoria social. Lisboa: Editorial Presença.

GIDDENS, Anthony. 2005. A teoria do desenvolvimento capitalista. In: Capitalismo e moderna teoria social. Lisboa: Editorial Presença.

GIDDENS, Anthony. 2005. Capitalismo e moderna teoria social. Lisboa: Editorial Presença.

GOFFMAN, E. 2002. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes.

INKELES, Alex. 1971. A perspectiva sociológica. In: O que é sociologia? São Paulo: Pioneira.

LARAIA, R. 1986. Cultura - um conceito antropológico. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

LÉVI-STRAUSS, C. 1982. Natureza e Cultura. In: Estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

MARX, Karl. 1983. Burgueses e Proletários (Manifesto do Partido Comunista). In: FERNANDES, F., K. Marx, F. Engels: História. São Paulo: Ática.

MARX, Karl. 1946. Prefácio. In: Contribuição à Crítica da Economia Política. Trad. Florestan Fernandes. São Paulo: Flama.

QUINTANEIRO, Tânia, BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira, OLIVEIRA, Márcia Gardênia. 2003. Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber. Rev. amp. Belo Horizonte: Editora, UFMG.

TURNER, H. 1999. A natureza e as origens da sociologia. In: Sociologia conceitos e aplicações. São Paulo: Makron Books.

WEBER, Max. 1996. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Pioneira.

WEBER, Max. 2001. A objetividade do conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política. In: Metodologia das Ciências Sociais, parte 1, São Paulo: Cortez e Editora da Unicamp.

WRIGHT MILLS, C. 1975. Do artesanato intelectual. In: A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar.

DAA XXX – Antropologia I

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Introdução ao campo de estudos da antropologia, à construção de seus objetos de conhecimento e à especificidade da abordagem antropológica, sua contribuição à educação para as relações etnicorraciais e sua relação com os direitos humanos. Apresentação dos principais métodos da antropologia (etnografia, observação participante e método comparativo) e de conceitos centrais da disciplina (etnocentrismo e alteridade; relativismo e universalismo; noções de raça e suas críticas, noções de cultura). Panorama da emergência da antropologia com foco nas correntes evolucionista e difusionista. Introdução à escola culturalista norte-americana e seus desdobramentos. Unidades: 1) Conceitos básicos e introdução aos métodos da antropologia; 2) Emergência da antropologia, evolucionismo e Difusionismo; 3) Culturalismo Norte-Americano.

Syllabus (Anthropology I)

Introduction to the field of anthropology, to the construction of its objects and to the specificity of the anthropological approach, its contribution to education for ethnic-racial relations and its relationship with human rights. The course offers the students an overview of the main anthropological methods (ethnography, participant observation and the comparative method) and of the concepts central to the discipline (ethnocentrism and alterity; relativism and universalism; debates about race and conceptualizations of culture). It also presents the early years of the history of the discipline, including the emergence of anthropology with focus on evolutionist and diffusionist schools and the North-American culturalist school. Units: 1) Basic concepts and introduction to the methods of anthropology; 2) Emergence of anthropology, evolutionism and diffusionism; 3) North-American Culturalist Anthropology.

Bibliografia básica:

BENEDICT, Ruth. 2013 [1934]. Padrões de cultura. Petrópolis: Vozes.

BOAS, Franz. 2004. Antropologia cultural. Rio de Janeiro: Zahar.

CASTRO, Celso (org.). 2005. Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Zahar.

FRAZER, James. 1982 [1890/1978]. O ramo de ouro (edição resumida por Mary Douglas). Rio de Janeiro: Zahar.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1976 [1952]. Raça e história. In: Antropologia estrutural dois. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 328-366.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

MALINOWSKI, Bronislaw. 1976 [1922]. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In: Os argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores), p. 17-34.

MEAD, Margaret. 1979 [1935]. Sexo e temperamento em três sociedades primitivas. São Paulo: Perspectiva (Coleção Debates).

Bibliografia complementar:

BATESON, Gregory. 2008 [1936]. Naven. São Paulo: Edusp.

BENEDICT, Ruth. 2019 [1946]. O crisântemo e a espada. Petrópolis: Vozes.

BOAS, Franz. 2011 [1938]. A mente do ser humano primitivo. Petrópolis: Vozes.

BOAS, Franz. 2014 [1955]. Arte primitiva. Petrópolis: Vozes.

CARDOSO DE OLIVEIR, Roberto (org.). 1991. A Antropologia de Rivers. Campinas: Unicamp.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2009. "Cultura" e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: Cultura com aspas. São Paulo: Cosac Naify, p. 311-373.

CASTRO, Celso (org.). 2015. Cultura e personalidade: Margaret Mead, Ruth Benedict e Edward Sapir. Rio de Janeiro: Zahar.

CÉSAIRE, Aimé. 1956 [2011]. Cultura e colonização. In: M. R. Sanches (org.). Malhas que os impérios tecem. Lisboa: Edições 70, p. 253-272.

CLASTRES, Hélène. 1980 [1978]. "Primitivismo e ciuência do homem no século XVIII", Discurso 13: 187-209.

CLASTRES, Pierre. 1968. Entre o silêncio e o diálogo. In: Lévi-Strauss (Série L'Arc). São Paulo: Documentos, p. 87-90.

CLASTRES, Pierre. 2003 [1969]. Copérnico e os selvagens. In: A sociedade contra o estado. São Paulo: Cosac Naify, p. 23-41.

CORRÊA, Mariza. 2003. "Introdução" e "O espartilho da minha avó: linhagens femininas na antropologia. In: Antropólogas e antropologia. Belo Horizonte, Ed. UFMG.

CUNHA, Euclides da. 1902 [1998]. Os sertões (campanha de Canudos). Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Itatiaia.

DAMATTA, Roberto. 1981. Relativizando: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco.

DIOP, Cheikh Anta. 2015 [1959]. Unidade Cultural da África negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Lisboa: Pedagogo.

ENGELS, Friedrich. 1964 [1884]. As origens da família, da propriedade privada e do estado. Rio de Janeiro: Editorial Vitória.

HERSKOVITS, Melville J. 1963 [1949]. Man and his works: antropologia cultural. São Paulo: Mestre Jou (2 vols.).

HURSTON, Zora-Neale. 2019 [1950]. "O que os editores brancos não publicarão", Ayé: Revista de Antropologia 1 (1): 106-111.

INGOLD, Tim. 2016 [1992]. "Editorial", Antropolítica 40 (1): 309-314.

INGOLD, Tim. 2019 [2018]. Antropologia: para que serve? Petrópolis: Vozes.

JUNOD, Henri-Alexandre. 2009 [1912]. Usos e costumes dos Bantu. Campinas: Unicamp.

KLUCKHOHN, Clyde. 1963 [1949]. Antropologia – um espelho para o homem. Belo Horizonte: Itatiaia.

KLUCKHOHN, Clyde; MURRAY, Henry & SCHNEIDER, David M. 1965 [1948]. Personalidade: na natureza, na sociedade e na cultura. Belo Horizonte: Itatiaia (2 vols.).

KROEBER, Alfred. 1993 [1917]. A natureza da cultura. Lisboa: Edições 70.

KUPER, Adam. 2002 [1999] Cultura: a visão dos antropólogos. Bauru: Edusc.

KUPER, Adam. 2008 [1988]. A reinvenção da sociedade primitiva. Recife: UFPE.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

- LAPLANTINE, François. 2003 [1987]. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense.
- LARAIA, Roque Barros. 1986. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1976 [1962]. Jean-Jacques Rousseau, fundador das ciências do homem. In: Antropologia estrutural dois. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 41-51.
- LINTON, Ralph. 1977 [s/d]. Condicionamento sociocultural da personalidade. In: Luiz PEREIRA & Maria M. FORACCHI (Orgs.). Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação (Parte II: a educação como processo social). São Paulo: Cia. Editora Nacional, p. 49-69.
- MEAD, Margareth. 1971 [1949]. Macho e fêmea: um estudo dos sexos num mundo em transformação. Petrópolis: Vozes.
- MINER, Horace. s/d [1956]. "Ritos corporais entre os Nacirema" (mimeo). 6 p.
- MINTZ, Sidney. 2010 [1982]. "Cultura: uma visão antropológica", Tempo 14 (28): 223-237.
- MONTAIGNE, Michel de. 2010 [1580]. Sobre os Canibais. In: Os ensaios: uma seleção. São Paulo: Penguin Companhia, p. 139-157.
- MORGAN, Lewis Henry. 2014 [1877]. A sociedade antiga. Lisboa / São Paulo: Presença / Martins Fontes (Coleção Síntese).
- NEIBURG, Federico & GOLDMAN, Marcio. 1999. "Antropologia e política nos estudos de caráter nacional", Anuário Antropológico 97, p. 103-138.
- NINA RODRIGUES, Raymundo. 2006 [1900]. O Animismo fetichista dos negros baianos. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. 1978 [1952]. "O método comparativo em antropologia social", in: MELATTI, Julio Cezar Melatti (org.). Radcliffe-Brown: Antropologia. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais), p. 43-58.
- REDFIELD, Robert. 1949 [1941]. Civilização e cultura de folk. São Paulo: Martins.
- REDFIELD, Robert. 1962. O mundo primitivo e suas transformações. Rio de Janeiro: Centro de Publicações Técnicas da Aliança.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. 1978. Do contrato social [1762]; Ensaio sobre a origem das línguas [1781]. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores).
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. 1993. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens [1755]; Discurso sobre as ciências e as artes [1750]. São Paulo: Martins Fontes.
- SAPIR, Edward. 2012 [1924]. "Cultura: autêntica e espúria", Sociologia & Antropologia 2 (4): 35-60.
- STADEN, Hans. 2010 [1557]. Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil. Porto Alegre: L&PM.
- STEWART, Julian. 2010 [1949]. "A população nativa da América do Sul", Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia 10: 303-315.
- STOCKING, George (Org.). 2004 [1999]. Franz Boas: a formação da antropologia americana, 1883-1911. Rio de Janeiro: Contraponto / UFRJ.
- VIERTLER, Renate B. 1988. Ecologia cultural: uma antropologia da mudança. São Paulo: Ática.

DAA XXX - Fundamentos de Arqueologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

Caracterização da disciplina da arqueologia em termos de seus propósitos e de seu objeto de estudo. Relação da arqueologia com a história, com a antropologia e com os direitos humanos. Arqueologia e interdisciplinaridade. Os subcampos e subdisciplinas da arqueologia. A história

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

do pensamento arqueológico. As questões de gênero na produção do conhecimento arqueológico.

Syllabus (Fundamentals of Archaeology)

Characterization of the discipline according to its goals and subject. The relationships between archaeology, anthropology, history and human rights. Archaeology and interdisciplinarity. The subfields and subdisciplines of archaeology. The history of archaeological thought. Gender issues in the production of archaeological knowledge.

Bibliografia obrigatória

BICHO, N. F. 2006. *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*. Lisboa: Edições 70.

FUNARI, P. 2018. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto.

GERO, J. 1999. Sociopolítica y la ideología de la mujer-en-casa. In *Arqueología y Teoría Feminista: Estudios sobre mujeres y cultura material en arqueología*, editado por Colomer, L.; P. G. Marcén; S. Montón & M. Picazo. Barcelona: Icaria Editorial, p: 341-355.

RENFREW, C.; BAHN, P. 1998. *Arqueología. Teoría, Métodos y Práctica*. Torrejon de Ardoz: Ed. Akal.

SMITH, Claire (ed). 2014. *Encyclopedia of Global Archaeology*. 11 volumes. New York: Springer.

TRIGGER, B. 2011. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus.

Bibliografia complementar

BINFORD, L. 1983. *Em Busca do Passado*. Lisboa: Publicações Europa-América.

GAMBLE, C. 2002. *Arqueologia Básica*. Barcelona: Editorial Ariel.

GERO, Joan & Margaret Conkey. 1991. *Engendering Archaeology: Women and Prehistory*. Boston: Wiley-Blackwell.

JOHNSON, M. 2000. *Teoría Arqueológica: una introducción*. Barcelona: Editorial Ariel.

RATHZ, P. 1985. *Convite à Arqueologia*. Rio de Janeiro: Editora Imago.

DAA XXX - Antropologia Brasileira

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Apresentação e discussão de estudos antropológicos feitos no Brasil, sobre o Brasil, e por antropólogos e antropólogas brasileiras. Devem ser abordados os principais estilos e temas desenvolvidos pela disciplina e seus antecedentes no país. Num plano secundário, poderá também ser investigada a relação entre a história da Antropologia e as ideologias da identidade nacional construídas durante os séculos XIX e XX. A disciplina aborda temas que passam pela educação das relações étnico-raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena.

Syllabus (Brazilian Anthropology)

An introduction to – and debates about – anthropological studies made in Brazil, about Brazil, and authored by Brazilian anthropologists. The course should engage with the main styles and themes developed in the country by the discipline and its forerunners. Secondarily, the course may also engage with the relationship between the history of anthropology and the ideologies of national identity built in the 19th and 20th Centuries. The course addresses topics relating to education and ethnic-racial relations and the teaching of Afro-Brazilian, African and Amerindian history and culture.

Bibliografia básica:

CUNHA, Euclides da. 1998 [1902]. *Os sertões (campanha de Canudos)*. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Itatiaia.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

DA MATTA, Roberto. 1997 [1981]. Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar.

GONZALEZ, Lélia. 1984. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Ciências Sociais Hoje 2: 223-44.

Bibliografia complementar:

ANDRADE, Oswald de. 1976. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. Petrópolis: Vozes.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. 2014 [1936]. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.

CÂNDIDO, Antônio. 2001 [1964]. Os parceiros do Rio Bonito. São Paulo: 34.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1988. Sobre o pensamento antropológico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / Brasília: CNPq.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2009. Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify.

CUNHA, Olivia M. G. da 2002. Intenção e gesto: pessoa, cor e a produção cotidiana da (in)diferença no Rio de Janeiro, 1927-1942. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.

FAORO, Raymundo. 2001 [1958]. Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro. Porto Alegre: Globo.

FERNANDES, Florestan. 1975. A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios. Petrópolis: Vozes.

FERNANDES, Rubem César. 1984. "Religiões populares: Uma visão parcial da literatura recente", BIB 18: 3-26.

FONSECA, Claudia Lee. 2000. Família, fofoca e honra. Porto Alegre: UFRGS.

FREYRE, Gilberto. 2003 [1933]. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro: Global.

GALVÃO, Eduardo. 1955. Santos e visagens: a vida religiosa em Itá, Amazônia. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

GEIGER, Amir. 1999. Uma antropologia sem métier: primitivismo e crítica cultural no modernismo brasileiro. Tese de doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ (Rio de Janeiro).

GUERREIRO RAMOS, Alberto. 1954. "O problema do negro na sociologia brasileira", Nosso Tempo 2(2): 189-220.

LEITE LOPES, José Sérgio. 1976. O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MELATTI, Julio Cesar. 1983 [2007]. "A Antropologia no Brasil: Um roteiro", Série Antropologia 38: 1-64.

MONTERO, Paula. 2004. Antropologia no Brasil: Tendências e debates. In: TRAJANO FILHO, Wilson & LINS RIBEIRO, Gustavo (Orgs). O campo da antropologia no Brasil. Rio de Janeiro: Contracapa/ABA, p. 117-42.

MUNANGA, Kabengele. 1999. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes.

NASCIMENTO, Abdias do. 1968 [1950]. O negro revoltado. Rio de Janeiro: Edições GRD.

NINA RODRIGUES, Raymundo. 2006 [1900]. O animismo fetichista dos negros baianos. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional

NOGUEIRA, Oracy. 1985 [1954]. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. In: Tanto Preto quanto branco: Estudos de relações raciais. São Paulo: T.A. Queiroz, p. 57-93.

PALMEIRA, Moacir & HERÉDIA, Beatriz. 1996 [2010]. Política ambígua. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/NUAP.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

PEIRANO, Mariza. 2000. "Antropologia como ciência social no Brasil", *Etnográfica* 4 (2): 219-232.

PIERSON, Donald. 1951 [1966]. *Cruz das Almas*. Rio de Janeiro: José Olympio.

PRADO JÚNIOR, Caio. 2018 [1942]. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Companhia das Letras.

QUERINO, Manuel. 1980 [1918]. "O colono preto como fator da civilização brasileira", *Afro-Ásia* 13: 143-58.

RAMOS, Arthur. 1934 [1940]. *O negro brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

REESINK, Mísia & BIVAR CAMPOS, Roberta. 2014. A geopolítica da antropologia no Brasil, ou como a província vem se submetendo ao Leito de Procusto. In: SCOTT, Parry; BIVAR CAMPOS, Roberta & PEREIRA, Fabiana (Orgs.). *Rumos da antropologia no Brasil e no mundo: geopolíticas disciplinares*. Recife: EdUFPE / ABA, p. 55-81.

RIBEIRO, Darcy. 1995. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

SANCHIS, Pierre. 1997. "As religiões dos brasileiros", *Horizonte* 1 (2): 28-43.

SANCHIS, Pierre. 2007. "As ciências sociais da religião no Brasil", *Debates do NER* 8 (11): 7-20.

SCHWARCZ, Lília K. Moritz. 1993. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras.

TORRES, Heloísa Alberto. 2004 [1950]. "Alguns aspectos da indumentária da crioula baiana", *Cadernos Pagu* 23: 413-467.

VILHENA, Luis Rodolfo da Paixão. 1997. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro: Funarte/FGV.

ZANOTTA MACHADO, Lia. 2018. A antropologia brasileira: um triplo itinerário?. In: SIMIÃO, Daniel S. Simião & FELDMAN-BIANCO, Bel (Orgs.). *O campo da antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Contracapa/ABA, p. 285-309.

DAA XXX - Antropologia II

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Formação básica em teoria antropológica, focando nas tradições francesa e inglesa. A escola sociológica francesa e seus desdobramentos. As escolas britânicas, incluindo o estrutural-funcionalismo e o funcionalismo, bem como seus desenvolvimentos, como o neo-estruturalismo britânico e a escola de Manchester. Unidades: 1) Escola sociológica francesa; 2) Estrutural-funcionalismo e funcionalismo; 3) Escola de Manchester e outros desenvolvimentos da escola britânica.

Syllabus (Anthropology II)

The course continues the basic training in anthropological theory, focusing on French and English traditions. Presenting the French School of Sociology and its developments; British Structural-Functionalism and Functionalism; and later developments of the British tradition, such as neo-structuralism and the Manchester school. Units: 1) French School of Sociology; 2) Structural-functionalism and functionalism; 3) Manchester School and other developments of the British tradition.

Bibliografia básica:

DOUGLAS, Mary. 1976 [1966]. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva (Coleção Debates).

DOUGLAS, Mary. 1998 [1986]. *Como as instituições pensam*. São Paulo: EdUSP.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

DOUGLAS, Mary. 1999 [1987]. "Os Lele revisitados, 1987: acusações de feitiçaria à solta", *Mana* 5 (2): 7-30.

DURKHEIM, Émile. 2000 [1912]. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. 2002 [1940]. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva (Coleção Estudos).

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. 2005 [1937/1976]. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande* (edição resumida por Eva Gilles). Rio de Janeiro: Zahar.

GLUCKMAN, Max. 1987 [1958]. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: Bela FELDMAN-BIANCO (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas. Métodos*. São Paulo: Global, p. 227-344.

LEACH, Edmund. 2014 [1954]. *Sistemas políticos na Alta Birmânia*. São Paulo: Edusp.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1975 [1944]. *Uma teoria científica da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1976 [1922]. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores).

MALINOWSKI, Bronislaw. 2008 [1926]. *Crime e Costume na Sociedade Selvagem*. Brasília: UnB.

MALINOWSKI, Bronislaw. 2013 [1927]. *Sexo e repressão nas sociedades selvagens*. Petrópolis: Vozes.

MALINOWSKI, Bronislaw. 2020 [1948]. *Magia, ciência e religião*. São Paulo: Ubu.

MAUSS, Marcel. 2003 [1925]. Ensaio sobre a dádiva. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, p. 185-314.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. 2013. [1952] *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes.

Bibliografia complementar:

BARNES, J. A. 1987 [1969]. Redes e processo político. In: Bela FELDMAN-BIANCO (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas. Métodos*. São Paulo: Global, p. 159-194.

BARTH, Frederic. 2000. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contracapa.

BARTH, Frederic. 2005 [1995]. "Etnicidade e o conceito de cultura", *Antropolítica* 19: 15-30.

BATAILLE, Georges. 2016 [1933]. A noção de dispêndio. In: *A parte maldita, precedida de "A Noção de dispêndio"*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 17-33.

CAVALCANTI, Maria Laura (org.). 2014. *Ritual e performance: 4 estudos clássicos*. Rio de Janeiro: 7Letras.

DAMATTA, Roberto (org.). 1983. *Edmund Leach: antropologia*. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais);

DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron. 2004 [1976]. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ.

DURHAM, Eunice (org.). 1986. *Malinowski: Antropologia*. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel. 1981 [1903]. Algumas Formas primitivas de classificação. In: Marcel MAUSS. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva (Coleção Estudos), p. 399 - 455.

DURKHEIM, Émile. 1973 [1895]. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Nacional.

DURKHEIM, Émile. 1999 [1893]. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes.

DURKHEIM, Émile. 2000 [1897]. *O suicídio*. São Paulo: Martins Fontes.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. 1978 [1965]. *Antropologia social da religião*. Rio de Janeiro: Campus.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. 1985 [1972]. *Antropologia social*. Lisboa: Edições 70.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

FERNANDES, Florestan. 2006 [1952]. A função social da guerra na sociedade Tupinambá. São Paulo: Globo.

FIRTH, Raymond. 1978 [1938]. Tipos humanos. São Paulo: Mestre Jou.

FIRTH, Raymond. 1998 [1957]. Nós, os Tikopia. São Paulo: Edusp.

FORDE, Daryll & DOUGLAS, Mary. 1972 [1956]. Economia primitiva. In: SHAPIRO, Harry L. (org.). Homem, cultura e sociedade. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, p. 427-441.

FORTES, Meyer. 1996 [1983]. "Édipo e Jó na África Ocidental", Cadernos de Campo 5 (5-6): 217-250.

FORTES, Meyer. 2011 [1958]. O ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. Brasília: UnB (Série Tradução). 26 p.

GLUCKMAN, Max. 2011 [1963]. Rituais de rebelião no sudoeste da África. Brasília: UnB (Série Tradução). 34 p.

HALBWACHS, Maurice. 1968 [1950]. A memória coletiva. São Paulo: Centauro.

HERTZ, Robert. 2016 [1970]. Sociologia religiosa e folclore. Petrópolis: Vozes.

HUBERT, Henri & MAUSS, Marcel. 1981 [1899]. Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício. In: Marcel MAUSS. Ensaio de Sociologia. São Paulo: Perspectiva (Coleção Estudos), p. 141-228.

HUBERT, Henri & MAUSS, Marcel. 2003 [1903]. Esboço de uma teoria geral da magia. In: Mauss MAUSS. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, p. 49-181.

HUBERT, Henri. 2016 [1905]. Estudo Sumário da Representação do tempo na religião e na Magia. São Paulo: Edusp (Biblioteca Durkheimiana).

LEACH, Edmund R. 1978 [1976]. Cultura e comunicação: a lógica pela qual os símbolos estão ligados. Rio de Janeiro: Zahar.

LEACH, Edmund R. 2000 [1981]. "Once a knight is quite enough: como nasce um cavaleiro britânico", Mana 6(1): 31-56.

LEACH, Edmund R. 2001 [1961]. Repensando a antropologia. São Paulo: Perspectiva (Coleção Debates).

LEIRIS, Michel. 2007 [1934]. África fantasma. São Paulo: Cosac Naify.

LEIRIS, Michel. 2017 [1938]. "O sagrado na vida cotidiana", Debates do NER 31: 15-25.

LÉVY-BRUHL, Lucien. 2008 [1922]. A mentalidade primitiva. São Paulo: Paulus.

LIENHARDT, Godfrey. 1972 [1956]. Religião. In: SHAPIRO, Harry L. (org.). Homem, cultura e sociedade. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, p. 407-426.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1982 [1929]. A vida sexual dos selvagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

MAUSS, Marcel. 1981 [1968]. Ensaio de Sociologia. São Paulo: Perspectiva (Coleção Estudos).

MAUSS, Marcel. 2017 [1904]. A origem dos poderes mágicos nas sociedades australianas. São Paulo: Edusp (Biblioteca Durkheimiana).

MAUSS, Mauss. 2003 [1950]. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify.

MELATTI, Júlio César. 1995. Radcliffe-Brown: Antropologia. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. s/d [1935]. "Sobre o conceito de 'função' em ciência social" (mimeo). 9 p.

RODRIGUES, Josué Albertino (org.). 1984. Émile Durkheim: sociologia. São Paulo: Ática (coleção Grandes Cientistas Sociais).

SIMIAND, François. 2016 [1934]. A moeda, realidade social. São Paulo: Edusp (Biblioteca Durkheimiana).

TARDE, Gabriel. 2007 [1895]. Monadologia e sociologia. São Paulo: Cosac Naify.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

TURNER, Victor. 2005 [1967]. Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu. Niterói: EdUFF.

TURNER, Victor. 2008 [1974]. Drama, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: EdUFF.

TURNER, Victor. 2012 [1982]. "Liminal ao liminoide: em brincadeira, fluxo e ritual", *Mediações* 17 (2): 214-257.

TURNER, Victor. 2013 [1969]. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes.

VAN GENNEP, Arnold. 1977 [1908]. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes.

VAN VELSEN, Joan. 1987 [1967]. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: Bela FELDMAN-BIANCO (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas. Métodos*. São Paulo: Global, p. 345-374.

VARGAS, Eduardo Viana. 2000. Antes Tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais. Rio de Janeiro: Contracapa.

DAA XXX - Antropologia Biológica

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Introdução aos estudos de antropologia biológica, contemplando fundamentos de morfologia humana, microevolução humana, paleopatologia humana, diversidade biológica e caracterização de populações, genética humana e transformações culturais do corpo.

Syllabus (Biological Anthropology)

Introduction to bio-anthropological studies, including basics of human morphology, human microevolution, human paleopathology, biological diversity and population description, human genetics and cultural body transformations.

Bibliografia básica:

GASPAR NETO, Verlan Valle & DA-GLÓRIA, Pedro. (orgs.). 2019. Dossiê Antropologia Biológica. *Ciência e Cultura* 71(2): 20-21.

DA-GLÓRIA, Pedro; NEVES, Walter & HUBBE, Mark. Lagoa Santa. 2016. *História das Pesquisas Arqueológicas e Paleontológicas*. São Paulo: AnnaBlume..

MADRIGAL DIAZ, Lorena & GONZÁLEZ-JOSÉ, Rolando. 2017. *Introdução à Antropologia Biológica*. Puerto Madryn: Associação Latino-Americana de Antropologia Biológica.

NEVES, Walter & PILÓ, Beethoven. 2008. *O Povo de Luzia. Em busca dos primeiros americanos*. Rio de Janeiro: Ed. Globo.

SUSANNE, Charles; REBATO, Esther & CHIARELLI, Brunetto. 2014. *Antropologia Biológica. Evolução e biologia humana*. Lisboa: Instituto Piaget.

DAA XXX - Arqueologia dos processos de desenvolvimento humano

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

A disciplina abordará as questões da hominização e da dispersão dos grupos humanos desde a África em direção à Ásia, Europa e Austrália, assim como a capacidade cognitiva e tecnológica desses grupos ao longo do tempo. Suas adaptações aos diversos ecossistemas, seus distintos modos de vida serão discutidos a partir dos textos propostos, além da neolitização, do desenvolvimento do pensamento simbólico, passando pelas arquiteturas das primeiras cidades. Nas discussões sobre adaptações aos ecossistemas, serão abordados fundamentos de

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

educação ambiental, através da crítica à oposição entre humanidade e natureza e do destaque a diversas formas de interação de populações e seu ambiental dito natural, que contrastam com as práticas do mundo industrial contemporâneo. A ideia é dar um panorama dos processos de desenvolvimento da humanidade, com uma perspectiva crítica acerca das concepções do humano e do discurso de gênero nelas implícito. Fará uso de abordagens ligadas à formação extensionista, incitando a reflexão sobre a extroversão do conhecimento sobre a história de povoamento do planeta.

Syllabus (Archaeology of human development processes)

This discipline presents the issues about hominization and dispersion of hominid groups from Africa towards Asia, Europe and Australia, as well as about cognitive capacities and technology of such human and hominin groups through out time. Their adaptation to various ecosystems, their distinct ways of living will be discuss from bibliography, as well development of symbolic thought, neolitization process, first cities architecture. Environmental education will be discussed, based on critics on humanity/nature opposition and through emphasis on interactions between human communities and their environment. The aim is to offer a panorama about humanity development processes, with a critical perspective about conceptions of humanity and gender discourse within them. It will promote an extensionist approach focusing on extroversion of archaeological knowledge related to the history of the peopling of the planet.

Bibliografia básica:

ABRANTES, Paulo C., Nelio Bizzo, Fabrício R. SANTOS, Bernard WOOD, Pedro DA-GLORIA, Lucas Henriques Viscardi, Maria Cátira Bortolini, Lúcia C. Neco, Peter J. Richerson, João ZILHÃO, Claudia RODRIGUES-CARVALHO, Telmo PIEVANI, Rafael Bisso-MACHADO, Tábita HÜNEMEIER, Maria Cátira BORTOLINI, Hilton P. SILVA, Francisco M. SALZANO, Silviene Fabiana DE OLIVEIRA, Ana Carolina ARCANJO, Nilda Maria DINIZ Rojas, Niéde GUIDON, Gustavo Leal TOLEDO, Maria Emília YAMAMOTO, Wallisen TADASHI HATTORI, Felipe Nalon CASTRO, Anuska Irene DE ALENCAR, Fábio PORTELA L. ALMEIDA, Carlos Arturo PLAZAS e Alejandro ROSAS. 2014. A Evolução Humana, Ciência e Ambiente, 48. Janeiro/junho.

CUNHA Eugenia. 2010. Como nos tornamos humanos. Editora Imprensa da Universidade de Coimbra. 2.ª edição. (disponível no Laboratório de Tecnologia Lítica – MHNJB-UFMG)

LEAKEY R., LEWIS R. O povo do lago. 1996. O Homem e suas origens, natureza e futuro. Editora UNB. (número FAFICH: 573.3L435p.Pg1996)

LEROI-GOURHAN A. 1984. Evolução e Técnica; I. O Homem e a matéria. Lisboa Edições 70. (disponível nas bibliotecas da FAE, FAFICH e MHNJB-UFMG)

MITHEN, Steven J.. 2002. A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. São Paulo: Ed. Unesp, 425p. ISBN 8571394385 (disponível na biblioteca da FAICH-UFMG).

NEVES W; RANGEL JUNIOR M.J., MURRIETA R.S. 2015. Assim caminhou a humanidade. NEVES W. Assim caminhou a humanidade. Palas Athena, São Paulo. (disponível no Laboratório de Tecnologia Lítica – MHNJB-UFMG)

Bibliografia complementar:

Cauvin J. 1997. Naissance des divinités, naissances de l'agriculture. Nouvelle Edition Empreintes de l'Homme. CNR. Paris. (disponível no Laboratório de Tecnologia Lítica – MHNJB-UFMG)

DE BEAUNE, Sophie A. & Antoine BALZEAU. 2016. Notre préhistoire: La grande aventure de la famille humaine. Belin.

SCARRE Chris (ed.). 2013. The Human Past: World Prehistory & the Development of Human Societies Thames &Hudson, LTD., London. 3a Edition.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

DAA XXX - Estudos de Cultura Material

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

Partindo do pressuposto que a Cultura Material antes de ser uma fisicalidade objetiva é uma substância fluida definida a partir de redes de relação sendo um elemento fundamental para mediar e ordenar as próprias redes de relação, a disciplina Estudos de Cultura Material busca discutir como a materialidade negocia e é negociada dentro das sociedades humanas e não humanas. A disciplina busca também discutir as implicações éticas das diferentes linhas de pensamento que discutem a Cultura Material dentro da Arqueologia e do uso de conceitos como sujeito, objeto, materialidade, agência.

Syllabus (Studies of Material Culture)

Starting from the assumption that Material Culture before being an objective physicality is a fluid substance defined from networks of relationship and that material culture is a fundamental element to mediate and order the relationship networks themselves, the discipline Studies of Material Culture seeks discuss how materiality negotiates and is negotiated within human and non-human societies. The discipline also seeks to discuss the ethical implications of the different lines of thought that discuss Material Culture within Archaeology and the use of concepts such as subject, object, materiality, agency.

Bibliografia básica:

INGOLD, T. 2013. Los Materiales contra la materialidad. Papeles de Trabajo, Año 7, n° 11, p. 19-39.

LIMA, T. 2011. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.- abr.

MENESES, U. 1983. A cultura Material no Estudo das Sociedades Antigas. Revista de História, NS n.115, p. 103-117.

Bibliografia Complementar.

BARAD, K. 2003. Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter. *Signs* 28 (3): 801–31.

BOIVIN, N. 2004. Mind over matter? Collapsing the mind-matter dichotomy in material culture studies. In *Rethinking Materiality: The Engagement of Mind with the Material World*, eds. E. DeMarrais, C. Gosden, & C. Renfrew. Cambridge: McDonald Institute Monograph, p. 63-71.

IOVINO, S.; OPPERMAN, S. 2012. Material Ecocriticism: Materiality, Agency and Models of Narrativity. *Ecozon: European Journal of Literature, Culture and Environment* 3 (1): 75–91

OLSENS, B. 2003. Material Culture after text. Re-membering Things. *Norwegian Archaeological Review*, Vol. 36, No. 2, 87-104.

SILVA, F. 2009. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. *MÉTIS: história & cultura* – v. 8, n. 16, p. 121-139

TILLEY, C. 2008. Theoretical perspectives. In: Tilley, Chris; KEANE, Webb; Küchler, Susanne; Rowlands, Mike; Spyer, Patricia (Eds.). *Handbook of Material Culture*. London: Sage. p. 7-11.

DAA XXX - Antropologia III

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Continuação da formação em teoria antropológica, focando nas tradições francesa e norte-americana. O curso apresentará os fundamentos da antropologia estrutural; os debates em torno de estrutura e história; as teorias da prática; e a vertente interpretativista da antropologia norte-americana. Unidades: 1) Estruturalismo; 2) Estrutura e História; 3) Antropologia Interpretativa; 4) Teorias da Prática.

Syllabus (Anthropology III)

Third step of the basic training in anthropological theory, focusing on French and North-American traditions. The course presents the basics of structuralist anthropology; the debates about structure and history; the theories of practice; and the symbolic and interpretive trends of North-American anthropology. Units: 1) Structuralism; 2) Structure and History; 3) Interpretive Anthropology; 4) Theories of Practice.

Bibliografia básica:

BOURDIEU, Pierre. 1994 [1972]. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

BOURDIEU, Pierre. 2007 [1979]. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk.

DUMONT, Louis. 1992 [1966]. Homo hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações. São Paulo: EdUsp.

DUMONT, Louis. (1985). O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna, Rio de Janeiro, Rocco.

GEERTZ, Clifford. 1989 [1973]. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. pp. 13-44.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1970 [1958]. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1980 [1962]. O totemismo hoje. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores). p. 89-179.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1982 [1949]. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1989 [1962]. O pensamento selvagem. Campinas: Papirus.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2004 [1964]. Mitológicas 1: o cru e o cozido. São Paulo: Cosac Naify.

ORTNER, Sherry. 2007. Uma atualização da teoria da Prática. In: M. P. Grossi, C. Eckert e P. H. Fry (orgs) Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas. Blumenau: Nova Letra

ORTNER, Sherry. 2011 [1984]. Teoria na antropologia desde os anos 60, Mana 17 (2): 419-466.

SAHLINS, Marshall. 1990 [1985]. Ilhas de história. Rio de Janeiro: Zahar.

Bibliografia complementar:

BALANDIER, Georges. 1976 [1962]. As dinâmicas sociais: sentido e poder. São Paulo / Rio de Janeiro: Difel.

BALANDIER, Georges. 1982 [1980]. O poder em cena. Brasília: UnB.

BALANDIER, Georges. 1993 [1955]. "A noção de situação colonial", Cadernos de Campo 3: 107-131.

BASTIDE, Roger. 2006 [1975]. O sagrado selvagem e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras.

BOLTANSKI, Luc & CHIAPELLO, Éve. 2009 [1999]. O novo espírito do capitalismo. São Paulo: Marins Fontes.

BOURDIEU, Pierre. 1974. A economia das trocas simbólicas São Paulo: Perspectiva (Coleção Estudos).

BOURDIEU, Pierre. 1989. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BOURDIEU, Pierre. 1996 [1982]. A economia das trocas linguísticas São Paulo: EdUsp.

BOURDIEU, Pierre. 1996 [1992]. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

BOURDIEU, Pierre. 1996 [1994]. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus.

BOURDIEU, Pierre. 1999 [1970]. "A casa kabyle ou o mundo às avessas", *Cadernos de Campo* 9 (8): 147-159.

BOURDIEU, Pierre. 2009 [1980]. O senso prático, Petrópolis: Vozes.

BOURDIEU, Pierre. 2019. A dominação masculina. São Paulo: Bertrand Brasil.

CARVALHO, Edgar de Assis. 1981. Godelier: Antropologia. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

CLASTRES, Pierre. 1995 [1972]. Crônica dos índios Guayaki. São Paulo: 34.

CLASTRES, Pierre. 2003 [1974]. A sociedade contra o estado. São Paulo: Cosac Naify.

CLASTRES, Pierre. 2004 [1980] Arqueologia da violência. São Paulo: Cosac Naify.

DELEUZE, Gilles. 1982 [1973]. Em que se pode reconhecer o estruturalismo?. In: François CHÂTELET (org.). História da filosofia (vol. 8). Rio de Janeiro: Zahar.

DUMONT, Louis. 2000 [1976]. Homo aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica. Bauru: Edusc.

FELDMAN-BIANCO, Bela & LINS RIBEIRO, Gustavo. 2003. Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf. Brasília: UnB.

FOUCAULT, Michel. 1971 [1979]. Arqueologia do saber. Petrópolis: Vozes

FOUCAULT, Michel. 1979. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, Michel. 1999 [1966]. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes.

GEERTZ, Clifford. 1966 [1964]. A transição para a humanidade. In: Sol TAX (org.). Panorama da antropologia. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. p. 31-43.

GEERTZ, Clifford. 1997 [1983]. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes.

GEERTZ, Clifford. 2001 [2000] Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Zahar.

GEERTZ, Clifford. 2002 [1989]. Obras e vidas: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: UFRJ.

GEERTZ, Clifford. 2004 [1968]. Observando o Islã. Rio de Janeiro: Zahar.

GODELIER, Maurice. 2001 [1996]. O enigma do dom. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GOODY, Jack. 2012 [1977]. A domesticação da mente selvagem. Petrópolis: Vozes.

GOODY, Jack. 2012 [2010]. O mito, o ritual e o oral. Petrópolis: Vozes.

GOODY, Jack. 2019 [1986]. A lógica da escrita e a organização da sociedade. Petrópolis: Vozes.

HERITIÉR, Françoise. 1998. Masculino/Feminino: o pensamento da diferença. Lisboa: Instituto Piaget.

JAKOBSON, Roman. 1976. Seis lições sobre o som e o sentido. São Paulo: Martins Fontes.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1957 [1955]. Tristes trópicos. São Paulo: Anhembi.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1968. O triângulo culinário. In: Lévi-Strauss (Série L'Arc). São Paulo: Documentos, p. 24-35.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1976 [1973]. Antropologia estrutural dois. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1981 [1979]. A via das máscaras. Lisboa: Presença.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1986 [1983]. O olhar distanciado. Lisboa: Edições 70.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1986 [1984]. Minhas palavras. São Paulo: Brasiliense.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1986 [1985]. A oleira ciumenta. São Paulo: Brasiliense.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1987 [1978]. Mito e significado. Lisboa: Edições 70.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1992 [1991]. História de lince. São Paulo: Brasiliense.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1997 [1993]. Olhar, escutar, ler. São Paulo: Companhia das Letras.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2003 [1950]. Introdução à Obra de Marcel Mauss. In: Marcel MAUSS. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, p. 11-46.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2004 [1967]. Mitológicas 2: do mel às cinzas. São Paulo: Cosac Naify.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2006 [1968]. Mitológicas 3: a origem dos modos à mesa. São Paulo: Cosac Naify.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2008 [1952]. O suplício do Papai Noel. São Paulo: Cosac Naify.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2011 [1971]. Mitológicas 4: o homem nu. São Paulo: Cosac Naify.

MEILLASSOUX, Claude. 1977 [1976]. Mulheres, celeiros e capitais. Lisboa: Afrontamento.

MEILLASSOUX, Claude. 1995 [1986]. Antropologia da escravidão: entre o ventre de ferros e o dinheiro. Rio de Janeiro: Zahar.

MINTZ, Sidney. 2003. O poder amargo do açúcar: pProdutores escravizados, consumidores proletarizados. Recife: UFPE.

MINTZ, Sidney. 2012 [1979]. A escravidão e a ascensão dos campesinatos, Clio: Revista de Pesquisa Histórica.

POUILLON, Jean. 1966. Apresentação: uma tentativa de definição. In: Problemas do estruturalismo. Rio de Janeiro: Zahar, p. 7-27.

RICOUEUR, Paul. 1968 [1965]. Estrutura e hermenêutica. In: COSTA LIMA, Luís (org.). O estruturalismo de Lévi-Strauss, p. 157-191.

SAHLINS, Marshall. 1974 [1968]. Sociedades tribais. Rio de Janeiro: Zahar.

SAHLINS, Marshall. 1997. "O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um 'objeto' em via de extinção (partes I e II), Mana 3 (1): 41-73; Mana 3 (2): 103-150.

SAHLINS, Marshall. 2001 [1995]. Como pensam os "nativos": sobre o Capitão Cook, por exemplo. São Paulo: EdUsp.

SAHLINS, Marshall. 2003 [1976]. Cultura e razão prática. Rio de Janeiro: Zahar.

SAHLINS, Marshall. 2004 [2000]. Cultura na prática. Rio de Janeiro: UFRJ.

SAHLINS, Marshall. 2004 [2002]. Esperando Foucault, ainda. São Paulo: Cosac Naify.

SAHLINS, Marshall. 2006 [2004]. História e cultura: apologias a Tucídides. Rio de Janeiro: Zahar.

SAHLINS, Marshall. 2008 [1981]. Metáforas históricas e realidades míticas. Rio de Janeiro: Zahar.

SAUSSURE, Ferdinand de. 1970 [1916]. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix.

SCHNEIDER, David Murray. 2016 [1968]. Parentesco americano: uma exposição cultural. Petrópolis: Vozes.

SPERBER, Dan. 1992 [1982]. O saber dos antropólogos. Lisboa: Edições 70.

TAUSSIG, Michael. 2010 [1980]. O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul. São Paulo: Unesp.

TROUILLOT, Rolph-Michel. 2016 [1995]. Silenciando o passado: poder e a produção da história. Curitiba: huya.

WACQUANT, Loïc. 2002 [1989]. Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

WOLF, Eric R. 2005 [1982] A Europa e os povos sem história. São Paulo: EdUsp.

DAA XXX - Fundamentos da Pesquisa Etnográfica

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Etnografia como fundamento da antropologia. Aspectos epistemológicos, metodológicos e técnicos do trabalho de campo, bem como os aspectos teóricos, conceituais, éticos e críticos que o envolvem. A temática dos direitos humanos será abordada como aspecto base da formação e conduta ética na pesquisa antropológica. O curso percorrerá os principais elementos da investigação empírica: a experiência da observação participante, coleta de dados, interação comunicativa e abordará as principais discussões em torno da escrita e produção etnográfica: elaboração textual, produtos audiovisuais, descrição e comparação. Unidades: 1) Etnografia e observação participante: ética, autoria e autoridade; 2) Outras práxis etnográficas (multissituada, online/offline, multiespécies, experimentações etnográficas); 3) Escrita e outros produtos etnográficos (texto, filme, imagem, performance, outros).

Syllabus (Fundamentals of Ethnographic Research)

Ethnography as the foundation of anthropology. Epistemological, methodological and technical aspects of the field work as well as the theoretical, conceptual, ethical and critical aspects that involve it. Human rights will be treated as base for ethics in anthropological research. The course will cover the main elements of empirical research: the experience of participant-observation, data collection, communicative interaction and will address the main discussions around ethnographic writing and production: textual elaboration, audiovisual products, description and comparison. Units: 1) Ethnography and participant-observation: ethics, authorship and authority; 2) Other ethnographic practices (multi-situated, online/offline, multi-species, ethnographic experiments); 3) Writing and other ethnographic products (text, film, image, performance, others).

Bibliografia básica:

AGIER, Michel. 2015. Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação. São Paulo: Unesp.

ALBERT, Bruce. 2014 [1997]. “‘Situação etnográfica’ e movimentos étnicos: notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano”, *Campos* 15 (1): 129-144

CLIFFORD, James. 1983 [1998]. Sobre a autoridade etnográfica. In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no séc. XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 17-62.

GEERTZ, Clifford. 1989 [1973]. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 278-321.

INGOLD, Tim. 2015. “O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção”, *Horizontes Antropológicos* 44: 21-36.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1976 [1922]. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In: *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores), p. 17-34.

MARCUS, George. 2001. [1995] “Etnografia en/del sistema mundo: el surgimiento de la etnografía multilocal”, *Alteridades* 11 (22): 111-127.

MEAD, Margareth. 1971 [1949]. “O significado das perguntas que fazemos” e “Como escreve um antropólogo”. In: *Macho e fêmea: um estudo dos sexos num mundo em transformação*. Petrópolis: Vozes. pp. 21-53

RIFIOTIS, Theophilos. 2016. Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação, *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 21 (90): 85-98.

STRATHERN, Marilyn. 2014 [1999]. O efeito etnográfico. In: *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, p.345-405.

Bibliografia complementar:

ATTANÉ, Anne & LANGEWIESCHE, Katrin. 2005. “Reflexões metodológicas sobre os usos da fotografia na antropologia”, *Cadernos de Antropologia e Imagem* 21 (2): 133-51.

BATESON, Gregory e MEAD, Margaret. 1985 [1946]. *Balinese character: a photographica Analysis*. New York: NY Academy of Sciences.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

BOHANNAN, Laura. 1966. "Shakespeare entre os Tiv". (Mimeo). 5 p.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, 1995. O lugar (e em lugar) do método, Série Antropologia 190: 14 p.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1996. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever", Revista de Antropologia 39 (1): 13-37.

CESARINO, Letícia. 2014 "Uma antropologia multissituada e a questão da escala: reflexões com base no estudo da cooperação Sul-Sul brasileira", Horizontes Antropológicos 10 (41): 19-50.

DAMATTA, Roberto, 1978. O ofício do etnólogo, ou como ter "anthropological blues". In E. O. NUNES (org.). A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, p. 23-35.

EVANS-PRITCHARD, E. E. 2005 [1976]. Apêndice IV: algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo. In: Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Zahar, p. 243-255.

FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005 [1990]. "Ser afetado", Cadernos de Campo 13: 155-161.

FOOTE-WHYTE, William. 1975 [1943]. Treinando a observação participante In: Alba ZALUAR (org.). Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p.77-86.

FONSECA, Claudia. 2008. "O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'", Teoria e Cultura 2 (1/2): 39-53.

GOLDMAN, Marcio. 2006. "Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica", Etnográfica 10 (1): xxx-xxx.

INGOLD, Tim. 2015 [2011]. Antropologia não é etnografia. In: Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrições. Petrópolis: Vozes, p. 327-247.

KUSCHNIR, Karina. 2014. "Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa", Cadernos de Arte e Antropologia 3 (2): 23-46.

LATOUR, Bruno. 2001 [1999]. Referência circulante: amostragem do solo da floresta amazônica. In: A esperança de Pandora. Bauru: EDUSC, p. 39-96.

MARCUS, George. 2018 [2011]. "Etnografía multisituada: reacciones y potencialidades de un ethos del método antropológico durante las primeras décadas de 2000", Etnografías Contemporáneas 4 (7): 177-195.

MILLER, Daniel & SLATER, Don. 2004. Etnografía on e off-line: cibercafés em Trinidad, Horizontes Antropológicos 10 (21): 41-65.

NADER, Laura. 1972. Up the anthropologist: perspectives gained from studying up. In: Dell HYMES (ed.). Reinventing anthropology. New York: Pantheon Books, p. 284-311.

NOVAES, Sylvia Caiuby. 2008. "Imagem, magia e imaginação: desvios ao texto antropológico", Mana 14 (2): 455-457.

ROUCH, Jean. 1958. Moi, un noir. Fra, 73 min.

OLIVEIRA Fo, João Pacheco. 1999. Fazendo etnologia com os caboclos do Quirino: Curt Nimuendajú e a história Ticuna. In: Ensaios de antropologia histórica. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 60-99.

PEIRANO, Mariza. 2014. "Etnografia não é método", Horizontes Antropológicos 20 (42): 377-391.

PINNEY, Christopher. 1996. "A história paralela da antropologia e da fotografia", Cadernos de Antropologia e Imagem 2: 29-52.

NOVAES, Sylvia Caiuby. 2014. "O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia", Cadernos de Antropologia e Imagem 3 (2): 57-67.

STOCKING, George W. 1983. The ethnographers's magic: the development of fieldwork in British anthropology from Tylor to Malinowski. In: G.W. STOCKING (ed.). Observers observed. Madison: University of Wisconsin Press. (History of Anthropology), p. 70-120.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

SÜSSEKIND, Felipe. 2018. "Sobre a vida multiespécie", Revista do Instituto de Estudos Brasileiros 69: 159-178.

TAUSSIG, Michael. 1993 [1987]. Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura. Rio de Janeiro: Paz & Terra.

TSING, Anna. 2019. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno. Brasília: IEB.

WOLF, Eric. 2003. Trabalho de campo e teoria. In: FELDMAN-BIANCO, Bela & LINS RIBEIRO, Gustavo. Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf. Brasília: UnB, p 345-360.

DAAXX – Patrimônio Cultural

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

Patrimônio Cultural: natureza, identificação, preservação e salvaguarda. Patrimônio Cultural versus Patrimônio Natural: implicações sobre educação patrimonial e educação ambiental. Patrimônio material e patrimônio imaterial considerados na interface entre Arqueologia, Antropologia e História. Patrimônio cultural no Brasil: diversidade e representatividade das culturas indígenas e afro-americanas. Questões éticas; de quem é o patrimônio? Aplicação de abordagem ligada à formação extensionista como mecanismo de reflexão sobre as relações do patrimônio cultural com a diversidade de agentes na sociedade, e com a educação das relações étnicorraciais.

Syllabus (Cultural Heritage)

Cultural heritage: nature, identification, preservation and safeguarding. Cultural heritage versus Natural heritage: implications to Heritage Education and Environmental Education. Tangible and intangible heritage from the interconnections between Archaeology, Anthropology and History. Cultural heritage in Brazil: diversity and representation of indigenous and afro-american culture; ethical issues; who owns heritage? Application of extensionist approach as a means to think upon cultural heritage relation to the diversity of agents in society.

Bibliografia básica:

ARANTES NETO, A. A. 2005. Apresentação. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Patrimônio imaterial e biodiversidade, no. 33, p. 5 a 11.

CARNEIRO DA CUNHA, Maria Manuela. 2009. "Cultura" e Cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naif.

DELGADO, Andréa Ferreira. 2005. Goiás: a invenção da cidade "Patrimônio da Humanidade". In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 113-143, jan/jun.

FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra C. A. 2006. Patrimônio Histórico e Cultural. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

GALLOIS, Dominique T. 2006. O Que é patrimônio cultural imaterial?. In: Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas, editado por Dominique T. Gallois. São Paulo: IEPÉ. Disponível em <http://www.institutoiepe.org.br/infoteca.html>

GONÇALVES, José Reginaldo S. 1996. "Patrimônio cultural e narrativas nacionais". In: A Retórica da Perda. Editora UFRJ/MinC-Iphan.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. 2007. Monumentalidade e Cotidiano. In: Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro.

HOBBSBAWN, Eric. 2002. Introdução: A Invenção das Tradições. In: Hobsbawn, Eric; Ranger, Terrence (orgs.) A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz; INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (BRASIL); MUSEU IMPERIAL

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

(BRASIL). 1999. Guia básico de educação patrimonial. Brasília: IPHAN; Petrópolis, RJ: Museu Imperial.

IPHAN. Cartas patrimoniais. 1995. Brasília: Ministério da Cultura: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 343p.

Lima Filho, Manoel Ferreira & Marcia Bezerra, Eds. 2006. Os caminhos do patrimônio no Brasil. Goiânia, Alternativa.

SERRA, Olympio. 1984. Questões de identidade cultural. In: ARANTES, Antônio Augusto (org). Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense.

TAMASO, Izabela M. 2012. Por uma distinção dos patrimônios em relação à história, à memória e à identidade. In: PAULA, MENDONÇA & ROMANELLO (orgs) Polifonia do Patrimônio. Londrina: Eduel.

Bibliografia complementar:

ABREU, Regina. 2009. Patrimônio Genético. In: LIMA FILHO, Manuel F.; ECKERT, Cornelia; ARANTES, Antonio. Sobre Inventários e outros instrumentos de salvaguarda do patrimônio cultural intangível: ensaios de antropologia pública. In Anuário Antropológico 2007/2008. Rio de Janeiro: tempo Brasileiro.

CARVALHO, Claudia S. Rodrigues de. 2008. MUSEU HISTÓRICO NACIONAL (BRASIL). Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 366 p.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. 2009. Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 379 p.

FONSECA, Maria Cecília Londres. 2000. Referências Culturais: bases para novas políticas de patrimônio. In: IPHAN. O Registro do Patrimônio Imaterial – Dossiê final das atividades da comissão e do Grupo de Trabalho do Patrimônio Imaterial. Brasília: IPHAN.

IPHAN. 2016. Portaria Nº 200, de 18 de maio de 2016, Dispõe sobre a regulamentação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial - PNPI. Brasília, IPHAN.

LIMA FILHO, Manuel F. e ABREU, Regina. 2007. A Antropologia e o Patrimônio Cultural no Brasil. In: Lima Filho, Manuel Ferreira; Eckert, Cornélia; Beltrão, Jane. (Org.). Antropologia e Patrimônio Cultural no Brasil - Diálogos e Desafios Contemporâneos. ABA/Letra Nova.

PRICE, Nicholas Stanley. 1996. Historical and philosophical issues in the conservation of cultural heritage. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 500 p.

SANDRONI, Carlos. 2008. Questões em torno do dossiê do Samba de Roda. In: FALCÃO, A. (org). Registro e Políticas de Salvaguarda para as Culturas Populares. Série Encontros e Estudos, no. 6. IPHAN/CNFCP.

SANT'ANNA, Marcia. 2003. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário. Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. São Paulo: Ed DP&A, p. 49-58.

SANT'ANNA, Marcia. 2008. Políticas Públicas e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. In: FALCÃO, A. (org). Registro e Políticas de Salvaguarda para as Culturas Populares. Série Encontros e Estudos, no. 6. IPHAN/CNFCP.

DAA XXX - Arqueologia Brasileira

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

História da arqueologia no Brasil. Caracterização dos sítios arqueológicos brasileiros. Conceitos e terminologias empregados na pesquisa arqueológica no Brasil. O processo de ocupação

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

humana inicial do território. Processos de emergência e diversificação das sociedades pré-coloniais nas cinco regiões do território brasileiro. Arqueologias dos processos de conformação da sociedade moderna no Brasil. Temas e debates centrais da arqueologia pré-colonial e histórica no Brasil. Relações de gênero na prática profissional e na produção científica, na arqueologia brasileira. Ética na pesquisa arqueológica no Brasil, nas relações com o Estado, o Capital e as comunidades tradicionais.

Syllabus (Brazilian Archaeology)

History of archaeology in Brazil. Characterization of archaeological sites in Brazil. Concepts and terminology applied in Brazilian archaeology. The early human colonization of the territory. Processes of emergence and diversification of the pre-colonial societies in the five regions of the Brazilian territory. Archaeologies of the formation processes of modern Brazilian society. Central themes and debates in pre-colonial and historical archaeology in Brazil. Gender relations in the professional practice and scientific production in Brazil. Ethics in archaeological research in Brazil, thru relationships with the State, the Capital and traditional communities.

Bibliografia obrigatória

FUNARI, P; S. NOELLI . 2005. Pré-história do Brasil. São Paulo: Contexto.

MORALES, W.; MOI, F (orgs.). 2009. Cenários Regionais em Arqueologia. São Paulo: Annablume.

PROUS, André. Arqueologia Brasileira, os primeiros colonizadores. 1. ed. Campo Grande: Carlini e Caniato/Tantatinta, 2019. v. 1, 864p.

RIBEIRO, L. 2017. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade: sobre resistir na ciência. Revista de Arqueologia SAB 30 (1):210-234.

SYMANSKI, L. C. 2009. Arqueologia Histórica no Brasil: uma revisão dos últimos 20 anos, In: W. Morales & F. Moi (eds.). Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira: 279-310. São Paulo: Annablume.

TENÓRIO, M. Pré-História da Terra Brasilis. 1999. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Bibliografia complementar

BARRETO, C. 1999. A construção de um passado pré-colonial: um breve história da arqueologia no Brasil. *Revista USP*, 44:32-51.

BARRETO, C.; LIMA; H.; BETANCOURT, C. 2016. *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. IPHAN, Museu Paraense Emílio Goeldi.

COPÉ, S. 2013. *12000 anos de história: arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul* Porto Alegre: Editora da UFRGS.

DULCE, M. 2000. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FERREIRA, L. 2010. *Território Primitivo: A Institucionalização da Arqueologia no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

LIMA, T. A. 1999. El huevo de la serpiente: una arqueologia del capitalismo embrionario en el Rio de Janeiro del siglo XIX, in: A. Zarankin & F. Acuto (eds.) *Sed non Satiata - Teoria Social en la Arqueologia Latinoamericana Contemporánea*: 189-238. Buenos Aires: Ediciones Del Tridente.

MARTIN, G. 1996. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Recife: Editora da UFPE.

NEVES, E. 2006. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

NEVES, W.; PILÓ, L. 2008. *O Povo de Luzia. Em busca dos primeiros americanos*. Rio de Janeiro: Editora Globo.

SCHANN, D. 2007. "Os filhos da serpente: rito, mito e subsistência nos cacicados da Ilha de Marajó", *International Journal of South American Archaeology* 1: 50-56.

DAA XXX - Métodos e Técnicas de Pesquisa Arqueológica

Carga Horária: 60h

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

Conceitos e princípios centrais da arqueologia. Métodos de prospecção, escavação e documentação de sítios arqueológicos. Sistematização de indexação do material arqueológico. Métodos de classificação, datação e análise do material arqueológico. Arqueologia, ambiente e reconstrução paleoambiental. Análise de captação de recursos, padrões de assentamento e análise distribucional. Arqueologia, impactos ambientais e educação ambiental. DNA antigo, análise de isótopos e inovações recentes na ciência arqueológica.

Syllabus (Archaeological Research Methods and Techniques)

Central concepts and principles of the archaeological science. Methods of survey, excavation, and documentation of archaeological sites. Systems of indexing of the archaeological material. Methods of classification, dating, and analysis of the archaeological material. Archaeology and paleoenvironmental reconstitution. Site catchment analysis, settlement patterns and distributional analysis. Archaeology, environmental impact and environmental education. A-DNA, isotopic analysis, and other recent innovations in the archaeological science.

Bibliografia básica

BICHO, N. 2006. *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*. Lisboa: Edições 70.

DUNNELL, R. 2007. *Classificação em Arqueologia*. São Paulo: EDUSP.

RENFREW, C.; BAHN, P. 1998. *Arqueología. Teoría, Métodos y Práctica*. Torrejon de Ardoz: Ed. Akal.

Bibliografia complementar

BARBOSA, M. 2011. Arqueologia de assentamentos: uma análise bibliográfica. In SILVA, D. O. *Despertar do Conhecimento na Colina Azulada*. São Cristóvão: Editora da UFS.

KPNIS, R. 1996. O uso de modelos preditivos para diagnosticar recursos arqueológicos em áreas a serem afetadas por empreendimentos de impacto ambiental. *Atas do Simpósio sobre Política Nacional do Meio Ambiente e Patrimônio Cultural*. Goiânia:IGPA/UCG.

LIMA, T. 1994. "De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas no século XIX". *Anais do Museu Paulista* 2(1).

NEVES, W. 1984. "A evolução do levantamento arqueológico na bacia do alto Guareí, SP", *Revista de Pré-história* 6: 225-234.

SILVA, F.; Carlos R. Appoloni; Fernando R. E. Quiñones; Ademilson O. Santos; Luzeli M. da Silva; Paulo F. Barbieri & Virgílio F. Nascimento Filho. 2004. A arqueometria e a análise de artefatos cerâmicos: um estudo de fragmentos cerâmicos etnográficos e arqueológicos por fluorescência de raios X (EDXRF) e transmissão Gama. *Revista de Arqueologia* 17:41-61.

WUST, I; CARVALHO, H. 1996. "Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste: a análise espacial do sítio Guará 1", *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 6:47-81.

DAA XXX - Antropologia IV

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Apresentação da pluralidade paradigmática da teoria antropológica contemporânea. O curso deverá fornecer os fundamentos das críticas à prática e à escrita antropológica suscitadas pelas seguintes vertentes: pós-modernismo; feminismo; pós-colonialismo e estudos culturais; virada ontológica e antropologia pós-social. Poderão ainda ser abordadas outras correntes

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

influentes na disciplina nas últimas décadas. Unidades: 1) Antropologia Pós-Moderna; 2) Feminismo; 3) Pós-colonialismos e estudos culturais; 4) Virada ontológica e antropologia pós-social.

Syllabus (Anthropology IV)

An overview of the paradigmatic plurality of contemporary anthropological theory. The course starts with the critiques of anthropology brought about by the post-modern anthropologists; by feminist theory; by post-colonial theory and cultural studies; as well as by the ontological turn of post-social anthropology. Other contemporary influential currents in the discipline may also be of interest. Units: 1) Post-Modern Anthropology; 2) Feminism; 3) Post-colonialism and cultural studies; 4) The ontological turn and post-social anthropology.

Bibliografia básica:

- ABU-LUGHOD, Lila. 2018 [1991]. "A escrita contra a cultura", *Equatorial* 5 (8): 193-226.
- ASAD, Talal. 2018 [1973]. "Introdução a Anthropology and the colonial encounter", *Ilha: Revista de Antropologia* 19 (2): 313-327.
- CLIFFORD, James & MARCUS, George. 2016 [1986]. *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens.
- GONZALEZ, Lélia. 1984. "Racismo e sexismo na cultura brasileira", *Ciências Sociais Hoje* 2: 223-244.
- HALL, Stuart. 2003. *Da diáspora: identidades e mediação cultural*. Belo Horizonte: UFMG.
- LATOUR, Bruno. 1994 [1991]. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: 34.
- ORTNER, Sherry. 1979 [1974]. A mulher está para o homem assim como a natureza para a cultura?. In: Michelle Z. ROSALDO & Louise LAMPHERE (coords.). *A mulher, a cultura, a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, p. 95-120.
- SAID, Edward. 1990 [1978]. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- STRATHERN, Marilyn. 2011 [1989]. "Entre uma melanesianista e uma feminista", *Cadernos Pagu* (8/9): 7-49.
- STRATHERN, Marilyn. 2014. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. "O nativo relativo", *mana* 8 (1): 113-148.
- WAGNER, Roy. 2010 [1975/1981]. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify.

Bibliografia complementar:

- ABU-LUGHOD, Lila. 2012 [2002]. "As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros", *Estudos Feministas* 20 (2): 451-470.
- ALBERT, Bruce & KOPENAWA, Davi. 2015. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Cia das Letras.
- ALMEIDA, Mauro B. 2013. "Caipora e outros conflitos ontológicos". *R@U* 5 (1): 7-28.
- ASAD, Talal. 2010 [1993]. "A construção da religião como uma categoria antropológica", *Cadernos de Campo* 19: 263-284.
- ASAD, Talal. 2011 [2003]. "Reflexões sobre crueldade e tortura", *Pensata* 1 (1): 164-187.
- BALLESTRIN, Luciana. 2013. "América Latina e o giro decolonial", *Revista Brasileira de Ciência Política* 11: 89-117.
- BHABHA, Homi K. 2003 [1994]. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG.
- BUTLER, Judith. 2010 [1996]. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2009. *Cultura com aspas*. São Paulo: Cosac Naify.
- CÉSAIRE, Aimé. 1978 [1955]. *Discurso contra o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

CHAKRABARTY, Dipesh. 2009 [1992]. "A pós-colonialidade e o artifício da história: quem fala em nome dos passados 'indianos'?" (mimeo). 26 pp.

CHAKRABARTY, Dipesh. 2013 [2009]. "O clima da história: quatro teses", *Sopro* 91: 2-22.

CHATTERJEE, Partha. 2004. *Colonialismo, modernidade e política*. Salvador: EdUFBA.

CLIFFORD, James. 1994 [1993]. "Colecionando arte e cultura", *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* 23: 69-89.

CLIFFORD, James. 2013 [1988]. "Conte-me sobre sua viagem: Michel Leiris", *Revista de Ciências Sociais* 44 (2): 137-149.

CLIFFORD, James. 2014. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ.

COMAROFF, Jean & COMAROFF, John. 2001. "Naturalizando a nação: estrangeiros, apocalipse e o estado pós-colonial", *Horizontes Antropológicos* 7 (15): 57-106.

COMAROFF, Jean & COMAROFF, John. 2010. "Etnografia e imaginação histórica", *Proa – Revista de Antropologia e Arte* 2 (1/2): 1-72.

COMAROFF, Jean & COMAROFF, John. 2014. "O retorno de Khulekani Khumalo, cativo de zumbis: impostura, lei, e paradoxos da noção de pessoa na África do Sul pós-colonial", *Significação* 41 (42): 186-211.

DAS, Veena. 1999. "Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos", *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 14 (40): 31-42.

DAS, Veena. 2007 [2002]. "Violência e tradução", *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* 6 (18): 435-444.

DAS, Veena. 2011 [2007]. "O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade", *Cadernos Pagu* 37: 9-41.

FABIAN, Johannes. 2013 [1983]. *O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Petrópolis: Vozes.

FANON, Frantz. 1968 [1961]. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FANON, Frantz. 2008 [1952]. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUFBA.

FISCHER, Michael. 1984. "Da antropologia interpretativa à antropologia crítica", *Anuário Antropológico* 83: 55-72.

GELL, Alfred. 2018. [1998]. *Arte e agência*. São Paulo: Ubu.

GILROY, Paul. 2001 [1993]. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: 34.

GOLDMAN, Marcio. 2006. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. In: *Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política*. Rio de Janeiro: 7Letras. pp. 13-22.

HARAWAY, Donna. 1995 [1988]. "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial", *Cadernos Pagu* 5: 7-41.

HARAWAY, Donna. 2009 [1985]. *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX*. In: Tadeu TOMAZ (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós humano*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 37-129.

INGOLD, Tim. 2005 [2002]. "Humanidade e animalidade", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 28: 39-53.

INGOLD, Tim. 2012 [2010]. "Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais", *Horizontes Antropológicos* 18 (37): 25-44.

INGOLD, Tim. 2015 [2011]. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrições*. Petrópolis: Vozes.

KOHN, Eduardo. 2016 [2007]. "Como os cães sonham: naturezas amazônicas e as políticas do engajamento transpécies", *Ponto Urbe* 19: 1-35

LATOUR, Bruno. 2001 [1999]. *A esperança de Pandora*. Bauru: EDUSC.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

LATOUR, Bruno. 2002 [1996]. Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches. Bauru: Edusc.

LATOUR, Bruno. 2012 [2005]. Reagregando o social. São Paulo: Edusc.

MAHMOOD, Saba. 2006 [2005]. "Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito", *Etnográfica* 10 (1): 121-158.

MARCUS, George. 1991. "Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial", *Revista de Antropologia* 34: 197-2214.

MARCUS, George. 1994. "O que vem (logo) depois do 'pós-': o caso da etnografia", *Revista de Antropologia* 37: 7-34.

MBEMBE, Achille. 2001 [2000]. "As formas africanas de auto-inscrição", *Estudos Afro-Asiáticos* 23 (1): 171-209.

MBEMBE, Achille. 2015 [2000]. "O tempo que se move", *Cadernos de Campo* 24: 369-397.

MBEMBE, Achille. 2018 [2003]. *Necropolítica*. São Paulo: n-1.

MBEMBE, Achille. 2019 [2010]. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Petrópolis: Vozes.

MIGNOLO, Walter. 2008 [2007]. "Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política", *Caderno de Letras da UFF* 34: 287-324.

MOL, Annemarie. 2008 [1999]. Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. In: João Arriscado NUNES & Ricardo ROQUE (orgs). *Objectos impuros: experiências em estudos sociais da ciência*. Lisboa: Afrontamento.

MUDIMBE, Valentin-Yves. 2013 [1988]. *A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Mangualde: Pedagogo.

NKRUMAH, Kwame. 1967 [1965]. *Neocolonialismo: o último estágio do imperialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

PRATT, Mary-Louise. 1999 [1992]. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc.

PRECIADO, Paul B. 2017 [2002]. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1.

RABINOW, Paul. 2002. *Antropologia da razão*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

ROSALDO, Michele. 1995 [1980]. "O uso e abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural", *Horizontes Antropológicos* 1 (1): 11-36.

RUBIN, Gayle. 2017 [1975]. O tráfico de mulheres. In: *Políticas do sexo*. São Paulo, UBU. pp. 9-61.

SCOTT, David. 2017 [1991]. "Aquele evento, esta memória: notas sobre a antropologia das diásporas africanas no Novo Mundo", *Ilha: Revista de Antropologia* 19 (2): 277-312.

SPIVAK, Gayatri. 2010 [1988]. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: UFMG.

STENGERS, Isabelle. 2002 [1993]. *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: 34.

STENGERS, Isabelle. 2017 [2012]. "Reativar o animismo", *Caderno de Leituras* 62: 1-15.

STENGERS, Isabelle. 2018 [2007]. "A proposição cosmopolítica", *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* 69: 442-464.

STRATHERN, Marilyn. 1995. "Necessidade de pais e necessidade de mães", *Estudos Feministas* 3 (2): 303-330.

STRATHERN, Marilyn. 2006 [1988]. *O gênero da dívida*. Campinas: Unicamp.

STRATHERN, Marilyn. 2015 [2005]. *Parentesco, direito e o inesperado: parentes são sempre uma surpresa*. São Paulo: Unesp.

TAUSSIG, Michael. 1993 [1987]. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. Rio de Janeiro: Paz & Terra.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

TSING, Anna. 2015 [2012]. "Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras", *Ilha: Revista de Antropologia* 17 (1): 178-201.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1986. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Zahar.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify

WAGNER, Roy. 2010 [1974]. "Existem grupos sociais nas terras altas da Nova Guiné?", *Cadernos de Campo* 19: 237-257.

WAGNER, Roy. 2017 [1986]. *Símbolos que representam a si mesmos*. São Paulo: Unesp.

DAA XXX - Arqueologia e Coletivos Contemporâneos

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Introdução aos estudos de arqueologia com coletivos humanos. Origens da etnoarqueologia, suas principais correntes e contribuições teóricas e metodológicas para a disciplina. Críticas e desdobramentos sobre as práticas arqueológicas com populações vivas, discussões sobre ética na pesquisa e responsabilidade social. A prática da pesquisa e da profissão de arqueólogo(a) como elemento ativo na defesa dos direitos humanos. Panorama sobre as discussões a respeito da colaboração ativa com outros grupos e as possibilidades de diálogos com outros sistemas de conhecimento, incitando ao respeito pelas diferenças étnicas e culturais.

Syllabus (Archaeology and Contemporary Collectives)

Introduction to studies on archaeology and living human communities. Origins of Ethnoarchaeology, main theoretical currents, its theoretical and methodological contributions to the discipline. Critics and impacts on archaeological practices with living people, debates on ethics and social responsibilities. Archaeological research and professional practice as defense of human rights. Prospect of debates on collaboration and possibilities of dialogues with different knowledge systems, fostering respect for cultural and ethnic difference.

Bibliografia básica:

Battle-Baptiste, Whitney. 2011. *Black Feminist Archaeology*. Walnut Creek: Left Coast Press. 199p.

Binford, Lewis R. 1983. *Em busca do passado - A descodificação do registro arqueológico*. Portugal: Publicações Europa-América.

Castañeda, Quetzil & Christopher Matthews (ed). 2008. *Ethnographic Archaeologies: Reflections on Stakeholders and Archaeological Practices*. Plymouth: Altamira Press.

GNECCO, Cristóbal. 2011. *Indigenous peoples and archaeology in Latin America*: Cristóbal Gnecco, Patricia Ayalla (editores). Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 365 p.

González-Ruibal, Alfredo. 2003. *La experiencia del otro: Una introducción a la etnoarqueología*. Madrid: Ediciones Akal.

GOSDEN, Chris. 1999. *Anthropology and archaeology: a changing relationship*. London; New York: Routledge, 228 p.

Green, Lesley Fordred; David R. Green & Eduardo Góes Neves. 2003. "Indigenous Knowledge and Archaeological Science: The Challenges of Public Archaeology in the Reserva Uaçá", *Journal of Social Archaeology* 3 (3):365-397.

Haber, Alejandro. 2017. *Al otro lado del vestigio: políticas del conocimiento y arqueología indisciplina*. Buenos Aires: Del Signo.

Hamilakis, Yannis & Aris Anagnostopoulos. 2009. "What is Archaeological Ethnography?", *Public Archaeology Archaeological Ethnographies*, 8 (2-3):65-87.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Machado, Juliana Salles. 2017. "Arqueologias indígenas, os Laklãnõ Xokleng e os objetos do pensar", *Revista de Arqueologia SAB* 30 (1):89-119.

Silva, Fabíola Andréa. 2002. "Mito e Arqueologia: A interpretação dos Asurini do Xingu sobre os vestígios arqueológicos encontrados no Parque Indígena Kuatinemu – Pará", *Horizontes Antropológicos*. 8 (18): 175-187.

Smith, Claire & H. Martin Wobst (ed.) 2005. *Indigenous Archaeologies: Decolonizing theory and practice*. Abingdon/ New York: Routledge.

Tuhiwai Smith, Linda. 2018. *Descolonizando Metodologias: Pesquisa e Povos Indígenas*. Curitiba: Editora UFPR, 239p.

Wust, Irmhild. 1992. "Contribuições arqueológicas, etnoarqueológicas e etno-históricas para o estudo dos grupos tribais do Brasil Central: o caso Bororo", *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia - USP* (2):13-26.

HODDER, Ian. 1994. *Interpretacion en arqueologia: corrientes actuales*. Barcelona: Critica.

Bibliografia complementar:

Bezerra, Marcia. 2013. "Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia", *Revista de Arqueologia Pública*. 7 (Julho): 107-122.

BINFORD, Lewis R. 1978. *Numamiut ethnoarchaeology*. New York: Academic Press, 509 p.

BOWSER, Brenda & PATTON, John. "Domestic Spaces as Public Places: An Ethnoarchaeological Case Study of Houses, Gender, and Politics in the Ecuadorian Amazon", *Journal of Archaeological Method and Theory*, Vol. 11, No. 2. 2004.

Cabral, Mariana Petry. 2013. "'E se todos fossem arqueólogos?': experiências na Terra Indígena Wajãpi", *Anuário Antropológico* 39 (2):115-132.

EDWARDS, Elizabeth; GOSDEN, Chris; PHILLIPS, Ruth B. 2006. *Sensible objects: colonialism, museums, and material culture*. Oxford; New York: Berg, xiv, 306 p. (Wenner-Gren international symposium series). ISBN 9781845203245 (pbk.).

GNECCO, Cristóbal; DIAS, Adriana Schmidt. 2017. *Crítica de la razón arqueológica: arqueología de contrato y capitalismo*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia, 311 p.

GOSDEN, Chris; KNOWLES, Chantal. 2001. *Collecting colonialism: material culture and colonial change*. Oxford: Berg, 234 p.

Hartemann, Gabby & Irislane Pereira de Moraes. 2018. "Contar histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia", *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*. 12 (2): 7-34.

Hodder, Ian. 1982. *Symbols in action. Ethnoarchaeological studies of material culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 244 p.

Isnardis, Andrei. 1997. "Pinturas rupestres urbanas: uma etnoarqueologia das pichações em Belo Horizonte", *Revista de Arqueologia SAB* 10:143-161.

MOI, Flávia Prado. 2007. *Os Xerente: um enfoque etnoarqueológico*. São Paulo/ Porto Seguro: AnnaBlume/Acervo, p. 17-30 .

NELSON, Margaret. 2000. *Abandonment. Conceptualization, representation, and social change*. In: SCHIFFER, Michael (ed.). *Social Theory in Archaeological*. Salt Lake City: University of Utah Press.

POLITIS, Gustavo. 2002. "Acerca de la Etnoarqueología en América del Sur", *Horizontes Antropológicos*. v. 8, n 18. Porto Alegre.

Silva, Fabíola A.; Eduardo Bsepalez & Francisco F. Stuchi. 2011. "Arqueologia Colaborativa na Amazônia: Terra Indígena Kuatinemu, Rio Xingu, Pará". *Amazônica* 3 (1):32-59.

Silva, Fabíola Andréa. 2012. "O plural e o singular das arqueologias indígenas", *Revista de Arqueologia SAB*. 25 (2): 24-42.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

SILVA, Fabíola. 2009. "A Etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas", Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas. v. 4, n.1: 27-37. Belém.

SKIBO, James & SCHIFFER, Michael. 2001. Understanding Artifact Variability and Change: a behavioral framework. In: SCHIFFER, M. (ed.) Anthropological Perspectives on Technology. Albuquerque: University of New Mexico Press. 2001, p. 139-150.

STEWART, Andrew M.; KEITH, Darren & SCOTTIE, Joan. 2004. "Caribou Crossing and Cultural Meanings: Placing Traditional Knowledge and Archaeology in Context in an Inuit Landscape", Journal of Archaeological Method and Theory. V. 11, n. 2, p. 181-211.

ZEDEÑO, Maria Nieves. 1997. "Landscape, Land Use, and the History of Territory Formation: An Example from the Puebloan Southwest", Journal of Archaeological Method and Theory. V.1, n. 1: 69-93.

DAA XXX - Elaboração de Projeto de Pesquisa

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

A pesquisa em ciências humanas: métodos e técnicas. As etapas da pesquisa: escolha do tema, esboço do projeto, construção do objeto, formulação do problema e da problemática, revisão da literatura. Ética em Antropologia e Arqueologia.

Syllabus (Construction of Research Project)

Methods and techniques in human sciences. The process of research: thematic choice, project design, object construction, issues formulation, bibliographic revision.

Bibliografia básica:

ABA. 2012. Código de Ética do Antropólogo e da Antropóloga. Disponível em <http://www.portal.abant.org.br/index.php/codigo-de-etica> . Acesso em 05/03/2020.

CARTA DE BRASÍLIA. 2005. Encontro Nacional de Direitos Humanos. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/endlh_cartabrasilia. Acesso em: 9 abr. 2021.

DIAS, Adriana S. & GNECCO, Cristóbal (org). 2015. "Edição Especial Arqueologia de Contrato", Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira. V.28 (2). 2015. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/index.php/sab/issue/view/43>. Acesso em: 9 abr. 2021.

ECO, Umberto. 1996. Como se Faz uma Tese. São Paulo: Perspectiva.

LAPLANTINE, François. 1989. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense.

SAB (2015). Código de Ética da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Disponível em https://www.sabnet.com.br/download/download?ID_DOWNLOAD=377#:~:text=Ressalta%2De%20que%20o%20c%C3%B3digo,todas%20as%20suas%20atividades%20profissionais.&text=in%20teresse%20pela%20disciplina.,associa%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADfica%20que%20nos%20une. Acesso em 05/03/2020.

SEIDL DE MOURA, Maria Lucia e M.C. Ferreira e P. Paine. 1998. Manual De Elaboração De Projetos De Pesquisa. Rio de Janeiro: EdUERJ.

VÍCTORA, Ceres; OLIVEN, Ruben George; MACIEL, Maria Eunice & ORO, Ari Pedro (orgs). 2004. Antropologia e Ética. O debate atual no Brasil. Niterói: EdUFF.

DAA XXX - Arqueologia do Mundo Moderno e Capitalismo

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Sob diferentes denominações, as arqueologias do mundo moderno, arqueologias contemporâneas, do capitalismo ou históricas estão cada vez mais presentes nas agendas de trabalho da disciplina. O objetivo do curso é discutir os processos que levaram à formação do mundo moderno e sua evolução até o presente, incluindo aspectos como a gênese e o desenvolvimento do colonialismo, capitalismo, eurocentrismo, racismo, violência e conflito, entre outros. Também, a disciplina propõe-se a apresentar a história desses estudos e seus principais princípios teóricos e metodológicos, incluindo a relação entre cultura material e documentos escritos, técnicas de trabalho de campo, assim como a análise de casos na América e no Brasil.

Syllabus (Archaeology of the Modern World and Capitalism)

Under different names, archaeologies of the modern world; archaeologies of the contemporary, capitalism or historical archaeology are increasingly present in the discipline's work agendas. The aim of the course is to discuss the processes that led to the formation of the modern world and its evolution to the present, including aspects such as the genesis and development of colonialism, capitalism, eurocentrism, racism, violence and conflict, among others. The course also proposes to present the history of these studies and its main theoretical and methodological principles, including the relationship between material culture and written documents, fieldwork techniques, as well as case analysis in America and Brazil.

Bibliografia básica:

AGOSTINI, Camilla. 2002. Entre senzalas e quilombos: “comunidades do mato” em vassouras do oitocentos. In: Andrés Zarankin e Maria Ximena Senatore (org.), Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul. Buenos Aires: Ediciones del Tridente.

FUNARI, Pedro P.A. 2007. “Teoria e a Arqueologia Histórica: a América Latina e o Mundo”, Vestígios. Vol.1, no.1.

GALLOWAY, Patricia. 2006. Material culture and text: exploring the spaces with in and between. In: Martin Hall; Stephen Silliman (Ed.). Blackwell Publishing.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo G. 2008. Arqueología de la Guerra Civil Espanhola. In: Complutum, vol. 19, nº 2. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2008.

JOHNSON, M. 1996 An Archaeology Of Capitalism. Blackwell, Oxford. Capítulo 1 e conclusões.

LIMA, Tania Andrade. 2008. Los zapateros descalzos: arqueologia de uma humillacion en Rio de Janeiro del siglo XIX. In: Felix Acuto e Andres Zarankin (org.) Sed non Satiata II acercamientos sociales en la Arqueologia Latinoamericana. Buenos Aires: Encuentro Grupo.

ORSER Jr., C.. 1996. A Historical Archaeology of the Modern World. Plenum Press. New York.

ORSER Jr., Charles. 1992. Introdução a Arqueologia Histórica. Belo Horizonte: Oficina de Livros.

SAMIDA, S. 2017. Performing the past. In: HOLTORF, C. e PETERSSON, B. (eds) The archaeology of time travel. Experiencing the past in the 21st century. Oxford: Archaeopress Archaeology, p. 135 – 157.

SENATORE, M. E A. ZARANKIN. 2002. Introdução: Leituras da Sociedade Moderna Cultura Material, Discursos e Práticas. In: Arqueologia da Sociedade Moderna em Latinoamérica. Buenos Aires: Editorial Del tridente.

SOUZA, Marcos André T. de. “Uma outra escravidão: a paisagem social no Engenho de São Joaquim, Goiás”, Vestígios, vol.1 (1), 2007.

SYMANSKI, Luis C. P.. 2009. Arqueologia Histórica no Brasil: uma revisão dos últimos 20 anos. In:Walter Fagundes Morales; Flavia Prado Moi. (Org.). Cenários Regionais emArqueologia Brasileira. Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira. 1ed. SãoPaulo: Annablume, p. 279-310.

TRIGGER, Bruce G. 2004. História do Pensamento Arqueológico. São Paulo: Odysseus.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

ZARANKIN, Andres; SENATORE, Maria X . 2013 "Storytelling; Big Fish y arqueologia". Repensando el caso de Antártida. In: Morales Walter Fagundes, Moi Flavia Prado. (Org.). Tempos Ancestrais. 1ed. São Paulo: Annablume, v. 1, p. 281-301.

DAA XXX – Legislação em Arqueologia

Carga Horária: 30h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

A partir das perspectivas colocadas pela Arqueologia, a disciplina aborda o desenvolvimento da legislação que regulamenta o exercício da profissão e a questão patrimonial no Brasil, dialogando com a legislação ambiental, contribuindo para a educação ambiental e para uma reflexão ética e crítica sobre a atuação profissional em arqueologia no país.

Syllabus (Legislation on Archaeology)

Following perspectives proposed by Archaeology, this course deals with the development of legislative regulation for the exercise of archaeology profession, as much as archaeological heritage issues in Brazil, in dialogue with environmental legislation, contributing contributing to environmental education and for ethical and critical thoughts on the archaeological practice.

Bibliografia básica

BASTOS, Rossano Lopes; SOUZA, Marise Campos de. 2008. Normas e gerenciamento do patrimônio arqueológico. 2. ed., rev. atual. ampl. São Paulo: Superintendência Regional do IPHAN, 239 p.

BRASIL (1961). Lei nº 3924, de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os Monumentos Arqueológicos e Pré-históricos. Presidência da República. Brasília.

BRASIL (1998). Lei Nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Brasília, Presidência da República.

BRASIL (2018). Lei Nº 13.653, de 18 de Abril de 2018, Dispõe sobre a regulamentação da profissão de arqueólogo e dá outras providências. Brasília, Presidência da República.

BRASIL. (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República.

GNECCO, Cristóbal; DIAS, Adriana Schmidt. 2017. Crítica de la razón arqueológica: arqueología de contrato y capitalismo. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e História, 311 p.

HABER, Alejandro & SHEPHERD, Nick (eds). 2015. After Ethics: ancestral voices and postdisciplinary worlds in archaeology. Collection Ethical archaeologies: the politics of social justice. Ed. Springer, New York, USA.

IPHAN (1937). Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Rio de Janeiro, IPHAN.

IPHAN (2015). Instrução Normativa Nº 1, de 25 de março de 2015, Estabelece procedimentos administrativos a serem observados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nos processos de licenciamento ambiental dos quais participe. Brasília, IPHAN.

IPHAN (2016). Portaria Nº. 196, de 18 de maio de 2016, Dispõe sobre a conservação de bens arqueológicos móveis, cria o Cadastro Nacional de Instituições de Guarda e Pesquisa, o Termo de Recebimento de Coleções Arqueológicas e a Ficha de Cadastro de Bem Arqueológico Móvel. Brasília, IPHAN.

IPHAN (2016). Portaria Nº 44, de 19 de fevereiro de 2016, Estabelece procedimento administrativo referente à manifestação do IPHAN sobre a existência de restrição legal para a saída de bens culturais do país. Brasília, IPHAN.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

IPHAN (2018). Portaria Nº 375, de 19 de setembro de 2018, Institui a Política de Patrimônio Cultural Material do Iphan e dá outras providências. Brasília, IPHAN.

SCARRE, Chris & Geoffrey, Eds. (2006). *The Ethics of Archaeology: Philosophical Perspectives on Archaeological Practice*. Cambridge, Cambridge University Press.

Soares, Inês Virgínia Prado (2007). *Proteção jurídica do patrimônio arqueológico no Brasil: fundamentos para efetividade da tutela em face de obras e atividades impactantes*. Erechim, Habilis.

Sociedade de Arqueologia Brasileira (2015). *Código de Ética*. Goiânia, SAB.

DAA XXX - Oficina de Escrita em Arqueologia

Carga Horária: 30h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

Talvez uma das limitações atuais mais importantes dos alunos seja o problema de escrita e expressão de ideias. Partindo desta situação o curso propõe trabalhar, de forma conjunta com discentes, ferramentas e técnicas para desenvolver e melhorar a construção de textos no campo da Arqueologia, desenvolvendo os principais formatos que em geral são parte da escrita disciplinar: relatórios, resenhas, notas, artigos acadêmicos, dentre outros. Como resultado do curso, espera-se que discentes encontrem e aperfeiçoem seu próprio estilo e capacidade de escrita.

Syllabus (Workshop of Writing in Archaeology)

Perhaps one of the most important current limitations of students is the problem of writing and expressing ideas. Based on this situation the course proposes to work together with the student, tools and techniques to develop and improve the construction of archaeological texts, developing the main formats that are generally part of the disciplinary writing: reports, reviews, notes, articles, among others. As result of the course, students are expected to find and perfect their own writing style and abilities.

Bibliografia básica

ALBERTI, B. 2016. "Archaeologies of Ontology", *Annual Review of Anthropology*, n.45, v.11, p.11-17.

CABRAL, M. 2014. "E se todos fossem arqueólogos?: experiências na Terra indígena Wajãpi", *Anuário Antropológico*, v. 39, n. 2, p.115-132

CONNAH Graham. 2010. *Writing about Archaeology*. Cambridge University Press.

HABER, A. 2011. "Nomenclología Payanesa: notas de metodología indisciplinada", *Revista Chilena de Antropología*, n. 23, p. 9-49.

JOYCE, R. 2002. *The Languages of Archaeology: Dialogue, Narrative, and Writing*. Blackwell, UK.

LUCAS, Gavin. 2019 *Writing the Past: Knowledge and Literary Production in Archaeology*. Routledge, UK.

PRAETZELLIS, Adrian. 2000. *Death by Theory: A Tale of Mystery and Archaeological Theory*. Walnut Creek, CA: Altamira Press.

DAA XXX – Laboratório de Pesquisa em Arqueologia I

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Desenvolvimento de pesquisa arqueológica, contemplando definição e contextualização do tema, bem como construção do referencial teórico.

Syllabus (Research in Archaeology I)

Development of archaeological research, including its definition and theoretical basis.

Bibliografia básica:

Específica para o projeto de cada discente.

DAA XXX – Teoria e Prática de Campo em Arqueologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

A disciplina Teoria e Prática Arqueológica busca pensar o fazer arqueológico a partir do pressuposto de que os elementos práticos e teóricos da disciplina não são elementos separados, mas elementos simétricos e relacionais que atuam em conjunto na determinação dos processos de interpretação arqueológica. Não é possível pensar em uma prática sem teoria ou uma teoria sem prática. Neste sentido busca-se suprimir as dicotomias modernas do fazer arqueológico em busca de uma arqueologia menos hierarquizada e tecnicista.

Syllabus (Theory and Field Practice in Archaeology)

The discipline Archaeological Theory and Practice seeks to think about archaeological practice based on the assumption that the practical and theoretical elements of the discipline are not separate elements but symmetrical and relational elements that act together in determining the processes of archaeological interpretation. It is not possible to think of a practice without theory or a theory without practice. In this sense, the discipline seeks to suppress the modern dichotomies of archaeological work in search of a less hierarchical and technical archeology.

Bibliografia básica:

MURTA, C. 2011. Teoria na Prática Arqueológica. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

PELLINI, J. 2011. Nem Melhor nem Pior Apenas uma escavação Diferente. Revista MAE\USP

REIS, J. 2003. Não pensa muito que dói: um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira. 2003. 383p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

RENFREW, C; BAHN, P. 1991. Arqueología: teorías, métodos y práctica. Thames and Hudson

TRIGGER, B. 2011. História do Pensamento Arqueológico. Odysseus

Bibliografia Complementar:

ANDREWS, G.; BARRETT, J. C.; LEWIS, John S. C. 2000. "Interpretation not record: The practice of archaeology", *Antiquity*. v. 74, n. 285, p. 525-530.

BERGGREN, A.; HODDER, I. 2003. "Social practice, method and some problems of field archaeology", *American Antiquity*. v. 68, n. 3, p. 421-434.

CHADWICK, A. 2010. "What have the post-processualists ever done for us? Towards an integration of theory and practice; and radical field archaeologies", *What have the post-processualists ever done for us?*, p. 1-36.

HAMILAKIS, Y. 1999. "La trahison des archéologues. Archaeological practice as intellectual activity in postmodernity", *Journal of Mediterranean Archaeology*, v. 12, n. 1, p. 60-79.

HODDER, I. 2000. Developing a reflexive method in archaeology. In: HODDER, I. (Ed.). *Towards Reflexive Method in Archaeology: the example of the Çatalhoyuk*. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research, p. 3-15.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

DAA XXX – Arqueologia Americana

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

A chegada dos grupos humanos na América tem gerado discussões em função de datas e possíveis caminhos que eles teriam percorrido. O objetivo do curso é apresentar os debates da comunidade científica nacional e internacional e fomentar reflexões sobre o assunto. Em seguida, pretende-se, a partir da bibliografia, observar as diversas ocupações arqueológicas desde a América do Norte até o sul da Argentina, buscando entender como os grupos se adaptaram aos diversos ecossistemas, além de questões importantes como a domesticação de plantas e animais, as distintas arquiteturas, etc. A intenção é obter uma visão da diversificação cultural presente nas Américas.

Syllabus (Archaeology of the Americas):

There is an intense debate regarding the issue of the arrival of the first human populations in the Americas which concerns, particularly, the early datings for their settlement and the possible routes they took to colonize the continent. This course aims, at its first topic, to introduce the debates of the national and international scientific community and to stimulate reflections on this subject. Further, it will characterize the archaeological occupations from North America to the south of Argentina, focusing, particularly, on issues regarding their adaptation to the diversified ecosystems that characterize the continent, the processes of domestication of plants and animals, the architectural patterns, etc. The goal is to furnish a general overview of the cultural diversification present in the Americas.

Bibliografia básica:

DUARTE-TALIM Déborah. 2019. (Re)visitando a Amazônia: Análise tecnológica das indústrias líticas dos sítios antigos da passagem Pleistoceno-Holoceno e do Holoceno inicial. Capítulo I – O POVOAMENTO DAS AMÉRICAS: ESTADO DA ARTE E PROBLEMÁTICAS. FAFICH. Dez/2019.

FREITAS, Fábio; RODET M. J. 2011. “O que ocorreu nos últimos 2000 anos no vale do rio Peruaçu? Uma análise multidisciplinar”, Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 20, p. 109-126 (<https://www.revistas.usp.br/revmae/>)

LIMA Tania Andrade; MAZZ Jose Lopez. 1999. La emergencia de complejidad entre los cazadores recolectores de la costa atlántica meridional sudamericana. Revista de Arqueologia Americana, números 17,18 e 19. (<https://www.jstor.org/stable/27768437?seq=1>)

LIMA, T. A. 2006. O povoamento inicial do continente americano: migrações, contextos, datações. In: SILVA, H. P. e RODRIGUES-CARVALHO, C. (orgs.). Nossa origem – o povoamento das Américas: visões multidisciplinares. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, p. 77-103.

MITHEN, Steven J.. 2002. A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. São Paulo: Ed. Unesp, 425p.

PROUS, André. 2019. Arqueologia Brasileira, os primeiros colonizadores. 1. ed. Campo Grande: Carlini e Caniato/Tantatinta, v. 1. 864p.

Bibliografia complementar:

DA-GLORIA Pedro; NEVES Walter A.; Mark Hubbe. (Org.). 2016. Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas. 1ed. São Paulo: Annablume, v , p. 275-298.

LAVALLÉE, Danielle. 1995. Promesse d'Amérique. La préhistoire de l'Amérique Du Sud. Paris: Hachete.

LOPEZ MAZZ, J. Maria. La prehistoire et la protohistoire dans les basses terres de l'est de l'Uruguay et le sud du Brésil. In Peuplement et prehistoire en Amérique. Direction D. Vialou. Paris: Éditions du Comité des travaux historiques et scientifiques, p. 381-392. LOURDEAU Antoine. 2019. “A Serra da Capivara e os primeiros povoamentos sul-americanos: uma revisão

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

bibliográfica”, Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 14, n. 2, p. 335-366, maio-ago. (<http://www.scielo.br/revistas/bgoeldi/paboutj.htm>)

MIOTTI Laura., SALERME Monica., FLEGENHEIMER Nora. 2003. Where the South Winds Blow ; Ancient Evidence of Paleo South Americans. Robson Bonnichsen, Editor General. Center for the Study of the First Americans. Texas A&M University, 166p.

SALOMON. Hocsman. 2009. Perspectivas atuais em arqueologia Argentina. E. Barberena R., Borrizzo K., Borrero L-A. Conicet – IMHICIHU.

SORIANO, W.E. Los Incas. Economia, sociedad y estado em la era Del Tahuantinsuyo. Ediciones Inkamaru. 2009.

DAA XXX – Laboratório de Pesquisa em Arqueologia II

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Desenvolvimento de pesquisa arqueológica para construção de projeto de monografia de curso, contemplando desenvolvimento teórico-metodológico e produção de dados e/ou análise do objeto de pesquisa.

Syllabus (Research in Archaeology II)

Development of archaeological research - toward dissertation project - including them theoretical and methodological development and data production and/or object analysis.

Bibliografia básica:

Específica para o projeto de cada discente.

DAA XXX – Monografia em Arqueologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Elaboração, apresentação e defesa pública de monografia de conclusão de curso em Arqueologia, contemplando resultados de projeto de pesquisa.

Syllabus (Dissertation in Anthropology)

Development and public presentation of monographic work, including research project results.

Bibliografia básica:

Específica para o projeto de cada discente.

DAA XXX – Antropologia das Elites

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

As elites como campo de estudo antropológico; elites e ordens institucionais; padrões simbólicos de comportamento e grupos de interesse; como as elites mantêm sua distinção social e suas posições. Possibilidades de pesquisa etnográfica em comunidades de elite, cuja análise atravessa a observação das dimensões culturais e sociais das práticas de autoridades e burocratas em diferentes instituições públicas, privadas ou multilaterais (e.g. agências estatais, grandes empresas e corporações transnacionais, escritórios de advocacia, organizações

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

internacionais, grupos de mídia, entre outras). Desafios éticos, teóricos e metodológicos dos pesquisadores que ingressam nesse campo.

Syllabus (Anthropology of Elites)

Elites as a field of anthropological study; institutional elites and orders; symbolic patterns of behavior and interest groups; how elites maintain their social distinction and their positions. Possibilities for ethnographic research in elite communities, whose analysis crosses the observation of the cultural and social dimensions of the practices of authorities and bureaucrats in different public, private, or multilateral institutions (e.g., state agencies, large transnational corporations and corporations, law firms, international organizations, media groups, among others). Ethical, theoretical and methodological challenges for researchers entering this field.

Bibliografia básica:

ABÉLÈS, Marc & BADARÓ, Máximo. 2015. Los encantos del poder: Desafíos de la antropología política. Buenos Aires: Siglo Veintiuno editores. Capítulos 3 e 4.

BRONZ, Débora. 2014. Experiências e contradições na etnografia de práticas empresariais. In: Castilho, Sousa Lima; Teixeira (orgs.) Antropologia das Práticas de Poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj.

COHEN, Abner. 1978. O homem bidimensional: a antropologia do poder e o simbolismo em sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar Editores. Introdução e Capítulo 6

DE SOUZA, Adriana Barreto. 2009. Pesquisando em arquivos militares. In: Celso Castro e Piero Leiner (orgs.) Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisas de campo. Rio de Janeiro: Editora FGV.

DUATE, Luiz Fernando Dias. 2017. Valores cívicos e morais em jogo na Câmara dos Deputados: a votação sobre o pedido de impeachment da Presidente da República. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 37(1): 145-166.

FERREIRA, Letícia Carvalho de Mesquita (2014). O etnógrafo, o burocrata e o “desaparecimento de pessoas” no Brasil: notas sobre pesquisar e participar da formulação de uma causa. In: Sergio Ricardo Rodrigues Castilho, Antônio Carlos de Sousa Lima e Carla Costa Teixeira (orgs.). Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj

HERZFELD, Michael. 2016 [1992]. A produção social da indiferença: Explorando as raízes simbólicas da burocracia ocidental. Petrópolis, RJ: Vozes. Introdução & Capítulo 3: “A criatividade dos estereótipos”.

LIMA, Antônia Pedrosa de. 1999. “Sócios e parentes: valores familiares e interesses econômicos nas grandes empresas familiares portuguesas”, *Etnográfica*, Vol. III (1), p. 87-112.

MARCUS, George. 2010 [1983]. Elite Communities and Institutional Orders. In: George Marcus, ed. *Elites: Ethnographical Issues*. London, New York: Routledge.

NADER, Laura. 1972. Reinventando a antropologia: perspectivas obtidas desde o estudo das elites. (Tradução independente: Rafael Costa) “Up the Anthropologist: perspectives gained from studying up”. In: Hyme, Dell (ed.) *Reinventing Anthropology*. New York: Random House, p. 284-331.

SHORE, Cris. 2010. La antropología y el estudio de la política pública: reflexiones sobre la “formulación” de las políticas. *Antípoda* nº 10. Enero-Junio, 2010, p. 21-49.

SOUZA LIMA, Antônio Carlos de; CASTRO, João Paulo Macedo e. 2015. “Notas para uma Abordagem Antropológica da(s) Política(s) Pública(s)”, *Revista Antropológicas*. A 19, 26(2): 17-54.

SOUZA, Jesse. 2017. A elite do atraso: Da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro: Leya.

VECCHIOLI, Virginia; BADARÓ, Máximo. 2009. “Algunos dilemas y desafíos de una antropología de las elites”, *Etnografías contemporáneas*, Año 4, Vol 4, 7-20, UNSAM Edita.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Bibliografia complementar:

RABINOW, Paul. 2006. *Midst Anthropology's Problems*. In: Aihwa Ong e Stephen J. Collier (eds.). *Global Assemblages: technology, politics, and ethics as anthropological problems*. Malden, Oxford and Victoria: Blackwell Publishing.

TEIXEIRA, Carla; LIMA, Antônio Carlos de Sousa. 2010. *A antropologia da administração e da governança no Brasil: área temática ou ponto de dispersão?*. In: Martins, C. B.; Duarte, L. F. (org.) *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Antropologia*. São Paulo: ANPOCS

VIANA, Adriana. 2014. *Etnografando documentos: uma antropóloga em meio a processos judiciais*. In: Sergio Ricardo Rodrigues Castilho, Antônio Carlos de Sousa Lima e Carla Costa Teixeira (orgs.). *Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações*. Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj.

ZHOURI, Andréa. 2002. *O fantasma da internacionalização da Amazônia revisitado: Ambientalismo, direitos humanos e indígenas na perspectiva de militares e políticos brasileiros*. In: XXVI Encontro Anual da ANPOCS. GT11 – O desenvolvimento sustentável em questão na Amazônia brasileira. Caxambu, outubro de 2002.

DAA XXX – Antropologia das Emoções

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

O campo da antropologia das emoções: essencialismo, relativismo, historicismo e contextualismo. Discurso emotivo e interação social. Emoção, gênero e sexualidades. Emoção, micropolítica e micro-hierarquias. Emoção e movimentos sociais. A construção histórica das emoções nas sociedades ocidentais modernas. Perspectivas etnográficas na antropologia das emoções.

Syllabus (Anthropology of Emotions)

The field of anthropology of emotions: essentialism, relativism, historicism and contextualism. Emotion discourse and social interaction. Emotion, gender and sexualities. Emotion, micropolitics and micro-hierarchies. Emotion and social movements. The historical construction of emotions in modern Western societies. Ethnographic perspectives in the anthropology of emotions.

Bibliografia Obrigatória:

CLARK, Candace. 1997. "Sympathy, Microhierarchy and Micropolitics" in *Misery and company: sympathy in everyday life*. Chicago; London: The University of Chicago Press.

COELHO, Maria Cláudia. 2010. "Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções". *Mana: Estudos em Antropologia Social*. vol 16, n.2, Rio de Janeiro, outubro de 2010. <http://www.scielo.br/pdf/mana/v16n2/01.pdf>

COELHO, Maria Cláudia. 2019. "As Emoções e o Trabalho Intelectual", *Horizontes Antropológicos*, 2019, vol.25, n.54, p. 273-297. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ha/v25n54/1806-9983-ha-25-54-273.pdf>

LUTZ, Catherine & ABU-LUGHOD, Lila (ed.). 1990. *Language and the politics of emotion*. New York: Cambridge University.

ROSALDO, Michele Zimbalist. 2019. *Em direção a uma antropologia do self e do sentimento*. *RBSE: Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 18, n. 54, pp. 31-49, dezembro de 2019. Disponível em http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RosaldoArt_RBSEv18n54dez2019.pdf

REZENDE, Claudia B. & COELHO, Maria Cláudia. 2010. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: FGV.

Bibliografia complementar:

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

BISPO, Raphael. 2016. Tempos e silêncios em narrativas: etnografia da solidão e do envelhecimento nas margens do dizível. *Etnográfica* (Lisboa, v. 20 (2), p. 251-274, 2016. <https://journals.openedition.org/etnografica/4268>

BISPO, Raphael & COELHO, Maria Cláudia. 2019. "Emoções, Gênero e Sexualidade: apontamentos sobre conceitos e temáticas no campo da Antropologia das Emoções", *Cadernos de Campo*, v. 28, n. 2.

BUTLER, Judith. 2019 [2004]. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

CAMPBELL, Colin. 2001. *A ética romantica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco.

CASTRO, Eduardo Viveiros de; ARAÚJO, Eduardo Benzaquem de. 1997. *Romeu e Julieta e a origem do Estado*. In: VELHO, Gilberto. *Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 130-169.

COELHO, Maria Claudia & REZENDE, Claudia Barcelos (Orgs.). 2011. *Cultura e Sentimentos: ensaios em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Editora Contracapa.

DAS, Veena. 2020. *Vidas e Palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp.

DIAZ-BENITEZ, María Elvira. 2019. "O gênero da humilhação. Afetos, relações e complexos emocionais", *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 25, n. 54, p. 51-78, ago. 2019. <https://www.scielo.br/pdf/ha/v25n54/1806-9983-ha-25-54-51.pdf>

DUARTE, Luiz Fernando Dias. 1999. *O Império dos Sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna*. In: Heilborn, M.L. (org.) *Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FONSECA, Claudia. 2004. "Humor, Honra e Relações de Gênero". *Família, fofoca e honra*. Porto Alegre: UFRGS.

FREIRE FILHO, João (Org.). 2010. *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

FOUCAULT, Michel. 2004. *Sexualidade e Solidão*. In: Barros da Mota, Manuel (org). *Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária. [coleção "Ditos e Escritos", vol. V]

GAY, Peter. 1995. *Mensur: a acariciada cicatriz*. In *O Cultivo do Ódio*. São Paulo: Cia. das Letras.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. 2013. *Trabalho Emocional, regras de sentimento e estrutura social*. In: COELHO, Maria Cláudia (org). *Estudos Sobre Interação: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: EDUERJ.

HUNT, Lynn. 2009. *Torrentes de emoções: lendo romances e imaginando a igualdade*. In *A Invenção dos Direitos Humanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KILOMBA, Grada. 2019. *A máscara: colonialismo, memória, trauma e descolonização*. In *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. 2019. *Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo*. In *Irmã Outsider*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.

MAUSS, Marcel. 1979. *A expressão obrigatória dos sentimentos*. In: Cardoso de Oliveira, R. (Org.). *Mauss: antropologia*. São Paulo: Ática.

MARTIN, Emily. 2006. *Síndrome pré-menstrual, disciplina no trabalho e raiva*. In *A Mulher no Corpo: uma análise cultural da reprodução*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária.

MISKOLCI, Richard & CAMPANA, Maximiliano. 2017. "'Ideologia de gênero': notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo", *Sociedade e Estado*, vol. 32, n. 03, setembro/dezembro de 2017. <http://www.scielo.br/pdf/se/v32n3/0102-6992-se-32-03-725.pdf>

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

MOORE, Henrietta. 2000. "Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência", Cadernos Pagu (14), 2000. p.13-44. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635341/3140>

MUGABE, Nelson. 2019. "Marcadores sociais da diferença e sentimentos no universo LGBT maputense", Cadernos De Campo (São Paulo 1991), 28(2), 306-324. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/164290>

OLIVEIRA, Leandro de. 2019. "A 'vergonha' como uma 'ofensa': homossexualidade feminina, família e micropolíticas da emoção", Horizontes Antropológicos. Vol. 25, p. 141-171. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ha/v25n54/1806-9983-ha-25-54-141.pdf>

OLIVEIRA, Leandro de; BARRETO, Thiago Camargo. 2019. "Silêncios em discurso: Família, conflito e micropolítica em narrativas sobre a revelação da homossexualidade", Sexualidad, Salud y Sociedad, Rio de Janeiro, n. 33, p. 318-342, Dec. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sess/n33/1984-6487-sess-33-318.pdf>

PARK, Robert E.. 1970 [1924]. Distância Social. In: PIERSON, Donald. Estudos de Organização Social: leituras de sociologia e antropologia social. São Paulo: Livraria Martins Editores S/A, vol. 02.

REZENDE, Claudia Barcellos. 2002. "Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções", Mana: Estudos de Antropologia Social, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 69-89, Outubro de 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/mana/v8n2/16137.pdf>

RIBEIRO, Renato Janine. 1988. Os Amantes Contra o Poder: sobre alguns olhares que se cruzam, no amor à primeira vista e na teletela do Grande Irmão. In: Novaes, Adauto. O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras, p. 432-444.

SAHLINS, Marshall. 2004. A tristeza da doçura, ou a antropologia nativa da cosmologia ocidental. In: Cultura na prática. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

SENNET, Richard. 1988. O declínio do homem público: tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras.

SIMMEL, Georg. 2001. Filosofia do Amor. São Paulo: Martins Fontes.

_____. 2004. Fidelidade e Gratidão. In: Fidelidade e Gratidão e outros textos. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

STALLYBRASS, Peter. 2016. O Casaco de Marx: roupas, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. 1988. A troca de lágrimas e suas regras. In História das Lágrimas. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. 2011. "A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional", Cadernos Pagu. Campinas, UNICAMP, no.37, July/Dec. 2011. <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n37/a04n37.pdf>

DAA XXX – Antropologia do Cristianismo

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Ao longo da história das ciências da religião, o cristianismo serviu enquanto modelo comparativo implícito que guia o que se entende por religião. Por outro lado, justamente por seu suposto baixo grau de alteridade (partindo de um pesquisador ideal), foi um objeto de estudo relativamente negligenciado durante a maior parte da história da antropologia. Há algumas décadas, porém, a antropologia tem percebido não apenas a relevância de se estudar o cristianismo, mas também as potencialidades comparativas de um fenômeno religioso tão múltiplo. Assim, uma subárea disciplinar – a antropologia do cristianismo – tem se formando

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

como espaço de debate. A disciplina tratará desta história, seus antecedentes e os debates contemporâneos.

Syllabus (Anthropology of Christianity)

Since the emergence of the scientific study of religions, Christianity has been taken as an implicit model of what a religion should be. On the other hand, because of its supposedly low degree of difference from the ideal researcher, Christianity was a relatively neglected field of study through most of the history of Anthropology. Only since the 1990s, approximately, a vast number of anthropologists have started taking an interest in the comparative of such a multiple religious phenomenon. A new sub-area, the anthropology of Christianity thus emerges. The course deals with this history, its antecedents and contemporary debates.

Bibliografia básica:

MEYER, Birgit. 2019. Como as coisas importam: Uma abordagem material da religião. Porto Alegre: UFRGS.

ROBBINS, Joel 2011. "Transcendência e antropologia do cristianismo: Linguagem, mudança e individualismo", *Religião e Sociedade* 31(1): 11-31.

SANCHIS, Pierre. 1995. "As tramas sincréticas da história: sincretismo e modernidades no espaço luso-brasileiro", *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 28 (10). 15pp.

Bibliografia complementar:

ASAD, Talal. 1993 [2010]. "A Construção da religião como uma categoria antropológica", *Cadernos de Campo* 19: 263-84.

BLANES, Ruy Llera & SARRÓ, Ramon. 2015. "Geração, presença e memória: a Igreja Tocoísta em Angola", *Etnográfica* 19 (1): 169-187.

BLANES, Ruy Llera. 2008. Um cemitério chamado Europa: cristianismo, consciência global e identidades migratórias. In: R. M. do Carmo, R. Il. Blanes & D. Melo (coords.). *A Globalização no Divã*. Lisboa: Tinta-da-China, p. 317-34.

BLANES, Ruy Llera. 2009 a. "O que se passa no tabernáculo? Oração e espacialização na igreja tokoísta angolana", *Religião & Sociedade* 29 (2): 116-133.

BLANES, Ruy Llera. 2009 b. "O messias entretanto já chegou. Relendo Balandier e o profetismo africano na pós-colônia", *Campos* 10 (2): 9-23.

CAMPOS, Roberta Bivar. 2008. "Sobre a 'docilidade' do Catolicismo: Interpretações do sincretismo e do anti-sincretismo na/da cultura brasileira", *BIB* 65: 89-103.

DOUGLAS, Mary. 1966 [2014]. "As abominações do Levítico", in: *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva. pp. 57-74.

DUMONT, Louis. 1983 [1992]. *Ensaio sobre o individualismo: Uma perspectiva antropológica sobre a ideologia moderna*. Lisboa: Dom Quixote.

FERNANDES, Rubem César. 1984. "Religiões populares: Uma visão parcial da literatura recente", *BIB* 18: 3-26.

FERRETI, Sérgio F. 1995. *Repensando o sincretismo*. São Paulo: Edusp.

GIUMBELLI, Emerson. 2001. "A vontade do saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro", *Religião e Sociedade* 21 (1): 87-120.

LEACH, Edmund. 1969 [1983]. "O Gênesis enquanto um mito", in: *Edmund Leach: Antropologia (Coleção grandes cientistas sociais)*. São Paulo: Ática, p. 57-69.

MAFRA, Clara. 2001. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Zahar.

MARIZ, Cecília & CAMPOS, Roberta Bivar. 2014. O pentecostalismo muda o Brasil? Um debate das ciências sociais brasileiras com a antropologia do cristianismo. In: Scott, Parry; Campos, Roberta Bivar; Pereira, Fabiana (orgs.). *Rumos da antropologia no Brasil e no mundo: Geopolíticas disciplinares*. Recife: EdUFPE / ABA, p. 191-214.

MARTINS, Leda Maria. 1995. *Afrografias da memória*. Belo Horizonte: Mazza.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

MBEMBE, Achille. 1988 [2013]. *África insubmissa: Cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial*. Mangualde: Pedagogo.

MENEZES, Renata C. 2004. *A Dinâmica do Sagrado. Rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

MEYER, Birgit. 2010 [2018]. "A estética da persuasão: As formas sensoriais do cristianismo global e do pentecostalismo", *Debates do NER* 34: 13-45.

ORO, Ari & ANJOS, José Carlos dos. 2009. *A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre: Sincretismo entre Maria e Iemanjá*. Porto Alegre: Sec. Munic. de Cultura.

PINA CABRAL, João de. 1986 [1989]. *Filhos de Adão, filhas de Eva*. Lisboa: Dom Quixote.

ROBBINS, Joel. 2008. "Sobre alteridade e o sagrado em uma época de globalização. O 'trans' em 'transnacional' é o mesmo 'trans' de 'transcendente'?", *Mana* 14 (1): 119-39.

SAHLINS, Marshall. 1996 [2003]. "A Tristeza da doçura: A antropologia nativa da cosmologia ocidental", *Teoria & Sociedade* 11(2): 112-73.

SANCHIS, Pierre. 1983. *Arraial: Festa de um Povo*. Lisboa: Dom Quixote.

STEIL, Carlos A. & TONIOL, Rodrigo. 2013. "A crise do conceito de religião e sua incidência sobre a antropologia". In: E. Giumbelli & V. G. Béliveau (Orgs.). *Religión, cultura y política en las sociedades del siglo XXI*. Buenos Aires: Biblos editora, p. 137-58.

VILAÇA, Aparecida. 1996. "Cristãos sem fé. Alguns aspectos da conversão dos Wari' (Pakaa Nova)", *Mana* 2 (1): 109-37.

VILAÇA, Aparecida. 2007. "Indivíduos celestes: Cristianismo e parentesco em um grupo nativo da Amazônia", *Religião e Sociedade* 27 (1): 11-23.

VILAÇA, Aparecida. 2008. "Conversão, predação e perspectiva", *Mana* 14 (1): 173-204.

DAA XXX – Antropologia do Estado

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Aspectos teóricos e metodológicos de uma abordagem antropológica sobre processos de formação e ações de Estado na contemporaneidade. Ao focar a contribuição da antropologia para os estudos sobre "questões estatais", em eventual diálogo com outras disciplinas, ênfase será dada às práticas governamentais constitutivas da formação do Estado, entendendo-se o Estado como instituição em processo de formação continuada e não como realidade sedimentada.

Syllabus (Anthropology of the State)

Theoretical and methodological aspects of an anthropological approach on the State in action in contemporary times. In possible dialogue with other disciplines, emphasis will be given to the governmental practices that constitute the formation of the State, understanding the State as an institution in a process of continuous formation and not as a settled reality.

Bibliografia básica:

BARREIRA, César. 2006. *Fraudes e corrupções eleitorais: entre dádivas e contravenções*. In: PALMEIRA, Moacir e César Barreira (org.). *Política no Brasil: visões de antropólogos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

BOURDIEU, Pierre. 2003. *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, Cap. 4 "Espíritos de Estado": geneses e estrutura do campo burocrático, p. 91-124.

CHATTERJEE, Partha. 2004. "Populações e sociedades políticas"; "A política dos governados". In: *Colonialismo, modernidade e política*. Salvador: EDUFBA, CEAO.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

DAS, Veena & POOLE, Deborah. 2008. "El Estado y sus márgens", Revista Académica de Relaciones Internacionales, núm. 8 junio de 2008, GERI-UAM.

DOUGLAS Mary. 1998. "As instituições se fundamentam na analogia"; "As instituições tomam decisões de vida e morte". In: Como as instituições pensam. São Paulo: EDUSP.

FOUCAULT, Michel. 2008. Segurança, Território, População. São Paulo: Martins Fontes, p. 383 - 488.

GRAMSCI, Antonio. 2006. State and Civil Society. In: Aradhana Sharma and Akhil Gupta. The Anthropology of the State: a reader. Oxford: Blackwell, p.71-85.

LEITE LOPES, José Sergio, ANTONAZ, Diana; SILVA, Glaucia Oliveira da; PRADO, Rosane. 2006. Audiência Pública em Angra dos Reis: debate em torno do licenciamento de uma usina nuclear. In: PALMEIRA, Moacir e César Barreira (org.). Política no Brasil: visões de antropólogos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. 1998. Redimensionando a questão indígena no Brasil: uma etnografia das terras indígenas. In: João Pacheco de Oliveira (Org.). Indigenismo e territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: ContraCapa Livraria, p. 15- 42.

PALMEIRA, Moacir. 2006. Eleição municipal, Política e cidadania. In: PALMEIRA, Moacir e César Barreira (org.). Política no Brasil: visões de antropólogos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

PEIRANO, Mariza. 2006. De que serve um documento?. In: PALMEIRA, Moacir e César Barreira (org.). Política no Brasil: visões de antropólogos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

SOUZA LIMA, Antonio de Carlos. "O exercício da tutela sobre os povos indígenas: considerações para o entendimento das políticas indigenistas no Brasil contemporâneo", "Dossiê Fazendo Estado", Revista de Antropologia, USP, vol 55(2), julho-dezembro de 2012, São Paulo.

TEIXEIRA, Carla e LIMA, Antonio Carlos de Souza. 2010. A antropologia da administração e da governança no Brasil: área temática ou ponto de dispersão?. In: Carlos Benedito Martins e Luiz Fernando D. Duarte (org.), Horizontes das ciências sociais no Brasil: Antropologia. São Paulo: Anpocs.

TEIXEIRA, Carla. 2014. Pesquisando instâncias estatais: reflexões sobre o segredo e a mentira. In: CASTILHO, S. R. R. ; SOUZA LIMA, Antonio Carlos de; TEIXEIRA, C. Costa (Orgs.). Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

VIANNA, Adriana. 2014. Etnografando documentos: uma antropóloga em meio a processos judiciais. In: CASTILHO, S. R. R.; SOUZA LIMA, Antonio Carlos de; TEIXEIRA, C. Costa (Orgs.). Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

WEBER, Max. 2004. A Instituição estatal racional e os modernos partidos políticos e parlamentos (Sociologia do Estado). In: Economia e Sociedade V. 2. São Paulo: Imprensa Oficial/UnB, p.517-529.

WEBER, Max. 2014. Os tipos de dominação. In: Economia e Sociedade. V.1. Trad. de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; rev. téc. de Gabriel Gohn, 4a. ed. Brasília, UnB.

ZHOURI, Andrea e VALENCIO, Norma (org). 2014. Introdução. In: Formas de matar, de morrer e de resistir. Limites da resolução negociada de conflitos ambientais. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Bibliografia complementar:

BEVILAQUA, Ciméa B. 2003. "Etnografia do Estado: algumas questões metodológicas e éticas", Campos, v.3, p.51-64, 2003.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luis Roberto. 2006. Direitos republicanos, identidades coletivas e esfera pública no Brasil e no Quebec. In: PALMEIRA, Moacir e César Barreira (org.). Política no Brasil: visões de antropólogos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

GEERTZ, Clifford. 1991. "Introdução"; "Definição política: as fontes da ordem"; "Conclusão: Bali e a teoria política". In: Negara. O Estado-teatro no século XIX. Lisboa: Difel; pp. 13-21; 23-39; 151-17.

REIS, Elisa Pereira. 2003. "Reflexões leigas para a formulação de uma agenda de pesquisa em políticas públicas", Revista Brasileira de Ciências Sociais, 18(51):12-15.

SILVA, Margarida da. 2014. Trabalhar e investigar enquanto antropóloga na administração pública: breves considerações ético-metodológicas. In: CASTILHO, S. R. R.; SOUZA LIMA, Antonio Carlos de; TEIXEIRA, C. Costa (Orgs.). Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 243-253.

ZHOURI, A e OLIVEIRA, R. 2013. Conflitos entre Desenvolvimento e Meio Ambiente no Brasil. Desafios para a antropologia e para os antropólogos. In: Bela Feldman Bianco (org). Desafios da antropologia brasileira. Brasília: ABA. Disponível como E-book no site da ABA.

ZHOURI, A. 2010. "Forças Adversas (traduzido) 'Adverse Forces' in the Brazilian Amazon Developmentalism versus environmentalism and indigenous rights", Journal of Environment and Development, no. 19 (3).

DAA XXX – Antropologia do Gênero

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

Sexo, gênero e sexualidade na literatura antropológica. O impacto dos estudos de gênero na Antropologia. Etnografia e estudos de gênero no Brasil. Questões de gênero no final do século XX. Questões de gênero na Antropologia.

Syllabus (Anthropology of Gender)

Sex, gender and sexuality in anthropological literature. The impact of gender studies in Anthropology. Ethnography and gender studies in Brazil. Gender issues at the end of the 20th century. Gender issues in Anthropology.

Bibliografia Obrigatória:

ABU-LUGHOD, Lila. 2012. "As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros", Estudos Feministas, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 451-470.

BUTLER, J. 1987. Variações de sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. In: BENHABIB, S., CORNELL, D. (orgs). Feminismo como crítica da modernidade. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, p. 139-154.

CORRÊA, Mariza. 2003. O espartilho de minha avó: linhagens femininas na Antropologia. In: Antropólogas & antropologia. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 185- 207.

DE LAURETIS, Teresa. 1994. A Tecnologia do Gênero. In: Heloisa Buarque de Hollanda (org.). Tendências e Impasses: o Feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco.

HERITIÉR, Françoise. 1998. Masculino/Feminino: o pensamento da diferença. Lisboa: Instituto Piaget.

MALINOWSKI, B. A.. 1982. Vida Sexual dos Selvagens do noroeste da Melanésia: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das ilhas Trobriand. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

MEAD, Margaret. 2006. Sexo e Temperamento. São Paulo: Perspectiva.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

ORTNER, Sherry. 1979. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?. In: ROSALDO, M. Z., LAMPHERE, L. (Org.). A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 95-120.

ROSALDO, Michelle. 1995. "O uso e abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e entendimento intercultural", Horizontes antropológicos, Porto Alegre, n. 1, p. 11-36.

STRATHERN, Marilyn. 2014. A cultura numa bolsa de malha. In: O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: CosacNaify, p. 77-108.

STRATHERN, Marilyn. 1995. "Necessidade de pais, necessidade de mães", Revista Estudos Feministas, ano 3, n. 2, 1995, p.303-329.

Bibliografia complementar:

ALMEIDA, Miguel Vale. 1995. "Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal", Anuário Antropológico, 1995, pp. 161-190.

BONETTI, Alinne de Lima. 2007. Antropologia feminista: O que é esta antropologia adjetivada? In: BONETTI, Alinne e FLEISCHER, Soraya. (orgs). Entre pesquisar e militar: contribuições e limites dos trânsitos entre pesquisa e militância feministas. Brasília: Centro Feminista de Estudos e Assessoria.

BOURDIEU, Pierre. 1995. "A dominação masculina", Educação & Realidade, v.20, n.2, p.133-184.

CORRÊA, Mariza. 2001. "Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal", Cadernos Pagu (16) 2001, pp.13-30.

CORRÊA, Mariza. 1983. Morte em família. São Paulo: Brasiliense.

FRY, Peter.1982. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, p. 87-115.

GREGORI, Maria Filomena. 1993. Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista. São Paulo: Paz e Terra/ANPOCS.

MALINOWKI, Bronislaw. 2000. Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem. Petrópolis: Vozes.

MACRAE, Edward. 1990. A Construção da Igualdade. Identidade Sexual e Política no Brasil da "Abertura". Campinas: Editora da Unicamp.

MEAD, Margaret. 1971. Macho e Fêmea. Petrópolis: Vozes.

PERLONGHER, Nestor. 2008. O negócio do michê. 2ªed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

SCOTT, Joan W. 1990. "Gênero como uma categoria útil de análise histórica", Educação & Realidade, vol. 15, nº 2, jul./dez. 1990, pp.71-99.

STRATHERN, Marilyn. 2006. Estratégias antropológicas. In: O Gênero da dádiva. Campinas: Ed. Unicamp, p. 27-52.

STRATHERN, Marilyn. 1997. Entre uma melanesianista e uma feminista. Cadernos Pagu (8/9), 1997, pp. 7-49

STRATHERN, Marilyn. 1999. "No limite de uma certa linguagem: entrevista por Eduardo Viveiros de Castro e Carlos Fausto", Mana: estudos de Antropologia Social, Rio de Janeiro, (5/02).

DAA XXX – Antropologia do Licenciamento Ambiental

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

O campo ambiental; governança e licenciamento ambiental; desconstrução conceitual e experiências etnográficas em Minas Gerais; alcance e limites dos Estudos de Impacto Ambiental (EIA-RIMA); participação social em espaços decisórios; análises etnográficas da ritualística do Conselho de Política Ambiental de Minas Gerais (COPAM); políticas das afetações; avaliação de equidade ambiental; licenciamento e educação ambiental; as práticas dos antropólogos no interior desse campo: desafios éticos, metodológicos e conceituais.

Syllabus (Anthropology of Environmental Impact Assessment)

The environmental field; environmental governance and licensing; conceptual deconstruction and ethnographic experiences in Minas Gerais; scope and limits of Environmental Impact Studies (EIA-RIMA); social participation in decision-making spaces; ethnographic analyses of the ritualistic of the Environmental Policy Council of Minas Gerais (COPAM); affectation policies; environmental equity assessment; licensing and environmental education; the practices of anthropologists within this field: ethical, methodological and conceptual challenges.

Bibliografia básica:

ACSELRAD, Henri. 2004. Conflitos Ambientais no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. (cap. 1)

BRONZ, Débora. 2014. "Experiências e contradições na etnografia de práticas empresariais". In: Castilho, Sousa Lima; Teixeira (orgs.). Antropologia das Práticas de Poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj.

CARNEIRO, Eder. 2005. A oligarquização da "política ambiental" mineira. IN: ZHOURI, Andréa, LASCHEFSKI, Klemens e PEREIRA, Doralice (orgs) A Insustentável leveza da Política Ambiental. Desenvolvimento e Conflitos Socioambientais. Belo Horizonte: Autêntica.

FASE; ETERN. 2011. Relatório Síntese do Projeto Avaliação de Equidade Ambiental. Rio de Janeiro: Fase, Etern, Disponível em: <http://issuu.com/ongfase/docs/rs-equidade>

FELDMAN-BIANCO et all. 2012. Os antropólogos e o desenvolvimento. In IPEA: Desafios do desenvolvimento. IPEA, ano 9, edição 72, 15/06/2012

FERGUSON, James. 1990. The Anti-Politics Machine: "Development", Depoliticization, and Bureaucratic Power in Lesotho. Cambridge and New York: Cambridge University Press.

FLORIT, Luciano; SAMPAIO, Carlos Alberto; PHILIPPI JR., Arlindo. 2019. Os desafios da ética Socioambiental. In: Luciano Florit, Carlos Alberto C. Sampaio, Alindo Philippi Jr. (Orgs) Ética Socioambiental. Barueri: Manole.

LACORTE, A C. & BARBOSA, N. P.. 1995. "Contradições e limites dos métodos de avaliação de impactos em grandes projetos: uma contribuição para o debate", Cadernos IPPUR/UFRJ, ano IX (1/4), jan./dez.

OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. 2009. "Significados e usos sociais da expertise na implantação de políticas públicas de gestão ambiental", Sociedade e Cultura, v. 12, n. 1, p 139-150, jan/jun.

RIBEIRO, Gustavo Lins. 2008. "Poder, redes e ideologia no campo do desenvolvimento", Novos Estudos CEBRAP, v. 80, p.109-125.

RIGOTTO, Raquel; PONTES AGUIAR, Ada; DIAS RIBEIRO, Livia Alves (orgs). 2018. Tramas para a justiça ambiental: diálogo de saberes e práxis emancipatórias. Fortaleza: Ed. UFC. <http://www.tramas.ufc.br/wp-content/uploads/2018/07/Tramas-para-a-Justiça-Ambiental-E-BOOK.pdf>

SANTOS, A.F.M.; FERREIRA, L.S.S.; PENNA, V.V.. 2018. Impactos supostos, violências reais: a construção da legalidade na implantação do Projeto Minas-Rio. In: ZHOURI, A. (org.) Mineração, violências e resistências: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil. Brasília/Marabá: ABA/Iguana.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

SCOTT, Parry. 2013. Descaso planejado: uma interpretação de projetos de barragem a partir da experiência da UHE Itaparica no rio São Francisco. IN: Andréa Zhouri (org.) Desenvolvimento, Reconhecimento e direitos e conflitos territoriais, Brasília: ABA.

SIGAUD, Lygia, MARTINS-COSTA, Ana Luiza & DAOU, Ana Maria. 1987. Expropriação do Camponato e Concentração de Terras em Sobradinho: uma contribuição à análise dos efeitos da política energética do Estado. In: Ciências Sociais Hoje. São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, ANPOCS, p. 214-290.

VIGLIO, José Eduardo; MONTEIRO, Marko Synésio Alves; FERREIRA, Lúcia da Costa. 2018. Ciência e processo decisório: a influência dos experts no licenciamento ambiental de um empreendimento petrolífero no litoral paulista. RBCS Vol. 33 nº 98/2018.

ZHOURI, A. & OLIVEIRA, R. 2004. "Paisagens Industriais e Desterritorialização de Populações locais: conflitos socioambientais em projetos hidrelétricos", Teoria & Sociedade, n. 12.2, 2004, p.10-28.

ZHOURI, A. 2008. "Diversidade cultural, Justiça Ambiental e accountability: desafios para a governança ambiental", Revista Brasileira de Ciências Sociais, 23 (68) • Out 2008.

ZHOURI, A.; LASCHEFSKI, K. e OLIVEIRA, R. 2010. A Supressão da Vazante e o Início do Vazio: água e "insegurança administrada" no Vale do jequitinhonha - MG. In: Dossiê Antropologia e Água. Anuário Antropológico, 2010/II, pp. 23-54. Disponível on-line <http://www.dan.unb.br/anuario-antropologico-listagem-dos-numeros/111-anuario-antropologico-sumario-20102>.

ZHOURI, Andréa. 2019. Megaprojetos e violência epistêmica: desafios para a ética ecológica. In: Luciano Florit, Carlos Alberto C. Sampaio, Alindo Philippi Jr. (Orgs) Ética Socioambiental. Barueri: Manole.

ZUCARELLI, Marcos. 2011. O papel do Termo de Ajustamento de Conduta no Licenciamento Ambiental de hidrelétricas. In: Zhouri, Andréa (org.) As Tensões do Lugar: hidrelétricas, sujeitos e licenciamento ambiental. Belo Horizonte: UFMG.

Bibliografia complementar:

BAVISKAR, Amita. 2003. Between violence and desire: space, power and identity in the making of metropolitan Delhi. In. International Social Science Journal, v. 55, 175, p. 89-98

BERNO DE ALMEIDA, Alfredo Wagner. 2010. Terras de preto, terras de santo, terras de índio: uso comum e conflito. In: Nelson Giordano Delgado (org.). Brasil Rural em Debate: coletânea de artigos. Brasília: CONDRAF/MDA.

FERGUSON, James. 2005. Seeing Like an Oil Company: Space, Security, and Global Capital in Neoliberal Africa. AMERICAN ANTHROPOLOGIST, Vol. 107, Issue 3, pp. 377-382.

MAUSS, M. 1974. Ensaio sobre as Variações Sazonais da Sociedade Esquimó. In. Sociologia e Antropologia. São Paulo: EDUSP, p. 237-326.

SAHLINS, M. 2007. A sociedade afluente original. In: SAHLINS, M. Cultura na prática. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 105-152.

SCOTT, James C. 1998. Seeing Like a State: how certain schemes to improve human condition have failed. Yale University Press.

VAINER, Carlos B. 2000. Pátria, Empresa e Mercadoria. Notas sobre a Estratégia Discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, O. et al (Org.) A Cidade do Pensamento Único: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes.

DAA XXX – Antropologia dos Conflitos

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Abordagens clássicas e contemporâneas; variações de escalas; campo, poder e dominação; protestos, rebeliões e motins; território e processos conflituivos no Brasil; análises etnográficas; dimensões éticas, conceituais e metodológicas do trabalho antropológico.

Syllabus (Anthropology of Conflicts)

Classical and contemporary approaches; scale variations; field, power and domination; protests, rebellions and riots; territory and conflict processes in Brazil; ethnographic analyses; ethical, conceptual and methodological dimensions of anthropological work.

Bibliografia básica:

APPADURAI, A. 2004. Dimensões Culturais da Globalização. Lisboa: Teorema.

ASAD, T. 1995. Two european images of non-european rule. In: ASAD, T. (Ed.) Anthropology & the colonial encounter. Humanity Books, p. 103-118.

BOURDIEU, P. 2004. Espaço Social e Poder Simbólico. In: Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, p. 149-168

BOURDIEU, P. 2002. Sobre o poder simbólico. In: O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 9 – 16.

BOURDIEU, P. 2006. Structures, Habitus and Power: basis for a theory of symbolic power. In. Outline a theory of practice. Cambridge University Press: Cambridge, New York, p. 159-197.

CLASTRES, P. 1980. Arqueologia da Violência. Ensaio de Antropologia Política. São Paulo: Brasiliense. Cap. 6 A questão do poder nas sociedades primitivas e cap. 11 Arqueologia da Violência: a guerra nas sociedades primitivas.

DAS, V. 1985. Anthropological knowledge and collective violence: the riots in Delhi, November, 1984. In: Anthropology Today, vol. 1, n. 3, jun. 1985, p. 4-6.

EVANS-PRITCHARD, E. E. 1978. Os Nuer. São Paulo: Perspectiva. (Introdução, cap. 3 - Tempo e Espaço e cap. 4 - O Sistema Político).

FANON, F. 1979. Da Violência no contexto internacional. In: Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, p. 75-85.

FANON, F. 1979. Guerra colonial e perturbações mentais. Série A. In: Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979, p. 211-229.

FOUCAULT, M. 2003. Poder-Corpo. In. MACHADO, R. (Org.) Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, p. 145- 152.

FOUCAULT, M. 2003. Verdade e Poder. In: MACHADO, R. (Org.) Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003, p. 1- 14.

GLUCKMAN, M. 2010. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.) Antropologia das Sociedades Contemporâneas: métodos. São Paulo, UNESP, p. 237-364.

LEACH, E. 1996. Hpalang: uma comunidade Kachin gumsa instável. In: Os Sistemas Políticos da Alta Birmânia. São Paulo: EDUSP, p. 125-158. (Introdução e Conclusão)

MENEZES, Marilda. 2002. "O cotidiano camponês e a sua importância enquanto resistência à dominação. A contribuição de James Scott", Raízes, Vol, 21, No. 1, Jan-Junho de 2002.

SAID, E. 1995. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Cia das Letras. Capítulos 1 e 3.

SCOTT, J. 1985. Weapons of the Weak: everyday forms of peasant resistance. New Haven; London: Yale University Press.

SCOTT, James. 2002. "Formas Cotidianas da Resistência Camponesa", Raízes 21, n. 01, jan/jun 2002.

SIMMEL, G. 1983. A Natureza Sociológica do Conflito. In: Georg Simmel: sociologia. São Paulo: Ática, p.122-134

SIMMEL, G. 1983. Conflito e Estrutura do Grupo. In: Georg Simmel: sociologia. São Paulo: Ática, p.150-164

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

TAUSSIG, M. 1993. A economia do terror. In: Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: um estudo sobre o terror e a cura. São Paulo: Editora Paz e Terra, p. 65-85.

TAUSSIG, M. 1993. Cultura do terror, espaço da morte. In: Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: um estudo sobre o terror e a cura. São Paulo: Editora Paz e Terra, p. 25-53.

THOMPSON, E. P. 2005. A economia moral da multidão inglesa no século XVIII. In: Costumes em Comum. São Paulo: Companhia das Letras, p. 150-202.

TURNER, V. 2008. Dramas sociais e metáforas rituais. In: Dramas, Campos e Metáforas: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: Editora da UFF, p. 19-53.

VAN VELSEN, J. 2010. A análise situacional e o método de estudo caso detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.) Antropologia das Sociedades Contemporâneas: métodos. São Paulo, UNESP, p.437-468.

WEBER, M. 2004. Tipos de Dominação. In: BAGRA DA CRUZ, M. Teorias Sociológicas: os fundadores e os clássicos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, p. 681-723.

WOLF, E. 2003. Encarando o Poder: velhos insights, novas questões. In: FELDMAN-BIANCO, B. & RIBEIRO, G. L. Antropologia e Poder: contribuições de Eric Wolf. Brasília: Editora da UnB, p. 325-343.

WOLF, E. 2003. Fases do Protesto rural na América Latina, In. FELDMAN-BIANCO, B. & RIBEIRO, G. L. Antropologia e Poder: contribuições de Eric Wolf. Brasília: Editora da UnB, p. 183-195.

Bibliografia complementar:

LANDER, Edgardo (org). 2005. Colonialidade do Poder. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina.

LLOSA, Mario Vargas. 2010. O Sonho do Celta. Buenos Aires: Ed Alfaguara.

MARTINS, José de Souza. 1993. A Chegada do estranho. São Paulo: Hucite.

MARTINS, José de Souza. 2009. Fronteira. A degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto.

O'DWYER, E. C. 2010. Processos de territorialização e conflitos sociais no uso dos recursos ambientais pelo povo Awá-Guajá em área da antiga reserva florestal do Gurupi. In: ZHOURI, A. & LASCHEFSKI, K. Desenvolvimento e Conflitos Ambientais. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 388-411

SOUSA SANTOS, Boaventura. 2003. Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências. In: Boaventura Sousa Santos (org) Conhecimento Prudente para uma Vida Decente. São Paulo: Ed. Cortez.

ZHOURI, A (org.). 2011. As tensões do lugar: hidrelétricas, sujeitos e licenciamento ambiental. Belo Horizonte: ed. UFMG.

ZHOURI, A e LASCHEFSKI, K.. 2010. Desenvolvimento e Conflitos Ambientais. Belo Horizonte: editora da UFMG. Introdução.

DAA XXX – Antropologia Econômica

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

O curso deve introduzir uma agenda que contemple tanto as discussões clássicas em antropologia econômica, quanto as mais recentes discussões em antropologia da economia. A disciplina visa oferecer a estudantes um quadro geral que abarque não somente os principais fundamentos da antropologia econômica, mas também a retomada do interesse de antropólogos(os) pela economia nas últimas duas décadas.

Syllabus (Economic Anthropology)

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

The course should introduce an agenda that encompasses both classical discussions in economic anthropology and the most recent discussions in anthropology of the economy/economics. The course aims to provide an overview on the main fundamentals of economic anthropology and also of the renewed interest of anthropologists in economics over the past two decades.

Bibliografia básica:

ALBERT, Bruce. 1995. O Ouro Canibal e a queda do Céu. Crítica Xamânica da Economia Política da Natureza. Série Antropologia.

ALMEIDA, Mauro W. B. 2003. Marxismo e Antropologia. Em Armando Boito Jr. e Caio N. De Toledo (orgs.) Marxismo e Ciências Humanas. São Paulo, Xamã/FAPESP/CEMARX, p. 75-85.

CLASTRES, Pierre. 2004 [1976]. A Economia primitiva. In: Arqueologia da Violência. São Paulo: Cosac & Naify. pp. 175-195.

GODELIER, M. 1971. A Antropologia Econômica (parte I – Definição e campo da antropologia econômica). In: COPANS, J; TORNAY, S.; GODELIER, M.; BACKES-CLEMENT, C. (orgs). Antropologia, ciência das sociedades primitivas? Lisboa, Edições 70, p. 143-160.

MAUSS, Marcel. 2003 [1923]. O ensaio sobre a dádiva. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify.

POLANYI, K. 2000. Capítulo 4: Sociedade e sistemas econômicos; Capítulo 5: Evolução do padrão de mercado e Capítulo 6: O mercado auto-regulável e as mercadorias fictícias. A Grande Transformação. Rio de Janeiro: Editora Campus.

SAHLINS, M. 1976. La pensée Bourgeoise: a sociedade ocidental como cultura. Em Sahlins, M. Cultura na prática. Rio de Janeiro: Zahar, p. 185-199.

SAHLINS, Marshall. 1972. Sociedade afluyente original. In: Antropologia. Econômica (org. Edgar A. Carvalho). São Paulo: Livr. Ed. Ciências Humanas Ltda.

STENGERS, Isabelle. 2017. No tempo das catástrofes. Resistir à Barbárie que se aproxima. Cosac&Naify.

STRATHERN, Marilyn. 2014. Novas formas econômicas: Um relato das terras altas da Papua Nova Guiné. In: O efeito Etnográfico, Cosac&Naify.

TAUSSIG, M. T. 2010. O Diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul. Editora Unesp.

TSING, Anna. 2019. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas.

Bibliografia complementar

APPADURAI, Arjun. 2008. Introdução: Mercadorias e a Política de Valor. A Vida Social das Coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Eduff.

COELHO DE SOUZA, Marcela S. 2012. “A pintura esquecida e o desenho roubado: contrato, troca e criatividade entre os Kĩsêdjê”. Revista de Antropologia – USP 55(1): 209-254.

DOUGLAS, M. & ISHERWOOD. 1979. Porque as pessoas querem bens. Em: O mundo dos bens para uma antropologia do consumo. 1979

GODELIER, Maurice. 1976. Antropologia y Economia. És possible la antropologia econômica?. Editorial Anagrama, Barcelona.

GRAEBER, D. & LANNA, M. 2005. Comunismo ou comunalismo? A política e o “Ensaio sobre o dom”. REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 2005, V. 48 Nº 2.

MACHADO, N. M. C. 2012. Karl Polanyi e o “Grande debate” entre substantivistas e formalistas na antropologia econômica. Revista Economia e Sociedade, volume 21, número 01, Campinas.

MILLER, D. 2002. Sujeitos e Objetos de devoção. Em: Teoria das compras o que orienta as escolhas dos consumidores.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

NEIBURG, Federico. 2010. Os sentidos sociais da economia". In: DIAS DUARTE, Luiz Fernando (org.). Horizontes das ciências sociais no Brasil – Antropologia. ANPOCS/Barcarolla/Discursos Editoriais.

SAHLINS, M. 1996. A tristeza da doçura, ou a antropologia nativa da cosmologia ocidental. Em Sahlins, M. Cultura na prática.

SAHLINS, M. 1976. La pensée Bourgeoise: a sociedade ocidental como cultura. Em Sahlins, M. Cultura na prática.

SIGAUD, Lygia. 1999. "As vicissitudes do "Ensaio sobre o Dom"". Mana. Estudos de Antropologia social. 5(2), pp 89-123

STENGERS, Isabelle. 2017. Reativar o animismo. Caderno de Leituras, 62. Chão de Feira.

STRATHERN, Marilyn. 2014. Sujeito ou objeto? As mulheres e a circulação de bens de valor nas terras altas da Nova Guiné. Em: O efeito Etnográfico, Cosac&Naify.

TAUSSIG, M. T. 1993. A Economia do Terror. Em: Xamanismo, Colonialismo e o Homen Selvagem. Paz e terra.

TSING, Anna. 2018. "Paisagens arruinadas", Cadernos do LEPAARQ, Volume XV, Número 30.

DAA XXX – Antropologia em contextos de crise

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Problematização do conceito de crise; significados e contextos de crise; diferenciações e imbricações entre crise-evento e crise-processo. Abordagens antropológicas clássicas e contemporâneas. A 'gente crítica' e políticas de pacificação do dissenso. Desafios para a prática antropológica em contextos de crise no Brasil contemporâneo; ética e etnografia.

Syllabus (Anthropology in Contexts of Crisis)

Problematization of the concept of crisis; meanings and contexts of crisis; differentiations and imbrications between crisis-event and crisis-process. Classic and contemporary anthropological approaches. The 'critical people' and policies of pacification of dissent. Challenges for anthropological practice in contexts of crisis in contemporary Brazil; ethics and ethnography.

Bibliografia básica:

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Giafranco. 1998. "Crise" IN: Dicionário de Política. Brasília: Ed. UnB, p.305-308.

CRIA – A crise é a vida normal. A antropologia face à crise. Workshop respostas à crise. Fundação Calouste Gulbenkian, Programa Próximo Futuro. 12-13 novembro de 2009.

DAS, Veena. 2011. "O Ato de Testemunhar: Violência, Gênero e Subjetividade", Cadernos Pagu (37), Julho-Dezembro de 2011: 9-41.

DAS, Veena & POOLE, Deborah. 2008. "El estado y sus margens", Revista Académica de Relaciones Internacionales, n. 8 de junio de 2008, GERI-UAM.

FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005 [1990] "Ser afetado", Cadernos de Campo 13: 155-161.

KIRSCH, Stuart.. 2001. "Lost Worlds. Environmental disaster, 'cultural loss' and the Law", Current Anthropology, Volume 42, Number 2, April 2001 .

KRENAK, Ailton. 2019. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo; Cia das Letras.

MARCHEZINI, Victor. 2009. Dos desastres da natureza à natureza dos desastres. In: Norma Valencio et al (orgs). Sociologia dos Desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil. São Carlos: Editora RIMA.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

MARCUS, George. 2010. Experts, Reporters, Witnesses: the making of Anthropologists in the states of emergency. In: Didier Fassin and Mariella Pandolfi (eds) Contemporary States of Emergency. New York: Zone books.

MBEMBE, Achilles. 2019. Necropolítica. São Paulo: N-1 Edições.

NIXON, Rob. 2011. Introduction. In: Rob Nixon, Slow Violence and the Environmentalism of the Poor. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press, p. 01-44.

OLIVEIRA, Raquel. 2012. A crise como contexto no Médio Jequitinhonha: sobre perícia e política. In: Jalcione Almeida, Cleyton Gehardt e Sonia Magalhães (Orgs) Contextos rurais e agenda ambiental no Brasil: práticas, políticas, conflitos, interpretações. Dossiê 3. Belém; Rede de Estudos Rurais. Link: https://dadospdf.com/download/1-a-crise-como-contexto-no-medio-jequitinhonha-_5a44d4c4b7d7bc891f87903c_pdf

OLIVER-SMITH, Anthony. 1999. What is a disaster? Anthropological Perspectives on a Persistent Question. In: A. Oliver-Smith and S. Hoffman (eds) The Angry Earth. Disaster in Anthropological Perspective. Routledge.

OUTHWAITE, William e BOTTOMORE, Tom. 1996. "Crise". IN: Dicionário do pensamento social do século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., p. 156-160.

REVEL, Jacques. 2010. "Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado", Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 45 set./dez. 2010.

ROITMAN, Janet. 2016. The Stakes of Crisis. In P. Kjaer, and N. Olsen (Eds.). Critical Theories of Crisis in Europe. Rowman & Littlefield International. <https://drive.google.com/file/d/0B5RX4kUysDhKclZiR3NwZGREZzA/view>

ROITMAN, Janet. Crisis. 2012. Political Concepts: a Critical Lexicon. (Tel Aviv, New York, 2012). Issue 3.5, Fall 2016. <http://www.politicalconcepts.org/roitman-crisis/>

SCHEPER-HUGHES, Nancy. 1995. "The Primacy of the Ethical. Propositions for a Militant Anthropology", Current Anthropology. Vol 36, No. 3, Jun 1995 – 409-440.

VALENCIO, Norma. 2014. "Desastre: tecnicismo e sofrimento social", Ciência e Saúde Coletiva, 19 (9), p. 3631-3644, 2014. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232014000903631&script=sci_abstract&tlng=pt

VALENCIO, Norma. 2009. Da morte da Quimera à procura de Pégaso: a importância da interpretação sociológica na análise do fenômeno denominado desastre. In: Norma Valencio et al (orgs). Sociologia dos Desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil. São Carlos: Editora RIMA.

VIGH, Henrik. 2008. Crisis and Chronicity: Anthropological perspectives on continuous conflict and decline. Ethnos, V. 73:1, p. 5-24, March 2008. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00141840801927509>

WOLF, Eric. 2003. "Encarando o poder: velhos insights, novas questões" e "Trabalho de Campo e Teoria". In. RIBEIRO, Gustavo Lins & FELDMAN-BIANCO, Bela (Org). Antropologia e poder. Contribuições de Eric R. Wolf. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora Unicamp, 2003. Pág. 325-340; 345-360.

ZHOURI, Andréa, OLIVEIRA, Raquel, ZUCARELLI, Marcos e VASCONCELOS, Max. 2018. O desastre no Rio Doce: entre as políticas de reparação e gestão das afetações. In: Andréa Zhouri (org.) Mineração, Violências e Resistências: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil. Marabá: ABA/ Iguana, 2018. E-book (site da ABA e do GESTA).

ZHOURI, Andréa. 2019. Megaprojetos e violência epistêmica: desafios para a ética ecológica. In: Luciano Félix Florit, Carlos Alberto Cioce Sampaio e Arlindo Philippi Jr (orgs). Ética Socioambiental. Bauer: Ed Manole.

Bibliografia complementar:

ALTEZ, Rogelio y REVET, Sandrine. 2005. "Contar los muertos para contar la muerte: discusión en torno al número de fallecidos en la tragedia de 1999 en el estado Vargas – Venezuela",

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Revista Geográfica Venezolana, Número especial 2005, 21-43.
https://www.academia.edu/23894963/Contar_los_muertos_para_contar_la_muerte_discusi%C3%B3n_en_torno_al_n%C3%BAmero_de_fallecidos_en_la_tragedia_de_1999_en_el_estado_Vargas_Venezuela

BARRIOS, Roberto. 2014. "‘Here, I’m not at ease’: anthropological perspectives on community resilience", *Disasters*, 38(2): 329-350.
<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/disa.12044/abstract>

BARRIOS, Roberto. 2017. "What does catastrophe reveal for whom? The Anthropology of crisis and disasters at the onset of the Anthropocene", *Annual Review of Anthropology*, 2017, 46:151-166. <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-anthro-102116-041635>

BARRIOS, Roberto. 2016. Resilience. A commentary from the vantage point of anthropology. *ANNALS OF ANTHROPOLOGICAL PRACTICE*, Vol. 40, No. 1, p. 28-38.

FELDMAN, Ilana. 2017. "Humanitarian care and the ends of life. The Politics of Aging and Dying in a Palestinian Refugee Camp", *Cultural Anthropology*, Vol. 32, issue 1, pp. 42-67.

HOFFMAN, Susanna. 2003. "The hidden victims of disaster", *Environmental Hazards* 5 (2003) 67-70.

MENDES, José Manuel e ARAÚJO, Pedro, « Risco, catástrofes e a questão das vítimas », e-cadernos ces [Online], 25 | 2016, colocado online no dia 15 Junho 2016, URL : <http://eces.revues.org/2029>

<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/36644/1/Risco%20cat%C3%A1strofes%20e%20a%20quest%C3%A3o%20das%20v%C3%ADtimas.pdf>

RIBEIRO, João Manoel. 1995. "Sociologia dos desastres", *Sociologia: problemas e práticas*. No. 18, 1995, pp. 23-43. <http://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/22/218.pdf>

DAA XXX – Antropologia, História e Arqueologia: relações, diálogos, intersecções

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Caracterização dos objetos de estudos, fontes, métodos e propósitos das disciplinas da antropologia, história e arqueologia. Análise da relação entre as três disciplinas na perspectiva de diferentes correntes teóricas e na abordagem de diferentes temáticas. Relação história, estrutura e evento.

Syllabus (Anthropology, History and Archaeology: relationships, dialogues, intersections)

Characterization of the subjects, sources, methods, and goals of the disciplines of Anthropology, History, and Archaeology. The relationship between these disciplines according to distinctive theoretical currents and in the analysis of different issues. The relationship between history, structure and event.

Bibliografia básica:

Braudel, F. 1978. *Escritos sobre a História*, cap. 3 - "História e ciências sociais: a longa duração". São Paulo: Editora Perspectiva.

Burke, P. 2004. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar Ed.

Darnton, R. 1986. *O Grande Massacre de Gatos e Outros Episódios da História Cultural Francesa*, Rio de Janeiro: Edições Graal.

Goldman, M. 1999. "Lévi-Strauss e os sentidos da história", *Revista de Antropologia* 42 (1-2).

Lanna, M. 2001. "Marshall Sahlins e as cosmologias do capitalismo", *Mana* 7(1).

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Lanna, M. 2002. "De Sahlins a C. Lévi-Strauss: no setor transpacífico do sistema mundial", Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 7, n. 16, p. 241-259, dezembro de 2001

Sahlins, M. 2003. Ilhas de História, R. de Janeiro: Zahar Ed.

Sahlins, M. 2004. Cosmologias do capitalismo. In: Cultura na Prática, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

SYMANSKI, L. 2014. Arqueologia: antropologia ou história? Origens e tendências de um debate epistemológico. Tessituras – Revista de Antropologia e Arqueologia 2(1): 10-39.

Bibliografia complementar

BOAS, F. 2006. Antropologia Cultural, Rio de Janeiro: Zahar.

EVANS-PRITCHARD, E. 1985. Antropologia Social. Lisboa: Edições 70.

GEERTZ, C. 1989. A Interpretação das Culturas, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.

HOODER, I. 1988. Interpretacion en Arqueologia. Barcelona: Critica Editorial.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. 1973. Estrutura e função na sociedade primitiva. Petrópolis: Ed. Vozes.

TYLOR, E. 2005. Evolucionismo Cultural, Rio de Janeiro: Zahar.

DAA XXX – Arqueologia da Paisagem

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Há pouco consenso na atualidade sobre o que é e como deve ser definida Paisagem em Arqueologia. Nas abordagens mais tradicionais paisagem é vista como um cenário estático, neutro e cartesiano. Paisagem nestes modelos é o espaço inerte e universal que é significado culturalmente. Em contraposição, em abordagens mais alternativas, como as abordagens não representacionais ou fenomenológicas, Paisagem é um elemento múltiplo e fluído que se define a partir de encontros e relações. Neste contexto a proposta da disciplina é explorar os diferentes conceitos de Paisagem dentro da Arqueologia.

Syllabus (Landscape Archaeology)

There is little consensus today about what means Landscape in Archaeology. In the more traditional approaches, landscape is seen as a static, neutral and Cartesian scenario. Landscape in these models is the inert and universal space that is culturally significant. In contrast, in more alternative approaches, such as non-representational or phenomenological approaches, Landscape is a multiple and fluid element that is defined through encounters and relationships. In this context, the discipline's proposal is to explore the different concepts of Landscape within Archeology.

Bibliografia básica:

BACHELARD, G. 2008. A Poética do Espaço. Martins Fontes, São Paulo.

BOADO, F. 1999. Del Terreno al Espacio: Planteamientos y perspectivas para la arqueología del Paisage. Grupo de investigación en Arqueología del Paisage. Universidad de Santiago de Compostela.

TILLEY, C. 2011. "Do corpo ao lugar à paisagem. Uma perspectiva fenomenológica", Revista Vestígios, 8, 1, 21-65.

Bibliografia complementar:

BENDER, B; Winer, M. 2001. Contested Landscape. Movement, Exile, Place. Berg Plub Ltb. London.

INGOLD, T. 2008. The Perception of the Environment. Essays in Livelihood, dwelling and Skill. Routledge. London.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

PELLINI, J. 2014. O Jardim Secreto: Sentidos, Performance, Memórias e Narrativas. *Vestígios*, 8, 1, 66-93.

DAA XXX – Arqueologia e Gênero

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

O foco da disciplina é oferecer um panorama sobre discussões relativas a questões de gênero na arqueologia. Partindo de reflexões iniciadas na década de 1980, sob influência de perspectivas críticas sobre a produção do conhecimento em arqueologia, a disciplina buscará apresentar diferentes modos como questões de gênero têm impactado a arqueologia, destacando o papel de teorias feministas e queer. Serão discutidas questões como: o papel das mulheres na produção de conhecimento em arqueologia; o impacto de sexismo e/ou androcentrismo na interpretação do registro arqueológico; intersecções de gênero com outros conceitos, como racismo e elitismo, entre outros; a relação entre questões de gênero e os direitos humanos; e finalmente a inter-relação entre estas diversas questões.

Syllabus (Archaeology and Gender)

The course focuses on offering a panorama of gender debates in archaeology. It will start from debates during the 1980's, under influence of critical perspectives about knowledge building in archaeology, following into matters of how gender issues have impacted the discipline, with emphasis on feminist and queer theories. The course will debate issues as: women role in knowledge building in archaeology; the impact of sexism and androcentrism in the interpretation of archaeological contexts; intersections of gender to other concepts, as racism and elitism among other; the relationship between gender issues and human rights; and finally the inter-relatedness of these diverse issues.

Bibliografia básica:

AGOSTINI, C. 2010. "Painéis e paineleiras de São Sebastião: um núcleo produtor e a dinâmica social e simbólica de sua produção nos séculos XIX e XX", *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 4 (2): 127-144.

ALBERTI, B. 2001. "De género a cuerpo: una reconceptualización y sus implicaciones para la interpretación arqueológica", *Intersecciones en Antropología*, 2:61-72.

BATTLE-BAPTISTE, W. 2011. *Black Feminist Archaeology*. Walnut Creek: Left Coast Press. 199 p.

BERROCAL, M. C. 2009. "Feminismo, teoría y práctica de una arqueología científica", *Trabajos de Prehistoria* 66 (2):25-43.

CONKEY, M. W. & J. Gero. 1997. "Programme to practice: Gender and Feminism in Archaeology", *Annual Review of Anthropology*, 26:411-437.

DÍAZ-ANDREU, M. 1999. "El estudio del género en el Arte Levantino: una asignatura pendiente", *SAGVNTUN-PLAV Extra-2 (II Congreso del Neolítico a la Península Ibérica)*:405-412.

ESCÓRIO, E. & M. D. Gaspar. 2010. "Um olhar sobre gênero: estudos de caso - Sambaquieiros do RJ", *Revista de Arqueologia SAB*, 23 (1):72-89.

GERO, J. 1999. Sociopolítica y la ideología de la mujer-en-casa. In *Arqueología y Teoría Feminista: Estudios sobre mujeres y cultura material en arqueología*, editado por Colomer, L.; P. G. Marcén; S. Montón & M. Picazo. Barcelona: Icaria Editorial, p: 341-355.

GONTIJO, Fabiano & SCHAAN, Denise. 2017. "Sexualidade e Teoria Queer: Apontamentos para a Arqueologia e para a Antropologia brasileiras", *Revista de Arqueologia (SAB)*, V.30 (2):51-70.

HARTEMANN, Gabby. "Nem Ela nem Ele: Por Uma Arqueologia (Trans*) Além Do Binário", *Revista de Arqueologia Pública*. Vol. 13(1).

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

MEDINA, C.B.L.d. 2008. Cama adentro: borrador de una arqueología crítica de las dependencias de servicio. *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica* 2 (2):9-37.

RIBEIRO, L. 2017. "Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade: sobre resistir na ciência", *Revista de Arqueologia SAB*, 30 (1):210-234.

SCHAAN, D. P. 2003. "A ceramista, seu pote e sua tanga: identidade e papéis sociais em um Cacicado Marajoara", *Revista de Arqueologia SAB* 16:31-45.

VOSS, B. 2000. "Feminisms, Queer Theories, and the Archaeological Study of Past Sexualities", *World Archaeology* 32 (2 - Queer Archaeology):180-192.

WICHERS, Camila M. 2017. "Narrativas Arqueológicas e Museológicas sob Rasura: Provoações Feministas", *Revista de Arqueologia (SAB)*. V.30 (2): 35-50.

WILKIE, L. 2010. Infancia en blanco y negro: La experiencia de la crianza en Estados Unidos a principio del siglo XX. *Complutum* 21 (2):197-214.

WYLIE, A.; KOIDE, K.; FERREIRA, M. T. & MARINI, M.. 2014. "Arqueologia e a crítica feminista da ciência: Entrevista com Alison Wylie", *Scientiae Studia* 12 (3):549-590.

Bibliografia Complementar

COBB, H. & CROUCHER, K.. 2016. "Personal, Political, Pedagogic: Challenging the Binary Bind in Archaeological Teaching, Learning and Fieldwork", *Journal of Archaeological Method and Theory* 23:949-969.

CONKEY, M.W. & SPECTOR, J. D.. 1984. *Archaeology and the Study of Gender*. In: *Advances in Archaeological Method and Theory*, Volume 7, editado por Schiffer, M. New York: Academic Press, p: 1-38.

GILCHRIST, R. 1999. *Gender and Archaeology: Contesting the Past*. London/ New York: Routledge. 190p.

KÖHLER, T.O. 2006. Reflexiones sobre las herramientas de piedra. In *Las mujeres en la Prehistoria*, editado por Rosado, H. B. Valencia: Museu de Prehistòria de València, p. 139-149.

PASSOS, Lara P. 2019. *Arqueopoesia: uma proposta feminista afrocentrada para o universo arqueológico*. Dissertação de Mestrado. PPGAN/UFMG. Belo Horizonte.

ROSADO, H.B. (ed.) 2006. *Las Mujeres en la Prehistoria*. Valencia: Museu de Prehistòria de València/ Diputació Provincial de València, 165p.

SÁNCHEZ ROMERO, M. & GARCÍA, A. A.. 2012. Lo que los niños nos cuentan: individuos infantiles durante la edad del bronce en el sur de la Península Ibérica. In: *Niños en la Antigüedad: estudios sobre la infancia en el Mediterráneo antiguo*, editado por Vicente, D. J. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, p. 57-97.

SÁNCHEZ ROMERO, M. 2010. "Eso no se toca! Infancia y cultura material en arqueologia", *Complutum* 21 (2):9-13.

DAA XXX – Arqueologia Egípcia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Introduzir discentes no conhecimento do Egito Antigo e Moderno através do conjunto da cultura material e epigrafia. Reconhecer as características essenciais dos processos históricos próprios ocorridos no Egito ao longo do tempo. Adquirir técnicas elementares de análise e interpretação de fonte primária tanto arqueológica quanto epigráfica com o objetivo de torná-las úteis na abordagem dos problemas de interpretação.

Syllabus (Egyptian Archaeology)

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Introduce students to the knowledge of Ancient and Modern Egypt through the set of material culture and epigraphy. Recognize the essential characteristics of the historical processes that occurred in Egypt over time. Acquire elementary techniques of analysis and interpretation from a primary source, both archaeological and epigraphic, in order to make them useful in addressing problems of interpretation.

Bibliografia básica:

BARD, K. 2015. An Introduction to the Archaeology of Ancient Egypt. London: Wiley-Blackwell.

KEMP, B. 2000. El antiguo Egipto: anatomía de una civilización. Barcelona: Editorial Crítica.

Bibliografia complementar:

LUCAS, A., HARRIS, J. 1989. Ancient Egyptian materials and industries. London: Histories and Mysteries of Man.

DAA XXX – Arqueologia Urbana

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Disciplina que pretende apresentar uma introdução às análises de arqueologia urbana, caracterizada como “estudo das relações entre cultura material, comportamento humano e cognição num assentamento urbano” (STASKI, 1982:97). Mais do que uma arqueologia feita “na cidade” ou uma arqueologia “da cidade”, a disciplina visa abordar o fenômeno urbano a partir de sua materialidade, discutindo as unidades construtivas existente em superfície e em profundidade, relações destas entre si e vinculações das mesmas com a comunidade local, no passado e no presente (arqueologia “com a cidade”). Além dos conceitos fundamentais, como “cidade-sítio” (CRESSEY e STEPHENS, 1982:50) e paisagens urbanas; serão abordados temáticas transversais, como: arqueologia da arquitetura, arqueologia industrial, patrimônio cultural e arqueologia pública. De modo multidisciplinar, serão discutidas problemáticas e conceitos oriundos da história, arqueologia e antropologia, fundamentais para compreender a urbanidade na sua totalidade.

Syllabus (Urban Archaeology)

The course intends to present an introduction to the analysis of urban archeology, characterized as “study of the relations between material culture, human behavior and cognition in an urban settlement” (STASKI, 1982: 97). More than an archeology done “in the city” or an archeology “of the city”, the course aims to approach the urban phenomenon from its materiality, discussing the constructive units existing on the surface and in depth, their relationships and their links. with the local community, past and present (archeology “with the city”). Besides the fundamental concepts, such as “city-site” (CRESSEY and STEPHENS, 1982: 50) and urban landscapes; transversal themes will be discussed, such as: architectural archeology, industrial archeology, cultural heritage and public archeology. In a multidisciplinary way, problems and concepts from history, archeology and anthropology, fundamental to understand the urbanity as whole.

Bibliografia básica:

CRESSEY, Pamela e STEPHENS, John. 1982. The city-site approach to urban archaeology. In: DICKENS, Roy S. Jr. (org). Archaeology of Urban America. The search for pattern and process. New York: Academic Press, p. 41-59.

LIMA, Tânia Andrade. 1994. De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). In: Anais do Museu Paulista, vol.2 no.1. MAE/USP: São Paulo.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

PEARSON, M. P.; RICHARDS, C. 1997. *Architecture & Order: Approaches to Social Space*. Londres e Nova York: Routledge.

SOUZA, Rafael de Abreu. 2013. *Pixações sob a ótica da arqueologia urbana*.

STASKI, Edward. 1982. *Advances in Urban Archaeology*. In: SCHIFFER, Michael B. (org.). *Advances in Archaeological Method and Theory*. New York/London: Academic Press, p. 97-149.

THIESEN, Beatriz Valladão. 1999. *As paisagens da cidade: arqueologia da área central da Porto Alegre do século XIX*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Introdução, Capítulo 2 e 3).

ZARANKIN, Andrés. 2012. *Corpos congelados: uma leitura metafórica de paredes e muros em Belo Horizonte, MG*. In: ANDRADE, Rubens; MACEDO, Jackeline e TERRA, Carlos. *Arqueologia na paisagem. Novos valores, dilemas e instrumentos*. Rio de Janeiro: Rio Books.

ZARANKIN, Andrés. 2001. *Paredes que domesticam: Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista. O caso de Buenos Aires*. (Tese de Doutorado). UNICAMP (Capítulo 2).

DAA XXX – Arqueologia, Ontologia e Relacionalidade

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

A Arqueologia enquanto disciplina científica é marcada por uma ontologia que pode ser definida como ocidental, objetiva, racionalista e androcêntrica. Nesta ontologia racionalista, humanos e não humanos, sujeitos e objetos são definidos a priori. Em contraposição a este pensamento, as teorias relacionais propõem que é somente quando ocorrem as relações, que sujeitos e objetos, humanos e não humanos, se tornam sujeitos e objetos, humanos e não humanos. Nas teorias relacionais as coisas materiais não são meros acessórios para a performance, mas parte e parcela de um conjunto híbrido dotado de uma personalidade difusa e agência relacional. Neste cenário não há uma definição a priori dos tipos de seres que dão forma ao social, humanos e não humanos têm o mesmo peso conceitual, empírico e ontológico.

Syllabus (Archaeology, Ontology and Relationaty)

Archeology as a scientific discipline is marked by an ontology that can be defined as Western, objective, rationalist and androcentric. In this rationalist ontology, humans and non-humans, subjects and objects are defined a priori. In contrast to this thought, relational theories propose that it is only in which relationships occur, that subjects and objects, human and non-human, become subjects and objects, human and non-human. In relational theories, material things are not mere accessories for performance but part and parcel of a hybrid set with a diffuse personality and relational agency. In this scenario, there is no a priori definition of the types of beings that shape the social, human and non-human, has the same conceptual, empirical and ontological weight.

Bibliografia básica:

ALBERTI, B.; MARSHALL, Y. 2009. *Animating archaeology: local theories and conceptually open-ended methodologies* - *Cambridge Archaeological Journal*, 19, 3, 344-356

BARAD, K. 1997. *Meeting the universe halfway: realism and social constructivism without contradiction*. In Nelson, Lynn Hankinson; Nelson, Jack, *Feminism, science, and the philosophy of science*, Dordrecht Boston: Kluwer Academic Publishers, pp. 161–194,

BARAD, K. 2003. *Posthuman Performativity: Towards an Understanding of How Matter Comes to Matter*, *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, Vol. 28, No. 3, 801-831.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

BOIVIN, N. 2004. Mind over matter? Collapsing the mind-matter dichotomy in material culture studies. In *Rethinking Materiality: The Engagement of Mind with the Material World*, eds. E. DeMarrais, C. Gosden, & C. Renfrew, pp. 63-71. Cambridge: McDonald Institute Monograph

OLSENS, B. 2003. Material Culture after text. Re-membering Things. *Norwegian Archaeological Review*, Vol. 36, No. 2, 2003, 87-104

DAA XXX – Arqueologia, Sentidos e Afetos

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Nosso entendimento do mundo começa a partir de nosso corpo, mais que isso, começa com nossos sentidos e afetos. Os sentidos não são apenas ferramentas fisiológicas que capturam as informações do mundo, são construções culturais que utilizamos nos processos de significação das materialidades do mundo, pois como tem demonstrado arqueólogas(os) e antropólogas(os), os grupos humanos reconhecem o aparato sensorial de acordo com seu próprio contexto, criando e mudando sentidos, criando e alterando hierarquias sensoriais. A maneira como os sentidos são concebidos afeta diretamente a capacidade dos corpos de afetar outros corpos e se sentir afetados pelo mundo e por isso os sentidos não podem ser pensados sem considerarmos os afetos e as intensidades afetivas.

Syllabus (Archaeology, Senses and Affects)

Our understanding of the world starts from our body, more than that, it starts with our senses and affects. The senses are not just physiological tools that capture the information of the world, they are cultural constructions that we use in the processes of signifying the materialities of the world, because as archaeologists and anthropologists have shown, human groups recognize the sensory apparatus according to their own context, creating and changing senses, creating and altering sensory hierarchies. The way in which the senses are conceived directly affects the bodies' ability to affect other bodies and feel affected by the world, and for this reason the senses cannot be thought about without considering affections and affective intensities.

Bibliografia básica:

LE BRETON, D. 2016. *Antropologia dos sentidos*. São Paulo, Vozes.

PELLINI, J. 2016. *Arqueologia e os Sentidos. Entrando na Toca do Coelho*. Curitiba, Prisma.

Bibliografia complementar:

CLASSEN, C. 1993. *Worlds of sense*. New York: Routledge.

CLASSEN, C. 1997. Foundations for an anthropology of the senses. *International Social Science Journal*, 153: 401–20.

CLASSEN, C. 1998. *The color of angels: cosmology, gender and the aesthetic imagination*. London: Routledge.

HOUSTON, S.; TAUBE, K. 2000. An archaeology of the senses: perception and cultural expression in ancient Mesoamerica. *Cambridge Archaeological Journal*, 10 (2): 261-94.

HOWES, D. 2005. *Sensescapes: embodiment, culture and environment*. In: Classen, C. (Ed.) *The Book of Touch*. Oxford: Berg.

HOWES, D. 1991. *The varieties of sensory experience: A sourcebook in the anthropology of the senses*. Toronto: University of Toronto Press.

HOWES, D. 2006. Charting the sensorial revolution. *Senses and Society*, 1(1): 113-128.

HOWES, D. 2006. Cross-talk between the senses. *Senses and Society*, 1 (3): 381-390.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

HOWES, D; CLASSEN, C. 2009 Doing sensory anthropology.
www.sensorystudies.org/?page_id=355

DAA XXX – Arqueologias Indígenas e Colaborativas

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Na última década, houve um forte incremento na realização de pesquisas arqueológicas conduzidas por pessoas indígenas ou com seu ativo envolvimento, em um percurso que tem impactado de modo contundente as práticas arqueológicas e instigado reflexões sobre a natureza do saber científico, refletindo sobre seus limites e seus potenciais. Esta disciplina irá percorrer o desenvolvimento destas reflexões, trazendo um conjunto de estudos de caso a fim de instigar reflexões mais densas sobre os impactos de diálogos entre modos de saber científicos (da arqueologia em especial) e outros modos de saber (em especial indígenas). Trata, portanto, de discussões sobre relações étnico-raciais e direitos humanos.

Syllabus (Indigenous and Collaborative Archaeologies)

Research conducted by or with intense collaboration with indigenous people have increased greatly in Archaeology recently, thru a path which has deeply impacted archaeological practices and promoted debates around the very nature of scientific knowledge, its limits and potential. This course follows this debate, working with case studies to promote discussion on the impacts caused by dialogues between different modes of knowledge (scientific and natives). As such, it will deal with debates around ethnic-racial relations and human rights.

Bibliografia básica:

- AYALA ROCABADO, Patricia. 2017. "Arqueología y Pueblos Indígenas: los casos Aymara, Atacameño, Mapuche y Rapa Nui", Boletín de la Sociedad Chilena de Arqueología. 47 69-92.
- CABRAL, Mariana Petry. 2013. "'E se todos fossem arqueólogos?': experiências na Terra Indígena Wajãpi", Anuário Antropológico, UnB, vol.39 (2): 115-132.
- CABRAL, Mariana Petry. 2016. "Entre passado e presente: arqueologia e coletivos humanos na Amazônia", Teoria & Sociedade. 24 (2): 76-91.
- FONSECA, Jidean Raphael. 2015. O conhecimento dos sábios sobre a cerâmica na Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Departamento de História, UFSC, Florianópolis. 46p.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. 2001. Sociedades Indígenas e Desenvolvimento: Discursos e Práticas, para Pensar a Tolerância. In: Grupioni, Luís Donisete Benzi, Lux Vidal & Roseli Fischmann. Povos Indígenas e Tolerância: Construindo Práticas de Respeito e Solidariedade. São Paulo: EDUSP. pp: 167-188.
- GNECCO, Cristóbal & AYALA, Patricia. 2010. Pueblos indígenas y arqueología en América Latina. Bogotá: Fundación de Investigaciones Arqueológicas Nacionales, Banco de la República, CESO, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de los Andes.
- HARTEMANN, Gabby & MORAES, Irislane Pereira de. 2018. "Contar histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia", Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. 12 (2): 7-34.
- JÁCOME, Camila & WAI WAI, Jaime Xamen. 2020. "A paisagem e as cerâmicas arqueológicas na bacia Trombetas: uma discussão da Arqueologia Karaiwa e Wai Wai", Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. Hum. vol.15 no.3. Epub Nov 13, 2020.
- KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. 2015. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras. Capítulos selecionados: Palavras dadas & Desenhos de escrita.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

KRENAK, Ailton. 1999. O eterno retorno do encontro. In: Novaes, Adauto. A Outra Margem do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, p: 23-31.

MACHADO, Juliana Salles. 2013. "História(s) indígena(s) e a prática arqueológica colaborativa", Revista de Arqueologia SAB. 26 (1): 72-85.

MACHADO, Juliana Salles. 2017. "Arqueologias indígenas, os Laklãnõ Xokelng e os objetos do pensar", Revista de Arqueologia SAB. 30 (1): 89-119.

MILLION, Tara. 2005. Developing an Aboriginal archaeology: receiving gifts from the White Buffalo Calf Woman. In: Smith, Claire & H. M. Wobst. Indigenous Archaeologies: Decolonizing theory and practice. Abingdon/ New York: Routledge, p: 39-51.

MUNDURUKU, Daniel. 2009. O país sobre um cemitério. In: O banquete dos deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira. São Paulo: Global, p: 61-68.

MUNDURUKU, Jair. 2019. Caminhos para o passado: Oca'õ, Agõkabuk e Cultura Material Munduruku. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Arqueologia. Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia, UFOPA, Santarém (PA). 68p.

PASTANA, Rufino de Castro. 2011. A interpretação dos Galibi Marworno sobre os Vestígios Arqueológicos Encontrados na Aldeia Indígena Kumarumã. Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Escolar Indígena - Ciências Humanas. Coordenação de Educação Escolar Indígena, UNIFAP, Macapá (AP). 13p.

REIS, José Alberione & CABRAL, Mariana Petry. 2018. "Precisamos falar sobre tempo, cosmologias ameríndias, ontologias e outras... Mas, o que é que a arqueologia tem a ver com isso?", Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. 12 (2): 31-50.

ROCHA, Bruna Cigaran da, JÁCOME, Camila, STUCHI, Francisco Forte, MONGELÓ, Guilherme Z. & VALLE, Raoni. 2013. "Arqueologia pelas gentes: um manifesto. Constatações e posicionamentos críticos sobre a arqueologia em tempos de PAC", Revista de Arqueologia SAB. 26 (1): 130-140.

SILVA, Fabíola Andréa & GARCIA, Lorena Wanessa Gomes. 2015. "Território e Memória dos Asurini do Xingu: Arqueologia colaborativa na T. I. Kuatineму, Pará", Amazônica. 7 (1): 74-99.

SILVA, Fabíola Andréa. 2002. "Mito e Arqueologia: A interpretação dos Asurini do Xingu sobre os vestígios arqueológicos encontrados no Parque Indígena Kuatineму – Pará", Horizontes Antropológicos. 8 (18): 175-187.

SILVA, Fabíola Andréa. 2012. "O plural e o singular das arqueologias indígenas", Revista de Arqueologia SAB. 25 (2): 24-42.

SMITH, Claire & WOBST, H. M.. 2005. Indigenous Archaeologies: Decolonizing theory and practice. Abingdon/ New York: Routledge.

SOUZA DA SILVA, Ana Caroline. 2018. De mãe pra filhos: Transmissão de conhecimento e (re)apropriação do passado arqueológico. Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharel em Arqueologia. Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Arqueologia e Antropologia, UFOPA, Santarém (PA), 52p.

TUHIWAI SMITH. 2018. Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas. Curitiba: Ed. UFPR.

TSCHUCAMBANG, Copacãm. 2015. Artefatos arqueológicos no Território Laklãnõ/Xokleng-SC. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Departamento de História, UFSC, Florianópolis, 55p.

WAI WAI, Jaime Xamen. 2017. Levantamento etnoarqueológico sobre a cerâmica Konduri e ocupação dos Wai Wai na região da Terra Indígena Trombetas-Mapuera (Pará, Brasil). Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Arqueologia. Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia, UFOPA, Santarém (PA), 63p.

Bibliografia Complementar

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

ATALAY, Sonya. 2006. Indigenous Archaeology as Decolonizing Practice. *American Indian Quarterly*. 30 (3/4): 280-310.

BORGES, Jóina Freitas; Vilela, L. C.; Rodrigues, T. 2016. História e Arqueologia na construção da interculturalidade: Construindo saberes plurais com os Tremembés de Almofala-CE. *Fronteiras: Revista de História*, v. 18, pp. 178-196.

FERREIRA, Gabrielle Reis & Isabella Alves Guimarães. 2022. Quatro mãos e muitas vozes: um diálogo sobre insistências e (re)existências na arqueologia e antropologia brasileira. *Revista de Arqueologia*, Vol.35, N.1: 84-93.

JESUS, Hudson Romário. 2018. Traços dos Tapajó: análises de cerâmicas arqueológicas do Sítio Porto de Santarém (PA-ST-42). Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Arqueologia. Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia, UFOPA, Santarém (PA).

JESUS, Hudson Romário. 2022. Yané Rêdáwa Têdáwa São Francisco: Arqueologia ancestral na Terra Indígena Tupinambá, Rio Tapajós. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. UFS.

JOFRÉ, Ivana Carina. 2019. Seguir la huella y curar el rastro: memorias de una experiencia colectiva de investigación y militancia en el campo de arqueología argentina. In: Tantaleán, Henry & Cristóbal Gnecco (Eds). *Arqueologías Vitales*. Madrid: JAS Arqueología S.L.U. pp: 19-60.

Machado, Juliana S. & Jozileia Daniza Kaingang. 2020. [Fag.Tar] a força delas: abrindo caminho. [Fag.Tar] a força delas. N.1, V.1: 1-9.

NICHOLAS, George (ed). 2010. Being and becoming indigenous archaeologists. Walnut Creek: Left Coast Press. 350p.

Ortiz, Rosalvo I. 2019. Guiando Espíritos, Sonhos e Memórias:Objetos Sagrados entre os Guarani de Mato Grosso do Sul, Brasil. *Mundo Amazônico*, 10(2): e84754.

PESQUISADORES E PROFESSORES WAJÁPI. 2008. I'ã: Para nós não existe só "imagem". São Paulo: Apina & Iepé. 28p.

PRIPRÁ, Simeão Kundagn. 2015. Arte Xokleng: relação social e uso do Vyge do e do kul tõi vã ze. Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH). Florianópolis: UFSC.

PRIPRÁ, Walderes Cocta. 2015. O mõi como instrumento pedagógico na educação escolar indígena: uma experiência Laklãnõ/Xokleng. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH). Florianópolis: UFSC.

SILVA, Luciano Pereira da. 2014. Arqueologia Indígena: protagonismo ameríndio, interlocução cultural e ciência contemporânea. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 240p.

WAI WAI, Cooni. A cerâmica Wai Wai: modos de fazer do passado e do presente. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Arqueologia). Santarém: Universidade Federal do Oeste do Pará.

DAA XXX – Ecologia Política da Mineração

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Abordagens conceituais e teóricas da Ecologia Política; relações de poder em sociedade e ambiente; desigualdade ambiental; neoextrativismo e grandes empreendimentos minerários; consequências socioambientais para as distintas territorialidades de povos e comunidades

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

tradicionais; mineração e violação de direitos humanos; mineração e educação ambiental. Desastres da mineração em Minas Gerais. Aspectos éticos, conceituais e metodológicos da atuação dos antropólogos em contextos de desastres.

Syllabus (Political Ecology of Mining)

Conceptual and theoretical approaches of Political Ecology; power relations in society and environment; environmental inequality; neoextractivism and large mining enterprises; social and environmental consequences for the different territorialities of traditional peoples and communities; mining and human rights violations; mining and environmental education. Mining disasters in Minas Gerais. Ethical, conceptual and methodological aspects of anthropologists' work in disaster contexts.

Bibliografia básica:

ARAOZ, Horacio Machado. 2014. Territorios y cuerpos en disputa: extractivismo minero y ecología política de las emociones. In: *Interstícios: Revista Sociológica de Pensamento Crítico*. Vol.8(1).

BEBBINGTON, Anthony. 2007. Elementos para una ecología política de los movimientos sociales y el desarrollo territorial em zonas mineras. In: BEBBINGTON, Anthony (Org.) *Minería, Movimientos Sociales e Respuestas Campesinas: una ecología política de transformaciones territoriales*. Lima: IEP, CEPES, p. 23-46.

CARNEIRO, Eder. 2005. A oligarquização da “política ambiental” mineira. IN: ZHOURI, Andréa, LASCHEFSKI, Klemens e PEREIRA, Doralice (orgs) *A Insustentável leveza da Política Ambiental. Desenvolvimento e Conflitos Socioambientais*. Belo Horizonte: Autêntica.

DOUGLAS, Mary & WILDAVSKY, Aaron. 2012. *Risco e Cultura: um ensaio sobre a seleção de riscos tecnológicos e ambientais*. Rio de Janeiro: Elsevier.

DUPUY, Jean-Pierre. 1981. *Introdução à crítica da Ecologia Política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GUDYNAS, Eduardo. 2015. *Extractivismos: ecología, economía y política de un modo de entender el desarrollo y la Naturaleza*. Cochabamba: CEDIB Centro de Documentación y Información Bolivia.

HOGENBOOM, B. 2012. “The New Politics of Extraction in Latin America: preface”, *Journal of Developing Societies*, 28(2), pp. 129-132.

HOLDEN, William; NADEAU, Kathleen; JACOBSON, Daniel. 2011. *Exemplifying Accumulation by Dispossession: mining and indigenous people in Philippines*. Geografiska Annaler, Series B, Human Geog. KIRSCH, S. 2014. *Mining Capitalism: the relationship between corporations and their critics*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.

MILANEZ, Bruno & SANTOS, Rodrigo. 2013. “Neoextrativismo no Brasil? Uma Análise da Proposta do Novo Marco Legal da Mineração”, *Revista Pós Ciências Sociais*, vol. 10, n. 19, p. 119-148.

OLIVEIRA, Raquel. 2017. *A Lama e suas Marcas: neoextrativismo e seus efeitos em um contexto de desastre*. Comunicação oral em “Mundos Sostenibles” Mesa Minería y Conflictos Territoriales. Universidade de Valparaíso – 08 a 11/06/2017.

OLIVER-SMITH, Anthony. 1999. *What is a disaster? Anthropological Perspectives on a Persistent Question*. In: A. Oliver-Smith and S. Hoffman (eds) *The Angry Earth. Disaster in Anthropological Perspective*. Routledge.

RIBEIRO, Gabriel. 2017. “Expansão da fronteira minerária: estratégias de negociação de terras para implantação de mineroduto no município de Ferros, Minas Gerais”, *Revista Política e Planejamento Regional*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, janeiro/junho 2017, p. 75 a 95.

SACHS, Ignacy. 1993. *Estratégias de Transição para o Século XXI. Desenvolvimento e Meio Ambiente*. São Paulo: Studio Nobel.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

SANTOS, A.F.M.; FERREIRA, L.S.S.; PENNA, V.V. 2018. Impactos supostos, violências reais: a construção da legalidade na implantação do Projeto Minas-Rio. In: ZHOURI, A. (org.) *Mineração, violências e resistências: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil*. Brasília/Marabá: ABA/Iguana.

ZHOURI, A. 2018. *Mineração, Violências e Resistências. Um campo aberto à produção do conhecimento*. Marabá: ABA/Iguana.

ZHOURI, Andréa e LASCHEFSKI, Klemens. "Conflitos Ambientais", In Portal Mapa dos Conflitos Ambientais. endereço: conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br

ZHOURI, Andréa, LASCHEFSKI, Klemens e PEREIRA, Doralice (orgs). 2005. *A Insustentável leveza da Política Ambiental. Desenvolvimento e Conflitos Socioambientais*. Belo Horizonte: Autêntica.

ZHOURI, Andréa, OLIVEIRA, Raquel, ZUCARELLI, Marcos e VASCONCELOS, Max. 2018. O desastre no Rio Doce: entre as políticas de reparação e a gestão das afetações. In Andréa Zhouri (org.) *Mineração, Violências e Resistências*. ABA-Iguana.

ZHOURI, Andréa. 2014. Mapeando desigualdades ambientais – Mineração e desregulação ambiental. IN: ZHOURI, Andréa e VALENCIO, Norma (orgs) *Formas de matar, de morrer e de resistir: limites da resolução negociada de conflitos ambientais*. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 395 p.

ZUCARELLI, Marcos Cristiano. 2018. *A matemática da gestão e a alma lameada: os conflitos da governança no licenciamento do projeto de mineração Minas-Rio e no desastre da Samarco* [tese]. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.

Bibliografia complementar:

ACSELRAD, Henri. 2003. *Conflitos Ambientais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004 (cap. 1).

BALLARD, Chris e BANKS, Glenn. 2003. "Resource Wars: The Anthropology of Mining", *Annu. Rev. Anthropol.* 32:287–313.

BEBBINGTON, A. & BURY, J. 2013. *Political Ecologies of the Subsoil*. In: BEBBINGTON, A. & BURY, J. *Subterranean Struggles: new dynamics of mining, oil and gas in Latin America*. Austin: University of Texas Press, p. 1-25

BECK, Ulrich. 2010. *No Vulcão Civilizatório: os contornos da sociedade de risco*. In: *Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34, p. 21 – 60.

BOLADOS, Paola e CUEVAS, Alejandra. 2017. *Una ecología política feminista en construcción: El caso de las "Mujeres de zonas de sacrificio en resistencia"*, Región de Valparaíso, Chile. *Piscoperspectivas. Individuo y Sociedad*, Vol. 16, No. 2.

DIEGUES, Antonio Carlos. 2000. *Etnoconservação da natureza: Enfoques Alternativos*. In: Antonio Carlos Diegues (org.). *Etnoconservação. Novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo: Hucitec.

ESTEVA, Gustavo. 2000. "Desenvolvimento" In: W. Sachs (org.) *O Dicionário do Desenvolvimento*. São Paulo: Editora Vozes.

LOPES, José Sergio Leite (Coord.); ANTONAZ, Diana; PRADO, Rosane; SOLVA,, Glaucia (orgs.). 2004. *Ambientalização dos Conflitos Sociais. Participação e controle público da poluição industrial*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará. (Introdução)

OLIVER-SMITH, Anthony; HOFFMAN, Susanna. 2002. *Introduction - Why Anthropologists should study disasters?* In Sussana Hoffman & A. Oliver-Smith (eds) *Catastrophe and Culture: the Anthropology of disaster*. Santa Fé: School of American Research Press.

SACHS, Wolfgang (ed.). 2000. "Introdução" e "Meio Ambiente". *O Dicionário do Desenvolvimento*. São Paulo: Editora Vozes.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

DAA XXX – Estudos Afro-Americanos

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Abordagens teóricas e descrições empíricas acerca das – e/ou pensadas pelas – populações de ascendência africana nas Américas. Objetiva-se entender as diferentes formas a partir das quais foram pensadas as continuidades e discontinuidades entre a África e o Novo Mundo, bem como os reflexos da escravidão e do racismo após as abolições. Temas e conceitos como racismo, identidade, diáspora, fluxos atlânticos, dupla consciência, criouliização, africanismos, religiões de matriz africana, dentre outros, podem ser tratados. A disciplina aborda temas que passam pela educação das relações étnico-raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

Syllabus (African American Studies)

Theoretical approaches and empirical descriptions about (and by) peoples of African descent in the Americas. The course seeks to understand the different ways through which were theorized the continuities and discontinuities between Africa and the New World were thought, as well as the effects of slavery and racism after in African American populations after emancipation. Also possibly addressed in the course are themes and concepts such as: racism; identity; diaspora; the Black Atlantic; double consciousness; creolization; Africanisms; African American religions; and others. The course addresses topics relating to education and ethnic-racial relations and the teaching of Afro-Brazilian and African history and culture.

Bibliografia básica:

GONZALEZ, Lélia. 1988. “A categoria político-cultural de amefricanidade”, Revista Tempo Brasileiro 92/93: 69-82.

HURSTON, Zora Neale. 2019 [1950]. “O que os editores brancos não publicarão”, Ayé: Revista de Antropologia, 1(1): 106-111.

SANCHES, M. R. (org.). 2011. Malhas que os impérios tecem. Lisboa: Edições 70.

Bibliografia complementar:

ANJOS, José Carlos dos. 2008. “A filosofia política da religiosidade afro-brasileira como patrimônio cultural africano”, Debates do NER 9 (13): 77-96.

BASTIDE, Roger. 1974 [1967]. As Américas negras. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. 2015. Colonização, quilombos: modos e significados. Brasília: INCT Inclusão.

BOAS, Franz. 2004 [1906]. A perspectiva para o negro americano. In: STOCKING, George (org.). A formação da antropologia americana, 1883-1911. Rio de Janeiro: Contraponto/UFRJ. p. 370-377.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2012 [1985]. Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África. 2a edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras.

CARNEIRO, Édison (ed.). 1950. Antologia do negro brasileiro. Rio de Janeiro: Globo.

CARNEIRO, Édison. 1968. “O negro como objeto de ciência”, Afro-Ásia, 6-7: 91-100.

CÉSAIRE, Aimé. 1955 [1978]. Discurso contra o colonialismo. Lisboa: Sá da Costa.

COELHO, Ruy Galvão. 2002 [1955]. Os caraíbas negros de Honduras. São Paulo: Perspectiva

COLLINS, Patricia Hill. 2017 [1996]. “O que é um nome? Mulherismo, feminismo negro e além disso”, Cadernos Pagu 51: 23 p.

CUNHA, Olívia M. G. da & GOMES, Flávio dos Santos (eds.). 2007. Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro: FGV.

DU BOIS, W. E. B. 1999 [1903]. As almas da gente negra. Rio de Janeiro: Lacerda.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

FANON, Frantz. 1961 [1968]. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FRAZIER, Edward Franklin. 2020 [1942]. "A família negra na Bahia, Brasil", *Ayé: Revista de Antropologia*.

GILROY, Paul. 2001 [1993]. O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência. São Paulo: 34.

GLISSANT, Édouard. 2005 [1995]. Introdução a uma poética da diversidade. Juiz de Fora: UFJF.

GOLDMAN, Márcio. 2014. "A relação afroindígena", *Cadernos de Campo* 23 (23): 213-222.

GOMES, Nilma Lino. 2017. Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica.

HALL, Stuart. 2003. Da diáspora: identidades e mediação cultural. Belo Horizonte: UFMG.

HERSKOVITS, Melville J. 2020 [1943]. "O negro na Bahia, Brasil: um problema metodológico", *Ayé: Revista de Antropologia*.

JAMES, C. L. R. 2000 [1938]. Os jacobinos negros: Toussaint de L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo.

MATORY, J. Lorand. 1999. "Jeje: repensando nações e transnacionalismo", *Mana*, 5 (1): 57-80.

MINTZ, Sidney. 2003. O poder amargo do açúcar: produtores escravizados, consumidores proletarizados. Recife: UFPE.

MINTZ, Sidney & PRICE, Richard. 2003 [1992]. O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica. Rio de Janeiro: Pallas.

NASCIMENTO, Abdias, 2016 [1978]. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva.

NOGUEIRA, Oracy. 1985. Tanto Preto quanto branco: Estudos de relações raciais. São Paulo: T.A. Queiroz.

PALMIÉ, Stephan. 2007 [2005]. "O trabalho cultural da globalização iorubá", *Religião & Sociedade* 27 (1): 77-113.

PATTERSON, Orlando. 2008 [1982]. Escravidão e morte social: um estudo comparativo. São Paulo: EdUSP.

QUERINO, Manuel. 1938. Costumes africanos no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

RAMOS, Arthur. 1934 [1940]. O negro brasileiro. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos (eds.). 1996. Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras

RODNEY, Walter. 1972 [1975]. Como a Europa subdesenvolveu a África. Lisboa: Seara Nova.

SCOTT, David. 2017 [1991]. "Aquele evento, esta memória: notas sobre a antropologia das diásporas africanas no Novo Mundo", *Ilha: Revista de Antropologia* 19 (2): 277-312.

SERRA, Ordep. 1995. Águas do rei. Petrópolis: Vozes.

TROUILLOT, Rolph-Michel. 2016 [1995]. Silenciando o passado: poder e a produção da história. Curitiba: huya.

WASHINGTON, Booker T. 1940 [1901]. Memórias de um negro. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

WILLIAMS, Brackette F. Williams. 2020 [1990]. "Fantasmas Holandeses e o Mistério da História: ritual e interpretações de colonizados e colonizadores sobre a rebelião de escravos de Berbice de 1763", *Ilha* 22 (1): 187-233.

WILLIAMS, Eric. 2012 [1944]. Capitalismo e escravidão. São Paulo: Companhia das Letras.

DAA XXX – Estudos Pós-Coloniais

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

A categoria pós-colonial compreende um campo interdisciplinar aberto em disputas. As primeiras problematizações ao termo emergiram no meio acadêmico anglo-saxão e multiplicaram-se posteriormente entre os intelectuais da diáspora do colonialismo. A disciplina pretende abordar o "pós-colonial" como conceito e como campo de estudos, com referência à situação global contemporânea, assim como aquelas que denominam a condição política dos Estados nacionais após a independência ou a experiência colonial.

Syllabus (Post-Colonial Studies)

The post-colonial category comprises an interdisciplinary field in dispute. The first approaches to the term emerged in the Anglo-Saxon academic environment and later multiplied among the intellectuals of the diaspora of colonialism. The discipline intends to approach the "postcolonial" as a concept and as a field of study, with reference to the contemporary global situation, as well as those that underline the political condition of national states after independence or the colonial experience.

Bibliografia básica:

APPADURAI, Arjun. 1997. Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional. *Novos Estudos Cebrap*. n. 49, novembro 1997. pp 7-32.

ASAD, T. 1995. Two european images of non-european rule. In: ASAD, T. (Org.) *Anthropology & the Colonial Encounter*. Humanity Books, p. 103-118.

BAVISKAR, Amita. 2010. Written on the body, written on the land. Violence and environmental struggles in Central India. *Working papers 02*, 2010. Berkeley Workshop on environmental politics.

BHABHA, Homi K. 2001. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

BOURDIEU, P. e SAYAD, Abdelmalek. 2006. A dominação colonial e o Sabir cultural. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, 26, p. 41-60, jun. 2006

DAS, Veena & POOLE, Deborah. 2008. "El Estado y sus márgens", *Revista Académica de Relaciones Internacionales*, núm. 8 junio de 2008, GERI-UAM.

FANON, Frantz. 1975. Pele negra, máscaras brancas. Porto: Paisagem.

FANON, Frantz. 1979. Da Violência no contexto internacional. In: *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, p. 75-85.

FANON, Frantz. 1979. Guerra colonial e perturbações mentais. Série A. In: *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, p. 211-229.

FOUCAULT, Michel. 1996. A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola.

GILROY, Paul. 2001. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: UCAM.

HALL, Stuart. 2003. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

MOUFFE, Chantal. 1999. Por uma política da identidade nômade. *Debate Feminista*. Edição Especial. São Paulo: Companhia Melhoramentos.

SAID, E. Cultura e Imperialismo. 1995. São Paulo: Cia das Letras. (Capítulos 1 e 3).

SOUSA SANTOS, B. 2003. Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências. In: SOUSA SANTOS, Boaventura (Org.) *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente*. São Paulo: Editora Cortez.

SPIVAK, Gayatri C. 2010. Pode o Subalterno Falar? Belo Horizonte: Editora da UFMG.

SPIVAK, Gayatri. 1994. Quem reivindica a alteridade?. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, p 187-205.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Bibliografia complementar:

CASTRO-GÓMEZ Santiago y MEDIETA, Eduardo (Editores). Teorías sin disciplina (latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate). México: Miguel Ángel Porrúa. Cap. Manifiesto Inaugural.

LANDER, E. 2005. Colonialidade do Poder. CLACSO: Buenos Aires.

MIGNOLO, Walter. 2003. Os esplendores e as misérias da “ciência”: Colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica. In: Boaventura Sousa Santos (org) Conhecimento Prudente para uma Vida Decente. São Paulo: Ed. Cortez.

MIGNOLO, Walter. 2008. “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política”, Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324.

QUIJANO, Anibal. 2002. “Colonialidade, Poder, Globalização e democracia”, Revista Novos Rumos, No. 37, Ano 17.

DAA XXX – Gênero, Ciência e Saúde

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Interseções e diálogos entre os estudos de gênero e os estudos sociais da ciência. Contribuições do Feminismo para os estudos sociais da ciência. Simbolismos e materialidades nas representações científicas do corpo e da saúde.

Syllabus (Gender, Science and Health)

Intersections and dialogues between gender studies and social studies of science. Contributions of Feminism to social studies of science. Symbolisms and materialities in the scientific representations of the body and health.

Bibliografia básica:

FAUSTO-STERLING, Anne. 2001. “Dualismos em duelo”, Cadernos Pagu, 17/18, 2001/02: pp. 9-79.

FOX-KELLER, Evelyn. 2006. “Qual foi o impacto do Feminismo na Ciência?”, Cadernos Pagu, 27, p. 13-34.

HARAWAY, Donna. 2009. Manifiesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: Tadeu, Tomaz (org.) Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-118.

LUNA, Naara. 2012. Identidade genética no debate sobre o estatuto de fetos e embriões. In: Santos, R. V., Gibbon, S., Beltrão, J. (orgs.) Identidades emergentes, genética e saúde: perspectivas antropológicas. Rio de Janeiro: Garamond; Fiocruz, p. 111-150.

MANICA, Daniela, NUCCI, Marina. 2017. “Sob a pele: implantes subcutâneos, hormônios e gênero”, Horizontes Antropológicos, 47, Disponível em <http://journals.openedition.org/horizontes/1458>.

MOL, Annemarie. 2008. Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. In: Nunes, J. A., Roque, R. (orgs.) Objetos impuros: experiências de estudos sobre a ciência. Porto, Edições Afrontamento, p. 63-78.

NUCCI, Marina F. 2018. Crítica feminista à ciência: das “feministas biólogas” ao caso das “neurofeministas”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 26, n. 1, abr. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/41089>>.

NUCCI, Marina F. 2009. Neurocientistas feministas e o debate sobre o “sexo cerebral”: um estudo sobre ciência e sexo/gênero. Em Construção – Arquivos de Epistemologia Histórica e

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Estudos de Ciência, número 5 \ 2019 • pags. 37 - 49 > Disponível em: www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/emconstrucao.

PRECIADO, Paul B. 2020. Reprodução politicamente assistida e heterossexualismo de Estado. In: Um apartamento em Urano: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar.

ROHDEN, Fabíola. 2008. "O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos", História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 15, suplementar, p.133-152.

ROHDEN, Fabíola. 2017. "Vida saudável versus vida aprimorada: tecnologias biomédicas, processos de subjetivação e aprimoramento", Horizontes antropológicos, v. 23, n. 47, p. 29-60.

SOUZA, Érica R. 2006. Maternidade lésbica e novas tecnologias reprodutivas: um relato sobre casos canadenses. In: Ferreira, V., Ávila, M. B., Portella, A. P. (orgs.) Feminismo e Novas Tecnologias Reprodutivas. Recife: SOS Corpo, p. 135-162.

SOUZA, Érica R., BRAZ, Camilo. 2016. Políticas de saúde para homens trans no Brasil: contribuições antropológicas para um debate necessário. In: Val, A. C. et. al. (orgs.) Multiplicando os gêneros nas práticas em saúde. Ouro Preto, MG, Editora UFOP. Disponível em <http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/7712>.

STRATHERN, Marilyn. 2014. Dando apenas uma força à natureza? Acesso temporária de útero: um debate sobre tecnologia e sociedade. In: O efeito etnográfico. São Paulo: Cosac Naify, p. 467-486. Capítulo 15.

Bibliografia complementar:

ALZUGUIR, Fernanda V., NUCCI, Marina F. 2015. "Maternidade Mamífera? Concepções sobre natureza e ciência em uma rede social de mães", Revista Mediações. Londrina, v. 20., n. 1. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/21114>

ARAÚJO, Daniela C. Araújo. 2018. Feminismo e Cultura Hacker: intersecções entre política, gênero e tecnologia. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Política Científica e Tecnológica, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/331511>.

BANDEIRA, Lourdes. 2008. "A contribuição da crítica feminista à ciência", Revista de Estudos Feministas, p. 207-228.

BRAZ, Camilo, SOUZA, Érica R. 2020. Hombres trans y salud pública en Brasil – miradas antropológicas sobre nuevos sujetos políticos, reivindicaciones y desafíos. In: GIL, Carmen G., CAMPOS, Ana A., VALCUENDE DEL RÍO, José M. (orgs). Nuevas Cartografías de la Sexualidad. 1 ed. Granada, Espanha: Editorial Universidad de Granada.

BRAZ, Camilo, SOUZA, Érica R. 2018. Transmasculinidades, transformações corporais e saúde: algumas reflexões antropológicas. In: CAETANO, Marcio, SILVA Jr., Paulo M. (orgs.) De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, p. 28-42.

CASTRO, Rosana. 2019. "Economias políticas da doença e da saúde: população, raça e letalidade na experimentação farmacêutica", Ayé: Revista de Antropologia, v. 1, n. 1.

CHAZAN, Lilian K. 2008. 'É... tá grávida mesmo! E ele é lindo!' A construção de 'verdades' na ultrasonografia obstétrica. Rio de Janeiro, História, Ciências, Saúde - Manguinhos , v.15, n.1, p.99-116, jan.-mar. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v15n1/06.pdf>

COSTA, Rosely G. 2012. Doação de sêmen e classificação étnico-racial no Brasil. In: Santos, R. V., Gibbon, S., Beltrão, J. (orgs.) Identidades emergentes, genética e saúde: perspectivas antropológicas. Rio de Janeiro: Garamond; Fiocruz, p. 95-110.

HARAWAY, Donna. 1995. "Saberes Localizados. A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial", Cadernos Pagu 5:7-41, 1995.

LATOUR, B. 2008. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: Nunes, J. A., Roque, R. (orgs.) Objetos impuros: experiências de estudos sobre a ciência. Porto: Edições Afrontamento, p. 39-61. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/77-BODY-NORMATIVE-POR.pdf>

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

MANICA, Daniela T. 2011. "A desnaturalização da menstruação: hormônios contraceptivos e tecnociência", *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 197-226, June 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832011000100007&lng=en&nrm=iso>. access on 04 Mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832011000100007>.

MANICA, Daniela T. 2018. "Estranhas entranhas: de antropologias, e úteros", *Amazônica - Revista de Antropologia*, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 22-41, ago. 2018 Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/5852>>.

MARTIN, Denise, SPINK, Mary J., PEREIRA, Pedro P. G. 2018. "Corpos múltiplos, ontologias políticas e a lógica do cuidado: uma entrevista com Annemarie Mol", *Interface: comunicação, saúde e educação*, 22 (64), pp. 295-305.

NUCCI, Marina F.; NAKANO, Andreza Rodrigues; TEIXEIRA, Luiz Antônio. 2018. Ocitocina sintética e a aceleração do parto: reflexões sobre a síntese e o início do uso da ocitocina em obstetrícia no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.25, n.4, out-dez, p.979-998.

PRECIADO, Paul B. 2020. Greve de úteros. In: *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Rio de Janeiro: Zahar.

PRECIADO, Paul B. 2018. Texto Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: N-1 Edições, p. 109-140.

RAMIREZ-GALVEZ, Martha. 2012. Fabricando bebês, vendendo ilusões. In: Fonseca, C., Rohden, F., Machado, P. S. (orgs.) *Ciências na vida: antropologia da ciência em perspectiva*. São Paulo: Terceiro Nome, p. 203-228.

ROCA, Alejandra, DELLACASA, Maria A. 2015. "Tecnorredenção de corpos transexuais. Apropriação tecnológica e augestão de identidades inconclusas", *Revista Mediações*. Londrina, v. 20., n. 1. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/23264>.

ROHDEN, Fabíola. 2001. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

ROHDEN, Fabíola. 2002. "Ginecologia, gênero e sexualidade na ciência do século XIX", *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 101-125, junho de 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v8n17/19078.pdf>

SARDENBERG, Cecília. 2002. Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? In: Costa, Ana A. A., Sardenberg, Cecília M. B. (orgs) *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. (Coleção Bahianas; 8). Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, p.89-120

SCHIEBINGER, Londa. 2001. *O feminismo mudou a ciência?* Bauru, SP: EDUSC.

SOUZA, Érica R. 2020. "Corpos transmasculinos, hormônios e técnicas: reflexões sobre materialidades possíveis". *Dossiê Tecnologia, Gênero e Ativismos*. Organizadoras: Daniela C. Araújo, Daniela T. Manica e Marta N. Kanashiro, *Cadernos Pagu* (59), 2020:e205910.SOUZA, Érica R. 2006. E-moms: na era da maternidade ciborgue. *Humanitas*, 9(2), p. 21-29.

SOUZA, Érica R., MONTEIRO, Marko. 2015. "Repensando o corpo biotecnológico: questões sobre arte, saúde e vida social", *Teoria & Sociedade*, número especial: *Antropologias e Arqueologias hoje*, pp. 159-172.

SOUZA, Érica R., CARVALHO, Flora V., CARMO, Marina M. S. 2020. Inseminação Caseira e Maternidades Lésbicas: impactos da internet e das novas técnicas de reprodução nas reconfigurações das práticas e dos discursos das "tentantes". In: Aires, Maria C., Vieira, Viviane C., Carvalho, Alexandra B. (orgs) *Práticas Sociais, Discurso, Gênero Social: explicações críticas sobre a vida social*. Curitiba: Appris Editora.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

SOUZA, Gedalva, FELTRIN, Receba B., VELHO, Lea. 2019. "Audiências Públicas no Senado: o direito ao aborto em disputa", Cadernos de Gênero e Diversidade. Vol 05, N. 03 - Jul. - Set., 2019. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv>

STRATHERN, Marilyn. 2009. "A Antropologia e o advento da Fertilização In Vitro no Reino Unido: uma história curta", Cadernos Pagu, 33, 2009, pp. 9-55.

DAA XXX – Geoarqueologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Na disciplina serão tratados os conceitos básicos, as metodologias e os princípios da geoarqueologia a partir das aplicações das geociências e da arqueologia. Trata-se de considerações teóricas e estudos de casos que buscam compreender a reconstrução da paisagem, a qual servirá de base para a compreensão da implantação dos grupos humanos passados no espaço.

Syllabus (Geoarchaeology)

In the course, the basic concepts, methodologies and principles of geoarchaeology will be treated from the applications of geosciences and archeology. These are theoretical considerations and case studies that seek to understand the reconstruction of the landscape, which will serve as a basis for understanding the implantation of past human groups in space.

Bibliografia básica:

AB'SABER, A. 2010. A Obra de Aziz Nacib Ab'Saber. São Paulo: BECA (588 p. e CD).

CORREA, Roberto Lobato. 1995. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: Castro, Gomes e Correa (Orgs.). Geografia Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

KAMPF, N. e KERN, D.. 2005. O Solo como registro da ocupação humana pré-histórica na Amazonia. *Topicos Ci. Solo*. 4:277-320.

NAME, Leo. 2010. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com a cultura. In *GeoTextos*, vol. 6, n. 2, dez. 2010: 163-186.

RODET, M.J.. 2012. Geoarqueologia na bacia do rio Peruacu. In *Para desenvolver a Terra*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

RUBIN, Julio Cesar Rubin de & SILVA, Rosicler T. da (Orgs.). 2008. Geoarqueologia: teoria e prática. Goiânia: Editora UCG.

Bibliografia complementar:

RUBIN, Julio Cezar Rudin de; FAVIER DUBOIS, Cristian M.; SILVA, Rosiclé Theodoro da. 2015. Geoarqueologia. Goiânia, GO: Ed. da PUC Goiás, 495 p

THOMAS, Julian. 2001. Cap. 7. Archaeologies of Place and Landscape. In *Archaeological Theory Today*. Edited by Ian Hodder. (165-186).

VILLAGRAN, Ximena S. 2010. Geoarqueologia de Um Sambaqui Monumental - Estratigrafias que Falam. São Paulo: Annablume, 214 p.

DAA XXX – Grafismos Rupestres

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

A disciplina se propõe a explorar as abordagens clássicas e contemporâneas dos estudos de grafismos rupestres, discutindo suas bases teóricas, os métodos e elementos das técnicas a

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

eles associadas, com ênfase nos contextos de pesquisa brasileiros. O objetivo é fornecer um panorama das abordagens e também construir as bases para que as(os) estudantes iniciem (ou avancem na) sua formação teórica e metodológica para análise de grafismos rupestres.

Syllabus (Rock Art Studies)

Classical and contemporary approaches on rock art studies. Introduction to theory, methods and techniques in rock art research, focused mostly in Brazilian contexts. The goal is to provide a panoramic view of the field and also a base for initiation on rock art research.

Bibliografia básica:

COSTA, Carlos. 2012. Representações Rupestres no Piemonte da Chapada Diamantina (Bahia, Brasil). Tese de doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra.

GUIDON, Niède. 1989. "Tradições rupestres da área arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil", *Clio – Série arqueológica*, n. 5. Recife: EDUFPE. 1989: 5-10.

ISNARDIS, Andrei. 2009. Interações e paisagens nas paredes de pedra. Padrões de escolha de sítio e relações diacrônicas entre as Unidades Estilísticas de grafismos rupestres do vale do Peruaçu. *Arquivos do Museu de História Natural* vol. XIX. Belo Horizonte: UFMG. p. 319-368.

LEROI-GOURHAN, André. 1984. A Arte Religiosa. As Religiões da Pré-História. Lisboa: Edições 70. p. 81-108.

LINKE, Vanessa. 2013. "Onde É Que Se Grafa? As relações entre os conjuntos estilísticos rupestres da região de Diamantina (Minas Gerais) e o mundo envolvente", *Revista Espinhaço*, vol. 2, n.2. 2013: 118-131.

LINKE, Vanessa; ALCANTARA, Henrique; ISNARDIS, Andrei; TOBIAS JÚNIOR, Rogério & BALDONI, Raíssa. 2020. "Do fazer a arte rupestre: reflexões sobre os modos de composição de figuras e painéis rupestres de Minas Gerais, Brasil", *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Belém, v. 15, n.1. 2020: e20190017.

LEWIS-WILLIAM, James D. 1988. Reality and Non-reality in San Rock Art. Twenty-fifth Raymond Dart lecture. Johannesburg: Witwatersrand University Press.

PESSIS, Anne-Marie. 1993. "Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-históricos do Nordeste do Brasil", *CLIO*. Recife: UFPE. v. 1, n.8.

PROUS, André. 1999. "As categorias estilísticas nos estudos de arte rupestre: arqueofatos ou realidades?", *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: USP. 1999: 251-261.

PROUS, André. LANNA, Ana Lúcia D. & PAULA, Fabiano L. 1980. Estilística e Cronologia na Arte Rupestre de Minas Gerais. *Pesquisas - Série Antropologia*, 31. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas. 1980: 121-146.

RIBEIRO, Loredana. 2008. "Contexto arqueológico, técnicas corporais e comunicação", *Revista de Arqueologia*. v. 21. 2008: 51-72.

TRONCOSO, Andrés. 2014. "Relacionalidad, Prácticas, Ontologías y Arte Rupestre nel Centro Norte de Chile (2000 A.C. - 1540 D.C.)", *Revista de Arqueologia*. Volume 27, No. 2. 2014: 64-87.

TRONCOSO, Andrés. 2011. Arte Rupestre y Códigos Espaciales: un caso de estudio en Chile Central. *Chungara, Revista de Antropología Chilena*. vol. 43, no 2. p. 161-176.

VALLE, Raoni. 2012. Gravuras Rupestres no Baixo rio Negro e o Diálogo com os Povos Indígenas do Alto Rio Negro. In: Andrello, Geraldo; Cabalzar, Aloísio. (Org.). *Caminhos Ancestrais e Rotas de Transformação*. São Paulo: Instituto Socioambiental - ISA.

DAA XXX – Grupos Humanos através de seus Objetos

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G5)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Os objetos produzidos pelos grupos humanos refletem necessidades, sociabilidades e escolhas culturais. O objetivo do curso é analisar os objetos produzidos no passado (distante ou recente), suas relações sociais, suas funções, etc., desenvolvendo debates e reflexões sobre questões fundamentais desta relação, além das metodologias utilizadas para seus estudos. A visita a pelo menos um museu ou a um elemento do patrimônio histórico é fundamental para o desenvolvimento da disciplina, dialogando com a formação extensionista através de projeto de extensão.

Syllabus (Human groups through their objects)

The objects produced by human groups reflect needs, sociability and cultural choices. The objective of the course is to analyze the objects produced in the past (distant or recent), their social relations, their functions, etc., developing debates and reflections on fundamental issues of this relationship, in addition to the methodologies used for their studies. Visiting at least one museum or an element of historical heritage is essential for the development of the discipline, in dialogue with extensionist practices thru projects.

Bibliografia básica:

GODELIER, Maurice. 1973. *"Moeda de sal" e circulação das mercadorias entre os Baruya da Nova-Guiné*; In: Horizontes da Antropologia, Lisboa: Edições 70, p.271-300.

LATOUR Bruno. 2012. Reagregando o Social. Introdução à Teoria do Ator-Rede. EDUFBA. Salvador.

LENONNIER P. 2004. Místicas Cadeias Operatórias. (traduzido).

LEROI-GOURHAN, André. 1984. Evolução e Técnicas – I: O Homem e a Matéria. Lisboa: Edições 70. Introdução e capítulo I.

LEROI-GOURHAN, André. 1984. Evolução e Técnicas – II: O Meio e a Matéria. Lisboa: Edição 70.

LOPES RAMOS R. F. 2004. A danação do objeto: o museu no ensino da historia. Editora Argos. 178 p.

Bibliografia complementar:

DONADIE Pierre. 2002. La Société Paysagiste. Actes Sud/ENSP. Paris. 150 p.

HUNT J. D. 1996. L'art des jardins et son histoire. O. Jacob. Paris.

MAUS, M. 2007. Manual de Etnografia. Primeira Edição Argentina, 324 p.

DAA XXX – Laboratório de Extensão

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Disciplina de caráter prático voltada a atividades extensionista, através de projetos. Fundamentos teórico-metodológicos do fazer antropológico/arqueológico. Atuação antropológica/arqueológica associada ao respeito e defesa das diferenças (culturais, étnicas, raciais, de classe, de gênero, geracionais, de religião, de modos de vida, de produção, etc.) e sua reprodução; atuação antropológica/arqueológica em defesa do patrimônio cultural material e imaterial. Atuação voltada à garantia de direitos, e reflexão sobre direitos humanos. Implicações científicas, éticas, políticas, jurídicas e profissionais da atuação antropológica/arqueológica.

Syllabus (Laboratory of Extensionist Activities)

This course has a practical character focused on extensionist activities, thru projects. Theoretical and methodological approaches to anthropological/archaeological practices. Anthropological/archaeological practices towards rights and protection of diversity (cultural, ethnical, racial, class, gender, generation, religion, life styles, production, etc) and its reproduction. Anthropological/archaeological practices towards the defense of cultural

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

tangible and untangible heritage. Practices towards rights guarantee and reflection over human rights. Scientific, ethical, political, juridical and professional implications of anthropological/archaeological practices.

Bibliografia básica:

O'DWYER, Eliane Cantarino. 2010. O papel social do antropólogo. A aplicação do fazer antropológico e do conhecimento disciplinar nos debates públicos do Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: E-papers (Antropologias, 6).

RAMOS, Alcida Rita. 1990. O antropólogo: ator político, figura jurídica. Série Antropologia Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Brasília, n. 92.

TAX, S. 1952. "Action anthropology", *América Indígena*, 12: 103-106.

WASSILOWSKY, Alexander Herrera (org). 2013. Arqueología y desarrollo en América del Sur : de la práctica a la teoría. Bogotá : Universidad de los Andes/ Ediciones Uniandes. Lima : Instituto de Estudios Peruanos.

DAA XXX – Laudos Antropológicos

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

O campo da perícia antropológica no Brasil; o diálogo da Antropologia com o Direito e o papel da Antropologia no reconhecimento de direitos coletivos relacionados à diversidade étnica e cultural. A dimensão ética do exercício profissional e a responsabilidade social e científica do antropólogo. A noção de "situação etnográfica" e a importância dos instrumentos teórico-metodológicos próprios à disciplina na elaboração de laudos e relatórios técnicos. Reconhecimento étnico, terras tradicionalmente ocupadas, impactos de grandes projetos de desenvolvimento. Relação entre laudos antropológicos e direitos humanos, educação ambiental e educação para as relações etnicorraciais.

Syllabus (Anthropological Reports)

The field of anthropological expertise in Brazil; the dialogue between Anthropology and Law and the role of Anthropology in recognizing collective rights related to ethnic and cultural diversity. The ethical dimension of professional practice and the social and scientific responsibility of the anthropologist. The notion of "ethnographic situation" and the relevance of theoretical and methodological instruments proper to the discipline in the preparation of technical reports. Recognition of ethnic identities, traditionally occupied lands, impacts of major development projects. Relationship between anthropological reports and human rights, environmental education and education for ethno-racial relations.

Bibliografia básica:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA - ABA. Código de Ética – Disponível em <http://www.portal.abant.org.br/index.php/codigo-de-etica>

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA - ABA. Carta de Ponta das Canas. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/001DOCUMENTOS/DocumentosABA/cartacanas.pdf>

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA - ABA. 2015. Protocolo de Brasília. Laudos Antropológicos: Condições para o exercício de um trabalho científico. ABA. Disponível em: http://www.portal.abant.org.br/livros/LaudosAntropologicos_CondicoesParaOExercicioDeUmTrabalhoCientifico.pdf

LEITE, Ilka Boaventura. 2005. Laudos periciais antropológicos em debate. Florianópolis: NUER/ABA. Em: <http://www.abant.org.br/conteudo/livros/laudos.pdf>

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

OLIVEIRA, J. P.. 1994. Os Instrumentos de Bordo: expectativas e possibilidades do trabalho do antropólogo em laudos periciais. In: LARAIA, R. et al (orgs). *A Perícia Antropológica em Processos Judiciais*. Florianópolis: Edufsc.

OLIVEIRA, J. P. 1999. "Fazendo etnologia com os caboclos do Quirino: Curt Nimuendajú e a história Ticuna". In: _____. (org). *Ensaios de Antropologia Histórica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

OLIVEIRA, J. P. ; MURA, F; BARBOSA DA SILVA, A. (orgs). 2015. *Laudos Antropológicos em perspectiva*. Brasília: ABA Publicações.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, A. W. B. 2006. O objeto da perícia e os procedimentos de obtenção de informação. In: *Os quilombolas e a Base de lançamento de foguetes de Alcântara*. Brasília: MDA.

BARRETTO FILHO & SOUZA LIMA, A. C. 2005. *Antropologia e identificação: os antropólogos e a definição de terras indígenas no Brasil, 1977-2002*. Rio de Janeiro: ContraCapa Livraria/LACED/CNPq/FAPERJ/IEB.

BOURDIEU, P. 1989. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.

FOUCAULT, M.. 2008 [1979]. Verdade e Poder. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal (organizado por Roberto Machado a partir de textos de Foucault).

GLUCKMAN, Max. 1990. O material etnográfico na Antropologia Social Inglesa. In: ZALUAR, Alba (org). *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora.

O'DWYER, Eliane Cantarino (org). 2002. *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: ABA/ Editora FGV.

OLIVEIRA, J. P. 1998. "Uma etnologia dos 'índios misturados'? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais", *Mana*, vol.4, n.1, Rio de Janeiro, abril.

OLIVEIRA, J. P. & SANTOS, A. F. M. 2003. Reconhecimento Étnico em Exame: dois estudos sobre os Caxixó. Rio de Janeiro: Contracapa e Laced/MN/UFRJ.

SAMPAIO, J. A. L.. 2010 [1996]. "Sob o signo da Cruz: Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação de Terra Indígena Pataxó da Coroa Vermelha", *Cadernos do LEME*, Campina Grande, vol. 2, nº 1, p. 95 – 176. jan./jun. Disponível em: <http://leme.ufcg.edu.br/cadernosdoleme/index.php/e-leme/article/viewFile/21/19>

ZHOURI, A. & OLIVEIRA, R. 2013. Conflitos entre Desenvolvimento e Meio Ambiente no Brasil: desafios para a antropologia e os antropólogos. In: Bela Feldman-Bianco. (Org.). *Desafios da Antropologia no Brasil*. 1ed. Brasília: ABA, v. 1, p. 1-22.

SANTOS, A. F. M. 2011. Concepções de cultura, reconhecimento de direitos: o caso dos atingidos pela UHE Irapé. In: CUREAU, S et al (orgs). *Olhar multidisciplinar sobre a efetividade da proteção do patrimônio cultural*. Belo Horizonte: Editora Forum.

DAA XXX – Leituras Arqueológicas de Etnologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Esta disciplina tem por objetivo agregar discussões e conceitos construídos pela etnologia brasileira às reflexões sobre as sociedades indígenas pré-coloniais e, especialmente, à arqueologia destas sociedades, refletindo sobre as possibilidades desse movimento e estimulando sua prática. Como meio para isso, a disciplina se valerá de trabalhos de etnologia brasileira, incluindo textos etnográficos e sínteses etnológicas, através de uma seleção temática, nos quais se buscarão as referidas discussões e conceitos etnológicos. A disciplina

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

visa também contribuir para a promoção dos direitos humanos e educação para as relações etnicorraciais.

Syllabus (Archaeological Readings on Ethnology)

The course proposes to discuss the possibilities of applying concepts and discussions built by Brazilian Ethnology into the analysis of precolonial indigenous societies, stimulating such practice. This course is built by readings on ethnographic works and ethnological synthesis, under a specific set of themes, that one can relate to archaeological issues. The discipline also aims to contribute to the promotion of human rights and education for ethno-racial relations.

Bibliografia básica:

DESCOLA, Phillipe. 2006. *As Lanças do Crepúsculo*. São Paulo: Cosac & Naify.

DO PATEO, Rogério. 2005. *Nyayou. Antagonismo e Aliança entre os Yanomam da Serra das Surucucus*. Tese de doutorado. São Paulo: USP.

FAUSTO, Carlos. 2001. *Inimigos Fiéis. História, guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo: Edusp.

GALLOIS, Dominique. 2005. *Introdução: Percursos de uma Pesquisa*. In: GALLOIS, D. *Redes de Relações nas Guianas*. São Paulo: Humanitas / FAPESP, p. 7-22.

LIMA, Tânia Stolze. 2005. *Um peixe olhou pra mim. O povo Yudjá e a perspectiva*. São Paulo: Ed UNESP/ISA/NUTI.

SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1987. *A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Da UFRJ/ Marco Zero.

VAN VELTHEM, Lúcia. 2003. *O Belo é a Fera. A estética da produção e da predação entre os Wayana*. Lisboa: Assírio & Alvim.

VILAÇA, Aparecida. 1992. *Comendo como Gente: Formas do Canibalismo Wari*. Rio de Janeiro: ANPOCS/EdUFRJ.

VIVEIROS de CASTRO, Eduardo. 2002. *A Inconstância da Alma Selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify.

VIVEIROS de CASTRO, Eduardo. 1986. *Araweté. Os Deuses Canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar / ANPOCS.

DAA XXX – Leituras de Tim Ingold, Pierre Bourdieu e Merleau-Ponty

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

A Fenomenologia de Merleau-Ponty; a Teoria da praxis: o conceito de habitus em Bourdieu; Percepção, aprendizado e habilidades: Tim Ingold; confluências e dispersões entre as abordagens dos autores e suas posições no campo da antropologia.

Syllabus (Readings of Tim Ingold, Pierre Bourdieu and Merleau-Ponty)

The Phenomenology of Merleau-Ponty; the theory of praxis: the concept of habitus in Bourdieu; Perception, learning and skills: Tim Ingold; confluences and dispersions between the authors' approaches and their positions in the field of anthropology.

Bibliografia básica:

BAILÃO, André. 2016. "Paisagem - Tim Ingold". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/paisagem-tim-ingold>

BOURDIEU, Pierre. 2004. *Espaço Social e Poder Simbólico*. In: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, p. 149-168

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

BOURDIEU, Pierre. 2009 [1980]. *O Senso Prático*. Petrópolis: Ed. Vozes, Livro 1, Caps 3 e 4.

BOURDIEU, Pierre. 1993 [1972]. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge Press, Cap. 2 e 4.

BOURDIEU, Pierre. 2002. Sobre o poder simbólico. In: *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 9 – 16.

INGOLD, Tim. 2008. Anthropology is not ethnography. Radcliffe-Brown Lecture in Social Anthropology. *Proceedings of the British Academy*. 154, 69-92.

INGOLD, Tim. 2000. *The perception of the environment: Essays in livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge.

INGOLD, Tim. 2012. “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”, *Horiz. antropol.* vol.18 no.37 Porto Alegre Jan./June 2012. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000100002

INGOLD, Tim. 2019. *Antropologia. Para que Serve?* São Paulo: Ed Vozes.

INGOLD, Tim. 2020. *Estar Vivo*. São Paulo: Ed. Vozes.

MERLEAU-PONTY. 1999. *A Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Ed Martins Fontes.

MERLEAU-PONTY. 2001. *O Visível e o invisível*. São Paulo: Ed Perspectiva, coleção Debates.

VELHO, Otávio. 2001. “De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico” *Mana* v.7 n.2, Rio de Janeiro, out. 2001.

WACQUANT, Lóicq. 2007. “Notas para esclarecer a noção de habitus”, *RBSE*: 6(16): 5-11, abril de 2007.

WACQUANT, Lóicq. 2002. “O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal”, *Revista de Sociologia Política*, 19: 95-110, nov 2002.

Bibliografia complementar:

CARDIM, Leandro Neves. 2007. *A ambiguidade na fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty*. Tese de doutorado. Depto. Filosofia da USP.

FURLAN, Reinaldo & Bocchi, Josiane Cristina. 2003. “O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty”, *Estudos de Psicologia*, 8(3): 445-450.

INGOLD, Tim. 2011. Conferência: For Enskillment. Belo Horizonte: UFMG.

INGOLD, Tim. 2011. Conferência: Making Growing Learning. Belo Horizonte: UFMG.

INGOLD, Tim. 2011. Conferência: Designing environments for life. Belo Horizonte: UFMG: Set. 2011.

MACHADO e SILVA, COELI, Maria Regina. 2011. “A teoria da pessoa de Tim Ingold: mudança ou continuidade nas representações ocidentais e nos conceitos antropológicos?”, *Horizontes Antropológicos*. vol.17 no.35. Porto Alegre Jan./June 2011.

MOURA CARVALHO, Maria Isabel & STEIL, Carlos Alberto. 2009. “O habitus ecológico e a educação da percepção: fundamentos antropológicos para a educação ambiental”, *Revista Educação e Realidade*, 34 (3), 81-94, set/dez 2009.

PEREIRA DE ALMEIDA, Katia Maria. 1997. “Distinção e transcendência: a estética sócio-lógica de Pierre Bordieu”, *MANA*, Vol.3 n.1 Rio de Janeiro Apr. 1997.

PEREIRA DE ALMEIDA, Katia Maria. 1995. “Humanidade e Animalidade”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, no. 28, 1995.

PETRÚCIA DA NOBREGA, Terezinha. 2008. “Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty”, *Estudos de Psicologia*, 2008, 13(2):141-148.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. 2002. “A teoria do Habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea”, *Revista Brasileira de Educação*. Maio/jun/julho, 2002, No. 20. pp.61-70.

STEIL & CARVALHO (org.). 2011. *Culture, Perception and Environment: the contribution from Tim Ingold for a paradigm change*. Seminário internacional, Porto Alegre, UFRGS: Outubro de 2011.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

DAA XXX – Leituras Estruturalistas

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Apresentar a alunas e alunos do Curso de Antropologia os fundamentos teóricos e os princípios metodológicos do estruturalismo a partir da obra de Claude Lévi-Strauss. O estruturalismo é considerado uma das mais importantes correntes teóricas das ciências sociais do século XX. Na antropologia, foi sobretudo com Claude Lévi-Strauss que seus princípios foram desenvolvidos. Sua relação com os povos nativos das Américas provocou uma reviravolta na disciplina, fomentando o surgimento de novas pesquisas na região, incorporando-a definitivamente ao corpus etnográfico da Antropologia. Pretende-se também contribuir pra a educação para as relações etnicorraciais.

Syllabus (Readings on Structuralism)

To present to students of the Anthropology Course the theoretical foundations and methodological principles of structuralism based on the work of Claude Lévi-Strauss. Structuralism is considered one of the most important theoretical currents in the social sciences of the 20th century. In anthropology, it was mainly with Claude Lévi-Strauss that his principles were developed. His relationship with the native peoples of the Americas brought about a turnaround in the discipline, encouraging the emergence of new research in the region, definitively incorporating it into the ethnographic corpus of Anthropology. It also intends to contribute to the education for ethno-racial relations.

Bibliografia básica:

Lévi-Strauss, Claude. 2008 [1958]: Antropologia Estrutural. São Paulo, Cosac Naify(nova edição disponível na UBU).

Lévi-Strauss, Claude. 1982 [1949]. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes.

Lévi-Strauss, Claude. 1989 [1962]. O pensamento selvagem. Campinas: Papirus.

Lévi-Strauss, Claude. 2004 [1964]. O cru e o cozido: Mitológicas I. São Paulo: Cosac & Naify.

DAA XXX – Marxismo: Antropologia e Arqueologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

O curso pretende dar uma visão da Arqueologia e da Antropologia Marxistas partindo dos fundamentos desta teoria e chegando às obras de autores consagrados nas duas áreas. A primeira parte abordará a Teoria Marxista através de seus fundamentos como: a Dialética, o Materialismo, a Teoria do Valor, a Teoria das Classes Sociais e a Teoria da Alienação. Na segunda parte serão contemplados textos de arqueólogos e antropólogos nos quais a teoria é utilizada como instrumento de interpretação de realidades específicas.

Syllabus (Marxism: Anthropology and Archeology)

The subject intends to give an overview of Marxist Archeology and Anthropology starting from the foundations of this theory and reaching the works of renowned authors in both areas. The first part will address the Marxist Theory through its foundations such as: Dialectics, Materialism, Theory of Value, Theory of Social Classes and Theory of Alienation. In the second part, texts by archaeologists and anthropologists in which the theory is used as an instrument to interpret specific realities will be contemplated.

Bibliografia básica:

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

BATE, Luis Felipe. 1998. El proceso de investigación en Arqueología. Barcelona: Crítica, p. 104-139.

BROHM, Jean-Marie. 1979. O que é a Dialética. Lisboa: Antídoto, p. 9-66.

GILMAN, Antonio. 2007. El marxismo en la Arqueología norteamericana. in ORQUERA, L. & HORWITZ, Victoria. Clásicos de Teoría Arqueológica Contemporánea. Buenos Aires: SAA, p. 337-354.

GODELIER, Maurice. 1973. Horizontes da Antropologia. São Paulo: Martins Fontes. s/d. p. 131-160 e 271-300.

LEFEBVRE, Henri. 1979. Sociologia de Marx. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, p. 66-88.

LENINE, V. I. 1979. As três fontes e as três partes constitutivas do Marxismo. In: Obras Escolhidas. São Paulo: Alfa-Ômega, Tomo 1. p. 35-39.

LIANOS, Alfredo. 1988. Introdução à Dialética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 207-220.

MARX, K. 1985. O Capital. Vol. 1- Livro 1. São Paulo: Difel.

MARX, Karl. & ENGELS, F. 1987. Manifesto Comunista. São Paulo: Global, p. 75-88.

MARX, Karl. & ENGELS, F. Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política in Obras Escolhidas vol. 1. São Paulo: Alfa-Ômega, s/d. p. 300-303.

MC GUIRE, Randal. 1992. A Marxist Archaeology. San Diego: Academic Press, p. 213-263.

MEILLASSOUX, Claude. 1995. Antropologia e Escravidão: o ventre de ferro e dinheiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 54-91.

MÉSZÁROS, István. 1981. Marx: A Teoria da Alienação. Rio de Janeiro: Zahar, p. 111-193.

PATTERSON, Thomas C & ORSER JR, Charles E. 2004. Foundations of Social Archaeology. Oxford: Berg, cap. 2, 5 e 8.

PATTERSON, Thomas C. 2003. Marx's ghost. Oxford: Berg, p. 91-120.

RUBIN, Isaak I. 1987. A Teoria Marxista do Valor. São Paulo: Polis, p. 34-43.

TERRAY, Emmanuel. 1979. O marxismo diante das Sociedades Primitivas. Rio de Janeiro: Graal, p. 93-166.

VILAR, Pierre. 1979. "Marx e a História. In: HOBSBAWM, Eric (org.) História do Marxismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Vol. 1. p. 91-126.

WOLF, Eric. 2003. "Tipos de campesinato latino-americanos: uma discussão preliminar" e "Os moinhos da desigualdade: uma abordagem marxiana" in FELDMAN-BIANCO (orgs.) Antropologia e Poder. Brasília: UNB, p. 117-144 e 267-289.

DAA XXX – Memória e Oralidade

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Aspectos epistemológicos, metodológicos e técnicos do trabalho etnográfico com ênfase na oralidade, na memória e identidade social. Diferenças entre história oral e história de vida; memória, narrativa e discurso; as entrevistas e o seu processamento.

Syllabus (Memory and Orality)

Epistemological, methodological and technical aspects of ethnographic work with emphasis on orality, memory and social identity. Differences between oral history and life history; memory, narrative and discourse; the interviews and their processing.

Bibliografia básica:

ALBERTI, Verena. 2008. Histórias dentro da História. In: Carla Bassanezi Pinsky (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

BAENA, V. C. 1997. "La transcripción em historia oral: para um modelo "vivo" del paso de ló oral a ló escrito", *História, Antropologia e Fuentes Orales*, nº 18, Voz e Imagem, ano 1997, p. 41-62.

BOSI, Ecléa. 1987. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das letras.

BOURDIEU, Pierre. 1997. "Compreender". In: P. Bourdieu. *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes.

GATTAZ, C. 1996. *Fazendo História Oral: Textualizar lapidando a fala bruta*. In: *Braços da Resistência: uma história oral da imigração espanhola*. SP: Xamã, p. 261-270.

HALBWACHS, Maurice. 1990. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice. Introdução e Cap. 01.

LE VEN, Michel; FARIA, Érica de e MOTTA, Miriam Hermeto de Sá. 1999. *História oral de vida: o instante da entrevista*. In: VON - SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *Os desafios contemporâneos da História Oral*. Campinas: Centro de Memória Oral / UNICAMP.

NEVES, Lucília de Almeida. 2000. "Memória, História e sujeito: substratos da identidade", *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, julho de 2000, n.º 3.

OLIVEIRA, R. S. T. 2012. "Etnografia como Pesquisa e Assessoria: construindo políticas de articulação", *Teoria & Sociedade*, 20.2.

ORLANDI, E. P. 2007. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. 2000. "Reflexões sobre História de vida, biografias e autobiografias", *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, julho de 2000, n.º 3.

POLLAK, Michael. 1992. *Memória e Identidade Social*. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, nº 10, p.200-212.

POLLAK, Michel. 1989. "Memória, esquecimento e silêncio". In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC. Fundação Getúlio Vargas, vol.2, nº3, p. 03-15.

PORTELLI, Alessandro. 1996. *O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1994): Mito, política, luto e senso comum*. In: M. Ferreira e Janaina Amado (orgs.). *Usos Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, p. 103-130.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira. 1991. *Da Arte de Dividir, da engenhosidade de construir*. In: *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Saulo: T.A. Queiroz Ed., p.109 -129.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira. 1991. *Relatos Oraís: do 'indizível' ao 'dizível'* In: *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Saulo: T.A. Queiroz Editor, p.1-26.

THOMPSON, P. 2002. "História Oral e Contemporaneidade", *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, Julho de 2002, n. 5.

THOMPSON, Paul. 2002. *A Entrevista* In: *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e terra, p.254-278.

WHITAKER, D.C et al. 1995. "A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura?", *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*.n. 2 (1995). PPGS. FCL-UNESP/Araraquara, p. 65-70.

Bibliografia complementar:

MAINGUENEAU, D. 1998. *Termos-chave da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG.

MILLS, W. 1975. *Do Artesanato intelectual. A Imaginação Sociológica*. 4ªed. RJ.: Zahar.

OLIVEIRA, R. C. 1996. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever", *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, 1996, v.39. n.º1.

ORLANDI, E. P. 1989. *Silêncio e Implícito (Produzindo a Monofonia)*. In: GUIMARÃES (Org.) *História e Sentido na Linguagem*. São Paulo: Pontes, p. 39 – 46.

PÊCHEUX, M. 1990. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Campinas: Pontes.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

DAA XXX – Mineração: Patrimônio, Ambiente e Arqueologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

A disciplina vai desenvolver uma abordagem da atividade minerária, partindo do denominado Ciclo do Ouro (no século XVIII) para chegar na realidade atual (século XXI). Através de uma perspectiva que contempla a interação de diferentes áreas do conhecimento (História, Arqueologia, Antropologia etc.) serão abordados temas como: as técnicas de exploração; a dinâmica social; os conflitos diversos; a degradação ambiental e o patrimônio arqueológico; violações de direitos ligadas à atividade minerária; mineração e relações etnicorraciais.

Syllabus (Mining: Heritage, Environment and Archaeology)

The subject will develop an approach to mining activity starting from the so-called Gold Cycle (in the 18th century) to arrive at the current reality (21st century). Through a perspective that contemplates the interaction of different areas of knowledge (History, Archeology, Anthropology etc. .) topics such as: exploration techniques; social dynamics; diverse conflicts; environmental degradation and archaeological heritage; rights violations linked to mining activities; mining and ethno-racial relations.

Bibliografia básica:

- ACUTO, Feliz. 1999. Paisaje y dominación: la constitución del espacio social em el Imperio Inka. In: ZARANKIN, A. & ACUTO, Feliz. Sed non Satiata. Buenos Aires: Tridente, p. 33-75.
- BUTZER, Karl W. 1989. Arqueología uma ecologia del hombre. Barcelona: Bellaterra, p. 120-152.
- CRUZ, Pablo et alii. 2012. “La pacificacion del Mineral”. Cerro López, un enclave minero en la contienda sobre el Nuevo Mundo, Vestígios, vol 6, nº 1, 2012.
- GONÇALVES, Andréa L. 2007. AS técnicas de mineração nas Minas Gerais do século XVIII. In: RESENDE, M.E.L & VILLALTA, L.C. História de Minas Gerais: as Minas setecentistas – Vol. 2. Belo Horizonte: Autêntica, p. 187-204.
- GUIMARÃES, Carlos M. & REIS, Flávia M. M. Agricultura e Mineração no século XVIII. In RESENDE, M.E.L & VILLALTA, L.C. História de Minas Gerais: as Minas setecentistas – Vol. 1. Belo Horizonte: Autêntica, p. 321-335.
- GUIMARÃES, Carlos M. et alii. 2007. “Arqueologia e Campesinato: vestígios de uma categoria social”, Vestígios, vol 1 nº1.
- HOLANDA, Sérgio B. de. 2003. “Metais e Pedras preciosas” in História Geral da Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, p. 289-345.
- MELÉNDEZ, Ana S. & QUESADA Marcos N. 2012. Estrategias industriales y tácticas campesinas em Mina Dal (Catamarca, Argentina). Vestígios, Vol.6 nº 1.
- PAIVA, Eduardo França. 2002. Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no Novo Mundo. In: PAIVA, Eduardo F. & ANASTASIA, Carla M.J. (orgs). O Trabalho Mestiço. São Paulo: Annablume, p. 187-205.
- PAULA, João Antônio de. 2007. A mineração de ouro em Minas Gerais do século XVIII. In: RESENDE, M. E. L & VILLALTA, Luiz C. História de Minas Gerais: as minas setecentistas – vol 1. Belo Horizonte: Autêntica, p. 279-301.
- RAFFESTIN, Claude. 1993. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, p. 223-236.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. 1997. História das Paisagens. In: CARDOSO, Ciro D. e VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História. Rio de Janeiro: Campus, p. 203-216.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

SILVEIRA, Flávio L. A. da. 2009. A paisagem como fenômeno complexo, reflexões sobre um tema interdisciplinar. In: SILVEIRA, Flávio L. A. da & CANCELA, Cristina D. Paisagem e Cultura. Belém: Edufpa, p. 71-83.

TINOCO, Alfredo. 2002. Arqueologia Mineira: território interdisciplinar. In: Terrenos da Arqueologia da Península Ibérica. Porto: Adecap, p. 251-257.

DAA XXX – Oficina de Comunicação em Arqueologia e Antropologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G5)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Nesta disciplina, iremos investir na produção de materiais de comunicação voltados à disseminação de conhecimentos sobre as áreas de Arqueologia e de Antropologia Social, seguindo portanto uma abordagem ligada à formação extensionista, através de projetos. Para além de investigarmos diferentes modos de comunicação, o intuito é incentivar habilidades diversas de comunicação que possam ser utilizadas para ampliar o alcance da produção de conhecimento sobre diferentes públicos. Esta é uma disciplina com forte caráter prático, e visa instigar interesses sobre o papel social das pessoas-pesquisadoras na sua relação com a sociedade de um modo mais amplo através da ativação e da experimentação de estratégias de comunicação.

Syllabus (Workshop of Communication in Archaeology and Anthropology)

This course will focus on the production of communicative material to promote to larger audiences archaeological and anthropological knowledge, following an extensionist approach thru projects. Beyond investigating different communication modes, the goal is to promote different communicative skills to be used to wider the reach of disciplinary knowledge to larger audiences. It will demand practical work and intents to incite among students their interest on the social role of researchers in communicating to society at large, thru experiments and different attempts with communication strategies.

Bibliografia básica:

AMORIM, V.R. 2012. A palavra imagem: breves reflexões sobre o domínio do imagético. In: Moura, Maria Aparecida (Org). Educação científica e cidadania: Abordagens teóricas e metodológicas para a formação de pesquisadores juvenis. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, p. 215-231.

ASSIS, Juliana de & VIEIRA, Letícia Alves. 2012. Aspectos fundamentais da produção e da divulgação científica. In Educação científica e cidadania: Abordagens teóricas e metodológicas para a formação de pesquisadores juvenis, editado por Moura, Maria Aparecida. Belo Horizonte: UFMG/ PROEX, p. 111-122.

BARRETO, Cristiana. 2013. “Corpo, comunicação e conhecimento: reflexões para a socialização da herança arqueológica na Amazônia”, Revista de Arqueologia SAB 26 (1):112-128.

BEZERRA, Marcia. 2013. “Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia”, Revista de Arqueologia Pública 7 (Julho): 107-122.

BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G. & WILLIAMS, Joseh M.. 2008. A arte da pesquisa. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 351p.

DIAS, Camila Delmondes; DELFINA, Cristiane; TEGA-CALIPPO, Glória ; FERREIRA, Maria Beatriz Rocha; GUIMARÃES, Maria Clara Ferreira & CAMARGO, Vera Regina Toledo. 2013. “Divulgando a arqueologia: comunicando o conhecimento para a sociedade”, Ciência e Cultura 65 (2):48-52.

HARDING, Anthony. 2007. “Communication in archaeology”, European Journal of Archaeology 10 (2-3):119-133.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

HERNANDO, Almudena. 2015. Por qué la arqueología oculta la importancia de la comunidad? *Trabajos de Prehistoria* 72 (1):22-40.

HOLTORF, Cornelius. 2007. Can you hear me at the back? *Archaeology, communication and society. European Journal of Archaeology* 10 (2-3):149-165.

MAINGUENEAU, Dominique. 2002. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez. 238p.

RENFREW, Colin & BAHN, Paul. 1996. *Archaeology - Theories, Methods and Practice*. Second Edition ed. London: Thames & Hudson, 608p.

SCHERZLER, Diane. 2007. "Journalists and archaeologists: notes on dealing constructively with the mass media", *European Journal of Archaeology* 10 (2-3):185-206.

TEGA, Glória. 2008. Arqueologia, jornalismo e divulgação científica (Parte 1 e 2). *história e-história* (Disponível @ <http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=90> e <http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=89>).

TEGA, Glória. 2012. "Arqueologia no Brasil e o panorama atual: os números de 11 anos de divulgação na Folha de São Paulo", *Arqueologia Pública* (5):14-27.

TEGA-CALIPPO, Glória. & FUNARI, Pedro P. A.. 2015. "Inicios de la relación entre Arqueología y divulgación: breve historial y datos actuales de un periódico brasileño. *Memorias*", *Revista Digital de Historia e Arqueología desde el Caribe Colombiano Año 11* (26):250-273.

TRAVANCAS, Isabel & FARIAS, Patricia. 2003. *Antropologia e Comunicação*. Rio de Janeiro: Garamond/FAPERJ.

DAA XXX – Pensamento Decolonial

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

A disciplina aborda o assim chamado "giro decolonial" no campo de estudos caracterizado pelas teorias críticas da modernidade (sobretudo os Estudos Subalternos e os Estudos Pós-Coloniais). O pensamento decolonial ambiciona promover a descolonização do conhecimento, do poder e do ser, incluindo a crítica de instituições ocidentais como a própria universidade. Nesse sentido, trata-se de um campo inter(in)disciplinar por definição. Críticas ao capitalismo, ao racismo, ao sistema de gêneros e à separação sociedade/natureza estão entre os temas caros a esse campo de estudos constituído por autore/as que refletem a partir da experiência histórica latinoamericana. A disciplina visa também contribuir para a educação para as relações etnicorraciais.

Syllabus (Decolonial Thinking)

The discipline addresses the so-called "decolonial turn" in the field of studies characterized by critical theories of modernity (especially Subaltern Studies and Postcolonial Studies). Decolonial thinking aims to promote the decolonization of knowledge, power and being, including the critique of Western institutions like the university itself. In this sense, it is an inter(in)disciplinary field by definition. Criticism of capitalism, racism, the gender system and the separation of society/nature are among the themes dear to this field of studies constituted by authors who reflect from the Latin American historical experience. The discipline also aims to contribute to education for ethno-racial relations.

Bibliografia básica:

"MANIFESTO INAUGURAL". 1998. In: *Teorías sin disciplina (Latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización em debate)*. Edición de Santiago Castro-Gómez y Eduardo Mendieta. MÉXICO: MIGUEL ÁNGEL PORRÚA.

ACOSTA, Alberto. 2015. *O bem viver*. São Paulo: ed Elefante.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

BALLESTINI, Luciana. "América Latina e o giro decolonial", Revista Brasileira de Ciência Política, Nº 11. Brasília, Maio - Agosto de 2013, p. 89-117.

CORONIL, Fernando. 2005. Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo. In: Edgardo Lander (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latinoamericanas. Colección Sur-Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>

DE LA CADENA, Marisol. 2015. Earth Beings. Ecologies of practice across the Andean worlds. Durham and London. Duke University Press.

DOMINGUES, José Mauricio. 2011. Modernização global, "colonialidade" e uma sociologia crítica para a América Latina Contemporânea. Um debate com Walter Dignolo. In: DOMINGUES, J.M. Teoria crítica e semi (periferia). BH: Editora UFMG.

DUSSEL, Enrique. 2005. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: Edgardo Lander (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latinoamericanas. Colección Sur-Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>

ESCOBAR, Arturo. 2001. "Culture sits in places: reflections on globalism and subaltern strategies of localization", Political Geography 20 (2001) 139–174.

GROSFUGUEL, Ramón. 2008. "Para descolonizar os estudos de economia política e estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global", Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, março de 2008, 115-47.

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. 2015. A queda do céu. São Paulo: Cia das Letras.

KRENAK, Airton. 2019. Ideias para adiar o fim do Mundo. São Paulo: Cia das Letras.

LUGONES, Maria. 2014. "Rumo a um feminismo descolonial", Estudos feministas, Florianópolis 22(3), 320, set-dezembro de 2014.

MAGALHÃES, Sonia e MAGALHÃES, Antonio Carlos. 2012. Um canto fúnebre em Altamira: Os Povos Indígenas e alguns dos primeiros efeitos da Barragem de Belo Monte. In Zhouri, Andréa (org) Desenvolvimento, Reconhecimento de Direitos e Conflitos Territoriais. Brasília: ABA.

MIGNOLO, Walter. 2003. "Os esplendores e as misérias da "ciência": Colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: Boaventura Sousa Santos (org) Conhecimento Prudente para uma Vida Decente. São Paulo: Ed. Cortez.

MIGNOLO, Walter. 2008. "Desobediência Epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política", Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324.

OLIVEIRA, Raquel. 2012. A Crise como Contexto no Médio Jequitinhonha: sobre perícia e política. In: Jalcione Almeida, Cleyton Gerhardt, Sônia Barbosa Magalhães (org.) Contextos Rurais e Agenda Ambiental no Brasil: práticas, políticas, conflitos, interpretações - Dossiê 3, Belém: Rede de Estudos Rurais.

QUIJANO, Anibal. 2002. "Colonialidade, Poder, Globalização e democracia", Revista Novos Rumos, No. 37, Ano 17.

RESTREPO, Eduardo e ESCOBAR, Arturo. 2004. "Antropologias del Mundo", Revista de Antropología. Universidad del Magdalena, Santa Marta, julio de 2004, no. 3.

RIBEIRO, Djamila. 2019. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Cia das Letras.

SANTIAGO CASTRO-GOMEZ. 2005. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da invenção do outro. In: Edgardo Lander (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latinoamericanas. Colección Sur-Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

WALSH, Catherine. 2005. Introducción: (re)pensamiento crítico y (de)colonialidade. In: Catherine Walsh (Edit.) Pensamiento crítico y matriz (de)colonial: reflexiones latino-americanas. Quito: Universidade Andina Simón Bolívar & Ediciones Abya-Yala. ZHOURI, Andréa. 2015. Colonialidade, Modernidade e Meio Ambiente. Texto apresentado na mesa redonda “Deslocamentos Teóricos”, ocorrida no V Seminário Internacional da Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, 15-17 de junho de 2015.

Bibliografia complementar:

GOMEZ FUENTES, Anahí Copitzky. 2015. La construcción de conocimiento antropológico como una forma de violencia epistemológica en los conflictos por megaproyectos hídricos en México. WATERLAT-GOBACIT Network Working Papers Thematic Area Series, TA2 Water and Megaprojects – Vol. 2 No 2. Water, megaprojects and epistemological violence, Newcastle upon Tyne, Waterloo, ON, Canada, and Mexico City July 2015.

MALDONADO-TORRES, Nelson. 2011. Thinking through the Decolonial Turn: Post-continental Interventions in Theory, Philosophy, and Critique—An Introduction. In: Transmodernity. Fall.

QUIJANO, Anibal. 2005. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Edgardo Lander (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latinoamericanas. Colección Sur-Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>

RESTREPO, Eduardo. 2014. Desdisciplinar a Antropologia. Diálogo com Eduardo Restrepo. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 41, p. 359-379, jan./jun. 2014 <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000100013>

DAA XXX – Religiões de Matriz Africana

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Debates clássicos e contemporâneos; teóricos e etnográficos; envolvendo as religiões de matriz africana nas Américas e no espaço Atlântico. O foco pode ser no Brasil comparativo, abrangendo América Latina, Caribe, África e/ou alhures. Contribuições da disciplina para a educação das relações etnicorraciais.

Syllabus (African American Religions)

Classic and contemporary debates about African American and Afro-Atlantic religions, including theoretical and ethnographic takes. The texts may focus on Brazil or may offer a comparative perspective, including the rest of Latin America, the Caribbean, Africa and elsewhere. Contributions of the discipline to the education of ethnic-racial relations.

Bibliografia básica:

ANJOS, José Carlos Gomes dos. 2006. Território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira. Porto Alegre: UFRGS.

BASTIDE, Roger. 1960 [1971]. As religiões africanas no Brasil: Contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Civilização Brasileira.

CARNEIRO, Edison. 1963 [1991]. Religiões negras: Notas de etnografia religiosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Bibliografia complementar:

ANJOS, José Carlos Gomes dos. 2006. Território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira. Porto Alegre: UFRGS.

BASTIDE, Roger. 1958 [2001]. O candomblé da Bahia (rito nagô). São Paulo: Companhia das Letras.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

BASTIDE, Roger. 1960 [1971]. *As religiões africanas no Brasil: Contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Civilização Brasileira.

BIRMAN, Patrícia. 1997. "O campo da nostalgia e a recusa da saudade: temas e dilemas dos estudos afrobrasileiros", *Religião e sociedade* 18 (2): 75-92.

CABRERA, Lydia. 1954 [2012]. *A mata: Notas sobre as religiões, a magia, as superstições e o folclore dos negros criollos e o povo de Cuba*. São Paulo: EdUSP.

CABRERA, Lydia. 1980? [1994]. *Iemanjá e Oxum: Iniciações, ialorixás e olorixás*. São Paulo: EdUSP.

CARNEIRO, Edison. 1937 [1991]. *Negros bantos: Notas de etnografia religiosa e de folclore*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CARNEIRO, Edison. 1948 [1978]. *Candomblés da Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CARNEIRO, Edison. 1963 [1991]. *Religiões negras: Notas de etnografia religiosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CUNHA, Olívia M. G. da. 2020. *O Caribe e o Outro: etnografias da relação*. Rio de Janeiro: UFRJ.

DANTAS, Beatriz Gois. 1989. *Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal.

ELBEIN DOS SANTOS, Juana. 1977. *Os nagô e a morte*. Petrópolis: Vozes.

ESPÍRITO SANTO, Diana. 2014. "Plasticidade e pessoalidade no espiritismo crioulo cubano", *Mana* 20(1): 63-93.

GOLDMAN, Marcio. 2005. "Formas do saber e modos do ser: observações sobre multiplicidade e ontologia no candomblé", *Religião e sociedade* 25 (2): 102-120.

HURBON, Laënnec. 1972 [1988]. *O Deus da resistência negra: o vodu haitiano*. São Paulo: Paulinas.

HURSTON, Zora Neale. 1938 [s/d] *Tell my horse: Voodoo and life in Haiti and Jamaica*.

JOHNSON, Paul Christopher. 2011. "Uma genealogia atlântica da 'possessão de espíritos'", *Comparative Studies in Society and History*, 53 (2): 393-425.

LANDES, Ruth. 1947 [2002]. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: UFRJ.

LUCINDA, Maria da Consolação. 2016. *Territórios religiosos: conexões entre passado e presente*. Curitiba: Appris.

MATORY, J. Lorand. 2005. *Black Atlantic religion: tradition, transnationalism, and matriarchy in the Afro-Brazilian Candomblé*. Princeton: Princeton University Press.

NINA RODRIGUES, Raimundo. 1896-7 [2006]. *O animismo fetichista dos negros bahianos*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional / UFRJ.

NUNES PEREIRA, Manuel. 1947 [1979]. *A Casa das Minas: Culto dos voduns Jeje no Maranhão*. Petrópolis: Vozes.

ORTIZ, Fernando. 1906 [1917]. *Hampa afro-cubana: Los negros brujos*. Madrid: Editorial America.

PIERSON, Donald. 1942. *O candomblé da Bahia*. Curitiba: Editora Guaíra Limitada.

PRICE-MARS, Jean. 1928 [1954]. *Ainsi parla l'Oncle: Essais d'ethographie*. New York: Parapsychology Foundation.

QUERINO, Manuel. 1938 [1988]. *Costumes africanos no Brasil*. Recife: Fundação João Nabuco.

RAMOS, Arthur. 1934 [1940]. *O negro brasileiro: Etnografia religiosa e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

RIBEIRO, René. 1952. *Cultos afro-brasileiros do Recife: Um estudo de ajustamento social*. Número especial do Boletim do Instituto Joaquim Nabuco, Recife.

SEGATO, Rita Laura. 1995. *Santos e daimones: o politeísmo afro-brasileiro e a tradição arquetipal*. Brasília: UnB.

SERRA, Ordep. 1995. *Águas do rei*. Petrópolis: Vozes.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

VERGER, Pierre. 1951 [1999]. Notas sobre o culto aos orixás e voduns. São Paulo: EdUSP.

DAA XXX – Tópicos em Antropologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

Disciplina de conteúdo variável

Syllabus (Topics in Anthropology)

Course of variable content.

Bibliografia Obrigatória:

Bibliografia variável

DAA XXX – Tópicos em Arqueologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

Disciplina de conteúdo variável

Syllabus (Topics in Archaeology)

Course of variable content.

Bibliografia Obrigatória:

Bibliografia variável

DAA XXX – Tópicos em Extensão

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G5)

Responsável: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

Disciplina de conteúdo variável, envolvendo formação em extensão.

Syllabus (Topics in Extensionism)

Course of variable content, involving extension training.

Bibliografia Obrigatória:

Bibliografia variável

LET 223 – Fundamentos de libras

Carga Horária: 60 h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: FALE – Disciplinas Interdepartamentais

Ementa:

Aspectos históricos e conceituais da cultura surda e filosofia do bilinguismo. Fundamentos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Aquisição e desenvolvimento de habilidades básicas expressivas e receptivas em LIBRAS.

Syllabus (Fundamentals of Brazilian Sign Language-LIBRAS)

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Historical and conceptual aspects of deaf culture and philosophy of bilingualism. Linguistic fundamentals of the Brazilian Sign Language (LIBRAS). Acquisition and development of basic expressive and receptive skills in LIBRAS.

Bibliografia básica:

CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. (editores). 2008. Dicionário enciclopédico trilingue da língua de sinais brasileira. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

GOLDFELD, M. 2002. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 2. ed. São Paulo: Plexus, 172 p.

QUADROS, Ronice Muller de & KARNOPP, Lodenir. 2004. Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos. Porto Alegre: Artmed.

SKLIAR, Carlos. 1999. Atualidade da educação bilíngüe para surdo – projetos pedagógicos. Porto Alegre: Mediação.

Bibliografia complementar:

BRITO, Lucinda Ferreira. 1993. Integração Social e Educação de Surdos. Rio de Janeiro: Babel.

BRITO, Lucinda Ferreira. 1995. Por uma gramática de línguas de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

QUADROS, R.M. 1997. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas.

SACKS, O. 1990. Vendo vozes: uma jornada no mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago.

SKLIAR, Carlos (org.). 1998. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação.

DAA XXX – Antropologia da Religião e da Magia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela Ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Abordagens clássicas e contemporâneas de fenômenos, práticas e saberes denominados mágicos e/ou religiosos. As principais teorias que formaram o entendimento antropológico acerca do que é religião, do que é magia, e do lugar que ocupam nas culturas e sociedades humanas. As críticas contemporâneas de tais abordagens. Problemas como eficácia, racionalidade, crença, secularismo podem ser abordados.

Syllabus (Anthropology of religion and magic)

Classic and contemporary approaches to magical and religious phenomena, practices and ideas. The main theories that helped shape the anthropological understanding of what religion and magic are, and their place in human cultures and societies. Contemporary criticism of such approaches. Also of interest are issues such as effectiveness, rationality, belief and secularism.

Bibliografia básica:

ASAD, Talal. 2010 [1993]. “A construção da religião como uma categoria antropológica”, Cadernos de Campo 19: 263-84.

DURKHEIM, Émile. 1996 [1912]. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes.

EVANS-PRITCHARD, E. E. 2005 [1937]. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Zahar.

MAUSS, Marcel & Henri HUBERT. 2003 [1902-1903]. “Esboço de uma teoria geral da magia”, in: MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify: 47-181.

Bibliografia complementar:

ANJOS, José Carlos G. dos. 2006. No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira. Porto Alegre: UFRGS.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

BARBER, Karin. 1989 [1981]. "Como o homem cria Deus na África Ocidental: atitudes dos Yoruba para com o Òrìsà", in: MOURA, C. E. Marcondes de. Meu sinal está no teu corpo: escritos sobre a religião dos orixás. São Paulo: Educon/EdUSP. p. 724-45.

BASTIDE, Roger. 2006. O sagrado selvagem e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras.

BATAILLE, George. 2015 [1973]. "Teoria da religião", seguido de "Esquema de uma história das religiões". Belo Horizonte: Autêntica.

BERGER, Peter. 2004 [1969]. Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis: Vozes.

CSORDAS, Thomas. 2008. Corpo/cura/significado. Porto Alegre: UFRGS.

CSORDAS, Thomas. 2016 [2006]. "Assíntota do inefável: Corporeidade, alteridade e teoria da religião", Debates do NER 17(29): 15-60.

DOUGLAS, Mary. 1976 [1966]. Pureza e perigo. São Paulo: Perspectiva.

DOUGLAS, Mary. 1999. "Os Lele revisitados, 1987: Acusações de feitiçaria à solta", Mana 5(2): 7-30.

ELIADE, Mircea. 1996 [1957]. O profano e o sagrado: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes.

EVANS-PRITCHARD, E. E. 1978 [1965]. Antropologia social da religião. Rio de Janeiro: Campus.

FRAZER, James George. 1982 [1889/1922]. O ramo de ouro. Rio de Janeiro: Zahar.

FREUD, Sigmund. 2011 [1927]. O futuro de uma ilusão. Porto Alegre: L&PM.

GEERTZ, Clifford. 1989 [1965]. A religião como sistema cultural. in: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, p. 101-42.

GEERTZ, Clifford. 2001. O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder. In: Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, p. 149-165.

GELL, Alfred. 2018 [1998]. Arte e agência. São Paulo: Ubu.

GESCHIERE, Peter. 2006. "Feitiçaria e modernidade nos Camarões: Alguns pensamentos sobre uma estranha cumplicidade", Afro-Ásia 34: 9-38.

GIUMBELLI, Emerson. 2002. O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. São Paulo: Attar/PRONEX.

GOLDMAN, Marcio. 2014. "Da existência dos bruxos (ou como funciona a antropologia)", R@U 6 (1): 7-24.

HERTZ, Robert. 2016 [1970]. Sociologia religiosa e folclore. Petrópolis: Vozes.

HONWANA, Alcinda. 2002. Espíritos vivos, tradições modernas: possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no sul de Moçambique. Lisboa: Ela por Ela.

HUBERT, Henri & MAUSS, Marcel. 1981 [1899] "Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício", in: Marcel MAUSS. Ensaios de Sociologia. São Paulo: Perspectiva, p. 141-228.

LATOUR, Bruno. 2002 [1996]. "Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches. Bauru: Edusc.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1949 [2008]. "O feiticeiro e sua magia"; "a eficácia simbólica". In: Antropologia estrutural. São Paulo: Cosac Naify, p. 181-200.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1950 [2003]. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, p. 11-46.

LÉVY-BRUHL, Lucien. 2008 [1922]. A mentalidade primitiva. São Paulo: Paulus.

LIENHARDT, Godfrey. 1972 [1956]. Religião. In: SHAPIRO, Harry L. (org.). Homem, cultura e sociedade. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, p. 407-426.

MALINOWSKI, Bronislaw. no prelo [1925]. Magia, ciência e religião. São Paulo: Ubu.

MEYER, Birgit et al. 2019. Como as coisas importam: uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer. Porto Alegre: UFRGS.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

OTTO, Rudolf. 2007 [1917]. O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal.

SANCHIS, Pierre. 1983. Arraial, festa de um povo: as romarias portuguesas. Lisboa: Dom Quixote.

SEGATO, Rita Laura. 1992. "Um paradoxo do relativismo: O discurso racional da antropologia frente ao sagrado", *Religião e Sociedade* 16 (1-2):31-46.

STENGERS, Isabelle. 2017 [2012]. "Reativar o animismo", *Caderno de Leituras* 62: 1-15.

TAYLOR, Charles. 2012 [2009]. O que significa secularismo. In: LEITE, L. A. B. Leite et al. *Esfera pública e secularismo: ensaios de filosofia política*. Rio de Janeiro: UERJ, p. 157-95.

TURNER, Victor. 2005 [1964]. Um curandeiro Ndembu e sua prática. In: *Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF, p. 449-88.

VAN GENNEP, Arnold. 1977 [1908]. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes.

WEBER, Max. 2004 [1905]. A ética protestante e o "espírito" do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras.

DAA XXX – Antropologia das Artes e das Visualidades

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Fundamentos de antropologia da arte por meio de uma visão comparativa das principais expressões artísticas em diferentes sociedades. O lugar das imagens como elemento constitutivo da expressão e da narrativa etnográfica. Problematização e alargamento do estatuto da visualidade - desenhos, fotografias, filmes, hipermídia, artefatos - no pensar e no fazer antropológico.

Syllabus (Anthropology of Arts and Visualities)

The fundamentals of anthropology of art through a comparative view of the main artistic expressions in different societies. The role of images as a constitutive element of ethnographic expression and narrative. Problematize and widening the status of visibility - drawings, photographs, films, hypermedia, artefacts – in anthropological thinking and doing.

Bibliografia básica:

DE FRANCE, CLAUDINE. 2000. A antropologia fílmica: uma gênese difícil mas promissora. In: Claudine de France (org.), *Do filme etnográfico a antropologia fílmica*. Campinas: Editora da Unicamp.

GELL, Alfred. 2018 [1998]. "Definição do problema: a necessidade de uma antropologia da arte." In: *Arte e agência: uma teoria antropológica*. São Paulo: Ubu Editora.

LAGROU, Elsje Maria. 2003. "Antropologia e Arte: uma relação de amor e ódio", *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 93-113, jan..

LATOUR, BRUNO. 2008. "O que é iconoclash? Ou, há um mundo além das guerras de imagem?", *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 14, n. 29, pp. 111-150, jan/jun.

PINNEY, Christopher. 1996. A história paralela da Antropologia e da Fotografia. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, vol.2, p. 29-52.

Bibliografia complementar:

AZEVEDO, AINA. 2016. "Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual", *Cadernos de Arte e Antropologia* [Online], Vol. 5, No 2.

AZEVEDO, AINA. 2016. "Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia". In: *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 100-119, jan. / jun.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

BELTING, H. 2012. *Antropología de la imagen*. Madrid: Katz Editores. (Versão francesa: *Pour une Anthropologie des Images*. Paris: NRF-Gallimard, 2004.) ou BELTING, H. "Por uma antropologia da imagem", in *Concinnitas*, Ano 6, vol.1, n° 8, Rio de Janeiro (UERJ) pp. 64-78, 2005.

BENJAMIM, Walter. 1994. "Pequena história da fotografia". In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.

BOAS, Franz. 1955 [1927]. *Primitive Art*. Nova York: Dover Publications, p. 1-63 (Preface; Introduction; The formal elements in art). [Há tradução para o português.]

CAIUBY NOVAES, Sylvia. 2009. *Imagem e Ciências Sociais: trajetória de uma relação difícil*. In: BARBOSA, Andrea et al. (Ed.). *Imagem-conhecimento. Antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papirus.

COMOLLI, ANNIE. 2009. "Elementos de método em antropologia fílmica." In: Marcius Freire e Philippe Lourdou (Orgs.). *Descrever o visível: cinema documentário e antropologia fílmica*. São Paulo: Estação Liberdade.

DIAS, José António B. Fernandes. 2001. "Arte e antropologia no século XX: modos de relação", *Etnográfica* 5(1): 103-129.

DIDI-HUBERMAN, Georges. 2013. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto.

DIDI-HUBERMAN, Georges. 2018. "A imagem a galope"; "Êxtases de frases" e "Imagem miserável, imagem-milagre". In: *Imagens-Ocasões*. (Bruno, Fabiana org. e Ivo, Guilherme tradução) ed. São Paulo: Fotô Editorial.

DUBOIS, Philippe. 1998 [1993]. "Introdução", "Da verossimilhança ao índice". In: *O Ato fotográfico*. Campinas: Papiros, p. 11-55.

EDWARDS, Elizabeth. 2016. *Rastreado a fotografia*. In: BARBOSA, A. et al. (Ed.). *A experiência da imagem na etnografia*. São Paulo: Terceiro Nome.

FAUSTO, Carlos et SEVERI, Carlo (dir.). 2016. *Palavras em Imagens, Escritas, corpos e memórias, Brésil / France | Brasil / França*. Marseille: OpenEdition Press.

GEERTZ, Clifford. 2007. *A arte como um sistema cultural*. In: *O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, p. 142-181.

GELL, Alfred. 1996. "A rede de Vogel, armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas", *Arte e Ensaios - Revista do Programa de Pós- Graduação em Artes Visuais*. Escola de Belas Artes. UFRJ. ano VIII - número 8: 174-191.

GOLDSTEIN, Ilana. 2008. "Reflexões sobre a arte 'primitiva': o caso do Musée Branly", *Horizontes Antropológicos* 14(29): 279-314.

GURAN, M. 2011. *Considerações sobre a constituição e utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica*. Londrina: Discurso Fotográfico.

HENLEY, PAUL. "Cinematografia e pesquisa etnográfica". In *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 9 (2): 29-50. 1999.

KUSCHNIR, Karina. 2016. "A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas", *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 5, No 2 | -1, 5-13.

LAGROU, Elsje. 2009. *Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação*. Rio de Janeiro: C/ Arte.

LAYTON, Robert. 2001 [1991]. *A Arte de Outras Culturas*. In: _____ *A Antropologia da Arte*. Lisboa: Edições 70, p. 9-56.

MARESCA, S. 2005. *Olhares cruzados. Ensaio comparativo entre abordagens fotográfica e etnográfica*. in: Samain, E. (org.) *O Fotográfico* (2a ed.). São Paulo: Hucitec.

MENDONÇA, João Martinho. 2016. "Vozes e silêncios: apontamentos sobre reflexividade em filmes etnográficos", *GIS – Gesto, Imagem e Som – Revista de Antropologia*, vol.1, n.1.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

OVERING, Joanna. 1999. "Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica", *Mana*, 5(1).

PRICE, Sally. 2000 [1991] *Arte Primitiva em Centros Civilizados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

SAMAIN, E (org.). 2012. *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

SAMAIN, Etienne. 2014. "Antropologia, imagens e arte. Um percurso reflexivo a partir de Georges Didi-Huberman", *Cadernos de Arte e Antropologia* [Online], Vol. 3, No 2.

SEVERI, C. 2017. "Seres Transmutantes: uma proposta para uma antropologia do pensamento", *Revista Ilha*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 217-262, junho.

SEVERI, Carlo. 2009. A palavra emprestada ou como falam as imagens. *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, v. 52, n.2, p. 459-505.

SZTUTMAN, Renato. 2009. *Imagens-transe: Perigo e possessão na gênese do cinema de Jean Rouch*. In: BARBOSA et al. (Ed.). *Imagem-conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papirus.

DAA XXX – Estudos da Ciência e da Técnica

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Estudos sociais em ciência e tecnologia: produções e perspectivas antropológicas. Epistemologia e prática tecno-científica: estudos etnográficos e históricos no campo dos estudos sociais da ciência e da Antropologia da Ciência e da Tecnologia. Relações entre antropologia, ciência e técnica. Conhecimento e técnica em sociedades modernas e não-modernas. Reemergência contemporânea da natureza na política. Noção de cultura e sociedade em contraste à noção de ciência e natureza. Etnografias das ciências.

Syllabus (Science and technique studies)

Social studies of science and technology: anthropological productions and perspectives. Techno-scientific Epistemology and practice: ethnographic and historical studies in the field of social studies of science and anthropology of science and technology. Relations between anthropology, science and technology. Knowledge and technique in modern and non-modern societies. The contemporary re-emergence of nature in politics. The concept of culture and society in contrast to the notion of science and nature. Ethnographies of science.

Bibliografia básica:

COLLINS, H. & PINCH, T. 2000. *O Golem: O que você deveria saber sobre ciência*. São Paulo: Ed. Unesp.

HARAWAY, Donna. 2009. *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e socialismo-feminista no século XX*. In: Tomaz Tadeu (org.), *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*, Belo Horizonte: Autêntica.

KUHN, T. S. 1978. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.

LATOUR, B. & WOOLGAR, S. 1997. *A vida de laboratório: A produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

LATOUR, B. 1994. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

STENGERS, I. 2002. *A Invenção das Ciências Modernas*. São Paulo: Ed. 34.

Bibliografia complementar:

AKRICH, Madeleine. 2014. "Como descrever os objetos técnicos?", *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 4, n. 1.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

ALMEIDA, Mauro. 2013. "Caipora e outros conflitos ontológicos", R@u - Revista de Antropologia da UFSCar 5(1): 7-28.

BATESON, Gregory. 2018. "Problemas de comunicação entre cetáceos e outros mamíferos", Revista IEB 69.

BLOOR, David. 2009. Conhecimento e imaginário social. São Paulo: Edunesp.

CALLON, Michel. "A Agonia de um laboratório" [tradução livre na internet]

DANOWSKI, Débora e VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2014. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro: Cultura e Barbárie. [pgs. 11-42; 85-159]

DESCOLA, P. 2002. Genealogia de objetos e antropologia da objetivação. Horizontes antropológicos 8(18): 93-112.

FEYRABAND. 1972 [1975] Contra O Método. RJ: Francisco Alves.

FLECK, Ludwig. 2010 [1935]. Gênese e desenvolvimento de um fato científico. Belo Horizonte: Fabrefactum.

FOX KELLER, Evelyn. 2006. "Qual foi o impacto do feminismo na ciência?", Cadernos Pagu 27.

HACKING, Ian. 2013. "Construindo tipos: o caso de abusos contra crianças", Cadernos Pagu 40.

HARAWAY, Donna. 1995. "Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial", Cadernos Pagu 5:7-41.

INGOLD, Tim. 2012. "Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais", Horiz. antropol. [online], vol.18, n.37.

LATOUR, Bruno. 2001. "Da fabricação à realidade" e "A historicidade das coisas". In: A esperança de Pandora: estudos sobre a realidade dos estudos científicos, Bauru: Edusc.

LATOUR, Bruno. "Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno", Revista de Antropologia 57(1):12-31.

LATOUR, Bruno. 2012. Reagregando o Social. Uma Introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador: EDUFBA.

LAW, John "O laboratório e suas redes" [tradução livre na internet]

LÉVI-STRAUSS, C. 1962 [1989]. A ciência do concreto. In: O pensamento selvagem. Campinas: Papyrus, p. 15-50.

LOVELOCK, James. 1990. Gaia: um modelo para a dinâmica planetária e celular. In: Gaia: uma teoria do conhecimento. São Paulo: Gaia.

LUNA, Naara. 2007. Provetas e clones: uma antropologia das novas tecnologias reprodutivas. RJ: Fiocruz.

LUNA, Naara. 2012. Identidade genética no debate sobre o estatuto de fetos e embriões. In: Santos, R. V., Gibbon, S., Beltrão, J. (orgs.) Identidades emergentes, genética e saúde: perspectivas antropológicas. Rio de Janeiro: Garamond; Fiocruz, p. 111-150.

MARRAS, S. 2019. "Qual Ciência Visar?", Climacom, ano 2, v. 2.

MOL, Annemarie. 2007. Política ontológica. Algumas ideias e várias perguntas. in: Nunes, João Arriscado e Roque, Ricardo (org.) Objectos impuros. Experiências em estudos sociais da ciência. Porto: Edições Afrontamento.

MORAWSKA, C.; RIBEIRO, M. 2018. Notas sobre as intersecções entre Estado, Ciência, Capitalismo: desafios etnográficos em torno da técnica e da política, R@U, V. 10.

PRIGOGINE, Ilya & STENGERS, Isabelle. 1984. A nova aliança: metamorfose da ciência. Brasília: Editora da UnB.

RABINOW, P. 1999. Antropologia da razão: ensaios de Paul Rabinow. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

ROHDEN, Fabiola; MONTEIRO, Marko. 2019. "Para além da ciência e do anthropos: deslocamentos da antropologia da ciência e da tecnologia no Brasil", BIB. Revista Brasileira de

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, v. 89, p. 1-33. Disponível em: http://anpocs.com/images/BIB/n89/fabiola_marko_BIB_0008907_RP.pdf

ROHDEN, Fabíola. 2017. "Vida saudável versus vida aprimorada: tecnologias biomédicas, processos de subjetivação e aprimoramento", *Horiz. antropol.*, v. 23, n. 47, p. 29-60.

ROUVEROY, Antoinette. 2015. "Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o dispar como condição de individuação pela relação?", *REVISTA ECO PÓS* | V. 18 | N. 2.

SÁ, G. J. S. 2015. "Antropologia e Não Modernidade: até que a ciência as separe", *ILHA – Revista de Antropologia*, UFSC, v.17(2), p. 31-47.

SAUTCHUK, Carlos. 2010. *Ciência e técnica*. In: Duarte, L. F. D. (org.) *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil – Antropologia*. São Paulo: ANPOCS.

SOUZA, Erica Renata de; MONTEIRO, Marko Synésio Alves. 2015. *Repensando o Corpo Biotecnológico: Questões sobre Arte, Saúde e Vida Social*. *Teoria & Sociedade (UFMG)*, v. 5, p. 159-172.

STRATHERN, Marilyn. 2009. "A Antropologia e o advento da fertilização in vitro no Reino Unido: uma história curta", *Cadernos Pagu*, 33: 9-55.

STRATHERN, Marilyn. 2014. Dando apenas uma força à natureza? A cessão temporária de útero: um debate sobre tecnologia e sociedade. In: *O efeito etnográfico*. São Paulo: Cosac Naify, p. 467-486. (Capítulo 15)

TADDEI, R. 2016. "Conhecendo (n)o Antropoceno", *Climacom*, ano 3, N. 7 (Dezembro 2016). TSING, Anna. 2018. *Paisagens arruinadas*, *Cadernos do LEPAARQ*, Volume XV, Número 30.

TSING, Anna. 2019. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas.

VARGAS, E. 2007. "Gabriel Tarde e a diferença infinitesimal". In: Vargas, E. (org.) *Monadologia e Sociologia e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify.

DAA XXX – Estudos de Campesinato, Etnicidade e Território

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Problematizações teóricas e etnográficas sobre identidades étnicas, territórios e formas camponesas contemporâneas, com ênfase nos processos de luta pelo reconhecimento de grupos historicamente excluídos e pelo acesso a terra/território. Noções de campesinidade, etnogênese e territorialização, visando ao entendimento dos processos históricos de conformação de identidades e territórios étnicos. Conflitos, disputas e dinâmicas atuais de organização do campesinato, de novos sujeitos do meio rural e seus movimentos: novas formas camponesas, povos e comunidades tradicionais. Formas de reprodução social e resistência face a taxonomias e práticas estatais. Análise de situações etnográficas e/ou experiências de atuação junto a grupos cultural e etnicamente diferenciados, com ênfase na contribuição do fazer antropológico para o reconhecimento e garantia de direitos e educação para as relações etnicorraciais.

Syllabus (Peasantry, Ethnicity and Territory Studies)

Theoretical and ethnographic questions about ethnic identities, territories and contemporary peasant forms, with emphasis on the processes of struggle for the recognition of historically excluded groups and for access to land / territory. Notions of peasantry, ethnogenesis and territorialization, aiming at understanding the historical processes of conformation of ethnic identities and territories. Conflicts, disputes and current dynamics of organization of the

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

peasantry, of new subjects from the rural environment and their movements: new peasant forms, traditional peoples and communities. Forms of social reproduction and resistance to taxonomies and state practices. Analysis of ethnographic situations and / or experience of working with culturally and ethnically different groups, with an emphasis on the contribution of anthropological practice to the recognition and guarantee of rights and education for ethno-racial relations.

Bibliografia básica:

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. 2006. Terras de Quilombos, Terras Indígenas, “Babaçuais Livres”, “Castanhais do Povo”, Faxinais e Fundos de Pasto: Terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PPGSCA-UFAM.

ANDERSON, Benedict. 2008. Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. São Paulo, Companhia das Letras.

BARTH, Fredrik. 2000. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa.

BOURDIEU, P. 1989. A ideia de região. In: O poder simbólico. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil.

BOURDIEU, Pierre. 1979. O desencantamento do mundo. Coleção Elos. No. 19. São Paulo: Editora Perspectiva.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1976. Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo: Pioneira.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2009. “Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível”. In: Manuela Carneiro da Cunha. Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, p. 277-300.

CARNEIRO, M. J. 1998. Camponeses, Agricultores e Pluriatividade. Editora Contra-Capa: Rio de Janeiro.

CUNHA, Manuela Carneiro & ALMEIDA, Mauro W. B. 2009. “Populações tradicionais e conservação ambiental”. In: Manuela Carneiro da Cunha. Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, p. 277-300.

HANNERZ, Ulf. 1977. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras chave da antropologia transnacional. Mana 3 (1): 7-39.

LITTLE, Paul E. 2002. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia. N° 322. Brasília: DAN/UnB.

O'DWYER, Eliane Cantarino. 2012. “Nation Building” e relações com o Estado: o campo de uma antropologia em ação. In: Andréa Zhouiri (Org.). Desenvolvimento, reconhecimento de direitos e conflitos territoriais. Brasília: ABA, p. 236-254.

PACHECO DE OLIVEIRA, J. 2012. “Os instrumentos de bordo: expectativas e possibilidades do trabalho do antropólogo em laudos periciais”, Revista Nanduty, v. 1, n. 1, pp. 70-86. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/nanduty/article/view/2297/1359>

PACHECO DE OLIVEIRA, João. 1999. Uma etnologia dos índios misturados?: situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: A viagem da Volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro: Contra Capa.

VINCENT, Joan. 1987. “A sociedade agrária como fluxo organizado: processos de desenvolvimento passados e presentes”. In: Bela Feldman-Bianco (org.) Antropologia das Sociedades Contemporâneas: métodos. São Paulo: Global.

WEBER, Max. 1991. “Relações Comunitárias Étnicas”. In: Economia e Sociedade, 1. Brasília: UnB.

WOLF, Eric. 2003. “Tipos de campesinato latino-americano: uma discussão preliminar”. Bela Feldman-Bianco & Gustavo Lins Ribeiro (orgs). Antropologia e Poder. Brasília/São Paulo: Ed.Unb/Ed.Unicamp, p. 117-144.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Bibliografia complementar:

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. 2002. Os quilombos e as novas etnias. In: Eliane Cantarino O'Dwyer. Quilombo: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 43-81.

AMSELLE, J. L.; M'BOKOLO, E. (orgs). 2017. No centro da etnia: etnias, tribalismo e estado na África. Petrópolis: Vozes.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. 2015. Protocolo de Brasília: condições para o exercício de um trabalho científico. Rio de Janeiro: ABA.

BARBOSA DA SILVA, Alexandra. 2015. Antropologia e laudos: de étnica, de imparcialidade e a etnografia como processo prático. In: PACHECO DE OLIVEIRA, J., MURA, F., BARBOSA DA SILVA, A. (orgs). Laudos Antropológicos em perspectiva. Brasília: ABA.

BARTH, Fredrik. 2000. O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2012. "Questões suscitadas pelo conhecimento tradicional", Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 55(1): 439-464.

CARNEIRO, Maria José. 2008. "'Rural' como categoria de pensamento". Ruris, Campinas. vol. 2, n. 1: 9-38.

CASTELLS, Manuel. 1999. O poder da Identidade – A era da Informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra.

CHAYANOV, A. V. 1981. Sobre a teoria dos sistemas económicos não capitalistas. In: SILVA, José Graziano da; STOLCKE, Verena (Org.). A questão agrária. São Paulo: Brasiliense, p.134-163.

CLIFFORD, J. 2001. Identidad en Mashpee. In: Dilemas de la cultura: antropología, literatura y arte en la perspectiva posmoderna. Barcelona: Gedisa Editorial.

COSTA FILHO, A. 2016. "As comunidades dos quilombos, direitos territoriais, desafios situacionais e o ofício do(a) antropólogo(a)", Novos Debates: fórum de debates em antropologia, Vol. 2, nº 2, Junho/2016, p. 126-140.

COSTA FILHO, A. 2015. Os povos e comunidades tradicionais no Brasil. In: Edmilton Cerqueira et al. (Orgs). Os povos e comunidades tradicionais e o ano internacional da agricultura familiar. Brasília: MDA, p. 77-98.

COSTA FILHO, Aderival. 2012. Identificação e Delimitação de territórios indígenas e quilombolas: conflitos e riscos na prática pericial antropológica. In: Andréa Zhouri (Org.). Desenvolvimento, reconhecimento de direitos e conflitos territoriais. Brasília: ABA, p. 332-351.

CUNHA, Manuela Carneiro da. 2009. "Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico" e "'Cultura' e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais". In: Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify.

DAS, Veena & POOLE, Deborah. 2008. "El Estado y sus margens", Revista Académica de Relaciones Internacionales, núm. 8 junio de 2008, GERI-UAM, p. 19-52.

DELBOS, Geneviève. 1982. "Leaving Agriculture, remanining a peasant", Man, Vol. 27, No. 4, Dezembro.

ERIKSEN, Thomas Hilland. 1991. "The cultural contexts of ethnic differences", Man, V. 26, nº 01, p. 127-144.

HAESBAERT, Rogério. 2006. Concepções de Território para entender a desterritorialização. In: Milton Santos e Bertha K. Becker (Orgs.) Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: PPGG/UFF/DP&A.

HALL, Stuart. 2004. A identidade cultural na pós-modernidade. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A.

HEREDIA, Beatriz & GARCIA Jr, Afrânio. 1971. "Trabalho familiar e campesinato", América Latina 14 (1/2).

MENDRAS, Henri. 1978. Sociedades Camponesas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

MUSUMECI, Leonarda. 1988. Terra Liberta: versões do mito. In: O Mito da Terra Liberta: colonização “espontânea”, campesinato e patronagem na Amazônia Oriental. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, p. 27-55.

O'DWYER, Eliane Cantarino. 2002. Os quilombos e a prática profissional dos antropólogos. In IDEM (Org.). Quilombo: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 13-42.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. 2016. O Nascimento do Brasil e outros ensaios: pacificação, regime tutelar e formação de alteridades. Rio de Janeiro: Contra Capa.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. 2012. Grupos étnicos e etnicidade. In: Antonio Carlos de Souza Lima (Org.) Antropologia e Direito: temas antropológicos para estudos jurídicos. Rio de Janeiro/Brasília: Contra Capa/LACED/ABA, p. 68-78.

REDFIELD, Robert. 1969 [1954-5]. The Social Organization of Tradition. In: Peasant Society and Culture. Chicago: At the University Press, p. 40-59.

SEYFERTH, Giralda. 2004. Imigração, colonização e estrutura agrária. In: Ellen F. Woortamann (org.). Significados da Terra. Brasília: EdUnB.

SHANIN. Teodor. 2005 [1982]. “A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista”, Revista NERA, Presidente Prudente, ano 8, n. 7, p. 1-21.

SOARES, Luís Eduardo. 1981. Campesinato: ideologia e política. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

VELHO, Otávio G. 1982. O conceito de camponês e sua aplicação à análise do meio rural brasileiro. In: Sociedade e Agricultura. Rio de Janeiro: Zahar, p. 40-47.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. 2003. “Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade”, Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, n. 21, outubro: 42-61.

WOORTMANN, Ellen F. 1983. “O sítio camponês”, Anuário Antropológico 81. Brasília/Rio de Janeiro: EdUnB/Tempo Brasileiro.

WOORTMANN, Klaas. 1990. “Com parente não se Neguceia: o campesinato como ordem moral” In Anuário Antropológico/87. Brasília: EdUnB.

DAA XXX – Estudos de Gênero

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Estudos de gênero: origem e principais debates. O lugar dos estudos de gênero na Antropologia. Etnografia e estudos de gênero. Problemas de gênero no final do século XX e no século XXI. Problemas de gênero na Antropologia. Relações entre Feminismo, Gênero e Antropologia. Feminismo negro e feminismos contemporâneos. Interface dos estudos de gênero com os estudos de ciência e tecnologia. Temáticas de gênero na contemporaneidade.

Syllabus (Gender Studies)

Gender studies: origin and main debates. The place of gender studies in Anthropology. Ethnography and gender studies. Gender problems at the end of the 20th century and the 21st century. Gender problems in Anthropology. Relations among Feminism, Gender and Anthropology. Black feminism and contemporary feminisms. Interface of gender studies with science and technology studies. Gender themes in contemporaneity.

Bibliografia básica

BUTLER, Judith. 2000. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, Guacira Lopes, org. O corpo educado – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, p. 153-172.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

CARNEIRO, Sueli. 2003. Mulheres em movimento. *Estud. av.*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, Dec. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso>.

DE LAURETIS, Teresa. 1994. A Tecnologia do Gênero. In: Heloisa Buarque de Hollanda (org.). *Tendências e Impasses: o Feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco.

GREGORI, Maria Filomena. 1993. *Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. São Paulo: Paz e Terra/ANPOCS.

HALBERSTAM, J. 2012. Repensando o sexo e o gênero. In: MISKOLCI, Richard, PELÚCIO, Larissa (orgs.). *Discursos fora da ordem: sexualidades, saberes e direitos*. Ed. Annablume/Fapesp, p. 125-137.

HARAWAY, Donna J. 2016. “‘Gênero’ para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra”, *Cadernos Pagu*, (22), 201-246. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/864463>

HARAWAY, Donna J. 2000. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Antropologia do Ciborgue. As Vertigens do Pós Humano*. Belo Horizonte: Autêntica.

STRATHERN, Marilyn. 1995. “Necessidade de pais, necessidade de mães”, *Revista Estudos Feministas*, ano 3, n. 2, p. 303-329. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1079_1700_necessidadepaismaes.pdf

Bibliografia Complementar

ALMEIDA, Guilherme. 2012. “‘Homens trans’: novos matizes na aquarela das masculinidades?”, *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, maio 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200012>>

ALMEIDA, Heloisa B. et al. (orgs.). 2002. *Gênero em Matizes*. 1. ed. Bragança Paulista: EDUSF (Editora da Universidade São Francisco).

BENHABIB, Sheila, CORNELL, Drucilla (Eds.). 1987. *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

BONETTI, Alinne de Lima. 2007. Antropologia feminista: O que é esta antropologia adjetivada?. In: BONETTI, Alinne e FLEISCHER, Soraya. (orgs). *Entre pesquisar e militar: contribuições e limites dos trânsitos entre pesquisa e militância feministas*. Brasília: Centro Feminista de Estudos e Assessoria. Disponível em: www.cfemea.org.br

BUTLER. 2002. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, Jan., p.155-167. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a08.pdf>

FERNANDES, Marisa. 2018. Ações Lésbicas. In: Green, J. et al. (orgs). *História do Movimento LGBT no Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Alameda, p. 91-120;

FERREIRA, Beth, CÉSAR, Guacira de O. 2019. *Feminismo negro e feminismo anti-racista*. Brasília, DF: CFêmea. Disponível em: https://www.cfemea.org.br/images/stories/publicacoes/feminismo_negro_feminismo_antirracista.pdf

FINAMORI, Sabrina. 2018. *Os sentidos da paternidade: dos “pais desconhecidos” aos exames de DNA*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens, 320p.

FOUCAULT, Michel. 1988. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

FOX KELLER, Evelyn. 2006. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? *Cadernos Pagu* (27), julho-dezembro de 2006, pp.13-34. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n27/32137.pdf>.

GONZÁLEZ, Lélia. 2019. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: HOLLANDA, Heloisa B. (org.) *Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 237-258.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

HOLLANDA, Heloisa B. (org.). 1994. Tendências e Impasses – o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco.

JESUS, J. G.. 2014. “Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo”, *Universitas Humanistica*, v. 78, p. 241-258.

JESUS, J. G. 2018. “Feminismos Contemporâneos e Interseccionalidade 2.0: Uma Contextualização a partir do Pensamento Transfeminista”, *Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 1, p. 5-24.

JESUS, Jaqueline G. 2014. Interlocuções teóricas do pensamento transfeminista. In: Jesus, Jaqueline G. et al. *Transfeminismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Metanoia.

JESUS, Jaqueline G., ALVES, Hailey. 2010. Movimento Transgênero e movimentos de mulheres transexuais. *Revista Cronos (UFRN)*, v. 11, p. 8-19.

LAQUEUR, Thomas. 2001. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

MISKOLCI, Richard. 2012. Origens históricas da teoria queer. In: MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pela diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica editora, p. 21-34.

MOORE, Henrietta Moore. 1997. Understanding sex and gender. In: INGOLD, T. (org.) *Companion Encyclopedia of Anthropology*, London, Routledge. (Tradução para uso didático de Júlio Assis Simões, disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/269229/mod_resource/content/0/henrietta%20moore%20compreendendo%20sexo%20e%20g%C3%AAnero.pdf).

ORTNER, Sherry. B. 1979. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle Z. e LAMPHIRE, Louise (orgs.) *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, p. 95-120.

PERLONGHER, Nestor. 1987. *O negócio do michê*. São Paulo: Brasiliense.

PISCITELLI, Adriana et al. (orgs). 2004. *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, p. 173-182.

PRECIADO, Paul Beatriz. 2011. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, Apr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100002&lng=en&nrm=iso>.

PRINS, Baukje, MEIJER, Irene C. 2002. “Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler”, *Ponto de Vista Vev. Estud. Fem.* 10 (1), Jan 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/vy83qbl5HHNKdzQj7PXDdJt/?lang=ptRICH>, Adrienne. 2010. “Heterossexualidade compulsória e existência lésbica”, *Revista Bagoas (UFRN)*, n. 5, p.17-44.

RODOVALHO, Amara Moira. 2017. “O cis pelo trans”, *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2017, vol.25, n.1, p.365-373.

ROSALDO, Michelle. 1995. “O uso e abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e entendimento intercultural”, *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, n. 1, p. 11-36.

RUBIN, Gayle. 2003. “Tráfico sexual – entrevista”, *Cadernos Pagu* (21) 2003: pp.157-209. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644617>

SANTOS, Ana Cristina C. 2018. Lésbicas Negras (re) existindo no movimento LGBT. In: Green, J. et al. (orgs). *História do Movimento LGBT no Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Alameda, p. 331-345.

SARMET, Érica. 2018. Feminismo Lésbico. In: Hollanda, H. B. (org.) *Explosão Feminista: Arte, Cultura, Política e Universidade*. 1ª. ed. São Paulo: Cia das Letras, p. 252-299.

SILVA, Felipe Cazeiro da; SOUZA, Emilly Mel Fernandes de & BEZERRA, Marlos Alves. 2019. “(Trans)tornando a norma cisgênera e seus derivados”, *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2019, vol.27, n.2 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2019000200210&lng=en&nrm=iso>.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

SOUZA, É. R. 2013. "Papai é homem ou mulher? Questões sobre a parentalidade transgênero no Canadá e no Brasil", *Revista de Antropologia (USP. Impresso)*, Número 56(2)-jul/dez.p. 397-430.

SOUZA, É. R., BRAZ, C. 2018. Transmasculinidades, transformações corporais e saúde: algumas reflexões antropológicas. In: CAETANO, Marcio, SILVA Jr., Paulo M. (orgs.) *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, p. 28-42.

STRATHERN, Marilyn. 1997. "Entre uma melanesianista e uma feminista", *Cadernos Pagu (8/9)*, p. 7-49. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/node/39>

STRATHERN, Marilyn. 2006. Um lugar no debate feminista. In: *O Gênero da dádiva*. Campinas: Ed. Unicamp, p. 53-80.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. 1995. *Senhores de Si: uma interpretação antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século. 264 p.

VIEIRA, Helena, BAGAGLI, Bia P. 2018. Transfeminismo. In: Hollanda, H. B. (org.) *Explosão Feminista: Arte, Cultura, Política e Universidade*. 1ª. ed. São Paulo: Cia das Letras, p. 343-378.

DAA XXX – Estudos de Parentesco

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Conceitos centrais dos estudos antropológicos de parentesco. Teoria da descendência e teoria da aliança. Críticas e impasses das teorias clássicas do parentesco, impulsionadas pelas pesquisas etnográficas do parentesco em contextos urbanos. Parentesco no mundo contemporâneo.

Syllabus (Kinship Studies)

Central concepts of anthropological studies of kinship. Descent theory and alliance theory. Criticisms and impasses of classical theories of kinship, driven by ethnographic research of kinship in urban contexts. Kinship in the contemporary world.

Bibliografia básica:

AUGÉ, Marc. 1978. *Os domínios do parentesco*. Lisboa: edições 70.

DUMONT, Louis. 1975. *Introducción a dos teorías de antropología social*. Barcelona: Ed. Anagrama.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1976. *As Estruturas elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. & FORDE, Daryll (orgs). 1950. *Sistemas Políticos Africanos de Parentesco e Casamento*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SCHNEIDER, D. 2016. *Parentesco Americano*. Petrópolis: Vozes.

DAA XXX – Estudos sobre Desenvolvimento, Estado e Poder

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Tessituras entre antropologia do desenvolvimento, antropologia do Estado e antropologia dos conflitos, com foco em aspectos teóricos e etnográficos transversais. Abordagem crítica da categoria de desenvolvimento, sua genealogia, sentidos e efeitos de poder; relação dessa categoria com práticas de governo constitutivas da formação do Estado, entendendo-se o Estado como instituição em processo de formação continuada em contraposição à ideia de uma realidade sedimentada. Enfoques e situações de conflito que ensejam desafios para as

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

teorias e práticas antropológicas no mundo contemporâneo. Análise, a partir de experiências etnográficas, das relações entre políticas públicas, intervenções governamentais e grupos sociais diferenciados, considerando-se, sobretudo, processos e contextos de promoção de políticas de desenvolvimento.

Syllabus (Studies on Development, State and Power)

Weavings between development anthropology, state anthropology and conflict anthropology, focusing on transversal theoretical and ethnographic aspects. Critical approach to the category of development, its genealogy, meanings and effects of power; relationship of this category with government practices that constitute the formation of the State, the State being understood as an institution in a process of continuous formation in opposition to the idea of a sedimented reality. Approaches and situations of conflict that pose challenges for anthropological theories and practices in the contemporary world. Analysis, based on ethnographic experiences of the relations between public policies, government interventions and differentiated social groups, considering, above all, processes and contexts that promote development policies.

Bibliografia básica

ARRIGHI, Giovanni. 1998. A ilusão do desenvolvimento. (Coleção Zero à Esquerda) Petrópolis: Vozes.

CHATTERJEE, Partha. 2008. La nación en tiempo heterogéneo y otros estudios subalternos. Lima: CLACSO: SEPHIS: IEP, Instituto de Estudios Peruanos, 296p

DAS, Veena & POOLE, Deborah. 2008. "El Estado y sus margens", Revista Académica de Relaciones Internacionales, núm. 8 junio de 2008, GERI-UAM.

ESCOBAR, Arturo. 2007. La Invención del Tercer Mundo. Construcción y desconstrucción del desarrollo. Caracas.

FELDMAN-BIANCO et al. 2012. "Os antropólogos e o desenvolvimento". In IPEA: Desafios do desenvolvimento. IPEA, ano 9, edição 72, 15/06/2012.

KRENAK, Ailton. 2019. Ideias para adiar o fim do mundo. Cia das Letras.

MBEMBE, Achille. 2018. Necropolítica. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 80 p.

O'DWYER, Eliane Cantarino. 2013. "Nation Building" e relações com o Estado: o campo de uma antropologia em ação. In: Andréa Zhouri (org.) Desenvolvimento, Reconhecimento e direitos e conflitos territoriais, Brasília: ABA.

OLIVEIRA, Raquel. 2012. "A Crise como Contexto no Médio Jequitinhonha: sobre perícia e política". In: Jalcione Almeida, Cleyton Gerhardt, Sônia Barbosa Magalhães (org.). Contextos Rurais e Agenda Ambiental no Brasil: práticas, políticas, conflitos, interpretações - Dossiê 3, Belém: Rede de Estudos Rurais.

PACHECO DE OLIVEIRA FILHO, João; ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. 1998. Indigenismo e territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 15- 42.

REIS, Elisa Pereira. 2003. "Reflexões leigas para a formulação de uma agenda de pesquisa em políticas públicas", Revista Brasileira de Ciências Sociais, 18(51):12-15.

SACHS, Wolfgang (org.) 2000. O Dicionário do Desenvolvimento. São Paulo: Editora Vozes.

SANTOS, Ana Flávia. 2014. Não se pode proibir comprar e vender terra: terras de ocupação tradicional em contexto de grandes empreendimentos. IN: ZHOURI, Andrea e VALENCIO, Norma (org). Formas de matar, de morrer e de resistir. Limites da resolução negociada de conflitos ambientais. Belo Horizonte: Editora UFMG.

SILVA, Margarida da. 2014. Trabalhar e investigar enquanto antropóloga na administração pública: breves considerações ético-metodológicas. In: Castilho, S. R. R., Souza Lima, A. C. e Teixeira, C. C. (orgs). Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. Rio de Janeiro; Contra Capa Livraria, p. 243-253.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

SOUZA LIMA, Antonio Carlos; BARROSO-HOFFMANN, Maria. 2002. Além da tutela: bases para uma nova política indigenista III. Rio de Janeiro: Laced: Contra Capa, 124p

STAVENHAGEN, Rodolfo. 1985. "Etnodesenvolvimento: uma dimensão ignorada no pensamento desenvolvimentista", Anuário Antropológico/84: 11-44.

TEIXEIRA, Carla e LIMA, Antonio Carlos de Souza. 2010. : "A antropologia da administração e da governança no Brasil: [área temática ou ponto de dispersão?]" In: Carlos Benedito Martins e Luiz Fernando Dias Duarte (org.), Horizontes das ciências sociais no Brasil: Antropologia. São Paulo: Anpocs.

WALSH, Catherine. 2013. Introducción: Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos. In WALSH, Catherine (Ed.). Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 553p.

WOLF, E. 2003. Encarando o Poder: velhos insights, novas questões. In. FELDMAN-BIANCO, B. & RIBEIRO, G. L. Antropologia e Poder: contribuições de Eric Wolf. Brasília: Editora da UnB, p. 325-343.

ZHOURI, A e OLIVEIRA, R. 2013. Conflitos entre Desenvolvimento e Meio Ambiente no Brasil. Desafios para a antropologia e para os antropólogos. In: Bela Feldman Bianco (org). Desafios da antropologia brasileira. Brasília: ABA. Disponível como E-book no site da ABA.

ZHOURI, Andrea e VALENCIO, Norma (org). 2014. Formas de matar, de morrer e de resistir. Limites da resolução negociada de conflitos ambientais. Belo Horizonte: Editora UFMG.

DAA XXX – Etnologia Indígena

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Introdução aos estudos etnográficos e temáticos da etnologia ameríndia, com ênfase nas suas sociocosmologias, nas políticas e direitos indígenas e no movimento indígena. Exame de diferentes áreas etnográficas, recortes temáticos e abordagens teóricas. Contribuições da etnologia indígena para os direitos humanos e para a educação das relações etnicorraciais.

Syllabus (Indigenous Ethnology)

Introduction to ethnographic and thematic studies of amerindian ethnology, with an emphasis on its sociocosmologies, indigenous politics and rights and indigenous political movement. Examination of different ethnographic areas, themes and theoretical approaches. Contributions of indigenous ethnology to human rights and ethnic-racial relations education.

Bibliografia básica

ALBERT, Bruce & RAMOS, Alcida Rita (orgs.). 2000. Pacificando o Branco: cosmologias do contato no norte-amazônico. São Paulo: UNESP.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 1992. História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras/FAPESP/SMC.

KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. 2015. A Queda do Céu: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Cia das Letras.

OLIVEIRA FILHO, Joao Pacheco. 1999. Ensaios em antropologia histórica. Rio de Janeiro: UFRJ.

VIVEIROS DE CASTRO, E. 2002. A Inconstância da Alma Selvagem. São Paulo, Cosac & Naify.

DAA XXX – Raça e Etnicidade

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G1)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Ementa:

A construção e desconstrução dos conceitos de raça e de etnia ao longo da história da antropologia e do pensamento social, na Europa, nas Américas e alhures. A relação tensa entre tais conceitos e os de cultura e biologia. Do racismo científico às suas críticas culturalistas, chegando à reavaliação política do conceito de raça. Contribuições do conceito de raça e etnia para a promoção dos direitos humanos e para a educação das relações etnicorraciais.

Syllabus (Race and ethnicity)

How the concepts of race and ethnicity were constructed and later deconstructed in the history of the social sciences in Europe, the Americas and elsewhere. The ambiguous relation between such concepts and those of culture and biology. From scientific racism and its criticism until the contemporary through its culturalist criticism, up the political reassessment of the concept of race. Contributions of the concept of race and ethnicity for the promotion of human rights and education on ethno-racial relations.

Bibliografia básica:

BARTH, Fredrik; LASK, Tomke. 2000. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa.

DAVIS, Angela, 2016 [1981]. Mulher, raça e classe. São Paulo: Boitempo.

FANON, Frantz. 2008 [1952]. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EdUFBA.

Bibliografia complementar:

AMSELLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (ogs.). 2017 [1999] No centro da etnia: etnias, tribalismo e Estado na África. Petrópolis: Vozes.

BARTH, Fredrik; LASK, Tomke. 2000. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa.

BASTIDE, Roger & FERNANDES, Florestan. 1955. Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo: ensaio sociológico as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo. São Paulo: Anhembi.

BOAS, Franz. 2005 [1931]. Raça e progresso. In: Antropologia cultural. Rio de Janeiro: Zahar, p. 67-86.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1972. Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo: Pioneira.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 1986. Antropologia no Brasil: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense.

CÉSAIRE, Aimé. 2010 [1987]. Discurso sobre a negritude. Belo Horizonte: Nandyala.

CUNHA, Olívia M. G. da. 2002. Intenção e gesto: pessoa, cor e a produção cotidiana da (in)diferença no Rio de Janeiro, 1927-1942. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.

GILROY, Paul. 2001 [1993]. O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência. São Paulo: 34.

GOLDMAN, Márcio. 2014. "A relação afroindígena", Cadernos de Campo 23 (23): 213-222.

GOMES, Nilma Lino. 2017. Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica.

GOW, Peter. 2006 [1991]. "Da etnografia à história. 'Introdução' e 'Conclusão' de Of Mixed Blood: Kinship and history in Peruvian Amazonia", Cadernos de Campo 14/15: 197-226.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. 1954. "O problema do negro na sociologia brasileira", Nosso Tempo 2(2): 189-220.

HALL, Stuart. 2003. Da diáspora: identidades e mediação cultural. Belo Horizonte: UFMG.

LIMA, Deborah M. de. 1999. "A construção histórica do termo caboclo: Sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico", Novo Cadernos NAEA 2 (2): 5-32.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

LUCIANI, José Antonio Kelly. 2016. Sobre a antimestiçagem. Curitiba: Desterro; Florianópolis: Cultura e Barbárie.

MATORY, J. Lorand. 1999. "Jeje: repensando nações e transnacionalismo", *Mana*, 5 (1): 57-80.

MINTZ, Sidney & PRICE, Richard. 2003 [1992]. O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica. Rio de Janeiro: Pallas.

MUNANGA, Kabengele. 1999. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes.

NASCIMENTO, Beatriz. 2006. "É tempo de falarmos de nós mesmos", in: RATTI, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial. pp. 91-128.

NOGUEIRA, Oracy. 1985. Tanto Preto quanto branco: Estudos de relações raciais. São Paulo: T.A. Queiroz.

OLIVEIRA, João Pacheco de. 1999. *Ensaio em antropologia histórica*. Rio de Janeiro: UFRJ.

PINHO, Patrícia de Santana. 2005. "Descentrando os Estados Unidos nos estudos sobre negritude no Brasil", *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 20 (59): 37-50.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne; BARTH, Fredrik. 1998. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP.

SANTOS, Joel Rufino. 1984. *O que é racismo*. São Paulo: Brasiliense.

SEYFERTH, Giralda. 1994. "A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos", *Anuário antropológico* 18: 175-203.

TROUILLOT, Michel-Rolph. 2018 [1992]. "A região do Caribe: Uma fronteira aberta na teoria antropológica", *Afro-Ásia* 58: 189-232.

DAA XXX – Oficina de Análise de Material Arqueológico

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G2)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Conteúdo variável sobre análise de materiais arqueológicos.

Syllabus (Analysis of archaeological materials)

Variable contents on analysis of archaeological materials.

Bibliografia básica:

BAVA, Paulo & ZANETTINI, Paulo. 2017. *Cacos e Mais Cacos de Vidro. O que fazer com eles? Guia arqueológico de classificação e análise*. Aracaju: EdUFS.

BICHO, Nuno. 2006. *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*. Lisboa: edições 70.

DUNNEL, Robert. 2006. *Classificação em Arqueologia*. São Paulo: Ed USP.

LA SALVIA, Fernando & BROCHADO, José Proenza. 1989. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura.

MEGGERS, Betty & EVANS, Clifford. 1970. *Como interpretar a linguagem da cerâmica. Manual para arqueólogos*. Washington: Smithsonian Institution.

POUS, André & FOGAÇA, Emílio. 2017. *O Estudo dos Instrumentos de Pedra: fabricação, transformação e utilização dos artefatos*. Teresina: Alínea Publicações editora.

PROUS, André. 2019. *Arqueologia Brasileira. A pré-história e os verdadeiros colonizadores*. Cuiabá: Calini & Caniato.

RENFREW, Colin & BAHN, Paul. 2013. *Arqueología. Teorias, métodos y práctica*. Madrid: Akal.

RICE, Prudence M. 1987. *Pottery analysis: a sourcebook*. Chicago: University of Chicago Press.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

ZANETTINI, Paulo. 1986. Pequeno roteiro para classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. *Arqueologia*, n. 5, v. 1. 1986: 17-30.

DAA XXX – Atividade Acadêmica à Distância

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G3)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Participação em curso ou evento realizado à distância, com tema relacionado à formação em Antropologia e/ou Arqueologia, ofertada por Instituição de Ensino Superior (IES) reconhecida

Syllabus (Academic Activity at Distance)

Learning course or event carried out at distance, with a theme related to training in Anthropology and/or Archaeology, offered by a recognized Higher Education Institution (HEI).

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Corpo Editorial

Carga Horária: 30h

Natureza: Optativa (G3)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Organização/participação em corpo editorial de periódico científico.

Syllabus (Editorial Board)

Organization/participation in the editorial board of a scientific journal.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Estudo dirigido

Carga Horária: 15h

Natureza: Optativa (G3)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Estudo dirigido ou grupo de estudo, com apresentação prévia ao Colegiado de um Programa de Atividades.

Syllabus (Directed Study)

Directed study or study group, with prior presentation to the Collegiate of an Activities Program.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Participação em Eventos locais ou regionais

Carga Horária: 15h

Natureza: Optativa (G3)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Participação em eventos locais ou regionais, com apresentação de comunicação oral ou pôster.

Syllabus (Participation in Local Events)

Participation in local events with presentation of oral communication or poster.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Organização de Eventos locais ou regionais

Carga Horária: 15h

Natureza: Optativa (G5)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Participação na organização de eventos locais ou regionais voltados à comunidade externa.

Syllabus (Organization of Local Events)

Participation in the organization of local or regional events open to the general public.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Participação em Eventos nacionais ou internacionais

Carga Horária: 30h

Natureza: Optativa (G3)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Participação em eventos nacionais ou internacionais, com apresentação de comunicação oral ou pôster.

Syllabus (Participation in National Events)

Participation in national events, with presentation of oral communication or poster.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Organização de Eventos nacionais ou internacionais

Carga Horária: 30h

Natureza: Optativa (G5)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Participação na organização de eventos nacionais ou internacionais voltados à comunidade externa.

Syllabus (Organization of National Events)

Participation in the organization of national or international events open to the general public.

Bibliografia básica:

Variável.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

DAA XXX – Iniciação à Docência

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G3)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Participação em Programas de Iniciação à Docência.

Syllabus (Teaching Initiation Programs)

Participation in Teaching Initiation Programs.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Iniciação à Extensão

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G5)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Participação em Projetos de Iniciação à Extensão.

Syllabus (Extensionist Initiation Program)

Participation in Extensionist Initiation Programs.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Iniciação à Pesquisa

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G3)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Participação em Projetos de Iniciação à Pesquisa.

Syllabus (Research Initiation Programs)

Participation in Research Initiation Programs.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Órgão Colegiado

Carga Horária: 30h

Natureza: Optativa (G3)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Participação em órgãos colegiados da universidade.

Syllabus (Collegiate Bodies)

Participation in collegiate bodies at the university.

Bibliografia básica:

Variável.

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

DAA XXX – Protagonismo Social

Carga Horária: 30h

Natureza: Optativa (G5)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Atividades de extensão em organizações da sociedade civil, juridicamente constituídas e voltadas para a atuação em áreas afins à área de Antropologia e/ou Arqueologia (direitos coletivos e difusos, patrimônio histórico e cultural, justiça ambiental, e outras).

Syllabus (Social Protagonism)

Extensionist Activities in civil society organizations, legally constituted and focused on activities related to Anthropology and/or Archeology (collective and diffuse rights, historical and cultural heritage, environmental justice, and others).

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Publicação de artigo

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G3)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Publicação de artigo original, sobre tema relacionado à formação em Antropologia e/ou Arqueologia, em publicação com registro (ISSN ou ISBN).

Syllabus (Publication of Paper)

Publication of original paper on a topic related to training in Anthropology and/or Archeology, in a registered publication (ISSN or ISBN).

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Publicação de resenha

Carga Horária: 30h

Natureza: Optativa (G3)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Publicação de resenha sobre tema relacionado à formação em Antropologia e/ou Arqueologia, em publicação com registro (ISSN ou ISBN).

Syllabus (Publication of Review)

Publication of a review on a topic related to training in Anthropology and/or Archeology, in a registered publication (ISSN or ISBN).

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Publicação em anais

Carga Horária: 45h

Natureza: Optativa (G3)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Bacharelado em Arqueologia

Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Publicação de pesquisa original, com tema relacionado à formação em Antropologia e/ou Arqueologia, em Anais de evento científico.

Syllabus (Publication in Annals)

Publication of original research, with a theme related to training in Anthropology and/or Archaeology, in Annals of a scientific event.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Seminário em Antropologia e/ou Arqueologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G3)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Seminário sobre temas clássicos ou contemporâneos da Arqueologia ou da Antropologia, sob supervisão de docente do Curso, com apresentação prévia ao Colegiado do Curso de Programa de Atividades.

Syllabus (Seminars on Anthropology and/or Archaeology)

Seminar on classical or contemporary themes of Archeology or Anthropology, under the supervision of the Course's professor, with prior presentation to the Collegiate of the Course's Program of Activities.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Estágio

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G3)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Atividades de estágio curricular, não obrigatório, pertinentes aos campos de atuação da Antropologia e da Arqueologia.

Syllabus (Professional Experience)

Curricular internship activities, not mandatory, relevant to the fields of Anthropology and Archaeology.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Tópicos Avançados A

Carga Horária: 15h

Natureza: Optativa (G4)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Atividade Acadêmica Curricular de Pós-Graduação, vinculada ao Núcleo Avançado.

Syllabus (Advanced Topics A)

Graduate Curriculum Academic Activity, linked to the Advanced Nucleus.

Bibliografia básica:

Variável.

Bacharelado em Arqueologia
Com Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

DAA XXX – Tópicos Avançados B

Carga Horária: 30h

Natureza: Optativa (G4)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Atividade Acadêmica Curricular de Pós-Graduação, vinculada ao Núcleo Avançado.

Syllabus (Advanced Topics B)

Graduate Curriculum Academic Activity, linked to the Advanced Nucleus.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Tópicos Avançados C

Carga Horária: 45h

Natureza: Optativa (G4)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Atividade Acadêmica Curricular de Pós-Graduação, vinculada ao Núcleo Avançado.

Syllabus (Advanced Topics C)

Graduate Curriculum Academic Activity, linked to the Advanced Nucleus.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Tópicos Avançados D

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa (G4)

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Atividade Acadêmica Curricular de Pós-Graduação, vinculada ao Núcleo Avançado.

Syllabus (Advanced Topics D)

Graduate Curriculum Academic Activity, linked to the Advanced Nucleus.

Bibliografia básica:

Variável.